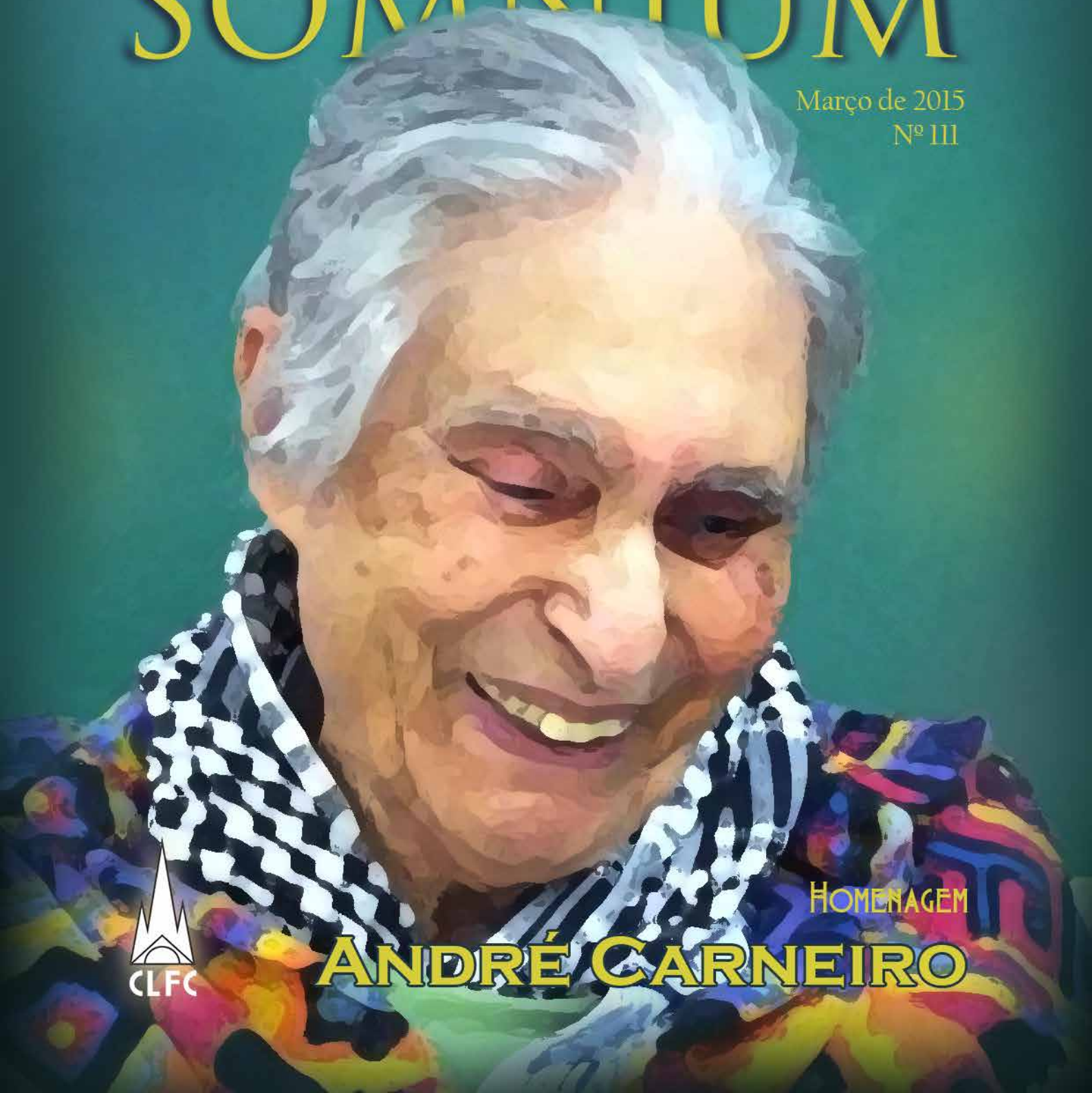


SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



SOMNIUM

Março de 2015
Nº III



HOMENAGEM

ANDRÉ CARNEIRO



SOMNIUM

EDITORIAL

André Carneiro, artista brasileiro de múltiplos talentos, nasceu na cidade de Atibaia, São Paulo, no dia 09 de maio de 1922, e partiu para o outro lado da Matrix em 04 de novembro de 2014. Ou melhor: não partiu; ficou. E permanecerá, como provam os textos e depoimentos de autores, editores e leitores que vocês lerão a seguir.

Entre as várias atividades que desempenhou (apenas para exemplificar: escritor, poeta, escultor, hipnólogo, pintor, fotógrafo, cineasta, diretor de propaganda, comerciante e artista plástico¹), uma é de nosso especial interesse: o escritor de ficção científica, mais reconhecido no exterior do que em sua terra natal. Porém, não falaremos apenas do André escritor de FC. Tentaremos mostrar, embora em rápidas pinceladas, um pouco de suas outras habilidades. Edgar Smaniotto, por exemplo, nos apresenta textos sobre obras de Carneiro que tratam de hipnotismo, fotografia, cinema, colagem e pintura, e compartilha seu parecer acerca do ensaio *Introdução ao Estudo da 'Science Fiction'*. Já Silvio Alexandre, além da completa e atualizada bibliografia de Carneiro, que minuciosamente pesquisou (uma imponente bibliografia, como vocês terão a oportunidade de ver), nos traz um texto que relata cargos exercidos e discorre acerca de trabalhos e premiações no exercício de diversas atividades artísticas. Por sua vez, o

psiquiatra Paulo Urban igualmente nos brinda com um texto biográfico, durante o qual destaca marcantes aspectos da escrita e pensamentos de André, citando trechos de poemas. Nosso fanzine apresenta também um importante texto de Roberto Causo, com apreciações de diversas personalidades acerca do autor homenageado e seus trabalhos.

André foi assíduo colaborador do Somnium, mantendo uma coluna fixa durante longo período, intitulada *Crônicas do André*. Duas destas crônicas serão aqui republicadas² e representam àqueles que ainda não leram André Carneiro uma oportunidade para conhecerem um pouco de suas opiniões e terem uma ideia – ainda que tênue – da maestria de sua escrita. Àqueles que o conhecem há tempos, creio que estes textos consubstanciarão uma agradável lembrança.

Além das qualidades artísticas, o autor homenageado nesta edição também sempre se mostrou generoso no compartilhamento de seu talento. Por vários anos, esteve à frente de um profícuo movimento literário na cidade de Curitiba: as Oficinas de Literatura e Cinema. Durante este período, incentivou e orientou novos autores e autoras. Mustafá Ali Kanso, por intermédio do texto “André Carneiro e suas oficinas de literatura”, nos dá um panorama

¹ Fontes: Wikipedia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Carneiro) e HypeScience (<http://hypescience.com/andre-carneiro-o-da-vinci-brasileiro/>).

² Textos selecionados por Marcello Simão Branco.

acerca da importantíssima participação de André nestas reuniões.

Ainda sobre as opiniões e pensamentos do autor homenageado nesta edição, merece especial menção a reveladora entrevista por ele concedida a José Carlos Neves no ano de 2006.

Enfim, esta edição especial traz textos que discorrem sobre o autor e seu trabalho, com destaque para sua atuação como escritor de ficção científica. É claro, a exemplo do que ocorreu em edições anteriores (quando prestamos homenagens a outros autores de renome no âmbito da ficção científica mundial), não conseguiremos comentar toda a vasta produção do mestre André Carneiro, mas creio que será o suficiente para mostrar um pouco do seu legado. Teremos, inclusive, como de costume, resenhas de algumas de suas mais importantes obras. Caberá ao interessado leitor buscar o aprofundamento em seus escritos.

Ao final, um presente para os fãs: o penúltimo texto concluído por André Carneiro – a noveleta *Antes de Bagdad, o deserto*, gentilmente enviada por seu filho Maurício Soares Carneiro. Aliás, deixo aqui um agradecimento muito especial a Maurício e Henrique, filhos do autor homenageado, pela cordialidade e apoio a esta edição.

Antes de Bagdad, o deserto não é ficção científica, embora flerte levemente com o fantástico. Não é FC, mas é André Carneiro. E em um texto que nos cativa do início ao fim, deixando-nos na expectativa pela resolução da trama. Vale frisar também que

esta noveleta foi escrita em 2013, após o autor ter completado noventa e um anos de idade, diante de uma escuridão que muitos poderiam comparar à vivenciada por Wladas³. Eu diria que ela se assemelha mais à escuridão desafiada (e vencida) pelos guias deste personagem⁴. Afinal, André Carneiro nunca foi guiado. Pelo contrário: ele sempre guiou, conduziu com seus trabalhos e ideias, desafiando paradigmas. E continuará a fazê-lo, por intermédio de sua obra.

É nosso dever contribuir para que seu valioso tesouro cultural seja compartilhado com as futuras gerações.

Ricardo Guilherme dos Santos

Editor



³ Protagonista do conto “A Escuridão”, publicado pela primeira vez em O Diário da Nave Perdida (EdArt, 1963) e considerado um dos maiores clássicos da literatura fantástica nacional.

⁴ Carneiro desenvolveu um caso grave de glaucoma.

Somnium – Edição Especial 111, março de 2015

Editor responsável: Ricardo Guilherme dos Santos

Ilustração da Capa: Marcelo Bighetti (usando foto do André Carneiro tirada por Mustafá Ali Kanso)

Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores: Ademir Pascale

Braulio Tavares

Carlos Alberto Machado

César Silva

Dario Andrade

Dorva Rezende

Edgar Indalecio Smaniotto

Eduardo Torres

Gumercindo Rocha Dorea

Ivan Carlos Regina

Jean-Pierre Moumon

José Carlos Neves

Luana Barossi

Luiz Bras

Luiz Marcos da Fonseca

Marcello Simão Branco

Maurício Decker

Miguel Carqueija

Mustafá Ali Kanso

Nelson de Oliveira

Osame Kinouchi

Paulo Urban

Ramiro Giroldo

Roberto Causo

Rogério Amaral

Sílvio Alexandre

Teo Adorno

CLFC - gestão 2013-2015

Presidente: Clinton Davisson Fialho - sócio nº 546 (Rio de Janeiro - RJ)

Secretário-Executivo: Daniel Fusco Borba - sócio nº 547 (São Paulo - SP)

Tesoureira: Amanda Reznor – Sócia nº 591 (São Paulo - SP)

Webmaster: Hugo Vera - sócio nº 465 (São Bernardo do Campo - SP)

Contatos: contato@clfc.com.br | www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

- 6 ANDRÉ CARNEIRO - 1922-2014 (in memoriam)
- 7 Agradecimento aos filhos
- 8 André Carneiro: o decano da ficção científica brasileira, um dos poetas da Geração de 45 e um dos primeiros fotógrafos artísticos do Modernismo brasileiro (*Silvio Alexandre*)
- 16 Entrevista (concedida a *José Carlos Neves*)
- 30 **CRÔNICAS DO ANDRÉ:**
- 31 FC, literatura de entretenimento?
- 33 Discos e levitação
- 36 André Carneiro, mago quântico da palavra (*Paulo Urban*)
- 42 Publicações de André Carneiro (*Silvio Alexandre*)
- 63 Sobre o poema “Ficção científica” (*Silvio Alexandre*)
- 65 André Carneiro e suas Oficinas Literárias (*Mustafá Ali Kanso*)
- 69 As Utopias de André Carneiro (*Ramiro Giroldo*)
- 76 Duração, estranhamento e heterocronia em *A escuridão*, de André Carneiro (*Luana Barossi*)
- 84 Resenha: *Piscina Livre* (*Cesar Silva*)
- 86 Resenha: *Amorquia* (*Teo Adorno*)
- 88 Resenha: *A Máquina de Hyerónimus* (*Dario Andrade*)
- 90 Resenha: *Sem Memória* (*Miguel Carqueija*)
- 91 Um mundo misterioso: Ficção Científica e Hipnose na obra de André Carneiro (*Edgar Indalecio Smaniotto*)
- 97 André Carneiro, artista plástico e multimídia: fotografia, cinema, colagem e pintura (*Edgar Indalecio Smaniotto*)
- 104 Resenha: Introdução ao estudo da “science-fiction”: revisitando um clássico (*Edgar Indalecio Smaniotto*)
- 107 André Carneiro – Obituário (*Roberto Causo*)
- 117 Antes do Deserto, o bom e velho André (*Maurício Decker*)
- 119 Noveleta: Antes de Bagdad, o deserto (*André Carneiro*)
- 136 Excertos Poéticos
- 139 ANDRÉ e os Filhos
- 140 “No fim da página sou eu o eco” (*André Carneiro*)

ANDRÉ CARNEIRO

1922 - 2014



AGRADECIMENTOS ESPECIAIS AOS FILHOS DO AUTOR HOMENAGEADO

MAURÍCIO SOARES CARNEIRO
HENRIQUE SOARES CARNEIRO

André Carneiro:

o decano da ficção científica brasileira, um dos poetas da geração de 45 e um dos primeiros fotógrafos artísticos do Modernismo brasileiro

por *Silvio Alexandre*



foto Mustafá Ali Kanso

“O Universo só existe quando observo.”
André Carneiro, no poema Ondas Quânticas

André Carneiro teve uma carreira artística e literária eclética. Considerado um dos mais importantes escritores brasileiros de ficção científica de todos os tempos, também foi poeta, fotógrafo, cineasta, artista plástico, publicitário, crítico, hipnotizador clínico, entre outras atividades.

Inserido como um dos poetas mais respeitados da chamada Geração de 45 e um dos primeiros fotógrafos artísticos do Modernismo brasileiro, também foi um dos destaques da chamada Geração GRD da ficção científica brasileira durante a década de 1960, ao lado de Rubens Teixeira Scavone, Fausto Cunha, Jeronymo Monteiro e Dinah Silveira de Queiroz. É o autor do gênero com maior destaque internacional, com seus contos e romances publica-

dos em 16 países. O crítico espanhol Augusto Uribe o classificou como “o melhor autor de literatura fantástica da América Latina”. Foi através da sua obra que a ficção científica do Brasil ganhou notoriedade no exterior, embora pouco conhecida no país.

Natural de Atibaia, cidade do interior paulista, André Granja Carneiro nasceu em 09 de maio de 1922. Filho de Recaredo Granja Carneiro, provedor da Santa Casa de Atibaia e vereador na cidade durante muitos anos, e de Engracia de Almeida Carneiro, a primeira funcionária pública do sexo feminino no Estado de Goiás, descendente do bandeirante Bartolomeu Bueno.

Foi diretor de Cultura e Turismo da Prefeitura de Atibaia, quando conseguiu para a cidade o título de Estância Hidromineral e Turística. Antes, em 1946, criou a primeira biblioteca pública da cidade, que originou a Biblioteca Municipal atual, junto com Cesar Mêmolo Júnior, Dorciozor Lino e Helvécio Scapin. E também fundou o Clube de Cinema, com César Mêmolo Jr., que promovia debates após as sessões semanais. Além disso, como membro do Conselho de Turismo de Atibaia, criou os primeiros guias e cartazes ilustrados com fotos para a divulgação da cidade.

No Brasil é mais reconhecido como poeta. Em 1947, com outros escritores e poetas jovens, funda a Revista Brasileira de Poesia, divulgadora dos preceitos estéticos da chamada Geração de 45: a revalorização da palavra, a criação de novas imagens, a revisão dos ritmos e a busca de novas soluções formais. O poeta vê na poesia, mais do que produto intuitivo, o resultado da experiência da linguagem e da existência humana.

Junto com Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva, Mário da Silva Brito e Geraldo Vidigal organiza o 1º Congresso Paulista de Poesia (que oficializou a Geração de 45), realizado na Biblioteca Municipal de São Paulo, em abril de 1948.

Tendo sido eleito secretário e com forte participação nos debates, André ganhou destaque e chamou a atenção de Oswald de Andrade, presente no evento junto com outros grandes escritores da época e que se tornou seu amigo, passando a visitá-lo frequentemente em Atibaia. De acordo com o crítico Antônio Cândido (o convidado para fazer o discurso de abertura), após o Congresso Paulista, ocorreu um aumento expressivo de estreias em livros dos novos autores.

Assim, André Carneiro teve o seu primeiro livro de poesia, *Ângulo e Face*, publicado em 1949, pelo poeta Cassiano Ricardo, através do Clube de Poesia de São Paulo, do qual era presidente, ganhando prêmios e homenagens com sucesso nacional. Cassiano afirmou sobre André: “Seu poder de comunicação chega a ser contundente, fere mais do que a sensibilidade à flor da pele”. E a escritora Lígia Fagundes Teles decretou: “Temos um verdadeiro poeta pela frente”.

O poeta e crítico Ferreira Gullar lamenta que “a poesia sóbria e humana de um poeta como André Carneiro passe despercebida do grande público. *Ângulo e Face* encerra em suas poucas páginas uma deliciosa e purificada mensagem lírica, feita de angústia e melancolia. Poemas construídos arquiteturalmente, num equilíbrio de verbalismo e emoção”. Segundo Oswald de Andrade, a poesia de André Carneiro neste livro “é uma continuidade modelar do Modernismo numa renovada e luminosa expressão”.

Em abril de 1949, criou o jornal literário *Tentativa*, junto com César Mêmolo Jr. e sua irmã Dulce Carneiro (também poetisa), que alcançou grande repercussão nacional e internacional, sendo considerado, na época, o melhor jornal literário do Brasil. Em seu primeiro número, teve a apresentação de Oswald de Andrade e o logotipo desenhado pelo pintor Aldemir Martins.

O jornal tinha entre os colaboradores os maiores nomes da literatura nacional, seja da nova geração, como Domingos Carvalho da Silva, Lorival Gomes Machado e Cassiano Nunes, seja das gerações mais antigas, com seus autores já consagrados como Sérgio Millet e Oswald de Andrade, ou em processo de consagração, como Murilo Mendes e Otto Maria Carpeaux. Aparecem ainda, compondo a extensa lista de colaboradores, nomes como Guilherme de Almeida, José Lins do Rego, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Henriqueta Lisboa, Graciliano Ramos, Lêdo Ivo, Emílio Moura, Lygia Fagundes Teles, Autran Dourado, José Paulo Paes, Décio Pignatari e muitos outros, com colaborações especiais ou inéditas como Hilda Hilst, publicada ali pela primeira vez, para citarmos apenas alguns. E ainda tinha correspondentes estrangeiros em Paris, Buenos Aires, Lisboa e nas principais capitais brasileiras. Foi publicado até maio de 1951, em treze edições bimestrais.

Recentemente, em uma ação conjunta da prefeitura de Atibaia e do Arquivo Público do Estado de São Paulo, o jornal foi reeditado em fac-símile, no livro *A Geração 45 através do jornal Tentativa* (Arquivo do Estado, 2006), com as principais edições impressas na época. A edição conta com artigos introdutórios do próprio André, do professor Osvaldo Duarte, da Universidade Federal de Rondônia e do jornalista Alberto Dines, entre outros.

Seu outro livro de poesias, *Espaço pleno* (Clube de Poesia, 1963), ganhou o prêmio Pen Clube de São Paulo. O crítico Wilson Martins ressaltou que “é uma obra de arte em si mesmo. Qualquer coisa como uma tradução tipográfica da poesia e nos remete ao clima intelectual de que os poemas de Mario Quintana são uma das expressões. Um dos melhores livros ultimamente publicados”.

Espaço pleno também recebeu, em 1966, o Prêmio “Alphonsus de Guimaraens”, da Academia Mineira de Letras. O escritor Domingos Carvalho da Silva escreveu no prefácio do livro: “O que distingue André Carneiro como poeta é principalmente a sua oposição a qualquer solução retórica. A emoção estética que ele busca é essencialmente a da revelação da beleza e do mistério das coisas. Sua poesia – que é de recusa total aos mitos clássicos, às confidências

peçoais e a qualquer forma de misticismo – começa, sob o aspecto da temática e do léxico, nos dias atuais, e é a celebração do submarino, da nave espacial, do engenho atômico, da radiologia, do robô, da cerâmica esmaltada, do polietileno, da publicidade subliminar e do amor também, mas um amor doméstico e cotidiano com considerações práticas”.

Mais outro livro de poesias premiado, desta vez o Prêmio Nacional Nestlé, foi *Pássaros Florescem* (Scipione, 1988), traduzido em inglês por Leo L. Barrow, da Universidade do Arizona, dez anos depois, com o título de *Birds Flower* (Las Arenas Press, Tucson, 1998), em edição bilíngue. O editor-chefe de *O Estado de São Paulo* e membro da Academia Paulista de Letras, Nilo Sclazo, assinala que “os poemas reunidos neste livro suscitam no leitor aquela sensação de estranheza que, segundo os estudiosos de teoria literária, constitui traço fundamental da criação original”.

O tradutor Leo Barrow já havia publicado a poesia de André Carneiro na primeira antologia do Modernismo brasileiro em língua inglesa em *An introduction to Modern Brazilian Poetry: Verse Translations* (Poetry Club of Brazil, 1954), com retratos e ilustrações apresentando os poetas resenhados com desenho de Darcy Penteado, em bico de pena.

Nos anos 1960 e 1970, foi colaborador do prestigioso *Suplemento Literário e Artístico*, caderno semanal do jornal *O Estado de São Paulo*, dirigido por Antônio Cândido e Décio de Almeida Prado, com seus contos, poesias, críticas e fotografias.

O último livro de poesia de André Carneiro, a antologia *Quânticos da Incerteza* (Redijo, 2007), com organização de Osvaldo Duarte, numa realização da prefeitura da Estância de Atibaia, apresenta suas poesias mais maduras.

No exterior, apesar de ter sido publicado na França, na primeira antologia dos melhores poetas brasileiros, *Poèmes du Brésil* (Dessein et Tolra, Paris, 1985), a atividade mais conhecida de André Carneiro foi a de escritor de ficção científica, sendo o primeiro brasileiro a integrar a prestigiosa *Science Fiction and Fantasy Writers of America*.

Foi o único autor brasileiro na antologia *The Definitive Year's Best Selection*, publicado pela editora

norte-americana Putnam, em 1973, com citação do seu nome na capa como “Internacional Master”. E, também, da edição inglesa *The Penguin World Omnibus of Science Fiction* (Penguin Books, 1986), editada por Brian Aldiss e Sam J. Lundwall, que reuniu histórias dos quatro cantos do mundo.

Representou o Brasil no romance colaborativo de ficção científica internacional *Tales from the Planet Earth* (St. Martins, 1986), organizada por Frederik Pohl e Elizabeth Anne Hull, que reuniu 19 autores de países diferentes. O tema unificador era a posse alienígena de um corpo humano (com ou sem permissão de seu proprietário natural) por uma inteligência de uma estrela distante.

Com o objetivo de divulgar a ficção científica latino-americana no mercado editorial francês, o tradutor belga Bernard Goorden selecionou, em 1977, alguns contos que havia traduzido, entre eles *Zinga*, *o Robot* e *A Escuridão*, de André Carneiro, e os publicou na coleção *Ides... et Autres*, da editora Recto-Verso, da Bélgica.

Como não conseguiu publicar na França, Goorden tentou na Suécia e obteve êxito, publicando o volume *Det Nödvändigaste* (Delta Förlag, 1978) em uma tiragem de 2.000 exemplares. E, mais tarde, conseguiu que o escritor A.E. Van Vogt, um dos mais influentes autores de ficção científica, escrevesse uma Introdução, além de autorizar o uso do nome na capa, ao lado do seu. Graças a esta estratégia de marketing, a antologia foi publicada simultaneamente em alemão como *Die Venusnarbe* (Heyne Verlag, 1982), com uma tiragem de 20 mil exemplares; e na Espanha *Lo Mejor de la Ciencia Ficción Latinoamericana* (Martínez Roc, 1982), com uma tiragem de oito mil exemplares.

A.E. Van Vogt escreveu que o conto *Escuridão* (“Darkness”, em inglês) não só “é um dos maiores trabalhos escritos na ficção científica, mas também da literatura mundial. Não é apenas ficção científica de ação superficial, mas literatura no seu melhor sentido. André Carneiro merece a mesma audiência de um Kafka ou Albert Camus”. Já o consagrado escritor Arthur C. Clarke ressaltou: “Li André Carneiro de um só fôlego. É impressionante como ele consegue fazer boa literatura”.

Na Suécia, seus contos foram publicados no final dos anos 1970 pela revista *Jules Verne Magazine*, criada em 1940 – durante uma época, a única revista do mundo de ficção científica. A partir de 1972, ela passou a ser dirigida por Sam J. Lundwall, o mais influente e importante editor de ficção científica na história da publicação sueca. Proprietário da editora *Delta Förlags*, Lundwall publicou uma extensa lista de livros do gênero na coleção *Delta Science Fiction*. Entre eles, a versão sueca do primeiro romance de André Carneiro, *Piscina Livre* (Moderna, 1980), que foi publicado simultaneamente no Brasil. Carlos Drummond de Andrade afirmou que “em *Piscina Livre*, André exercita de maneira brilhante a originalidade de ficcionista”.

Piscina Livre desenvolve uma temática onde uma nova ordem, envolvendo a sexualidade e o amor, se apresenta como pano de fundo para uma devastadora crítica à moral e aos costumes de hoje. Essa assinatura estilística da ficção de André Carneiro teve início no conto que dá nome ao seu primeiro livro em prosa, *Diário da Nave Perdida* (Edart, 1963), que recebeu o prêmio de Melhor Livro do Ano, do Departamento Cultural da Prefeitura de São Paulo, em 1967. Para o crítico Clovis Garcia, essa antologia “mostra a que nível de qualidade artística pode chegar a ficção científica quando tratada por um verdadeiro autor, seriamente preocupado com as reações humanas e as qualidades literárias de suas histórias”.

O conto *Diário da Nave Perdida* faz parte de um conjunto de narrativas ambientadas num futuro de traços acentuadamente hedonistas e de intensa ênfase na relação sexual que se relacionam, de uma forma ou de outra, com o gênero da distopia.

Seu principal romance, *Amorquia* (Aleph, 1991), irá continuar com essa temática numa provocadora visão de um futuro que nos obriga a repensar o presente. Nele vemos retratada uma sociedade onde o amor exclusivo é uma doença. A fidelidade é o primeiro indício de desagregação e insanidade. As mães já não são importantes. O sexo ensinado nas escolas é praticado livremente. A morte só ocorre por acidente físico, sendo apenas motivo de curiosidade. Até o momento que inexplicavelmente a morte “natural” retorna ao seio desse éden social, aba-

lando a estrutura sócio psicológica dos personagens. Paradigmas são postos à prova, um novo sentido de comunidade é necessário e o medo reaparece no vocabulário.

André Carneiro organizou a antologia de contos de ficção científica *É Proibido Ler de Gravata* (Multifoco, 2010), com os participantes da Confraria de Escritores, a partir da Oficina de Literatura e Poesia, em Curitiba, orientada por ele.

Seu ensaio *Introdução ao Estudo da Science Fiction* (Conselho Estadual de Cultura, 1967) foi o primeiro estudo em português apresentando e discutindo em seu texto alguns dos principais temas relacionados à ficção científica e recebeu o Prêmio Literário Câmara Municipal de São Paulo. A escritora Dinah Silveira de Queiroz, da Academia Brasileira de Letras, o trata por “nosso mestre da ficção científica”.

Entre junho de 1962 e novembro de 1981, a Embaixada do Brasil em Madri publicou 52 números da *Revista de Cultura Brasileña*, cujo promotor foi João Cabral de Melo Neto, e que teve como primeiro diretor o também poeta Ángel Crespo. Na edição 28 tivemos um texto de André Carneiro: “*Introducción al Estudio de la Ficción Científica*”; na verdade, os capítulos 1º e 2º, além de uma parte do 5º, do livro “*Introdução ao Estudo da Science Fiction*”. Neste mesmo número também foram publicados cinco contos brasileiros de ficção dos autores Antonio Olinto, Clóvis Garcia, Leon Eliachar, Rachel de Queiroz e Zora Seljan, que foram tirados do livro *Histórias do Acontecerá* (Edições GRD, 1961).

A *Revista de Cultura Brasileña* foi um espelho da produção cultural do Brasil. Mais que um boletim de informações ou notícias, a revista foi uma espécie de compêndio da cultura brasileira, em que se encontravam trabalhos assinados por, entre outros nomes de prestígio, Gilberto Freyre, João Cabral de Melo Neto, José Guilherme Merquior, Otto Lara Resende, e traduções de seu diretor Ángel Crespo e de Dámaso Alonso.

Existem diversos estudos e teses sobre a sua obra, como a dissertação de mestrado do especialista em literatura Ramiro Giroldo: “A Ditadura do Prazer – Ficção científica e literatura utópica em ‘Amorquia’,

de André Carneiro”, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2008, e a dissertação de mestrado de Oswaldo Duarte, “O estilo de André Carneiro: sua expressão, temas recorrentes e aproximações com a geração de 45”, pela Universidade Estadual Paulista, de Assis, em 1996. Na Universidade do Arizona, nos EUA, sua obra foi analisada no doutorado de David Lincoln Dunbar, “Unique Motifs in Brazilian Science Fiction”, em 1976, o primeiro estudo de cunho acadêmico em todo mundo voltado para o entendimento da produção da ficção científica brasileira.

A Universidade Federal de Pernambuco promoveu, em 2009, o seminário “Intersecções: Ciência e Tecnologia, Literatura e Arte”, com o lançamento da coletânea de ensaios de mesmo nome, organizada pela prof. Ermelinda Ferreira da UFPE, que debateu, entre outras, as obras de André Carneiro. Foi publicado, também, seu conto *Noite de Amor na Galáxia*. Essa coletânea reuniu ensaios advindos de duas disciplinas do mestrado em Teoria da Literatura da UFPE, onde se estabelece um intercâmbio entre a literatura, as artes plásticas, o cinema e a música.

André Carneiro foi diretor de edições da Editora Edart e do Clube de Poesia de São Paulo, do qual também foi presidente, assim como foi eleito para diversos cargos na União Brasileira de Escritores. E por muitos anos foi membro do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo. Como diretor de propaganda da Companhia Cacique de Café Solúvel, dirigiu o lançamento do Café Pelé, onde fez inúmeros comerciais para a televisão e curtas metragens, dirigindo, nas décadas de 1970 e 1980, celebridades como Pelé e o piloto Êmerson Fittipaldi.

Sua atuação no cinema nacional começou com filmes artísticos de pesquisa. Ganhou vários prêmios e um dos filmes, *Solidão* (1951), representou o Brasil no 13º Concurso Internacional de Cinema Amador, realizado em agosto de 1951, em Glasgow, Escócia, e depois foi exibido na França e Itália.

Além de *Solidão* (youtu.be/czPh5-pbDm8), outros curtas-metragens foram recuperados pela Fernandes & Mendonça – Som e Imagem, uma produtora de Curitiba que digitalizou alguns filmes de André Carneiro, com telecinagem feita por Mario

Mendonça e Megg Fernandes, a partir do original em formato 8mm. Também está disponível na internet *Estudo de Continuidade e Movimento* (1950), (youtu.be/Yxk_jTv8HDY), premiado em 1951 no 3º Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores, patrocinado pelo Foto-Cine Clube Bandeirantes e realizado no Museu de Arte de São Paulo. Este curta recebeu em 1952 o prêmio “Estímulo” de melhor filme gênero experimental e representou o Brasil, junto com *Último Encontro* (1951) (youtu.be/_zfRN4Rxofc), em mostras de cinema no Reino Unido, Itália, França e Holanda.

No cinema profissional, André Carneiro se destacou principalmente como roteirista, trabalhando com grandes nomes do cinema nacional como Roberto Santos, Abílio Pereira de Almeida e Walter Hugo Cury. Seu roteiro *Os Pereyras* (1954), ganhou o Concurso Nacional de Cinema do Quarto Centenário de São Paulo. Seu roteiro mais importante, *A Vida de Meneghetti*, foi vendido para o produtor italiano Carlo Ponti que, infelizmente, não realizou o filme por ter tido um grande prejuízo no Brasil.

Seu conto *O Mudo* foi transformado em roteiro e no sofisticado filme de longa-metragem, pela Embrafilme, *Alguém* (1970), dirigido por Júlio Xavier Silveira, com Nuno Leal Maia, Myriam Rios e Ewerthon de Castro no elenco. A produtora Fernandes & Mendonça fez uma recuperação do vídeo em VHS, produzido pela VideoBan.

Já o conto *O Homem que Hipnotizava* interessou ao cineasta Roberto Santos, que assinou um contrato com André com a intenção de fazer um filme (em plena ditadura) de um homem que se auto-hipnotizava e transformava a própria realidade. Era o brasileiro iludido pelo governo, um símbolo do Brasil, cegado pela censura, acreditando nas mentiras do “milagre econômico” e do célebre bolo que seria repartido quando crescesse. Infelizmente, Roberto Santos morreu sem realizá-lo. Mas, o diretor e dramaturgo Ziembinsky comprou o conto para o programa *Caso Especial*, da Rede Globo, que foi produzido e anunciado como *Mergulho no Espelho*, com Marcelo Picchi, mas não foi ao ar por proibição da censura do governo militar.

Recentemente, seu mais famoso conto, *Escuridão*, foi adquirido por um produtor espanhol a fim

de ser transformado em filme.

Foi professor de roteiros no Senac, onde dirigiu o roteiro piloto do programa sobre profissões “Deu Trampo”, em setembro de 1997, para os canais a cabo da TV Senac. A partir de uma profissão, eram apresentados depoimentos sérios, mas bem-humorados, além de esquetes que satirizam algum estereótipo da atividade. Misturava a linguagem dos programas *Armação Ilimitada* e *TV Pirata*, da Globo, com ritmo jovem, mas nem tão alucinante, da MTV.

André Carneiro foi um dos primeiros fotógrafos artísticos do Modernismo brasileiro. Sua fotografia *Trilhos* (1951), em que observa, do alto, uma sequência vazia de linhas de bondes curvas e brilhantes, ornada por alguns poucos pedestres, é considerada um dos marcos do Modernismo fotográfico no Brasil. Está exposta no Tate Gallery, em Londres.

Em 2007, ele foi incluído com destaque na exposição coletiva *Fragmentos - Modernismo na Fotografia Brasileira*, da Galeria Bergamin, em São Paulo, sob curadoria de Iatã Canabrava. Foi realizada entre 21 de Abril a 26 de Maio, com a participação de 24 fotógrafos pertencentes às vertentes do fotoclubismo brasileiro, que determinaram a produção das décadas de 40 e 50. Esse movimento começou em São Paulo no Foto Cine Clube Bandeirante e se estendeu a outros. A Exposição percorreu, além de São Paulo, as cidades do Rio de Janeiro e Belém do Pará.

A mostra da Galeria Bergamin foi precursora – e em certa medida se desdobrou – da exposição *Moderna Para Sempre - Fotografia Modernista Brasileira na Coleção Itaú*, (2013/2014). promovida pelo Itaú Cultural para celebrar o aniversário de São Paulo, lançando ao público o olhar de artistas modernos que registraram o crescimento, a urbanização e a transformação da metrópole.

Iniciando a programação de exposições de 2009–2010, a Fundação Cisneros Fontanals Art realizou a primeira turnê da exposição *The Sites of Latin American Abstraction*, curadoria de Juan Ledezma. A parada nos Estados Unidos foi no Museu de Arte Latino-Americana (The Museum of Latin American Art – MOLAA), em Long Beach, Cali-

fornia. Foi aberta no dia 8 de novembro de 2009 e permaneceu em exibição até 17 de janeiro de 2010.

Depois do MOLAA, a exposição seguiu para a Europa com primeira parada no *EsBaluard Museu d'art Modern i Contemporani*, em Palma de Mallorca, Espanha, de 27 de março a 20 de junho. E seguiu para o *Kunst und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland*, em Bonn, Alemanha, de 17 de setembro de 2010 a 30 de janeiro de 2011. Terminando no *Haus Konstruktiv*, de Zurique, Suíça, de 24 de fevereiro a 1º de maio de 2011.

Integrante da conceituada Coleção *Ella Fontanals-Cisneros*, a exposição apresentou uma nova abordagem para a abstração geométrica na arte da América Latina produzida entre as décadas dos anos 1930 e 1970. Esta foi a primeira vez que a Fundação realizou uma turnê de suas exposições fora de Miami. A exposição procurou explorar um aspecto da arte abstrata latino-americana: em que medida o desenvolvimento simultâneo de um movimento abstrato, com base na arte modernista, em diferentes centros artísticos (Argentina, Brasil, Uruguai e Venezuela) respondeu à necessidade cultural e sócio-político de uma discussão de uma identidade latino-americana.

Como artista plástico, André Carneiro foi o criador da pintura dinâmica, técnica que usa líquidos químicos que tomam formas em compartimentos transparentes justapostos. Também realizou exposições de “Poesia Colagem”, técnica com a qual criou várias capas de livros autores brasileiros.

Nos anos de 1960, ganhou destaque por seus estudos e pesquisas na parapsicologia e hipnose, realizando pesquisas no Instituto Quevedo. Sobre o tema, publicou *O Mundo Misterioso do Hipnotismo* (Edart), em 1963, e *Manual de Hipnose* (Resenha Universitária), em 1978. Tornou-se um dos poucos membros brasileiros do *Parapsychological Association*, a mais respeitada instituição internacional de Parapsicologia, com sede nos Estados Unidos.

Em 1969, dirigiu os trabalhos no histórico “Simpósio de FC”, um evento integrante do 2º Festival Internacional do Filme, organizado por José Sanz, que aconteceu no Rio de Janeiro, em promoção do Instituto Nacional do Cinema, do Ministério

da Educação e Cultura e da Secretaria de Turismo do então Estado da Guanabara. As palestras e exposições de filmes do simpósio aconteceram no Teatro Maison de France. Ele contava com orgulho ter assistido ao filme *Metrópolis* ao lado de Fritz Lang, assim como *2001* ao lado de Arthur Clark, convidados do Festival, entre outros grandes nomes da literatura mundial de ficção científica, como Alfred Bester, John Brunner, Harry Harrison, A.E. Van Vogt, Frederick Pohl, Brian Aldiss, Poul Anderson, Harlan Ellison, Robert A. Heinlein, Damon Knight e Forrest Ackerman.

Foi condecorado pelo governo francês com a Medalha de Prata da Cidade de Paris, da *Société D'Éducation et Encouragement*, em 1950, por suas atividades de intercâmbio cultural e cooperação artística entre Brasil e França. Em 1951, é feito "Membre D'Honneur" da *Academie Ansaldi*, de Paris.

André Carneiro recebeu, em 1999, o prêmio Laurel Solidário Casa do Escritor, caracterizado por uma placa de prata gravada para celebração das datas mais expressivas na vida pessoal e artística do escritor. Em 2007, foi escolhido "Personalidade do Ano" pelos editores do Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica. Em 2009, foi diplomado pela Academia de Letras do Brasil, onde também recebeu o título de Doutor Honoris Causa.

Ele foi o primeiro poeta homenageado pelo projeto "Pão e Poesia, em qualquer esquina, qualquer padaria", criado pelo analista de sistemas mineiro Diovani Geraldo Mendonça. Desde 2007, quem compra pão em Belo Horizonte leva para casa embalagens com poesias impressas nas embalagens. Na 1ª edição do projeto, os frequentadores das padarias da capital mineira carregaram, nos 300 mil sacos de pão, poesias entregues gratuitamente, uma experiência literária e social. O objetivo é a popularização da arte poética, por meio de poemas impressos em embalagens ecologicamente corretas. Desde sua criação, três edições do projeto já foram realizadas, permitindo a circulação de cerca de 1,5 milhão de embalagens com poesias e poemas.

Em setembro de 2012, foi homenageado com a leitura de seus poemas de ficção científica, em comemoração aos seus 90 anos, durante o VI Fantasticon – Simpósio de Literatura Fantástica, organi-

zado pelo editor Silvio Alexandre, com realização da Biblioteca Pública Viriato Corrêa e da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo,

Em julho de 2014, recebeu o Troféu Mega-Con Brasil pelo conjunto de sua obra e sua valiosa contribuição para a literatura nacional, durante o evento MegaCon 2014, um encontro das comunidades nerds, geeks, otakus, de ficção científica entre outros, no campus da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em Curitiba.

A Prefeitura de Atibaia (SP) promoveu a 1ª Semana André Carneiro, de 24 a 30 de março de 2014, para homenageá-lo. Com a parceria da Difusão Cultural e do Instituto Garatuja, o evento teve a curadoria do artista plástico Márcio Zago, que tem batalhado para a efetivação e continuidade deste ambicioso projeto na cidade. A Semana contou com uma exposição dos livros de André Carneiro, que farão parte do acervo permanente da Biblioteca Central de Atibaia, um Museu de Rua com ampliação de fotos e reproduções de fotos e de obras de artes plásticas, além da exibição do longa-metragem "Alguém", dirigido por Júlio Xavier Silveira, baseado no seu conto *O Mudo*. Esse evento cultural ofereceu diversas atrações à população, como o 7º Curta Atibaia e o 8º Festival de Atibaia Internacional do Audiovisual (FAIA), mostras competitivas, exposições, debates, palestras, além de atividades nas áreas de cinema, fotografia, artes plásticas e literatura..

Segundo o médico psiquiatra Paulo Urban, "seus poemas trazem esse mesmo caráter. Por meio de versos articulados em estilo fragmentário, que atiram em nossas caras as contradições da vida, o poeta contrapõe ao progresso cibernético a precária condição humana, repleta de angústias indefinidas que nunca sobram resolvidas, apesar da sedução tecnológica que prega a virtualidade de um mundo sem problemas. Sua poesia é um convite à introspecção e à análise espiritualizada de nós mesmos". Para o escritor Roberto Causo, Carneiro "trouxo para a ficção científica brasileira não apenas textos de qualidade, mas questões importantes e de peso junto ao mainstream literário, como a denúncia do conservadorismo social, a referência à cultura das drogas, a impermanência do real e as dificuldades de comunicação na modernidade, rendendo-lhe

comparações com Franz Kafka e os mágico-realistas latino-americanos”.

Em sua dissertação de pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Pernambuco, o professor Germano César da Silva completa que “o pioneirismo de Carneiro, um autor que se lançou na ficção científica quando já possuía uma sólida carreira como poeta, decorre justamente de seu trabalho de exploração estética da linguagem da própria narrativa especulativa, adentrando em seus elementos, investigando seus códigos e esquemas representativos, e explorando a resiliência de temas muito codificados e engessados pelo gênero.”

A obra literária de André Carneiro se caracteriza quase que sistematicamente por um enfoque psicossocial, onde a crítica à estrutura vigente sempre se mostra aguda e sutil. A técnica do contraponto narrativo, presente em algumas de suas criações, faz lembrar Aldous Huxley, de cuja literatura Carneiro é um admirador confesso. Essa técnica narrativa, aliada aos temas sociológicos e psicológicos abor-

dados principalmente nas suas últimas criações, mostra uma ficção científica mais preocupada com o humano do que com o tecnológico.

Faleceu no dia 4 de novembro de 2014, aos 92 anos de idade, em razão de complicações cardiorrespiratórias, em Curitiba (PR), onde viveu seus últimos 15 anos. De acordo com seu filho Henrique, ele foi cremado sem qualquer cerimônia, como sempre quis, avesso às pompas funerárias e aos convencionalismos em geral. Suas cinzas foram espalhadas ao pé de uma pitangueira, em Atibaia, junto de algumas árvores que sempre protegeu, como um verdadeiro ecologista, antes dessa palavra se tornar conhecida. Deixou a ex-esposa Evelina, a irmã Dulce, os filhos Maurício e Henrique e o neto Michel.

SILVIO ALEXANDRE é editor e gestor cultural. Criou e dirigiu várias coleções de literatura fantástica e de quadrinhos. Trabalha como consultor editorial e parecerista, além de desenvolver projetos editoriais junto a várias editoras. É o criador do “Fantasticon – Simpósio de Literatura Fantástica”, o mais prestigiado evento do gênero no Brasil. Curador e organizador de vários outros eventos literários. Membro da Comissão Organizadora do Troféu HQ-MIX, o principal prêmio dos quadrinhos no País.



Crédito: André Carneiro; Fotografia “Trilhos” – 1951

ENTREVISTA: André Carneiro

POR JOSÉ CARLOS NEVES

Entrevista originalmente publicada no site “Alan Moore Senhor do Caos”, de José Carlos Neves, no ano de 2006



foto Mustafá Ali Kanso

Apresentar André Carneiro é incorrer inevitavelmente em redundâncias. No entanto, como este site tem atingido principalmente fãs e interessados de uma geração mais recente, mister se faz esta providência. Considerado tanto pelos ditos eruditos quanto pelos críticos da Cultura Pop mais como um Poeta do que propriamente um Escritor, e muito menos de Ficção Científica, André Carneiro é isto e muito mais: Cineasta, Fotógrafo, Artista Plástico, Prestidigitador e Hipnotizador, Publicitário, foi integrante da resistência armada, clandestino – teve uma época que se chamou Augusto –, Pesquisador... E autor de diversas obras de FC.

Esta longa bagagem, profundamente marcada também por ter sido um dos raros e felizardos participantes e coorganizador do famoso e pioneiro até no mundo, Simpósio de FC do Rio de Janeiro, em 1969, asseguram-lhe inquestionavelmente o título

de mais importante personalidade do gênero no Brasil.

E, provando que respeita o esforço de estudiosos amadores – do que já fui testemunha quando com ele tive o prazer de estar, na Interiorcon de Santo André-SP, há mais de 10 anos, quando me apresentou com um raro exemplar de seu romance famoso “A Piscina Livre” –, André prontamente atendeu o nosso pedido para este bate-papo.

José Carlos Neves: Vamos lá, André, primeiro a “ficha completa”: idade, onde nasceu, cresceu e vive atualmente; estado civil, filhos e formação acadêmica.

André Carneiro: *Ficha completa é chato, fica larga, “não cai”.*

Minha idade se perdeu em um incêndio no Cartório de Registros.

Minha mãe me enganava. Cada publicação ou enciclopédia me atribui uma idade diferente. Tenho a idade do meu estado de espírito, que é bom, sou casado muitas vezes, vivo atualmente em Curitiba (tive problemas de visão há três anos, não mais dirijo, vim morar ao lado do meu filho Mauricio, que toca clarineta e clarone na Sinfônica do Paraná). O outro, Henrique, é professor de História na USP: tese de doutorado sobre drogas. Formação? Fui convidado pela Universidade do Arizona e também para dar cursos na França, fiz conferências em Universidades brasileiras, sem diplomas nas paredes.

JCN: Seus primeiros trabalhos foram publicados na década de 50, em suplementos literários são-paulinos. Eles já tinham tendência à FC? Como se originou seu interesse pelo gênero?

AC: *Sim, publiquei contos e artigos nos Suplementos Literários e até fotos de arte. Alguns suplementos, como o do Estadão, eram verdadeiras revistas, fortuna cultural que desapareceu. Hoje, fazem pesquisa, só se importam com números e não com a qualidade ou o patrimônio da inteligência nacional, por isso não publicam poemas e contos, mas as seções de futebol e a policial são perfeitas. As revistas da época publicavam meus contos, “Vamos Ler”, “Carioca”. Você poderia me informar onde poderei publicá-los hoje, em revistas profissionais?*

Lancei um jornal literário, “TENTATIVA”, com um belo e moderno título desenhado pelo hoje célebre Aldemir Martins. Eu era amigo do Oswald de Andrade (que ninguém pronuncie erradamente, O’svald, com acento na primeira sílaba). Ele apresentou o jornal, o que, certamente, contribuiu para o sucesso que teve. Entrevistei e publiquei trabalhos dos maiores escritores da época. Já existe uma tese acadêmica, patrocinada pelo CNPq, na Universidade Federal de Rondônia, sobre a importância de TENTATIVA. Também está sendo elaborada em Atibaia (SP), uma edição facsímilada, com uma introdução sobre a repercussão literária do jornal, pelo escritor e professor de Literatura Dr. Osvaldo Duarte.

TENTATIVA tinha correspondentes em vários estados brasileiros, Buenos Aires, Lisboa e Paris.

Estava quase esquecendo a tal ficção científica. Acho que meu primeiro conto de FC publiquei no Suplemento do Estadão. “O começo do fim”. O jornal “O Estado de São Paulo” naquele tempo era o mais importante do país, se distanciando demais do segundo colocado. Ele somente publicava colaboração solicitada e ter o nome em suas páginas era um verdadeiro diploma. Eu estava empenhado (como estou até hoje) em escrever literatura de qualidade. Quase não percebia que a temática da maioria dos meus contos se enquadrava dentro daquela maldita e absolutamente inadequada denominação de FICÇÃO CIENTÍFICA.

“Eu estava empenhado (como estou até hoje) em escrever literatura de qualidade. Quase não percebia que a temática da maioria dos meus contos se enquadrava dentro daquela maldita e absolutamente inadequada denominação de FICÇÃO CIENTÍFICA.”

CA. Quando a Edart publicou DIÁRIO DA NAVE PERDIDA e O HOMEM QUE ADIVINHAVA, tentamos mudar para Cienciaficção, inutilmente. Hoje, como no A MÁQUINA DE HYERÓNIMUS, não coloco nada. Ainda espero que uma Fada boa, fã do tal gênero, delete, exclua, apague de todos os dicionários, arquivos e banco de dados do planeta, aquele nome tão amaldiçoado como a palavra COMUNISMO. Quando eu afirmo que nunca houve no planeta Terra um governo Comunista, olham para mim como se eu estivesse louco. Bem, calma, meu caro Zé Carlos, não vou explicar aqui a diferença entre comunismo

e socialismo. Nem lembrar que talvez o mais importante escritor de FC do mundo, Aldous Huxley, jamais teve essas letras na capa dos seus livros.

JCN: Quais obras e autores que mais lhe influenciaram e por quê?

AC: *Tenho medo de citar nomes. No tempo em que fazia isso, tinha vontade de consultar o próprio Freud para saber como tinha esquecido o mais importante ou a mais importante e, se se tratava de coisas amorosas, jamais haveria perdão. Nunca fui dogmático, por isso cito um autor de alto prestígio mundial, aquele mesmo ali de cima, o criador do ADMIRÁVEL MUNDO NOVO.*

JCN: Em 1967 você foi o pioneiro autor do raríssimo “Introdução ao Estudo da Science Fiction”. O que o motivou a escrever esta obra e a manutenção da nomenclatura inglesa? Por ser mais comercial, digamos assim, ou porque realmente ainda não havia sido consolidada a denominação Ficção Científica no país?

AC: *É triste anotar, mas nos velhos tempos era menos difícil publicar uma obra erudita, um ensaio literário como “Introdução ao estudo da Science-Fiction”. Escrevi o livro porque o preconceito, ou melhor, a imbecil confusão que se faz (não estou me referindo aos ignorantes, mas professores de Faculdades, escri-*

tores, jornalistas) imaginando que ficção científica só pode ser uma obra secundária, mero divertimento barato, o que os americanos chamam de “space-opera” ou “sci-fi” (este, no Brasil, julgam que é apenas uma sigla).

Toda essa confusão estava começando a se alastrar. Nossa língua brasileira desenvolve imprecisões surpreendentes: fala-se vou “chegando” para dizer que está saindo, “entrar bem” significa o contrário, e o célebre “pois não”, que é pois sim. As mulheres dizem hoje “estou com o saco cheio”, e qualquer seguidor de uma religião que não seja a católica é “crente”. Quando escrevi o meu ensaio resolvi colocar a expressão em inglês (não esquecer que no italiano e em outras línguas a palavra é outra). A subserviência brasileira ao idioma inglês começava, tive essa fraqueza “pour épater les bourgeois”.

Segundo um amigo que pesquisou, foi o primeiro ensaio (não uma coletânea de artigos) publicado sobre o assunto na América Latina. Mande os originais para o Conselho Estadual de Cultura, de São Paulo, que o aprovou e o publicou. Posteriormente, fui convidado para participar do Conselho (nomeado pelo Governador), onde permaneci por cinco anos.

Duas curiosidades do ensaio: Otto Maria Carpeaux, europeu de alta cultura, conhecedor de muitas línguas e um dos mais respeitados críticos literários da época, usou algumas vezes a expressão “ficção científica” de maneira pejorativa. Gastei algumas páginas do ensaio reproduzindo grandes elogios por ele feitos a autores internacionais de FC. Eu concluía que ele gostava, e muito, da FC de qualidade. As provas eram irrefutáveis, nem ele nem ninguém me respondeu. O segundo fato foi a minha séria acusação de ser o grande Monteiro Lobato um escritor racista. Parece que ninguém o cita como um escritor de FC, talvez para escamotear o seu racismo em seu romance “O Presidente Negro”. Ele tinha tanto prestígio (justo prestígio como escritor e defensor do nosso petróleo, que os “técnicos” americanos provaram que não existia) que as minhas acusações, todas provadas pelo texto, não foram nem comentadas nem respondidas, até hoje. Uma tradução do ensaio foi publicada em uma revista espanhola. Roberto Causo há alguns anos organizou uma excelente segunda edição, editada por Edgard Guimarães. Como autor tive

a satisfação de nada alterar, continuo subscrevendo as ideias defendidas no ensaio, perfeitamente atuais. Acrescentei somente 24 anotações de pé de página, lembrando a evolução da FC no cinema etc. Harry Harrison considerava meu ensaio o melhor já publicado em toda parte.

JCN: Você, que convivia com escritores mais tradicionais – e tradicionalistas – do mainstream, sofria alguma discriminação por militar e até pesquisar a Literatura até hoje considerada popularesca?

AC: Pergunta muito interessante esta, como dizem na TV. No começo da minha carreira, não era só eu que não percebia muito bem que estava escrevendo a “tal” ficção científica. Leitores e mesmo críticos analisavam o meu estilo, minha temática, é claro. É evidente que nunca tive heróis galácticos dando tiros com pistolas laser ou mocinhas de cintura fina e duas antenas na testa fugindo de monstros de olhos arregalados. Tenho sempre esquecido de colocar em meu currículo, mas ganhei prêmios (Melhor Livro do Ano, Prefeitura Mun. de S.P, por exemplo) com contos de FC.

Meu romance “Piscina Livre”, também publicado na Suécia, foi altamente elogiado por Carlos Drummond de Andrade e nem preciso citar mais ninguém. Quer uma explicação? Acho que os críticos enxergavam em primeiro lugar o poeta André Carneiro, que Sergio Milliet tinha lançado. Liam meus contos como literatura (que são, evidentemente) e gostavam. Se alguém insinuasse que “aquilo” era FC, eles diriam: “Você está louco, você acha que o Carneiro iria escrever essa porcaria de ficção científica?”

Eu sou Analista, tenho estudado toda minha vida o estranho funcionamento da psique humana. Só posso dizer que é muito difícil de explicar que um trabalho de FC pode ser uma obra prima literária, assim como um romance policial como “Crime e Castigo” também é uma obra prima. Afinal, nós sabemos que os católicos também são crentes, embora a maioria não admita. Acredite se quiser: até hoje, minha ficção científica navega em pleno “mainstream”, é lida junto com Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa etc. etc. Vide o recente lançamento da Antologia do Conto Fantástico Brasileiro,

da Editora Carioca Casa da Palavra. Parece que foi o Braulio Tavares quem fez a seleção e até agora não vi o livro.

JCN: Sem nenhuma tradição ou cultura científica, muito menos cinematográfica ou literária no gênero, como o Brasil foi sediar o – às vezes penso que aquilo aconteceu mesmo foi num universo paralelo – Simpósio Internacional de FC, ocorrido no Rio em 1969, com a presença de sumidades e até dos que viriam a ser, como o jovem Harlan Ellison? Qual foi e como foi o seu envolvimento no evento?

AC: Achei bem colocado você dizer que o Simpósio Internacional “aconteceu em um universo paralelo”. Em crônicas e entrevistas já contei várias histórias lá ocorridas, mas o assunto é inesgotável. É bom lembrar que o Simpósio era realizado dentro do maior, mais rico e badalado Festival Internacional de Cinema já acontecido no Brasil, até hoje. Local: Copacabana Palace, onde eu tinha uma suíte, carro com motorista e um caderno com tíquetes que me permitiam almoçar no “Garfo de Ouro”, ao lado dos cineastas e artistas internacionais mais importantes do mundo.

Como foi possível o Simpósio (custou milhões de dólares) e eu como seu Presidente? Um homem inteligente, de prestígio e personalidade, chamado José Sanz, explica tudo.

Pode-se afirmar que ele era quase um mito e eu não o conhecia pessoalmente. Apaixonado pela literatura de FC, não era escritor, mas traduziu alguns livros e dirigiu uma coleção para uma editora. Dizia-se amigo da Marlene Dietrich, de Orson Welles e outras figuras internacionais desse nível. A irreverência carioca fazia gozações, mas a realidade era essa mesma. Sanz convenceu o Governo da importância do Simpósio e foi seu organizador. Porque convidou para presidente André Carneiro, poeta e escritor de FC, que tinha uma loja de material de construção na pequena cidade de Atibaia, perto de São Paulo? Essa pergunta lhe foi insinuada em uma entrevista que deu para a importante revista “Visão”. Não esquecer que Antônio Olinto, do Itamaraty, Rachel de Queiroz, Fausto Cunha, Dinah Silveira de Queiroz,

Orígenes Lessa etc., moravam no Rio e escreviam FC. José Sanz respondeu que AC era o mais importante escritor de FC brasileiro. Na revista *Somnium* eu já contei vários fascinantes episódios ocorridos no Copacabana. Costumo até me vangloriar (espero que me perdoem), de ter assistido “2001” ao lado de Arthur Clarke e “Metrópolis” ao lado de Fritz Lang.

Mas, francamente, por fascinantes que sejam, não quero narrar

mais histórias paralelas do Simpósio, parto do princípio de que estamos aqui falando de literatura.

JCN: Algum fato pitoresco?

“Podemos imaginar um indivíduo antes e depois de Galileu? A Terra era o centro do universo. Tudo existia em função do Homem. (...) De repente a Terra virou uma coisinha insignificante, as luzinhas do céu se transformaram em bilhões de estrelas, trilhões de galáxias, e as supernovas, os buracos negros, as cordas cósmicas, os buracos de minhoca... (...). Já se passaram quinhentos anos, mas o ser humano ainda não teve a capacidade de absorver essa realidade. As religiões cristãs ainda pregam o mesmo que se pregava quando a Terra era chata, sustentada por elefantes.”

AC: *Fatos pitorescos? Um hotel como o Copacabana, palco de um Festival de Cinema Internacional, com belas artistas desfilando nas piscinas o dia inteiro... só aconteciam fatos pitorescos. E o primeiro time da FC mundial (na área da Literatura e do cinema), discutindo problemas... não, agora não; um dia ainda contarei tudo, ou quase tudo. Embora feito de seres humanos como nós, o primeiro time reunido, autores que o mundo todo admirava, parecia um sonho ou aquele mundo paralelo dentro de uma FC real.*

JCN: Depois disto, você conseguiu tirar proveito dos contatos internacionais ali mantidos, culminando com a publicação do seu conto “A Escuridão” em uma antologia anglo-americana dos “Melhores do Ano na FC de 1976”, correto? Qual foi o feedback e você acha que o fato justificou você a vir ser depois um escritor de FC mais conhecido no Exterior que no Brasil?

AC: *É curioso, não foi através de nenhum daqueles escritores que dei o salto internacional, como já comentou Fausto Cunha. Brasileiros esquecem que escritores america-*

nos etc. não negociam com editores. Existe o célebre Agente, que se encarrega disso. Pedir a um colega estrangeiro que “entregue” um original para um editor, (que terá de ser em um belo inglês) é fato fora de propósito.

Quem me introduziu no estrangeiro foi Leo L. Barrow, professor de Literatura na Universidade do Arizona, em Tucson. Essa história eu já contei várias vezes, vou resumir. Eu o conheci em Brasília, em um Congresso de Escritores. Leu meus contos, gostou e traduziu DARKNESS, o qual foi comprado pela Putnam para a Antologia dos melhores contos mundiais de 1972. A edição de capa dura destaca meu nome na capa como “mestre internacional”. Logo em seguida o conto foi comprado por dois professores PHD de uma Universidade, que incluíram o conto em uma Antologia universitária onde havia ganhadores do Prêmio

Nobel. Darkness foi publicado em pelo menos dez línguas e até feito um roteiro cinematográfico, que deve andar nas gavetas de Hollywood.

JCN: Você integrou um Grupo de Estudos sobre Drogas na Universidade do Arizona. Quando foi isto e por que e como foi convidado? Chegou a conhecer trabalhos similares, muito importantes e elucidativos do quase guru Timothy Leary? E do grande apologista do uso do alucinógeno psilocibim - DHT - Terence McKenna? 9. Se conhece seus trabalhos, o que acha das teorias de ambos? McKenna inclusive previu um acontecimento apocalíptico para 2012, quando seria “o fim do tempo” como o concebemos. E tem outras ideias muito bizarras, mas não indignas de atenção – vários de seus livros foram publicados no Brasil.

AC: *Não gosto de falar de DROGAS no Brasil.*

A ditadura militar impediu um conhecimento mais científico da população que fala em “drogado” e quando eu pergunto “Qual droga?” olham admirados, exatamente como falam em CRENTE e se

eu pergunto “de qual religião?” se espantam. Crente é crente e drogado é drogado, mas nem ouse falar em álcool ou nicotina, produtos que o governo acha que podem ser consumidos, embora matem dez vezes mais do que os outros. Nos Estados Unidos e na Europa é diferente, a “cannabis” não tem essa conotação de coisa ordinária de bandido, como aqui. Minhas experiências no Arizona não posso detalhar por contrato, é função dos cientistas. As pesquisas mundiais com o uso de alucinógenos e LSD como medicação até para psicóticos, têm sérios seguidores como Stanislaw Grof, mais do que com Leary. Sobre o tempo, com Einstein provando que pode ser “esticado”, já é muito perturbador. Fiz poemas tentando anular o tempo. Tenho tido dificuldades com espelhos, certamente velhos espelhos ignorantes que só sabem proteger vampiros. Hawking trata dos célebres paradoxos de se voltar no

“Tenho formação científica, mas repudio um exagerado formalismo da ciência acadêmica. (...) Aceito a prudência, mas é ridículo um pretenso cientista não querer nem pesquisar algo que escape dos seus paradigmas. (...). Eu aprendi muito na vida com os ignorantes.”

tempo e matar o próprio avô. Os caretas que temem a ciência e por extensão a nossa ficção científica, não se dão conta de que o maior cientista vivo do mundo cita a FC e trata daquilo que nós “inventamos”. E não percebem que o romance tradicional e clássico também é uma invenção, uma mentira que o leitor sabe que é mentira, mas acredita e se emociona com ela.

Na Holanda e na Inglaterra, mesmo na Suíça e Espanha, a legislação sobre drogas começa a se adaptar à realidade do que a ciência determina e não o mito popular. Como verdades sobre as chamadas drogas são tão desconhecidas como a nossa ficção científica, temo entrar no assunto e ficar muito superficial.

JCN: Ainda nesta direção metafísica, qual é a sua concepção do Tempo? 11. Considera-o a Quarta Dimensão do Espaço, como teorizou Einstein?

AC: Minha concepção do tempo não é melhor nem mais original do que a de todos que estudaram um pouquinho. Como Analista sei das minhas limitações que intelectualmente luto para desorganizar. Podemos imaginar um indivíduo antes e depois de Galileu? A Terra era o centro do universo. Tudo existia em função do Homem. Já este “homem” tirava a mulher de uma participação “inteligente”. Mulher servia para procriar, talvez nem tivesse alma, como os negros escravos (houve um tempo em que Roma teve de “devolver” a alma aos africanos). Deus estava perto, acompanhava cada Homem, acendia luzinhas no céu para enfeitar a sua noite. Éramos importantes, os Reis da Criação. De repente a Terra virou uma coisinha insignificante, as luzinhas do céu se transformaram em bilhões de estrelas, trilhões de galáxias, e as supernovas, os buracos negros, as cordas cósmicas, os buracos de minhoca...

Vou parar por aqui, somos menores do que o mais insignificante grão de areia, juntando todas as praias do mundo. Antes Reis da Criação, nos transformamos em insignificâncias. Já se passaram quinhentos anos, mas o ser humano ainda não teve a capacidade

de absorver essa realidade. As religiões cristãs ainda pregam o mesmo que se pregava quando a Terra era chata, sustentada por elefantes. Caro José Carlos, esse TEMPO que eu aprendi como um maldito envelhecedor, dizem que não existe. Só espero que a Máquina do Tempo seja inventada logo, quero escolher certos dias dos calendários já jogados no lixo e fazer muito mais bem feito o que fiz sem prática nenhuma, quero visitar meu avô, levar umas vitaminas para reforçar minha herança genética.

JCN: Como você imagina um ser ou objeto (como o Tesseracto) da Quarta Dimensão?

AC: Coisas que acontecem no meu quarto tenho descrito, projetado, transformado em verso, projeto, foto, memória e são maravilhosos, inexplicáveis, herméticos e intransferíveis. Isso, no meu quarto. E na Quarta... dimensão? Sendo Quarta, deve ser feminina, portanto uma dimensão para ser vivida e amada, jamais explicada. Já vivi na Quarta dimensão até no meu Quarto.

Sonhando. Sonhos são incontáveis. É só.

JCN: O que acha da imberbe Teoria do Caos, com seus Fractais e o popular “efeito borboleta”?

AC: Em San Diego, nos Estados Unidos, passeando uma vez com meu tradutor Leo Barrow, eu lhe perguntei por que os americanos “pulavam” o 13º andar nos edifícios, na numeração das casas etc. Ele me olhou espantado, riu e fez çaçoada: “vocês brasileiros, inventam cada uma!”

Eu sabia disso desde criança, já ouvira histórias a respeito, mas, afinal, quem sabe de um país é o nativo, não o turista. Fomos para um hotel que tinha

um comprido terraço unindo os apartamentos. Eu contemplava os postes de madeira, eu pensava que na orgulhosa “América” os postes fossem de cimento como na minha cidadezinha brasileira. Quase au-

“Acredito na Ciência e a sigo. Mas tenho o maior respeito para qualquer informação marginal. A ciência considerava absurda a pretensão da Alquimia, entretanto depois da física quântica o absurdo é possível.”

tomaticamente fui contando o número dos apartamentos, 9, 10, depois 11, depois 12, depois 14. Dei um salto para trás, como acontece nos filmes. Quero dizer, a “ficha” custou um pouquinho para cair. Com um sorriso, lá fui buscar o Leo. Pedi que fosse contando os apartamentos... “E então Leo, onde está o apartamento 13?”

Ele ficou besta, sacudiu a cabeça, disse “Mas que coisa idiota, eu não sabia dessa história de pular o 13”. E, mais uma vez a América se curvou ante o Brasil.

O José Carlos Neves, terrível parente próximo “daquele Das Neves” me colocou esta armadilha de quem sabe que ninguém escapa do CAOS. Eu percebi a intenção, tirando o “R” e o “L” do meio. Como milhões de americanos idiotas, eu pulo o 13.

JCN: Você estudou e praticou a Hipnose. A prática pode ser considerada uma ciência? Funciona mesmo, nos níveis que a imprensa e programas sensacionalistas e até a ficção tenta fazer-nos crer? Algum fato pitoresco a ela relacionado?

AC: Eu estudei (felizmente) e sempre pratiquei a Hipnose, como auxiliar importante na análise psicológica. É uma ciência, evidentemente. Em muitos casos é possível substituir produtos químicos (muitos deles são drogas que provocam dependência física) pela sugerência hipnótica. Escrevi dois livros a respeito, há muito esgotados. Carol Sonnenreich, que dispensa apresentação, para quem estudou psiquiatria, afirmou ser o melhor já publicado no Brasil. O conhecido psiquiatra, escritor e jornalista Paulo Urban, que escreve na “Planeta”, concorda com essa opinião. Tentei também pesquisas experimentais, como “parto com dia previsto” etc. Agora, se você quer uma boa comparação para saber o que o grande público e parte da mídia pensa a respeito, faça uma pesquisa: Pergunte a 100 pessoas diversas o que é, e o que acham da chamada “ficção científica”. Some cuidadosamente a coleção de besteiras, impropriedades e

tolices e faça a mesma pesquisa mudando FC para HIPNOSE.

“A arte dos quadrinhos exige a soma de duas artes, as plásticas e a criação literária. Se é difícil publicar um livro, é quase impossível publicar uma revista de HQ profissionalmente, pela altura do capital necessário.”

Eu fiz a experiência. Há um surpreendente empate. Descobri que, nas duzentas respostas, havia duas sobre FC e duas sobre Hipnose que, não sendo totalmente corretas, eram razoáveis. O resto joguei tudo fora. Para não ficar inteiramente desesperado, perguntei aos meus duzentos sele-

cionados quando, onde e de qual maneira Pelé tinha marcado seu milésimo gol. Noventa e oito por cento de acerto. Pensei até como proteger os 4 analfabetos que não sabiam, estavam quase sendo linchados pelos outros.

Não posso falar de HIPNOSE. É assunto fascinante, paradoxal, mas muito longo, tenho de cortar já. Mas não quero fazê-lo sem o ligar com a ficção científica. Escrevi um conto, “O homem que hipnotizava”, um personagem se auto-hipnotizava, a esposa feia ficou linda etc. etc. O cineasta Roberto Santos adorava esse conto. Assinamos um contrato, sua intenção era fazer um filme (em plena ditadura). O homem que hipnoticamente se iludia era o brasileiro iludido pelo regime. Infelizmente Roberto Santos morreu sem realizá-lo. Ziembinsky, o genial dramaturgo que modernizou nosso teatro, comprou o conto para transformá-lo em “caso especial” na Globo, o que foi feito e anunciado, mas não chegou a ser transmitido por motivos de censura militar.

Cheguei a ver um pedaço do “caso” em um programa didático da Fundação Roberto Marinho, ilustrando estilos literários.

Sobre Hipnose usada na conquista das mulheres leiam esta obra prima do grande e esquecido escritor brasileiro Medeiros e Albuquerque “Quando eu era vivo”. Durante a Primeira Guerra Mundial ele era um ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, e Adido Cultural na Embaixada Brasileira em Paris. Grande conquistador, em uma cidade cheia de mulheres lindas e sozinhas, pois os maridos estavam na frente de batalha, grande parte morrendo, Medeiros andava de metrô e jogava cerca de dez cartões

de visita com seu endereço no colo das mulheres bonitas. Ele conta que recebia um ou dois telefonemas em resposta. Notem, isto não é ficção, faz parte da autobiografia do escritor. Com as jovens conquistadas Medeiros usava a Hipnose para... é melhor lerem o livro. Ele chegava ao cúmulo de usar o fardão da Academia Brasileira de Letras, e era tratado como Almirante, com honras militares. Em seu testamento ele exigiu que o livro fosse publicado 20 anos depois de sua morte, o que foi feito.

JCN: E a Prestidigitação, que o levou a se interessar e estudar o assunto? Pergunto porque sou fã -- e pesquisador até -- dos feitos e da vida de Houdini e seus seguidores, como o famoso artista James Steranko e o próprio "mágico de TV", David Blane. O que é o Kumberlandismo?

AC: *Eu me lembro, fiz prestidigitação naquele primeiro grupo de ficção científica dirigido por Jerónimo Monteiro. Fiquei muito decepcionado. A maioria enganada pelos meus rápidos dedos (naquele tempo), em vez de simplesmente aplaudir, ficavam irritados, queriam examinar minhas mangas ou pediam para repetir a mágica, o que é um absurdo. Acho que interrompi minha carreira naquela ocasião. Aprendi mágica teatral e prestidigitação obrigatoriamente, não se pode estudar Parapsicologia sem dominar os truques com os quais os vigaristas, tipo Thomas Green, enganam até gente sabida, mas inexperiente nos amplos recursos que a Magia possui, alguns raros até jogando com uma paranormalidade eventual, que surpreende o próprio mágico.*

Já contei em uma crônica, vinguei-me divertidamente da displicência e da ironia do Jerónimo com minhas proezas. Em uma das fugas pelo golpe de 64,

parei um dia em Mongaguá. Me aproximei da casa praiana do Jerónimo sem meu bigode, com nome novo e com andar diverso. Disfarces não são fáceis. Há trinta metros de distância gritaram: "lá vem o André sem bigode".

Jerónimo já tinha sido preso e temia que se repetisse. Ele teve que sair. Só, em seu escritório, durante o dia, vi um baralho. Eu era perito e o marquei inteiramente, para passar o tempo. Um ano depois, em nova visita, no meio de outras pessoas, Jerónimo caçoava da minha Parapsicologia, afirmava que eu era paranormal e capaz de milagres. Havia duas jovens senhoras muito interessadas. Eu desmentia, mas acabei perdendo a paciência. Perguntei se havia um baralho. Apareceu o "meu" baralho. Fiz três ou quatro simples "adivinhações", Jerónimo rindo, exigindo mais. Es-

quentei a mágica, eu conhecia todas as cartas pelas costas. Jerónimo apagou o sorriso, ficou impressionado, queria me revistar, segurava meu pulso quando embaralhava. Disse a ele que eu não tocaria mais no baralho, ele manobriria as cartas. Na última mágica, por coincidência, a carta

escolhida ficou em cima do maço. Pedi que colocassem no canto da sala e cobrissem com um chapéu. Fiz os gestos e concentrações de costume, solicitei uma criança e disse a ela pra tirar a carta escolhida. A criança naturalmente pegou a primeira carta. Uma das moças queria que eu fosse à casa dela curar a mãe doente, Jerónimo não deu nenhum riso irônico.

Tive uma experiência fantástica com um dos maiores mágicos do mundo, Cantarelli. Cine Paramount em São Paulo, repleto. Ele fez um sério discurso sobre transmissão de pensamento e solicitou voluntários. Eu e mais uns dez subimos no palco. É bom notar que eu ainda nada sabia de mágica e

"Sempre fui um admirador dos fanzines. Quem cria alguma coisa, imprime e distribui, por legítima vocação, é uma força viva na cultura brasileira, pois nenhum fanzineiro jamais ganhou dinheiro com isso, acontece exatamente o contrário. Quem faz isso merece admiração e mereceria apoio dos departamentos de cultura, correio gratuito, facilidades para difundir o seu trabalho."

Kumberlandismo. Cantarelli solicitou, apontando para cada um de nós, que o público “escolhesse” quem parecia mais capaz de receber pensamentos. Eu fiz a cara mais séria do mundo e fui o vencedor, com mais dois. Fui o primeiro na demonstração. Coloquei uma venda no rosto do mágico. Ele me pediu que escolhesse, na plateia, uma determinada pessoa, minha amiga ou não. Imaginando que alguém poderia ter me observado com um amigo, escolhi, mentalmente, alguém que eu desconhecia, na primeira fila. Cantarelli colocou-se na minha frente, andando para trás e lá descemos no corredor da plateia. Ele ultrapassou o meu escolhido e foi até o fim, eu atrás. Ele não me tocava (era o único no mundo que fazia essa mágica sem toques). Lá no fim do teatro-cinema da Brigadeiro Luiz Antonio, entrou por uma fila, tocou no ombro de alguém e disse “é este aqui?” Eu disse que não, muito chateado, pois ele me pedia concentração o tempo todo, eu tinha sido “eleito” por mais de 500 pessoas e não estava sendo capaz de transmitir pensamento algum. Cantarelli, sempre meio de costas entrou em outra fila no meio do cinema e eu tive de dizer “não senhor”. Eu já estava esperando uma vaia. Eis senão quando, Cantarelli chega na primeira fila, depois de andar para lá e para cá, eu atrás. Pegou no ombro do meu escolhido, eu disse alto “é esse mesmo”. Aplausos gerais.

Voltei para casa e fiquei pensando. Muitos no teatro imaginariam que eu era alguém “pago e combinado”. Eu sabia que não. Como o raio do mágico descobriu a pessoa?

Isso é ‘Kumberlandismo’ e que me desculpem os mágicos, existe uma ética, um pacto de honra de não se contar os segredos.

Padre Quevedo costuma fazer esta mágica e até enganar que é mesmo transmissão de pensamento. Mas ele mantém a palma da mão em cima da palma da mão estendida do “voluntário transmissor”. Kumberland, um mágico inglês, descobriu a

mágica psicológica, manobrar as palavras, o discurso e os gestos de modo que o voluntário “ajude” o mágico, coopere com ele, sem perceber. Se você fizer de modo que o voluntário sintam-se orgulhoso de ter sido “escolhido” como paranormal e se você colocar sua palma acima da palma dele, vai perceber nitidamente que ele o “arrastará” para onde estiver um objeto escondido por ele ou uma pessoa escolhida, como foi o meu caso. Mas Cantarelli não me tocou, como ele fez, vocês perguntarão. Era o único no mundo, deve ter treinado com milhares de pessoas, ele interpretava a reação dos meus pés, qualquer um que ponha uma venda nos olhos sabe que se pode ainda ver quase dois metros no chão. O inconsciente manda no consciente: pegue um pêndulo, faça um círculo no chão e o pêndulo andarão em círculo. Se traçar uma linha reta, o pêndulo a seguirá. Os “enganos” do Cantarelli eram propositais, serviam para incentivar o meu “auxílio”. Antes do meu acidente visual, que me faz enxergar pouco e desfocado, vi o célebre David Coperfield. Achei que repetia todas as clássicas e conhecidas mágicas, porém altamente melhoradas com grande sofisticação. As suas “levitações” eram perfeitas.

Eu tenho um conto infanto-juvenil onde exploro o mito do grande Houdini. Me ocorreu agora uma ideia para um conto de FC onde todas as mágicas “falsas” fossem verdadeiras.

JCN: *Você sabe que neste site, tudo praticamente gira em torno do cultuado autor e roteirista inglês Alan Moore. Que ele foi o criador da obra From Hell, para os Quadrinhos, depois desperdiçada por Hollywood. E que ele, “para vencer a crise existencial dos 40 anos”, resolveu se tornar um mago. Estu-*

dou muito Aleister Crowley, Austin Osman Spare, participou de experiências e acontecimentos no mínimo “fora-do-script”, como ele gosta de descrevê-los. Você acredita na Magia, na Kabala e outros

desdobramentos, ou tenta também – como o James

“Posso garantir, porque acompanho a FC brasileira desde quase o começo, que nestes últimos 15 anos a qualidade literária da produção melhorou muito. Não me refiro à quantidade nem de revistas nem de trabalhos publicados. Qualidade isolada.”

Randi tupiniquim, Padre Oscar Quevedo – “explicar tudo à luz da Parapsicologia”?

AC: *Eu, Bruno Fontana e Paulo Urban fizemos pesquisas “ganzfeld”, sofisticada e moderna técnica que substituiu as célebres cartas Zener, exigindo equipamento eletrônico. Eu consegui os melhores resultados; aliás, tenho “previsto” telefonemas de pessoas, fenômeno bastante conhecido e que às vezes espantam as pessoas, pois ocorre sem premeditação. As experiências citadas fizemos no Instituto do Padre Quevedo, por gentileza dele, sem comprometimento com suas ideias. Espíritos e católicos têm religioso impedimento para uma científica Parapsicologia. Os primeiros pela dificuldade em conciliar um fenômeno paranormal com a crença nos espíritos. Os segundos acreditam em milagres, o que torna impossível distingui-los de um fenômeno paranormal. Tenho formação científica, mas repudio um exagerado formalismo da ciência acadêmica. Nem a Psicanálise nem a Parapsicologia ou a tradicional Psicologia ainda não são admitidas como matérias científicas. Aceito a prudência, mas é ridículo um pretense cientista não querer nem pesquisar algo que escape dos seus paradigmas. O engraçado é que, desde a física quântica, ou mesmo desde Einstein, a ciência começa a lidar com o “princípio da incerteza”, as cósmicas teorias praticamente aceitas pelos melhores cientistas do mundo como Stephen Hawking, que são mais fantásticas e perturbadoras ou tanto quanto as invenções mais arrojadas da ficção científica. Eu aprendi muito na vida com os ignorantes. Um dia, em minha loja de material de construção, entrou, no princípio da Segunda Guerra, um caipira bem caipira, de Piracaia, com um embrulho sangrento. Para ser gentil, perguntei o que era, ele disse: “é figo”, ele queria dizer que era fígado cru. Perguntei para que servia enquanto meu empregado melhorava o embrulho, ele disse que era “um porrete para os óio”. Achei estranho, perguntei o que havia com os olhos dele e como iria usar o fígado cru. Ele me disse que comia o “figo” cru porque ele “não enxergava de*

noite”. Ele comprou algo, foi embora e eu entrei para minha casa rindo da fantástica ignorância do caipira. Ironizei bastante seu defeito de “não enxergar de noite”, o que me parecia óbvio, se não houvesse luar.

“Quando faço qualquer arte, jamais penso nas outras; mergulho na criação como se somente fizesse aquilo toda a vida. Por isso não consigo colocar níveis, dizer o que foi, ou o que é mais importante para mim. Sei que viver é o mais importante.”

Dois anos depois, em manchete, eu li a notícia: Cientistas ingleses acabam de descobrir uma nova doença, a “cegueira noturna”, analisando o comportamento de

pilotos de aviões de bombardeio ingleses. Essa deficiência, causada pela falta de vitamina “A” pode ser corrigida facilmente pela ingestão de fígado cru.

Eu fiquei estupefocado. O esperto intelectual, que se divertia com as bobagens supersticiosas do caipira de Piracaia, tinha sido um pretensioso idiota. Muitos anos depois, escrevi um artigo me penitenciando da minha incompreensão e superficialidade. Eu sequer anotara o nome daquele homem, nem lhe pedira mais informações. Eu terminei meu artigo afirmando: Cientistas pensam que foram pesquisadores ingleses que descobriram a “cegueira noturna”. Não foram eles, foi um caipira de Piracaia. Cientistas ingleses pensam que foram eles que descobriram a cura para a cegueira noturna. Não foram eles, foi o caipira de Piracaia.

Acredito na Ciência e a sigo. Mas tenho o maior respeito para qualquer informação marginal. A ciência considerava absurda a pretensão da Alquimia, entretanto depois da física quântica o absurdo é possível. Nunca me esqueço de um grosso volume, escrito por um Padre católico, corajoso evangelizador no meio da selva de Mato Grosso no começo do século passado. Estava preocupado com seu companheiro também padre, que fora de barco para a cidade próxima, um mês de viagem e já deveria ter voltado. Em último recurso, perguntou ao Pajé da tribo o que teria acontecido. O Padre conta em seu livro minuciosamente uma série de danças, cantorias, queimas de determinadas ervas, operações que atravessaram a noite. Dava para sentir no texto uma leve ironia. O Pajé afirmou que o padre voltaria na Primeira Lua e que tinha ferido a perna. Depois dessa frase o Padre

simplesmente escreveu: Na primeira mudança da lua voltou meu companheiro, que tinha sofrido um pequeno acidente na perna. E nada mais sobre o assunto. O Padre desprezara os primitivos ritos feitos pelo Pajé, sem admitir que, com eles, conseguira uma resposta correta. Cientistas são como Pajés, só que usam lentes, satélites, computadores e muita imaginação. Realmente, eles descobrem uma “cegueira noturna” e sua cura. O que eu gostaria de saber e desprezei a oportunidade era como o caipira conseguira fazer isso antes deles.

JCN: Conhece alguma coisa dos Quadrinhos de Alan Moore? O que e quais são suas considerações a respeito?

AC: *Quadrinhos sempre envolveram a minha vida. Bem menino, no Colégio Arquidiocesano, em São Paulo, ao lado da Estação da Luz, de manhã cedo, pela janela entreaberta do dormitório coletivo dos alunos internos, comprei o primeiro número do “Suplemento Juvenil”, Flash Gordon, Mandrake, Alex Raymond...*

Já escritor, em um Congresso de Escritores em S. Paulo, fui relator de uma tese sobre Histórias em Quadrinhos. Eu solicitei a tarefa, eles nem queriam tomar conhecimento, quadrinhos era bobagem, coisa de crianças etc, embora senhores respeitáveis comprassem para os filhos, lendo primeiro com muita atenção. Eu tinha acabado de ler a célebre tese do Umberto Eco, que ninguém conhecia e ficaram espantados. Graças ao meu relatório até votaram pela aprovação e publicação do trabalho que iam jogar fora.

Ruth Rocha me convidou uma vez para fazer uma HQ de ficção científica para uma revista que a Abril ia lançar. Eu a fiz e ela me perguntou se eu não faria os desenhos, pelo menos o primeiro tratamento. Quando ela me mostrou o nível dos que eles faziam – não são muitos que sabem que as histórias do Pato Donald eram feitas aqui – eu, que desenhava e pintava, disse que iria somente fazer uns bonecos para sugerir os planos e a continuidade. Eu não seria capaz, nem de longe, de atingir a perfeição internacional dos desenhos lá feitos. Minha história foi aprovada. Infelizmente, não sei por que, a Abril suspendeu o

lançamento. Também, com a mesma improvisação, fiz uma HQ erótica, passada em um planeta onde a roupa era tabu.

Mas retirei a história, um excelente desenhista da editora tinha saído, o outro era fraquíssimo. Nu mal desenhado ninguém suporta. Ponto final, acabou aí minha carreira, mas não o meu interesse. Colecionei muita coisa, acompanhei a transformação do Batman graças ao Alan Moore. Uma vez, em São Paulo, conversei com o criador do Mandrake, Lee Falk. Lembro-me que ele tinha a cara do Mandrake, bigodinho e tudo. (ou melhor, o Mandrake é que tinha a cara dele). Acho que a HQ adquiriu uma dimensão erudita, que permanecerá, a melhor parte, evidentemente, como em todas as artes. Em uma Oficina, eu dei as histórias do Bucovski para um aluno que julgava HQ pelas tiras comerciais dos jornais. Ele ficou surpreso. Não me lembro do quadrinista, mas você que sabe tudo, deve conhecer. A venda das HQs em todo o mundo diminuiu muito. Provável influência do computador, dos jogos e até da Internet. Mas ela não morrerá. Mais Alans Moores aparecerão, desenvolvendo e sofisticando uma linguagem que começou como espécie de sinopse desenhada da linguagem cinematográfica. Mas o próprio Alan Moore mostra que a HQ tem recursos de criação gráfica que o cinema não imitaria, sendo uma arte dinâmica. Quando surgiu o Cinema pensaram que o Teatro morreria, como alguns julgam que o livro desaparecerá. Isso é impossível. O que é possível e desejável é que a tecnologia criará um livro com cara de livro, peso de livro, letras opacas e um botãozinho que... bem, botõeszinhos podem fazer tudo.

No meu “A máquina de Hieronymus”, há um conto onde no futuro os livros tem dois sinais, um verde, outro vermelho. Apertando o vermelho o leitor sente, fisicamente, todas as sensações do personagem homem; tocando o verde, as sensações da personagem mulher. E, se um homem aperta o botão das mulheres ou os dois juntos? Há um “Warning”, prevenindo que o Ministério da Saúde não se responsabiliza... etc.

Desde o começo, em uma estatística geral, a temática das HQs dá uma grande maioria para a FC. É a última arte, justamente a do futuro. No cinema, idem, começando no berço, com Meliés.

A arte dos quadrinhos exige a soma de duas artes, as plásticas e a criação literária. Se é difícil publicar um livro, é quase impossível publicar uma revista de HQ profissionalmente, pela altura do capital necessário. Em uma exposição de desenhistas em Buenos Aires, vi trabalhos excepcionais que não conseguiram atingir o público, remunerados e com lucros. A realidade brasileira é pior. Essa dificuldade provoca a inevitável HQ comercial, fácil, apelativa, sem nenhuma audácia. Para poder se sustentar, a Arte comprada pelo grande público, se iguala ao desconhecimento geral, a impossibilidade da maioria desenvolver sua cultura e sensibilidade para exigir o melhor. Em São Paulo ainda guardo trabalhos publicados no Brasil, de artistas brasileiros, nível criativo do melhor que se faz no resto do mundo. Nem os autores nem as revistas conseguiram permanecer no mercado, quase completamente dominado pelo Comics americano. Alguns autores brasileiros foram desenhar lá fora, com sucesso. Talvez no futuro, com computadores baratos, ressurgirá uma artística HQ (nosso entrevistador tenta isso hoje mesmo) através de fanzines, coloridos, sofisticados, usando tecnologia de ponta, possibilitando o desenvolvimento do gênero, com a mesma perfeição com a qual se imprime uma página, hoje, em nossa casa, igual à impressa em uma Gráfica profissional.

JCN: André, esta é “bomba pura”, mas não vá fugir da raia, ok? No fanzine Megalon nº 8, de janeiro de 1990, em uma excitada Entrevista ao amigo Marcello Branco, você afirmou: “Conheço pessoas que fizeram coisas fantásticas e ninguém sabe ainda ‘[o grifo é meu]’, mas espero contar um dia...”. E então, mais de uma dúzia de anos depois, esse dia não teria chegado? O espaço é seu e é ilimitado...

AC: *Caro Zé Carlos, eu sou capaz até de responder a pergunta 13, mas, da entrevista dada ao Megalon eu esqueci praticamente tudo, mas não aquela promessa, que se refere a coisas que jamais esquecerei: o golpe militar de 64, que modificou a minha vida. Ainda não posso contar e não posso dizer o motivo, porque, dito, já estaria contando. Sinto muito.*

JCN: O que tem feito atualmente e quais seus novos projetos?

AC: *O fato de não dirigir o meu carro (o que fiz em São Paulo, algumas vezes, imprudentemente, mesmo sem saber se o farol estava verde ou vermelho) me acrescentou mais tempo em minha casa, tenho produzido bastante. Escrevi 23 contos de ficção (como muita gente está chamando agora, aquele gênero maldito que tem as mesmas iniciais de um Filho de um Cão). É material para mais do que um livro. Se algum editor ler isto, estou às ordens. Reescrevi, praticamente, minha obra inédita de poesia, 13 livros, 700 poemas, embora grande parte deles já tenha feito parte de uma Tese acadêmica de Mestrado e outras, patrocinadas pelo CNPq, com uma Antologia onde uma parte era citada. Espero editar. Tenho sido publicado em Antologias brasileiras e estrangeiras e continuo orientando uma Oficina de Literatura, com “oficinas” de alto nível, professores; um deles, Bertoldo, ganhou o concurso Scarium. Tenho dado entrevistas, filmadas ou escritas. Na Internet só respondo, quase não navego, não tenho tempo e vista, escrevo neste computador e continuo nele um ignorante, embora eu seja um veterano desde o 286. Não posso entender porque não contratam um bom escritor para traduzir as cretinices que o Bill Gates coloca nos programas, “esta página não pode ser exibida”, “você cometeu um erro fatal” “você cometeu uma operação ilegal”, etc.*

JCN: Continua acompanhando os fanzines? Acha que a nossa Literatura de gênero tem evoluído? Quais autores – tanto de ficção quanto de fato, ensaístas, críticos, etc. – você considera dignos de nota?

AC: *Sempre fui um admirador dos fanzines. Quem cria alguma coisa, imprime e distribui, por legítima vocação, é uma força viva na cultura brasileira, pois nenhum fanzineiro jamais ganhou dinheiro com isso, acontece exatamente o contrário. Quem faz isso merece admiração e mereceria apoio dos departamentos de cultura, correio gratuito, facilidades para difundir o seu trabalho. Porém o Brasil tem sido até agora um país corrupto, preconceituoso, injusto em todos os setores. Um ex-operário na Presidência é uma grande esperança, a longo prazo. Fiquemos todos atentos.*

Ultimamente não tenho acompanhado tanto as publicações como antes. Eu procuro sempre não generalizar opiniões que dependem na maior parte das

vezes de pesquisa e estatística.

Posso garantir, porque acompanho a FC brasileira desde quase o começo, que nestes últimos 15 anos a qualidade literária da produção melhorou muito. Não me refiro à quantidade nem de revistas nem de trabalhos publicados. Qualidade isolada.

Uma coisa comum nos Estados Unidos e um tanto rara e esporádica no Brasil são as Oficinas Literárias. Logo irá fazendo quase 20 anos que eu as tenho orientado quase ininterruptamente, sempre patrocinado por instituições. Quando em São Paulo a Secretaria de Cultura do Estado e da Prefeitura o faziam. Não existe método mais eficiente, rápido, interessante e divertido de se aprender a escrever bem, desenvolver técnicas, como a Oficina. Em São Paulo tive sempre alunos que já tinham publicado livros de sucesso, jornalistas, professores, editores etc. Pela constância da qualidade criativa dos participantes, não podia chamá-los de alunos (são mais meus companheiros) e até hoje os chamo de “oficinados”, como acontece aqui em Curitiba. É impossível eu citar nomes dos autores, críticos e criadores de fanzines da ficção científica brasileira. Um só que fosse esquecido eu consideraria uma grande injustiça. Todos eles são matéria prima desse próximo grande Brasil, do qual jamais duvidei, mesmo nos piores momentos. Conheço alguns países e nem sou um tolo “porque me ufano do meu país”, aquela história na qual os passarinhos aqui cantam melhor do que os de lá. Temos algo a mais, principalmente o senso de humor. Você pergunta quem é digno de nota. Você é um deles (parabéns pelos quadrinhos no Scarium) e parabéns para o resto da tropa, ou do rebanho, porque estou dentro e sou um... negro carneiro.

“Sem a Literatura acumulada nos séculos, o ser humano estaria muito mais próximo da animalidade que ainda o caracteriza nas páginas policiais. Em minhas oficinas ninguém gasta muito tempo com aquela americana lista de soft, hard etc. etc. Falamos em cenas que não saem da memória, em emoções que derramam lágrimas, falamos em ideias e como expressá-las com eficiência. Quem entra em um Museu não fica procurando renascentistas, impressionistas, dadaístas, cubistas ou abstracionistas. O espectador inteligente não procura escolas ou datas, procura obras primas.”

JCN: E nas Artes Plásticas em geral, qual dos seus trabalhos julga o melhor e o que tem feito ultimamente no gênero?

AC: Antes da minha visão sofrer a redução eu circulava por todas as artes que sempre produzi, pintura, escultura, desenho, capas de livros, cartazes, roteiros, cinema-arte, comerciais, TV (fiz um programa piloto para uma série sobre vocações na TV Senac etc.), fotografia artística, colagens etc.

Tenho recommçado a fotografar e gostado. Eu ia fazer uma exposição de nus em São Paulo, tenho só que ampliar meus negativos. Fiz pintura a óleo em telas e sobre outros materiais. Nos últimos anos me dediquei a aquilo que dei o nome de “Pintura Dinâmica”, geralmente placas de vidros coladas com colas especiais, com vários finos compartimentos. Dentro eu colocava

líquidos químicos, cores diversas, mercúrio e eventualmente, outras substâncias. O efeito é magnífico. O espectador deve pegar o quadro, colocá-lo na posição horizontal e as cores correm, no mesmo compartimento quando sejam não missíveis (com mercúrio, por exemplo), ou no compartimento abaixo e acima. A mistura de cores produz outras tonalidades, pode-se manipular o quadro e “criar” milhares de infinitas combinações. Entrei em uma Bienal das mais exigentes, embora tenha tido problemas: um dos quadros “implodiu”, pois, mesmo consultando químicos, ninguém podia calcular as reações das minhas misturas.

Fiz poucas exposições. Também de “poesia colagem”, poemas entre colagens. Ganhei prêmios com fotos arte, no Brasil e na Europa. Um dos meus filmes curta metragem representou o Brasil em um Festival na Inglaterra. Fiz até brincos e colares com pedras se-

mipreciosas. Em Tucson, eu colocava um colar, toda a manhã, na caixa de correio de uma jovem, durante quinze dias. Alucinada, ela veio morar comigo, aí parei.

Quando faço qualquer arte, jamais penso nas outras; mergulho na criação como se somente fizesse aquilo toda a vida. Por isso não consigo colocar níveis, dizer o que foi, ou o que é mais importante para mim. Sei que viver é o mais importante.

JCN: Já pensou em criar um Site para expor uma parcela de sua extensa e importante obra?

AC: Não. Jamais pensei em criar um site, por dois motivos. Primeiro, minha ignorância cibernética. Quando aparecem aqueles avisos de erro, junto com dez linhas de números e letras, fico imaginando se existe mesmo um técnico no mundo que ache aquilo. Segundo, têm aparecido muitos sites com informações, trabalhos e biografias minhas, alguém já contou mais de quinze, muitos em vários países. Por exemplo: <http://www.amigodaalma.com.br>, www.merceariapaulista.com.br, www.meiotom.hpg.com.br e www.atibaiamania.com.br.

JCN: Você ainda cultiva – e pratica – as ideias revolucionárias sobre Sexo livre e Anarquia preconizadas em suas obras, principalmente o romance “Amorquia”?

AC: Meu caro Admirável Homem das Neves, você deveria ir para a televisão. Primeiro, porque em algumas perguntas é só repetir o que você disse e fica ótimo; segundo, esse jeito de pedir um iminente strip-tease, e o entrevistado vai tirando tudo completamente hipnotizado, seria um sucesso. Pena que “Piscina Livre” e “Amorquia” estão esgotados, senão eu remeteria a eles, a resposta esta lá.

TV Band: “Você ainda cultiva e pratica...?” “Sim, dona Marcia, vamos mostrar para a senhora agora

mesmo...” (Palmas e urros)

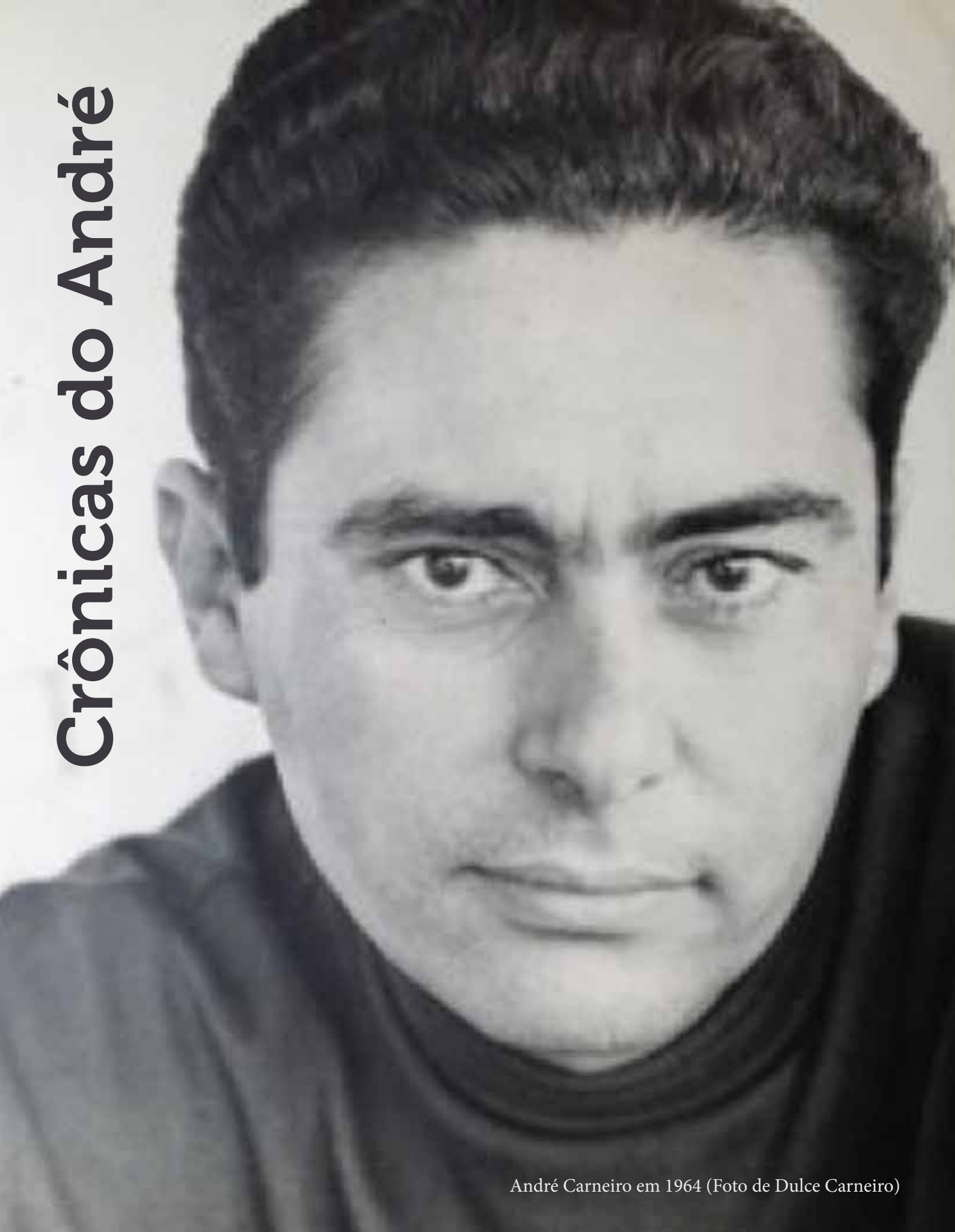
JCN: Passadas as ondas hard/soft, new-wave, cyberpunk, steampunk, slipstream, com o que você acha que a Caixa de Pandora que é a FC ainda pode nos surpreender? Ou será que – como você já faz apologia de longa data e no que concordo piamente – o rumo natural do gênero será o “não-gênero”, ou seja, uma ficção holística, abarcando todos os cânones, subvertendo-os, moldando-os para ser simplesmente ficção?

AC: Esta questão é um perfeito exemplo do primeiro exemplo dado na resposta 23. Faço minhas suas palavras. Nas artes e na literatura, vão surgindo as classificações didáticas, as separações por faixas etárias, estilos, temáticas etc. Há professores e alunos no Brasil, que aprendem só isso da produção artística. Decoram nomes, escolas e datas, mas não se embrenham nos livros, preferem o futebol ou o videogame. A Literatura de boa qualidade nos empolga, lemos sem poder largar o livro, as páginas suscitam nossa emoção, respondem ou provocam perguntas.

Sem a Literatura acumulada nos séculos, o ser humano estaria muito mais próximo da animalidade que ainda o caracteriza nas páginas policiais. Em minhas oficinas ninguém gasta muito tempo com aquela americana lista de soft, hard etc. etc. Falamos em cenas que não saem da memória, em emoções que derramam lágrimas, falamos em ideias e como expressá-las com eficiência. Quem entra em um Museu não fica procurando renascentistas, impressionistas, dadaístas, cubistas ou abstracionistas. O espectador inteligente não procura escolas ou datas, procura obras primas. Nossa ambição deve ser a obra-prima, não importa se esteja na sala DURA ou na SUAVE, melhor ainda se estiver em AMBAS.

JCN: André, foi um grande prazer aprender novamente com você. Vida Longa!

Crônicas do André



André Carneiro em 1964 (Foto de Dulce Carneiro)

FC, literatura de entretenimento?

Texto publicado originariamente na edição nº 56 do Somnium (março a junho de 1992), páginas 68/69.

por André Carneiro



Muitas vezes o artista esquece. Um texto pode se limitar e enfraquecer, quando se determina encaixá-lo em uma escola, tendência ou corrente da moda. O escritor não pode olvidar que as classificações são (ou melhor, devem ser) posteriores, relativas e meramente didáticas.

O chamado Concretismo, que passou muito rapidamente em algumas artes, é fruto do progresso tecnológico, a linguagem rápida (e superficial) da televisão. O movimento apelidado de Cyberpunk, que muitos já consideraram acabado, tem as mes-

mas raízes. Aproximá-lo do “clip” torna-se inevitável. Ambos nasceram do Surrealismo, o “non-sense”, a lógica inconsciente da teoria dos sonhos de Freud. A rapidez fica por conta dos meios de comunicação modernos, a mesma voz cálida dos locutores sentados em suas poltronas, olhando vagamente para o “tele-prompter”, anunciando com charme os milhões de dólares gastos pela Rosane e, sem pausas, descrevem a morte de centenas de pessoas em um desabamento.

Nenhuma novidade em escolas literárias na literatura é inútil ou dispensável. Sempre provoca reações, estímulos ou rejeições; sempre fica alguma coisa interessante para uso das gerações seguintes.

Dentro desse fenômeno do fanzine, da associação em clubes etc. dos leitores da impropriamente chamada ficção científica, há muitos elementos positivos e alguns que não o são.

Há algumas décadas, em um Congresso de Escritores, em São Paulo, apresentei uma tese que causou muita admiração. Era sobre a importância crescente das Histórias em Quadrinhos, seu valor estético, sua rápida transformação em arte autônoma. Os escritores presentes (com duas exceções, ainda me lembro) encararam aquilo como brincadeira. HQ era coisa de crianças, ninguém de bom senso daria importância para aquelas bobagens. Minha tese passou em branca nuvem. Anos depois, quando Umberto Eco escreveu seu célebre ensaio sobre o assunto, descobriram que os desenhos de Tarzan eram tão bons quanto os de Leonardo Da Vinci etc. É claro, mesmo que fosse eu quem tivesse escrito o ensaio do Umberto Eco e ele a minha tese, sempre seria ele o citado como o pioneiro na

“descoberta” da importância da HQ. Aprendi jovem que o inventor da máquina de escrever foi um padre brasileiro, e seus planos roubados por um “Remington” da vida. Embora Santos Dumont tenha voado pela primeira vez em Paris, saudado e fotografado pela imprensa, os irmãos Wright constam em todas as enciclopédias internacionais como os inventores do “aeroplano” e seu primeiro voo foi feito com poucas testemunhas e provas. Ser do terceiro mundo (ou quarto, se o Collor não sai) exige uma grande experiência e uma visão abrangente das conjunturas mundiais.

Voltando à FC, sua comunidade de admiradores constitui um caso raro (principalmente nos países analfabetos, como o Brasil), porque cultuam e se reúnem em torno de livros e de uma corrente literária. Não temos notícia que no Brasil exista uma comunidade de “fans” do “Ciclo da Cana de Açúcar”, a fazer palestras sobre José Lins do Rego. Será que os jovens sabem quem foi o Zé Lins? O perigo da paixão pela ficção científica está na exclusividade. Naquela minha tese sobre HQ eu terminava dizendo que era necessário que os intelectuais lessem HQ, o perigo só existia para quem lesse “só” histórias em quadrinhos.

Quando Thomas Dish esteve em São Paulo, alguns resolveram diminuí-lo ou criticá-lo pela sua condição de homossexual. Isso simplesmente revela machismo e falta de maturidade. Nenhum intelectual equilibrado vai diminuir Oscar Wilde, André Gide ou Mário de Andrade por esse motivo. Dish é respeitado nos Estados Unidos pela sua obra e, principalmente, pela sua visão crítica. Muitos exagerados “fans” se irritam quando ele critica exatamente o “fanatismo” dos jovens que só leem FC. A crítica literária nasceu fora e muito antes da FC. Não existe uma crítica para a FC diferente daquela que vem sendo feita na literatura de todos os tempos. Evidentemente, um verdadeiro e competente crítico não analisa um romance psicológico sem conhecer Freud, Lacan etc. e nem vai criticar um romance histórico sem conhecer história.

Caímos aqui no velho problema. A FC é somente “literatura de entretenimento”? Uma grande quantidade de críticos acha que sim. Eu acho que não. E, quando cito a qualidade de alta literatura de um

Aldous Huxley, Orwell, ou um autor pouco citado, como Daniel Drode, os críticos alegam que esses não podem ser classificados como “escritores de ficção científica”, porque fazem trabalhos profundos e de valor literário, não entretenimento. Ultimamente, venho juntando fatos que me levam a pensar que a dinâmica coletividade reunida em torno dos fanzines ou de publicações especializadas da ficção científica assume e defende a tese de que a literatura de ficção científica é realmente entretenimento, diversão superficial. Eu fico apenas decepcionado. Todos têm o direito de achar “chato” um James Joyce, um Dostoiévski dos “Possessos”. Mas, esse leitor não teria coragem de “criticá-los” em um fanzine. O que se tem de elogiar sem restrições na comunidade dos fanzines etc. é a criação literária.

O fanzine é um veículo extraordinário para o início da carreira de um escritor. Entretanto, aquele clima de companheirismo (elogiável) leva à ilusão de que um promissor contista possa também penetrar na criação alheia e classificá-la, diminuí-la, sem possuir os instrumentos de cultura, ética e competência para fazer isso.

Sou obrigado a admitir que, se esses “críticos” acham que a literatura de ficção científica é simplesmente entretenimento, diversão superficial, sem nenhuma ambição de ficar na história literária de um país, então eles estão justificados. Se eles não se divertem com um romance de FC, o romance não presta e eles proclamam isso sem a menor timidez. “Não me diverti, não gostei, então não presta”. E escrevem um artigo.

Se eu estiver enganado, ficarei muito feliz de não ter razão. Mas, começo a temer que os maiores responsáveis pela ficção científica ser considerada menor e sem importância sejam, exatamente, fruto dessa desinformação cultural.

“O perigo da paixão pela ficção científica está na exclusividade. Naquela minha tese sobre HQ eu terminava dizendo que era necessário que os intelectuais lessem HQ, o perigo só existia para quem lesse “só” histórias em quadrinhos.”

(André Carneiro)

Discos e Levitação

Texto publicado originariamente na edição nº 45 do Somnium (maio/junho de 1990), páginas 54-56.



por André Carneiro

Não são somente os cientistas que dão um sorriso cético quando se pergunta o que acham de discos voadores. Conheço alguns escritores internacionais de ficção científica que balançam a cabeça e nem gostam de falar no assunto. Eu também levanto as sobrancelhas quando aparece alguém muito entusiasmado contando o que viu “em uma noite escura, em uma praia...”.

Posso tentar explicar o porque. O que existe de ingenuidade, vigarice e má-fé (com bons lucros) dentro de assuntos como UFOs, Parapsicologia, hipnose e orientalismos da Era de Aquário é surpreendente. Pablo Vilarrubia me convidou para assistir uma entrevista sua com um médico hipnotizador e um rapaz (inteligente) que teve uma impressionante experiência com um UFO em uma estrada próxima a São Paulo. O que ele contou em duas horas eu posso resumir em algumas linhas. Vinha correndo para São Paulo, um carro atrás começou a dar sinais de luz e buzina, parou

em uma curva e ambos (o de trás parou também, e mais cinco carros) viram um disco pairando sobre o solo, com mais ou menos trinta metros de diâmetro, medida muito repetida pelos videntes. O disco iluminou-se e começou a subir lentamente. Havia janelas e o rapaz pôde identificar claramente algumas figuras humanoides. Abstenho-me de repetir todas as considerações hipotéticas (inclusive uma pretendida transmissão de pensamento) que houve entre os “alienígenas” e o entrevistado. Também passo por cima de algumas considerações de testemunhas, cinco ou seis. O dono do carro que dera os sinais de buzina ficou muito nervoso e partiu em grande velocidade. O nosso inteligente rapaz, muito preocupado, saiu com seu carro atrás do outro (para evitar um desastre ou coisa que o valha). Bem, esqueci de explicar que eu solicitara ao Pablo para me apresentar como motorista. Como já publiquei dois livros sobre hipnose, se dissesse o meu nome o médico hipnotizador poderia talvez me conhecer e

isso eu não queria.

Nessa altura da narração, fiz uma afirmativa: “Você perdeu o contato com aquelas testemunhas, não perdeu?”. A resposta vocês já devem ter adivinhado. “Sim, perdi, mas agora eu gostaria que a reportagem pedisse que eles se apresentem, etc. etc..”. Eu não duvido que apareçam as testemunhas, não aquelas citadas pelo rapaz, que nunca existiram, é claro, mas dezenas de outras, capazes até de reconhecer nosso personagem. E qual o papel do médico hipnotizador? Ele costuma ser procurado pelos avistadores de UFOs que são hipnotizados e, debaixo de transe, completam a história e dão a origem dos tripulantes (neste caso, eram de um planeta da constelação de Sírius. Os oito anos-luz de viagem naturalmente eram feitos em segundos através de “uma segunda porta” e está explicado o fenômeno). Estava conosco, também assistindo a entrevista, uma jovem inteligente, simplesmente entusiasmada, acreditando na história do encontro de terceiro grau (isso porque depois os encontros se repetiram mais de dez (!) vezes, mas eu poupo vocês em descrevê-los). Como eu falei somente meia dúzia de palavras durante todo o tempo (o médico até comentou que eu estava desinteressado do assunto), saí de lá engasgado com tanta tolice. A jovem ficou muito surpresa quando, ao perguntar a minha opinião, eu disse que aquilo tudo era um amontoado idiota de invenções sem a menor verossimilhança.

– Então – eu disse a ela – uma nave espacial caminha pelo espaço de oito anos-luz, pausa em uma curva da estrada de Mogi das Cruzes, no planeta Terra, diante de meia dúzia de idiotas sem capacidade nem de pedir os endereços de cada um e, por transmissão de pensamento, afirmam que o objetivo da viagem é simplesmente “acostumar os terrenos com as visitas dos alienígenas”?

Os testemunhos daqueles que afirmam ter viajado ou conversado com os tripulantes de discos voadores é sempre de uma cretina simplicidade. Aquele célebre pastor protestante, que passou três dias em um disco e cuja aventura eu já comentei em outra crônica (o tal que não sabia descrever a privada do disco, que tinha até válvula Hidra...), afirmava com a maior cara de pau que os alienígenas tinham vindo à Terra para demonstrar uma forma

“A informação, a cultura, são básicas e essenciais para que tenhamos discriminação na análise dos assuntos e na orientação da nossa vida. Talvez porque a ciência caminhe tão depressa, a ignorância mundial se acentue de maneira chocante.”

(André Carneiro)

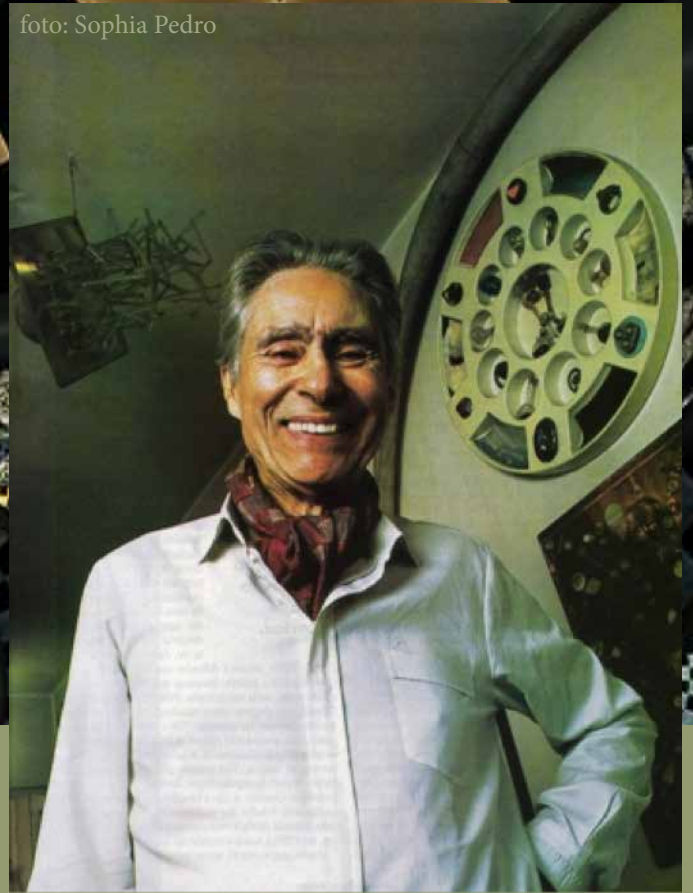
de respiração que ele ensinava em seus cursos, cobrando muito bem. E todos os seus alunos acreditavam nisso. A mensagem from out of space mais comum é a de que os homens precisam estabelecer a paz, que a descoberta da bomba atômica põe em perigo a fraternidade da galáxia, e tombamos direto na Jornada nas Estrelas.

Eu afirmei que o médico, o rapaz e a jovem eram inteligentes, não por ironia, mas porque eram mesmo. Mal informados, porém vivos, se expressando com vivacidade e eficiência. Devem acreditar até hoje, como eu aprendi na escola, que o homem é a figura máxima da criação divina, que somos imortais e muito importantes. O grande cientista Hawking, analisando Nostradamus, profetas e santos antigos, indaga por que nenhum deles nos informou de que a Terra não era o centro do Universo, ou bastava deixar por escrito a simples fórmula da Teoria da Relatividade de Einstein (mesmo que seja substituída por outra, seria uma “prova” impressionante).

Os que afirmam terem encontrado e falado com os alienígenas dos discos voadores parecem estar vivendo em época anterior a Copérnico e Galileu. Um astronauta que viajasse a 99,999% da velocidade da luz poderia circular nossa galáxia em poucos anos, mas, na Terra, já se teriam passado trezentos mil anos.

No começo do século, um intelectual, um escritor, com os rudimentos científicos que possuíam, podiam escrever seus romances sem cometer gafes notáveis. Hoje não. A ciência não é mais um reduto dos laboratórios, mas faz parte do nosso cotidiano. Ligamos a televisão de controle remoto e vemos, ao vivo, o que acontece no mundo naquele instante. A informação, a cultura, são básicas e essenciais para que tenhamos discriminação na análise

foto: Sophia Pedro



ANDRÉ CARNEIRO

MAGO QUÂNTICO DA PALAVRA

por Paulo Urban

Texto originariamente publicado na Revista Planeta, edição nº 348, setembro de 2001.

Texto republicado em 27/12/2009 no site Amigo da Alma, do autor Paulo Urban: www.amigodaalma.com.br/2009/12/27/andre-carneiro-mago-quantico-da-palavra/

*“Combino mecânica quântica e a gravidade.
Sigo a partícula do espaço-tempo,
descubro a hora imaginária.
Heisenberg me olha cheio de incertezas.
Que barro foi usado na fabricação da carne?”*

*Jogo o tarô das palavras molhadas em suor e lágrimas.
A alma respira oxigênio.
Vírus e micróbios
sonham com sangue e a carne do homem.”*

São versos do poema “Heisenberg me olha”, de André Carneiro, dedicado ao físico alemão Werner Heisenberg, um dos pais da teoria quântica, que, desde a década de 1920, vem revolucionando absurdamente com seus modelos e perguntas a visão da ciência clássica, ainda persistente, acerca do Universo.

Heisenberg, admirado diante dos paradoxos alcançados pela nova física, percebeu que, se mirasse o telescópio no átomo, compreenderia o segredo das estrelas. Ele enuncia o *Princípio da Incerteza*, que afirma ser “impossível precisar a posição e o *momentum* (massa X velocidade) das partículas subatômicas; quanto mais conheçamos seu *momentum*, menos saberemos qual a sua posição e vice-versa”. *Momentum* e posição só se revelam dentro de uma relação necessária de incertezas.

E o mundo atômico nos surge imponderável, repleto de fenômenos dos quais só podemos imaginar as probabilidades de ocorrência. Foram identificados os léptons, os mésons e os bárions, com suas subclasses e respectivas antipartículas, e, até o final do século XX, mais de 200 entidades subatômicas estavam catalogadas. Penetrar no santuário atômico obrigou-nos a repensar a natureza; trouxe à ciência indagações cosmogônicas semelhantes às dos filósofos pré-socráticos, e desembocou inevitavelmente na cascata de perguntas que leva o homem a conhecer mais profundamente sua atribulada existência.

Exatamente isso é o que faz André Carneiro ao longo de sua extensa produção, tomada por dilemas

quânticos, atenta às possibilidades parapsicológicas desde a publicação de seu primeiro livro de poesias *Ângulo e Face*, 1949, editado por Cassiano Ricardo. Em “Ondas Quânticas”, expressa:

“O Universo só existe quando observo.

(...)

*Penso, algo atravessa
e molda um fato.*

*O espelho me inventa,
a ruga não sou eu quem traço.*

*Comprimo o corpo de átomos,
entro nos túneis do mundo
e passo.
Você sorri,
não acredita no inseto dourado
quando eu pouso na face.*

Energias quânticas modelam seios e braços.”

André teve inicialmente seu nome incluído na terceira geração modernista de 1945. Desconhecida do grande público brasileiro, ainda que traduzida em dezenas de línguas, sua obra, prosa ou poesia, tem sido objeto de algumas teses acadêmicas, uma das quais foi defendida em Tucson, Arizona, em 1976. Privilégio meu, tive a oportunidade de assistir à defesa de *O Estilo de André Carneiro*, em 1996, na Unesp, campus de Assis (SP). “Fazer arte conten-sa, eis a ambição de Carneiro, cuja obra estabelece a continuidade modelar do modernismo, das influências de 22 e 30, passando pela Geração de 45 até atingir plena autonomia entre os anos 60 e 90 como uma das mais inventivas da modernidade brasileira”, explica-nos o professor de literatura Oswaldo Copertino Duarte, autor da tese.

Também uma biografia de André vem sendo diligentemente pesquisada pelo psicanalista e jornalista Marcial Oliveira, que exclama: “O que crescentemente me surpreendeu, à medida que avançava na leitura e na vivência com a pessoa de André Carneiro, é como um homem de tão vasta obra e talento possa

ser um quase desconhecido mesmo nas camadas que se dizem cultas. Que estranho país é o Brasil!”

André iniciou-se como crítico político em 1943 nos jornais da região de Atibaia (SP), sua cidade natal. Seus textos despertaram o interesse do poeta Domingos Carvalho Silva, que foi visitá-lo. Cumprimentando o jovem escritor, advertiu-o para que tomasse cuidado com a ditadura Vargas, que acabara de entregar aos nazistas e à morte a mulher judia de Luís Carlos Prestes. E pediu-lhe artigos sobre arte que, publicados no *Correio Paulistano*, repercutiram entre os intelectuais.

Em abril de 1948, promoveu-se o 1º Congresso Paulista de Poesia, que cunharia o termo *Geração de 45* para aquela classe reunida de escritores e críticos: Sérgio Milliet, Antônio Cândido, Péricles da Silva Ramos, José Geraldo Vieira e outros. Patrícia Galvão, a Pagu, que já fora casada com Oswald, e ele próprio, faziam-se presentes. André Carneiro estava à mesa como representante do Interior. A ausência de Mário de Andrade, recentemente falecido, honrosamente foi lembrada. Não pretendiam criar polêmica com o movimento de 22, isto é mito; estavam sim reunidos para dar continuidade e firmar os passos da nova tendência literária. André mantinha-se calado diante daquelas “vacas sagradas”, ele conta. Após o último dos grandes ter falado, pôs-se a defender sua tese, ao fim da qual Oswald pediu palavra. Imaginou que por suas ironias de agudo senso seria escorraçado. Poucos ousavam enfrentar Oswald, cuja elegante verve transformava em verdade tudo quanto dissesse ou quisesse. “Se a burrice pode ter sua assembleia, porque não podem os homens inteligentes aqui se reunir?”, começou assim, e lançou sobre Carneiro uma carrada de elogios. Tornaram-se grandes amigos. Oswald passou a visitá-lo regularmente. André frisa que o nome se pronuncia *Oswálde*, e não *Ôswald*, como querem perfumar os literatos. A todos que o chamavam na pronúncia inglesa, Oswald corrigia veementemente. Suas oito ex-mulheres, seus filhos, todos o chamavam de *Oswálde*.

André lança em 49 seu próprio jornal em Atibaia, *Tentativa*. O primeiro número, apresentado por Oswald de Andrade, garante imediato sucesso. Oswald publicaria aí vários artigos. Aldemir Mar-

tins o ilustra; José Lins do Rego, Murilo Mendes, Otto Maria Carpeaux, Graciliano Ramos e Vinícius de Moraes são alguns que, de suas páginas, tomam parte. Logo surgem correspondentes enviando-lhe material de Paris, Lisboa, Buenos Aires e outras capitais da cultura.

Em 1950, atualizado com as pesquisas de J.B. Rhine na Universidade de Duke, Carolina do Norte, E.U.A., Carneiro começa a estudar e a divulgar a parapsicologia no Brasil, sendo um dos precursores dessa ciência no País. Estuda hipnose, praticando-a cientificamente. Escreveria anos mais tarde dois livros a respeito, elogiados pelo erudito psiquiatra Dr. Carol Sonenreich, meu mestre, a quem muito devo, particularmente. André faz palestras em Paris sobre arte, cinema e hipnose, recebe *Médaille d'Argent da Société D'Education et Encouragement*, de Paris, e é traduzido (*Elegie Noturne*) pela revista francesa *Revue Moderne*.

Um ano depois é feito *Membre D'Honneur da Academie Ansaldi* de Paris e, década afora, seus prêmios multiplicam-se pelo Brasil, Itália, Holanda e outros países. Cineasta, filma, entre outros, *Solidão*, premiado na Inglaterra em 1952, e escreve o roteiro de *Os Pereyras*, premiado em São Paulo, em 54. Recebe, por seu conto *Começo do Fim*, o Prêmio Machado de Assis e tem seu nome incluído no *Dicionário da Literatura Brasileira* de Raimundo de Menezes, e também na *Enciclopédia Delta Larousse*, 4º vol. Publica em 1965 o *Diário da Nave Perdida*, literatura fantástica de fazer inveja aos amantes de Jorge Luís Borges. Em 66, edita *Espaçoplano*, poesias, vencedor do concurso Alphonsus de Guimarães. Em 1967, escreve *Introdução ao Estudo da Ficção Científica*, publicação hoje esgotada, um *cult* entre os aficionados do gênero. Contos desta época seriam, anos mais tarde, transformados em filme. *O Mudo*, premiado no Brasil e Espanha, e *Alguém*, com Nuno Leal Maia e Éwerton de Castro, direção de Júlio Xavier da Silveira, versão em vídeo pela Videoban. Outro conto, *O Homem que Hipnotizava*, é produzido pela Globo como *Mergulho no Espelho*, com Marcelo Picchi.

André enfrentaria ainda sua segunda ditadura no Brasil. Esta para ele muito mais grave, pois sua cabeça esteve a prêmio tanto quanto sua arte. Inti-

mamente ligado ao grupo que se apossou do cofre de Adhemar de Barros, a famosa “caixinha”, e que sequestrou o embaixador alemão, depois trocado pela liberdade de presos políticos, dentre os quais figurava Fernando Gabeira, André viu-se obrigado a viver ora fugindo, ora escondido num quarto secreto de sua casa em Atibaia. Raspou o bigode, trocou seu nome para Augusto, depois Joaquim, e ocultou-se na casa do espanhol Lafoz, ativista político condenado à morte duas vezes em seu país, que vivia clandestinamente no Brasil. Os difíceis anos rebeldes produziram poesias como *Eu Escapo*:

“Não tenho gravata
O último bigode raspei em 1º de abril de 64.
Darcy menina, inventora da minissaia
ficou com as crianças, eu fugi
na subversiva perua *Volksvagem*.”

Tudo verdade! Darcy era a babá que já usava minissaia muito antes da moda aparecer em Londres, e ficou cuidando dos filhos pequenos de André, enquanto ele tentava salvar o pescoço. Décadas depois, o tema lhe renderia *Estado de Alma*:

“Encontrei-me com Kafka
nos corredores da Justiça.

(...)

O que faço nesta manhã de maio?
(certo é manhã de abril)
mas a poesia é relatório cifrado
para alienígenas no espaço,
a verdade é um susto atrás das letras.
É bom meu estado de alma.

O sol resplandece nos buracos ozônicos,
tenho minha amiga barata/a conversar pelas antenas.”

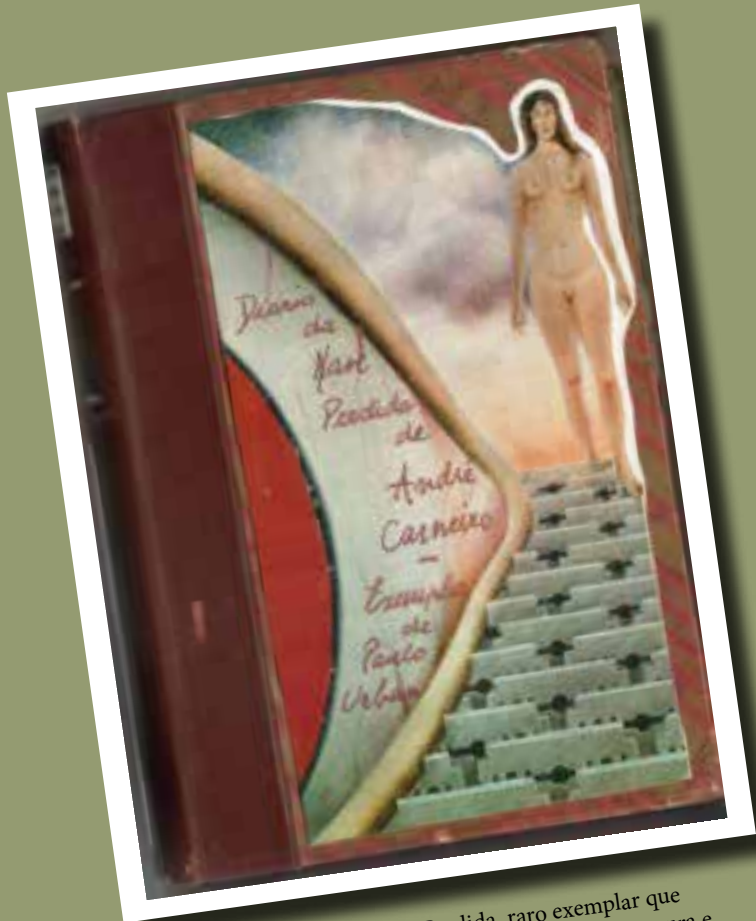
Driblando a inteligência do Estado, André consegue publicar textos na Argentina, Bulgária, Rússia, Espanha, França, Itália, E.U.A., e participa de antologias ao lado de Anton Chekhov, Aldous Hu-

xley, Gabriela Mistral, Berthold Brechet e outros. Com a abertura política, volta a publicar no Brasil. Seu livro de ficção *Piscina Livre*, ed. Moderna, 1980, traz uma trama erótica situada num mundo cibernético futurista e indefinido. A obra repercutiu no exterior, sobretudo na Suécia. Anos antes, a Putnam, uma das principais editoras dos E.U.A., selecionando os melhores do mundo em ficção científica, edita *The Definitive Year's Best Selection* (1973), no qual encontramos contos de André Carneiro publicados ao lado de Isaac Asimov e Arthur C. Clarke. E Carl Sagan parece ter-se inspirado em ideias suas na introdução de *Os Dragões do Éden* (1977). Alemanha, Argentina, Espanha e Japão são apenas outros lugares onde sua ficção fantástico-realista encontra sucesso. Em 1988 publica *Pássaros Florescem*, ed. Scipione, Prêmio Bienal Nestlé de Poesia, cujas poesias estão traduzidas para o inglês pelo linguista norte-americano Leo Barrow.

Na prosa científica, publica em 1991 *Amorquia*, ed. Zenith, cujo enredo explora uma sociedade totalitária evoluída tecnologicamente, onde o amor é algo extraordinariamente livre, e a morte, rara ocorrência do acaso. Trata-se de um inteligente contraponto tanto ao *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, quanto ao 1984, de George Orwell, permeado, entretanto, com o requinte da angústia existencial de Camus; os três citados, diga-se de passagem, fortes influências no estilo carneiriano.

Mais recentemente, em 1997, a Universidade Federal de São Carlos (SP) escolheu Carneiro para abrir a coleção *Visões*, de literatura fantástica. O conto título do livro, *A Máquina de Hyerônimus*, é pura parapsicologia e mecânica quântica combinadas, marcas registradas de sua criação: um homem constrói uma misteriosa máquina capaz de realizar desejos, mas acaba pegando na situação em que a cobra morde o próprio rabo, pois logo se vê enredado na trama pelos desejos de outras duas mulheres que compartilham de um excitante triângulo amoroso, abrindo espaço para um questionamento existencial mais severo.

Seus poemas trazem esse mesmo caráter. Por meio de versos articulados em estilo fragmentário, que atiram em nossas caras as contradições da vida, o poeta contrapõe ao progresso cibernético a



Diário da Nave Perdida, raro exemplar que recebi das mãos do mestre, com fotogravura e dedicatória manuscrita na capa

precária condição humana, repleta de angústias indefinidas que nunca sobram resolvidas, apesar da sedução tecnológica que prega a virtualidade de um mundo sem problemas. Sua poesia é um convite à introspecção e à análise espiritualizada de nós mesmos. Vejamos trecho de seu *Retrato da Terra*, de *Espaço pleno*, 1966:

*“Parapsicologia legalizou fantasmas,
futuro se tornou presente.
Discos telegrafam que não estamos sós.
E o livre arbítrio, / eternidade do céu e do inferno?”*

*Telequinésia, isótopos, biônica,
cartas Zenner,
cibernética
/Radar acaricia / uma neblina fria / no corpo de Vênus.*

*Crianças brincam de faz-de-conta
/ telescópios provocam as estrelas.*

*(...) Ano dois mil / fim do mundo.
E os olhos / claros, frios, / do microscópio?*

*Escrevo um poema.
Na última edição,
crime do punhal,
previsão, tempo duvidoso.*

*À noite o sono nos recarrega.
Manhã, entre milhões,
calçamos os sapatos,
recomeçamos as tarefas.”*

Toda a obra carneiriana constitui uma parábola sobre o homem, o mundo e a História. Sua poesia esbanja termos científicos e metáforas inauditas, mesclando-os a um discurso híbrido, polivalente, capaz de assombrar o leitor com a realidade dos universos paralelos, com as descobertas parapsicológicas, para fazê-lo refletir melhor acerca do rumo que toma para si a impaciente humanidade. André rouba termos do hermetismo, da alquimia, e esteticamente os amarra às nossas agruras pessoais. Seus poemas são móveis que circulam e se transformam diante dos olhos do leitor, que encontrará por certo, no conjunto de seus textos, a ordem subjacente por detrás do aparente caos quântico de seus (uni)versos.

Antecipemos seu poema *Quântica Realidade*, do ainda inédito *Asas da Sobrevivência*:

*“Na pequena morte
ressuscito o mundo estranho
da minha cabeça.*

*Sou o mandarim no sonho da borboleta.
Vivo a irrealidade dos fatos
sem a memória acordada.*



*Neste próximo milênio
faço 15 bilhões de anos.
Ainda tenho na ponta do dedo
um átomo girando do big-bang.*

*A cobra,
desesperada
com a falta dos braços,
abraça Eva com o corpo inteiro.*

*Os avós peixes não se lembram
quando saíram da água.
Não há mais opostos:
real e imaginário,
passado e futuro,
vida e morte.*

*As palavras caíram
no lago global do esquecimento,
a quântica relatividade dança conosco
no espaço curvo deste planeta redondo.”*

Numa de suas entrevistas para a tese do Prof. Duarte, confessou: “O poeta lida com a surpresa, o arbitrário, o paradoxal. Ele é uma espécie de cientista louco. Mistura tudo, e quando explode, é uma maravilha”. Em outro livro inédito, *Virtual Realidade*, compõe:

*“O segredo da vida nem lemingues decifram,
escrevo poesia,
branca bengala do cego,
junto hieróglifos no labirinto.”*

Se não pode, porém, revelar-nos o segredo da vida, que nem mesmo a melhor poesia alcança, o poeta nos oferece a pista para que entendamos quem ele é e qual o sentido de sua obra. De fato! Que país estranho o nosso, ratifiquemos seu biógrafo que se queixa desse seu quase anonimato, já que o mago da palavra encerra assim um de seus poemas:

“No fim da página sou eu o eco!”

Perceba-se a poesia de sua voz por trás dessas sábias quânticas palavras!

PAULO URBAN é médico psiquiatra e Psicoterapeuta do Encantamento

PUBLICAÇÕES DE ANDRÉ CARNEIRO

SILVIO ALEXANDRE

CONTOS & ANTOLOGIAS

Além do Tempo e do Espaço – Antologia de Cientificação. “Um Casamento Perfeito”. Álvaro Malheiros (org.). São Paulo, SP: Edart. Coleção Cientificação nº 6, pág. 43, 1965.

L'Année de la Fiction - Polar, S.F., Fantastique, Espionnage. “Les Ténèbres” (A Escuridão). Fevereiro. Tradução de Bernard Goorden. Jean-Claude Alizet (org.). Amiens, França: Encrage Editions. Coleção Travaux, volume 4, 1993.

Antarès. “La Prostituée” (A Prostituta). Tradução de Jean-Pierre Moumon. La Vallette, França: L'association Antares. Nº 1, pág. 18, 1981.

Antarès. “Le Fusil” (A Espingarda). Tradução de Jean-Pierre Moumon. La Vallette, França: L'association Antares. Nº 5, pág. 80, 1982.

Antarès. “La Question” (A Pergunta). Tradução de Jean-Pierre Moumon. La Vallette, França: L'association Antares. Nº 7, pág. 100, 1982.

Antarès. “Le Gorille” (Meu Nome é Go). Tradução de Jean-Pierre Moumon. La Vallette, França: L'association Antares. Nº 10, pág. 106, 1983.

Antarès. “Journal de Bord d'un Vaisseau Perdu” (Diário da Nave Perdida). Tradução de Jean-Pierre Moumon. La Vallette, França: L'association Antares. Nº 12, pág. 53, 1983.

Antarès. “Le Grand Mystère” (O Grande Mistério). Tradução de Jean-Pierre Moumon. La Vallette, França: L'association Antares. Nº 20, pá. 106, 1985.

Antologia Brasileira de Ficção Científica. “O Co-

meço do Fim”. Gumercindo Rocha Dórea (org.). Rio de Janeiro, RJ: Edições GRD. Coleção Ficção Científica GRD, vol. 6, pág. 1961.

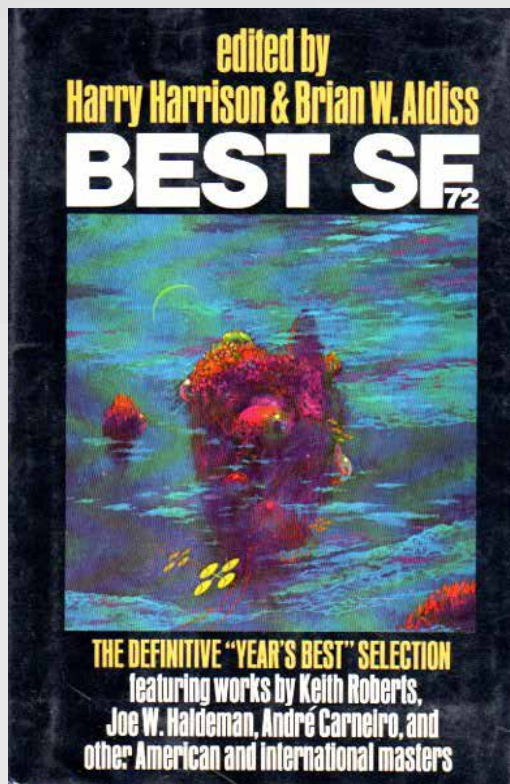
Antologia Internazionale di Fantascienza. “Il matrimonio perfetto” (Um Casamento Perfeito). Tradução de Maria Cristina Pietri. Sam J. Lundwall & Brian W. Aldiss (orgs.). Milão, Itália: Editrice Nord. Série Cosmo Collana di Fantascienza nº 181, pág. 12, 1987.

Antologia Internazionale di Fantascienza - Due Famosi Romanzi di Fantascienza. “Il matrimonio perfetto” (Um Casamento Perfeito). Tradução de Maria Cristina Pietri. Sam J. Lundwall & Brian W. Aldiss (orgs.). Milão, Itália: Editrice Nord. Pág. 12, 1992.



Assembleia Estelar - Histórias de Ficção Científica Política. “Gabinete Blindado”. Marcello Simão Branco (org.). São Paulo, SP: Devir. Coleção Pulsar, 2011.

Best SF 72 - The Definitive Year's Best Selection. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison & Brian W. Aldiss (orgs.). Nova York, Estados Unidos: Berkley Medallion Publishing. Volume 6, pág. 96, 1973.



Best SF: 1972. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison & Brian W. Aldiss (orgs.). New York, Estados Unidos: Putnam. Pág.96, 1973.

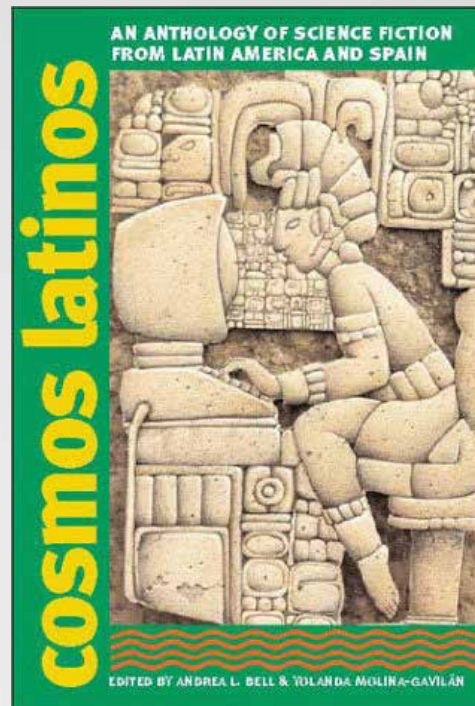
Como era Gostosa a Minha Alienígena!. “Meu Nome É Go”. Gerson Lodi-Ribeiro (org.). São Caetano do Sul, SP: Ano Luz, 2002.

Confissões do Inexplicável. São Paulo, SP: Editora Devir. Coleção Pulsar, 2007.

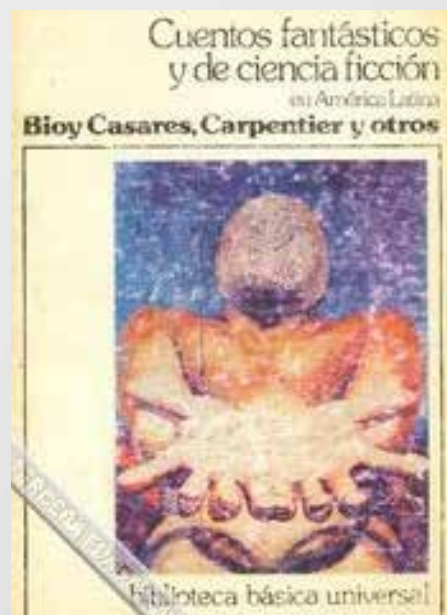
Contos Imediatos. “Pensamento”. Roberto de Sousa Causo (org.). São Paulo, SP: Terracota. Pág. 117, 2009.

Cosmos Latinos: An Anthology of Science Fiction from Latin America and Spain. “Brain Transplant”

(Transplante de Cérebro). Tradução de Joe F. Randolph. Yolanda Molina-Gavilán & Andrea L. Bell (orgs.). Middleton, Estados Unidos: Wesleyan University Press. Pág. 194, 2003.



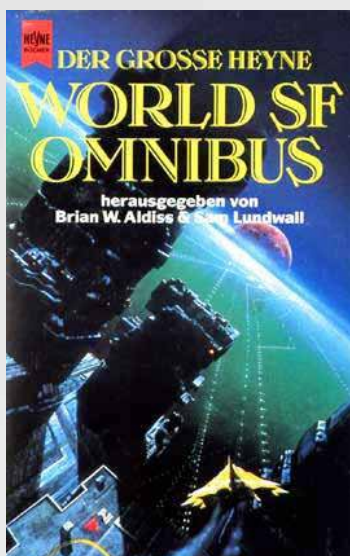
Cuentos Fantásticos y de Ciencia Ficción en América Latina. “Trasplante del Cerebro” (Transplante de Cérebro). Tradução de Marcial Souto. Elvio E. Gandulfo (org.). Buenos Aires, Argentina: Centro Editor de América Latina. Coleção Biblioteca Básica Universal nº 171, pág. 26, 1981.



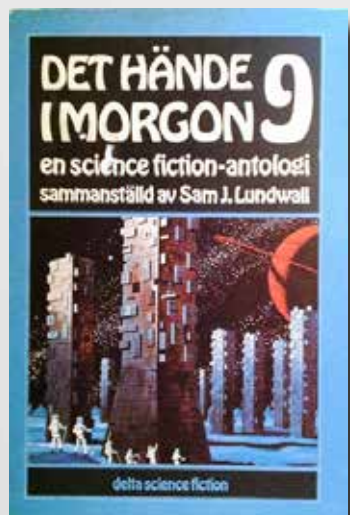
D.O. LEITURA. "O Tesouro". São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado. N° 4 (44), pág. 2, janeiro, 1986.

Después de la Bomba. "La Escopeta" (A Espingarda). Tradução de Pedro Domingo Mutiño. Barcelona, Espanha: Ediciones Dronte. Biblioteca Básica de Ciencia Ficción n° 10, pág. 67, 1982.

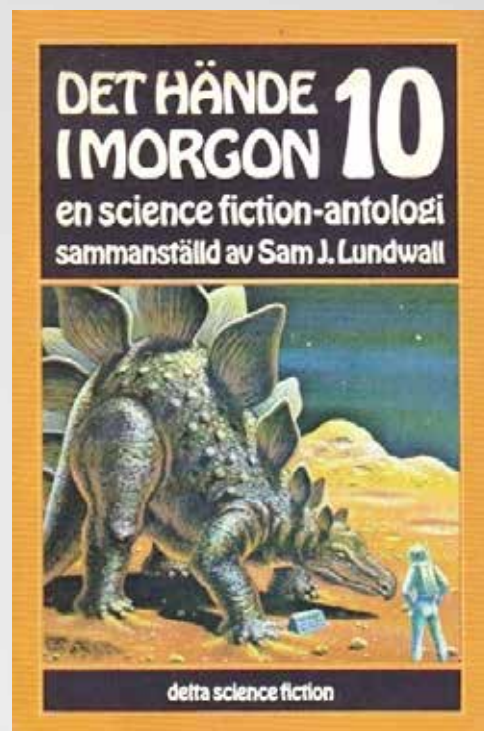
Der Grosse Heyne World Omnibus of Science Fiction. "Eine Perfekte Ehe". Tradução de Lore Strassl. (Um Casamento Perfeito). Brian W. Aldiss & Sam Lundwall (orgs.). Munique, Alemanha: Heyne Verlag, 1991.



Det hände i morgon. "Spåmannen". (O Homem que Adivinha). Tradução de Gunnar Gällmo. Sam J. Lundwall (org.). Estocolmo, Suécia: Delta Förlags. N° 9, 1978.



Det hände i morgon. "Mörker". (A Escuridão). Tradução de Gunnar Gällmo. Sam J. Lundwall (org.). Estocolmo, Suécia: Delta Förlags. N° 10, 1979.

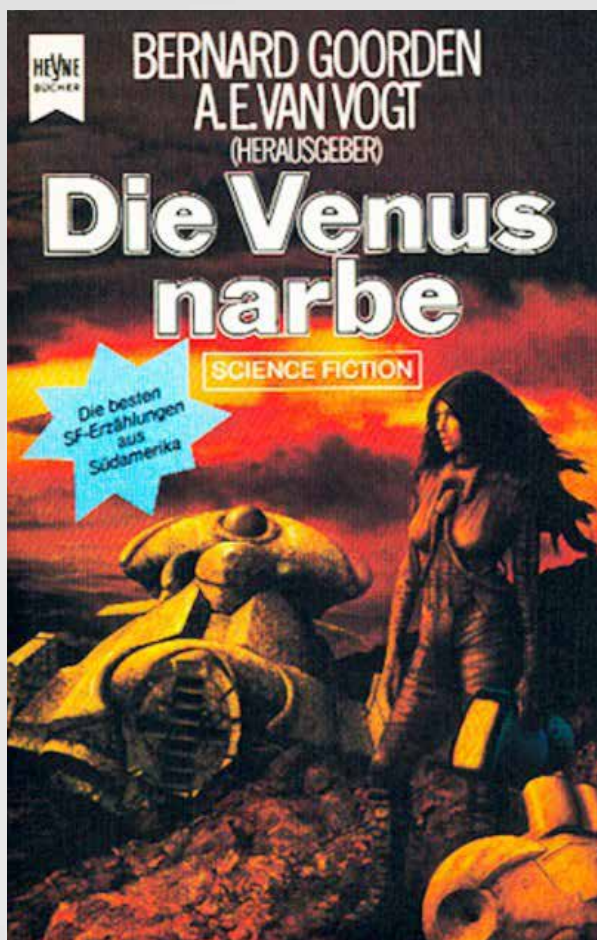


Det Nödvändigaste - En Antologi Med Latinamerikansk Science Fiction. "Mörker" (A Escuridão). Tradução de Gunnar Gällmo. Bernard Goorden (org.). Estocolmo, Suécia: Delta Förlag, 1978.



Diário da Nave Perdida. São Paulo, SP: Edart. Coleção Ciencificação nº 4, 1963.

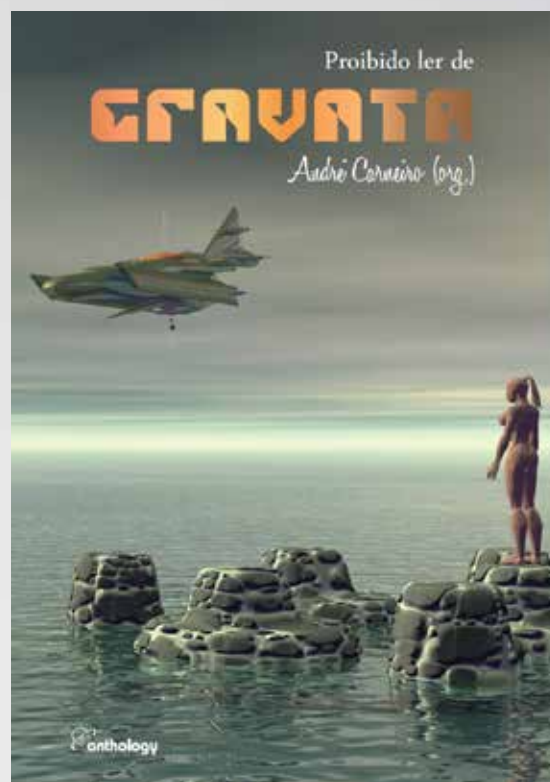
Die Venusnarbe - Science Fiction aus Lateinamerika. “Die Dunkelheit” (A Escuridão). Tradução Bernard Goorden. Bernard Goorden (org.). Munique, Alemanha: Heyne Verlag, 1982.



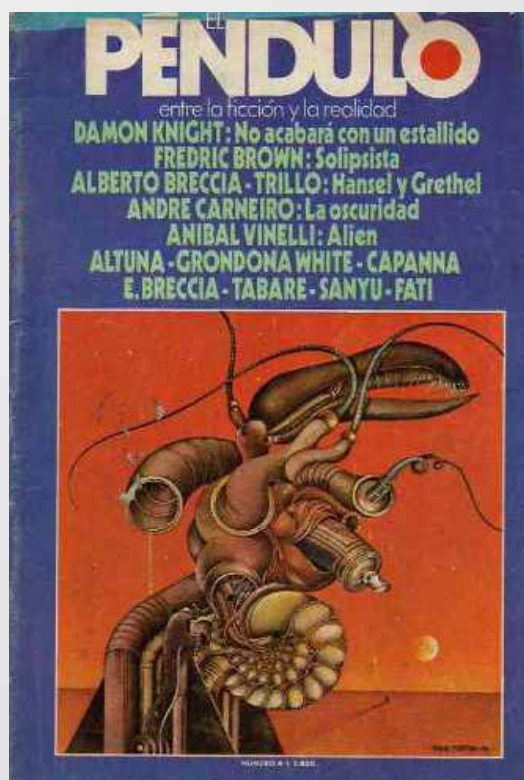
Different Realities. “The Thing in the Boob Tube” (Do outro Lado da Janela). Tradução de Joe F. Randolph. Joe F. Randolph (ed.). Washington, Estados Unidos: Verbamation. N ° 2, pág. 25, dezembro. 1997.

Different Realities. “Home Invasion”. Tradução de Joe F. Randolph. Joe F. Randolph (ed.). Washington, Estados Unidos: Verbamation. N ° 4, pág. 15, dezembro, 1998.

É Proibido Ler de Gravata. “Calibre 38 Cano Curto”. André Carneiro (org.). Rio de Janeiro: Multifoco. Selo Anthology, pág. 307, 2010.



El Péndulo. “La Oscuridad” (A Escuridão). Tradução de Marcial Souto. Buenos Aires, Argentina: Ediciones de la Urraca. Coleção Biblioteca El Péndulo, nº 1 a 4, pág. 51, maio, 1980.



El Péndulo. “El Mudo” (O Mudo). Tradução de Marcial Souto. Buenos Aires, Argentina: Ediciones de la Urraca. N° 2, pág. 105, julho, 1981.

El Péndulo. “La Oscuridad” (A Escuridão). Tradução de Marcial Souto. Buenos Aires, Argentina: Ediciones de la Urraca. N° 4, pág. 51, 1979.

El Péndulo. “El Grito” (O Grito). Tradução de Sebastián Nusta. Buenos Aires, Argentina: Ediciones de la Urraca. N° 14, pág. 86, fevereiro, 1987.

Em Revista - Antologia. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção Editora do Escritor, vol. 1, 1976.

O Estado de São Paulo. “O Homem que Hipnotizava”. São Paulo, SP. Suplemento Literário, pag. 11, 21 de outubro de 1961.

Fénix. “A Escuridão”. Álvaro de Sousa Holstein & Marcelina Gama Leandro (ed.). Lisboa, Portugal: Fénix Fanzine. N° 2, 2013.



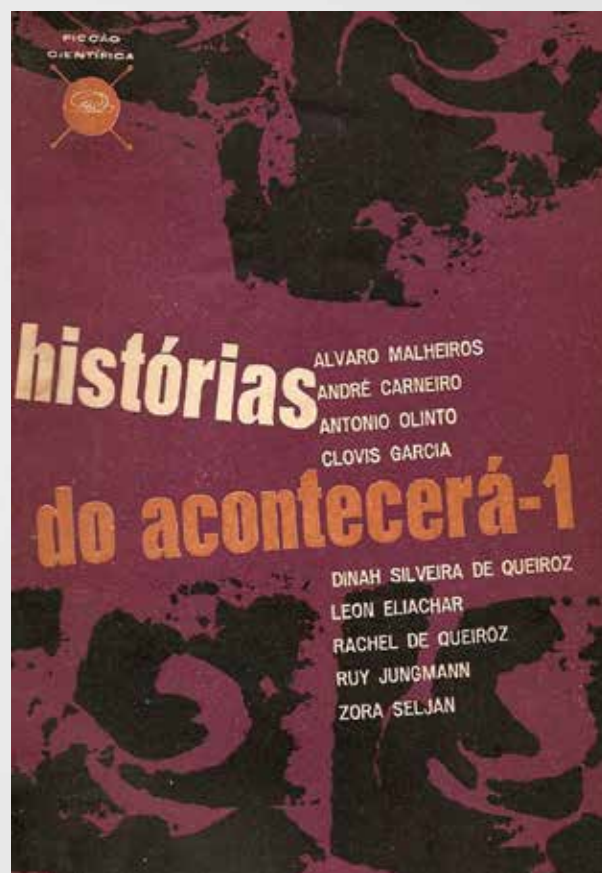
Fictions d'Amérique Latine. “Zinga le Robot” (Zinga, o Robot). Tradução de Mario Torres. Bernard Goorden (org.). Bruxelas, Bélgica: Recto Verso. Coleção Ides... et Autres n° 3, pág. 20, janeiro, 1975.

Futuro Presente - Dezoito Ficções Sobre o Futuro. “Paralisar Objetos”. Nelson de Oliveira (org.). Rio de Janeiro, RJ: Record. Pág. 157, 2009.

Histórias de Ficção Científica. “Planetas Habitados”. Coleção para Gostar de Ler, vol. 38. Roberto de Sousa Causo (org.). São Paulo, SP: Ática, 2006.

Histórias de Ficção Científica. “Planetas Habitados”. Coleção para Gostar de Ler; vol. 38. Roberto de Sousa Causo (org.). São Paulo, SP: Ática. Fundação Dorina Nowill para Cegos. Versão em Braille. Reimpressão da 1ª edição de 2006.

Histórias do Acontecerá. “A Organização do Dr. Labuzze”. Gumercindo Rocha Dórea (org.). Rio de Janeiro, RJ: Edições GRD. Coleção Ficção Científica GRD, vol. 12, pág. 21, 1961.



O Homem que Adivinhava. São Paulo, SP: Edart. Coleção Ciencificção n° 8, 1966.

Imaginários: Contos de Fantasia, Ficção Científica e Terror. “Uma Questão de Língua”. Tibor Moricz, Saint-Clair Stockler & Eric Novello. São Paulo, SP: Draco, vol. 2, pág. 113, 2009.

Intersecções: Ciência e Tecnologia, Literatura e Arte. “Noite de Amor na Galáxia”. Ermelinda Maria Araújo Ferreira (org.). Recife, Pernambuco: Editora Universitária da UFPE, 2009.



Isaac Asimov Magazine: Ficção Científica. “Nave Circular”. Ronaldo Sergio de Biasi (ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record, vol. 18, pág. 62, 1991.

Isukacheri Kurabu. 暗闇 “A Escuridão”. Tradução de Nakajima Kantoshi. Tóquio, Japão: Nakajima Kantoshi. Isukacheri SF nº 29, 1988.

Jules Verne Magasinet. “Spåmannen” (O Homem que Adivinhava). Tradução de Gunnar Gällmo. Sam J. Lundwall (ed.). Estocolmo, Suécia: Delta Förlags. Nº 368, abril, 1978.



Jules Verne Magasinet. “Mörker” (A Escuridão). Tradução de Gunnar Gällmo. Sam J. Lundwall (ed.). Estocolmo, Suécia: Delta Förlags. Nº 371, outubro, 1978.



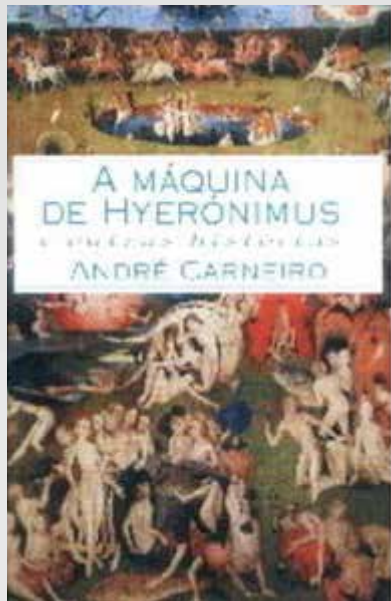
Jules Verne Magasinet. “Geväret” (A Espingarda). Tradução de Gunnar Gällmo. Sam J. Lundwall (ed.). Estocolmo, Suécia: Delta Förlags. Nº 375, junho, 1979.

Latinoamerica Fantástica. “El Mudo” (O Mudo). Tradução de Marcial Souto. Augusto Uribe (org.). Barcelona, Espanha: Ultramar. Coleção Grandes Éxitos Bolsillo - Ciencia Ficción, pág. 238, 1989.



Literatura Fantástica Latinoamericana de Fin de Siglo. “La Misión” (A Missão). Tradução de Daniel M. A. Croci. Daniel Croci (ed.). Buenos Aires, Argentina: Ediciones Tura Mór. Pág. 115,1994.

A Máquina de Hyerônimus e Outras Histórias. São Carlos, SP: Editora da UFSCAR/Clube Jerônimo Monteiro. Coleção Visões vol. 1, 1997.



Lo Mejor de la Ciencia Ficción Latinoamericana. “La Oscuridad” (A Escuridão). Tradução de Domingo Santos. Alfred E. van Vogt & Bernard Goorden (orgs.). Barcelona, Espanha: Martínez Roca. Coleção Super Ficción, pág. 37, 1982.



Lo Mejor de la Ciencia Ficción Latinoamericana. “La Oscuridad” (A Escuridão). Tradução de Domingo Santos. Alfred E. van Vogt & Bernard Goorden (orgs.). Barcelona, Espanha: Orbis. Coleção Biblioteca de Ciencia Ficción, pág. 37, 1986.

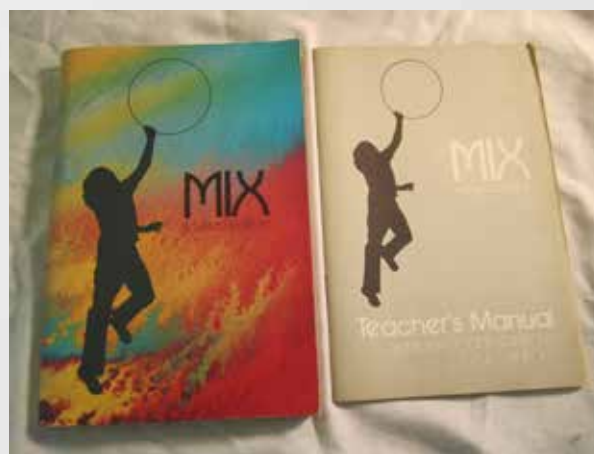
Lo Mejor de la Ciencia Ficción Latinoamericana. “La Oscuridad” (A Escuridão). Tradução de Domingo Santos. Alfred E. van Vogt & Bernard Goorden (orgs.). Buenos Aires, Argentina: Editorial Hyspamérica. Coleção Biblioteca de Ciencia Ficción - Serie Azul, pág. 37, 1987.

Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica. “A Espingarda”. Roberto de Sousa Causo (org.) São Paulo, SP: Devir. Coleção Pulsar, pág. 75, 2007.

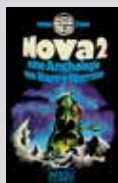
Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica - Fronteiras. “O Homem que Hipnotizava”. Roberto de Sousa Causo (org.) São Paulo, SP: Devir. Coleção Pulsar, pág. 57, 2009.

Megalon. “Loucura Controlada”. Marcello Simão Branco (ed.). São Paulo, SP: Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. Ano XIV, nº 64, março, 2002.

Mix Revised Edition - Variations a Contemporary Literature Program. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Barbara Dodds Stanford & Gene Stanford (eds.). Nova York, Estados Unidos: Harcourt Brace Jovanovich, janeiro,1975.



Nova 2. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison (org). Nova York, Estados Unidos: Walker & Co. pág, 73, 1972.



Nova 2 – Eine Anthologie von Harry Harrison. “Die Dunkelheit” (A Escuridão). Tradução de Lore Strassl. Harry Harrison (org.). Munique, Alemanha: Bastei Lubbe, 1973.

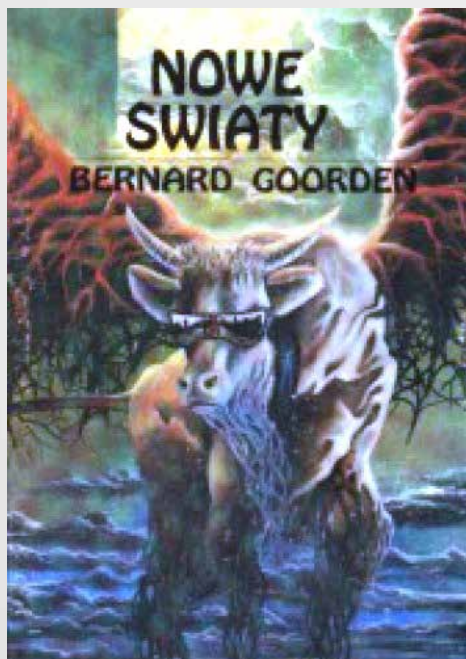
Nova 2. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison (org.). New York, Estados Unidos: Dell Publishing. Pág. 92, 1974.

Nova 2. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison (org.). Londres, Inglaterra: Sphere, 1975.

Nova 2. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison (org.). Londres, Inglaterra: Robert Hale. Pág. 83, 1976.

Nova 2. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison (org.). Nova York, Estados Unidos: Aeonian Press, 1978.

Nowe światy. “W ciemnościach” (A Escuridão). tradução Zofia Siewak-Sojka. Bernard Goorden (org.). Antologia Opowiadań Iberoamerykańskiej Science-fiction. Varsóvia, Polônia: Agencja Edytorska AS-Editor, 1990.

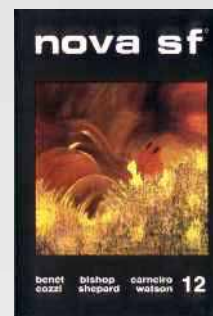


Nueva Dimensión. “La Escopeta” (A Espingarda). Tradução de Pedro Domingo Mutiño. Sebastián Martínez, Domingo Santos & Luís Vigil (eds.). Barcelona, Espanha: Dronte. N ° 5, pág. 54, set./

out., 1968.

Nueva Dimensión. “El Hombre que Adivinaba” (O Homem que Adivinhava). Tradução de Pedro Domingo Mutiño. Sebastián Martínez, Domingo Santos & Luís Vigil (eds.). Barcelona, Espanha: Dronte. N ° 11, pág. 49, set./out.,1969.

Ombre e Altri Atomi. “L’oscurità” (A Escuridão). Tradução de Roldano Romanelli. Bolonha, Itália: Perseo Libri. Coleção Nova SF n° 12, pág. 61, dezembro.1987.



Ötvenedik: Tudományos Fantasztikus Antológia. “Sötétség” (A Escuridão). Tradução de Péter Gömöri. Péter Kuczka (org.). Budapeste, Hungria: Kozmosz Könyvek (Cosmos Books). Série Kozmosz Fantasztikus Könyvek, pág. 368, 1977.

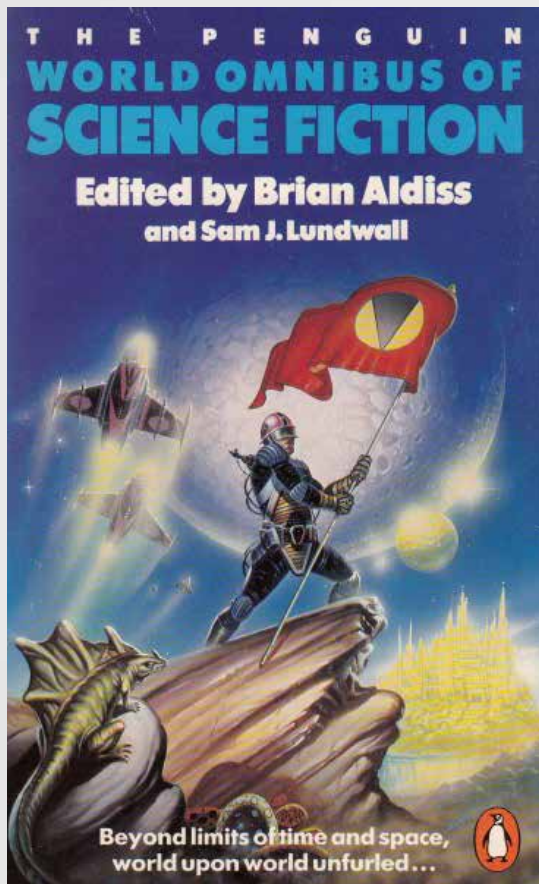


Páginas de Sombra. “A Escuridão”. Bráulio Tavares (org.). Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra, pág. 48, 2003.

Páginas do Futuro: Contos Brasileiros de Ficção Científica. “Do outro lado da janela”. Bráulio Tavares (org.). Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra, pág.48, 2011.

Phénix n° 3. “Zinga le Robot” (Zinga o Robot). Tradução de Mario Torres. Thomas Owen (ed.). Bruxelas, Bélgica: Phénix, dezembro, 1985.

The Penguin World Omnibus of Science Fiction. “A Perfect Marriage” (Um Casamento Perfeito). Tradução de Joe F. Randolph. Brian Aldiss & Sam Lundwall (orgs.). Londres, Inglaterra: Penguin Books. Pág. 28, 1986.



Revista Club dos Homens. “A Mulher só Recebe”. São Paulo, SP: Editora Ondas. Nº 3, pag. 6, 1983.

Revista Club dos Homens. “A Pergunta”. São Paulo, SP: Editora Ondas. Nº 4, pag. 5, 1983.

Revista Contos Eróticos. “Terrível tirar a Calci-

na” Curitiba, PR: Editora Grafipar. Nº 61, pág. 30, [s.d.].

Revista Contos Eróticos. “Maura e Hermes”. Curitiba, PR: Editora Grafipar. Nº 51, pág. 58, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Uma Questão de Cheiro”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 2, pág. 05, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Aula de Sexo”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 6, pág. 17, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Concepção Oficial”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 9, pág. 03, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Assim você vai perder todo o respeito do homem”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 9, pág.17, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “O Mudo”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 14, pág. 15, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “A Festa de Bruno”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 14, pág. 28, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Meu Nome é GO”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 15, pág 14, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Dá um Beijio Nele” (com pseudônimo de Andrade Cabral). São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 17, pág. 28, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Minha Filha pelo amor de Deus”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 18, pág. 27, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Mando Minha Foto Nua”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 34, pág.29, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Fotografia”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 36, pág.33, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “O Mágico da Criação”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 43, pág. 32, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Maria, pura e completa”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 45, pág. 03, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “O Grande Mistério”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 45, pág. 30, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Louca ela não era”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 47, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “O Julgamento”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 48, pág. 05, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “A Eternidade da Máquina”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 52, pág. 11, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Eu Durmo Pelada”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 55, pág. 13, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Não, não vá embora”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 62, pág. 24, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Lá ninguém fala dessas coisas”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 66, pág. 10, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Me telefona das seis em diante”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 67, pág. 10, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Perdeu com oito anos”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 68, pág. 29, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Em uma cadeira complicada”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 72, pág. 03, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “É aqui, pode entrar”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 81, pág. 07, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Jornal diz que aconteça”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 83, pág. 09, [s.d.].

Revista Contos Excitantes. “Se quiser pode dormir comigo”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 85, pág. 23, [s.d.].

Revista Contos Excitantes Especial. “A Pergunta”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 1, pág. 22, [s.d.].

Revista Contos Excitantes Especial. “Consequente Extermínio da Espécie Humana”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 2, pág. 93, [s.d.].

Revista Contos Excitantes Especial. “Premeditação”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 2, pág. 27, [s.d.].

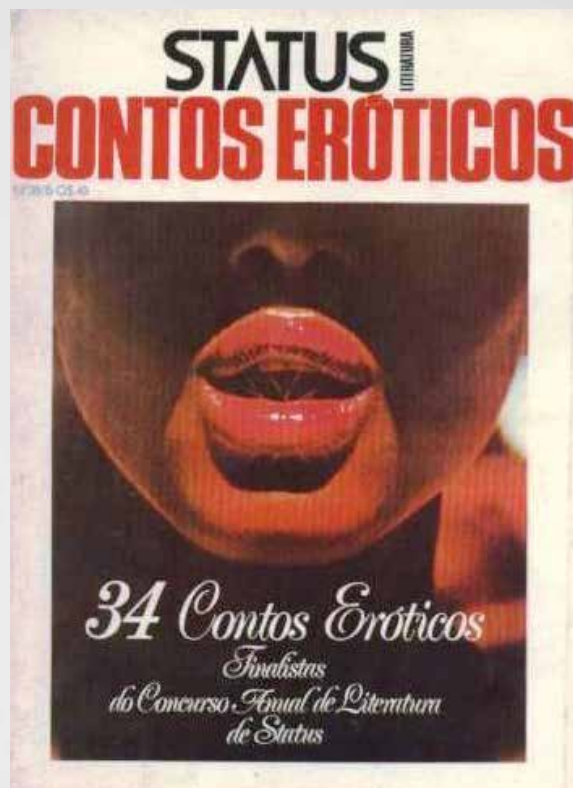
Revista Contos Excitantes Especial. “O Tiro”. São Paulo, SP: Editora Noblet. Nº 3 pág. 07, [s.d.].

Revista Olhar. “Habitar uma Formiga”. Programa de Pós-Graduação em Educação. São Carlos, São

Paulo: Universidade Federal de São Carlos. Volume 1, Nº 2, dezembro, 1999.

Revista Quark. “A Normalidade do Mundo”. Marcelo Baldini (ed.). São Bernardo do Campo, SP: MB Editora. Ano 1, nº 4, 2001.

Revista Status. “O Casamento Tradicional”. Domingo Alzugaray e Luis Carta (eds.). São Paulo, SP: Editora Três. Especial de Contos Eróticos da Status, nº 38-B, setembro, 1977.



SF Latino-american: Anthologie. “Les Ténèbres” (A Escuridão). Tradução de Bernard Goorden. Bernard Goorden & A Sokolov (org.). Bruxelas, Bélgica: Editions Recto Verso. Coleção Ides... et Autres, nº 19, 1984.

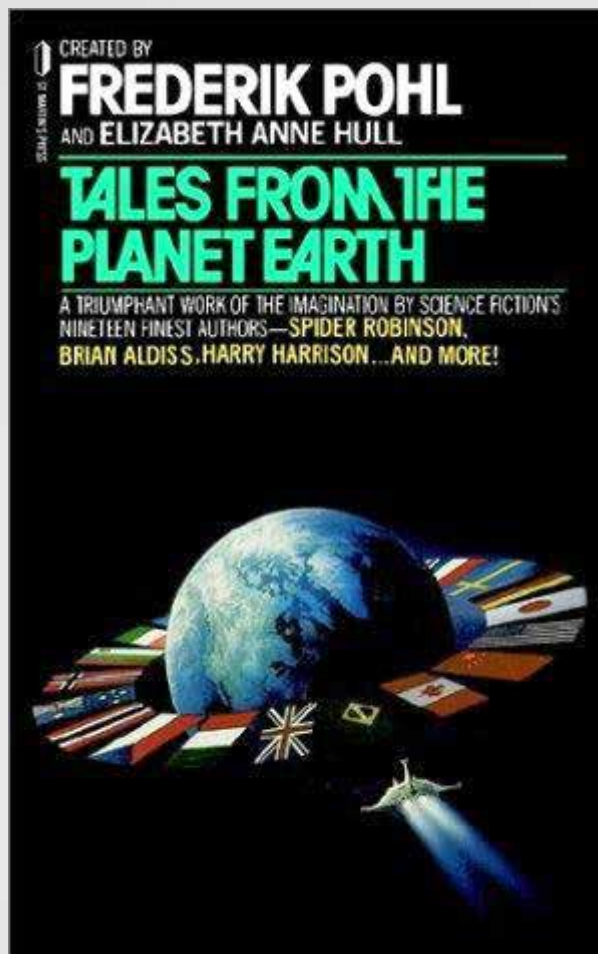
Scarium Magazine. “No Deserto do Arizona”. Marco Bourguignon (ed.). Rio de Janeiro, RJ: Ed. Scarium. Nº 24, pág. 23, dezembro, 2006.

Somnium. “Meu nome é Go”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 45, pág. 54, mai./jun., 1990.

Somnium. “Nave Circular”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 52, pág. 55, jul./ago., 1991.

Somnium, “O Vingador”. Ataíde Tartari (ed.). São Paulo, SP: Clube de Leitores de Ficção Científica. Ano 16, nº 82. 2001.

Tales from the Planet Earth. “Life as an Ant” (A Vida como uma Formiga). Tradução de Joe F. Randolph. Frederik Pohl & Elizabeth Anne Hull (org.) New York, Estados Unidos: St. Martin’s Press. Pág. 27, 1986.



TerrorZine - Minicontos de Terror. “Noite de Amor na Galáxia”. Ademir Pascale e Elenir Alves (org.). São Paulo, SP: Cranik. Ano 3, nº 22, pág. 8, 2010.

Tránsito. “Trasplante” (Transplante de Cérebro). Espanha: Editorial Tránsito. N° 16, pág. 26, novembro, 1987.

Trasplante del Cerebro. “Trasplante del Cerebro” (Transplante de Cérebro). Buenos Aires, Argentina: Distar, 1978.

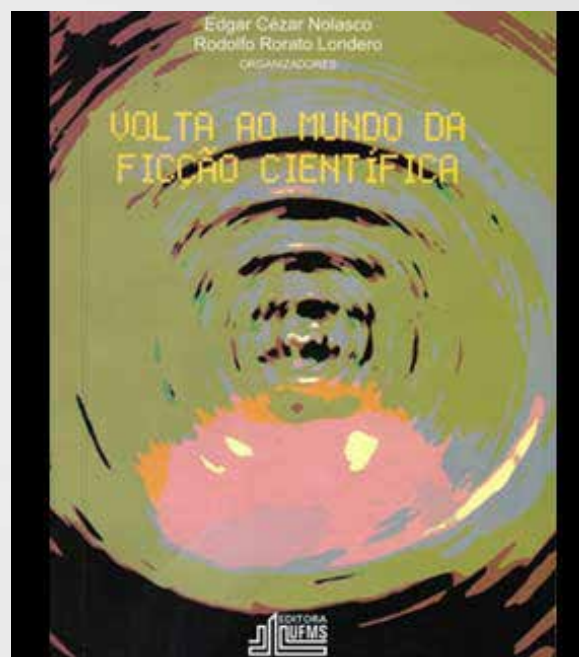
Velero 25. “El Hombre que Adivinaba” (O Ho-

mem que Adivinhava). Tradução de Pedro Domingo Mutiño. Perú: Ediciones Quinx. N° 47, outubro, 2007.

Vinte Voltas ao Redor do Sol - Uma Antologia Comemorativa. “A Grande Obra”. Alfredo Franz Keppler Neto (ed.). São Paulo, SP: Clube de Leitores de Ficção Científica, 2005.

Você faz questão de saber o que está acontecendo? Ou faz como todo mundo?. “Chuva de Baía”. Coleção do Poeta. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Vol. 2, 1971.

Volta ao Mundo da Ficção Científica. “Pensamento”. Edgar Cezar Nolasco & Rodolfo Londero (orgs.). Campo Grande, MS: Editora Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Pág. 153, 2007.



The Year’s Best Science Fiction. “Darkness” (A Escuridão). Tradução Leo L. Barrow. Harry Harrison & Brian W. Aldiss (orgs.). Londres, Inglaterra: Sphere Books. N° 6, pág. 94, 1973.



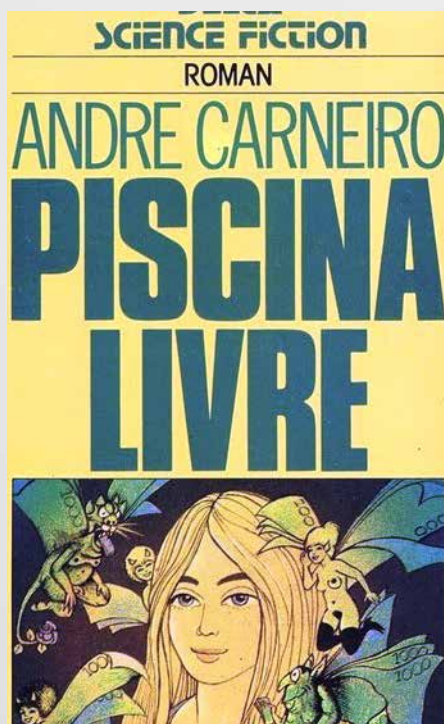
ROMANCES & NOVELAS

Amorquia. São Paulo, SP: Editora Aleph, Coleção Zenith nº 4. 1991.



As Melhores Novelas Brasileiras de Ficção Científica. "A Escuridão". Roberto de Sousa Causo (org.). São Paulo, SP: Devir, 2011.

Piscina Livre. São Paulo, SP: Editora Moderna, 1980.



Piscina Livre. Tradução Ingela Bergdahln. Estocolmo, Suécia: Delta Förlags, 1980.

Sem Memória. Cesar Silva (ed.). São Bernardo do Campo, SP: Edições Hiperespaço. Coleção Fantástica nº 5, 2005.

Les Ténèbres. Tradução Bernard Goorden. Bruxelas, Bélgica: Editions Recto-Verso. Coleção Ides ... et Autres, nº 35, dezembro, 1992.

POESIAS

50 Poetas do Clube de Poesia - 1945-1995. "À Imagem e Semelhança". São Paulo, SP: Clube de Poesia. Pág. 33, 1995.

Ad Infinitum. "Mañana, hoy" (Amanhã, Hoje). Barcelona, Espanha: Círculo de Lectores de Anticipación. Nº 5, pág. 78, maio, 1969.

Ad Infinitum. "Bíblia" (Bíblia). Barcelona, Espanha: Círculo de Lectores de Anticipación. Nº 8, pág. 174, agosto, 1969.

Ad Infinitum. "Muerte de los pájaros" (Morte dos Pássaros). Barcelona, Espanha: Círculo de Lectores de Anticipación. Nº 11, pág. 316, novembro, 1969.

Ângulo & Face. Desenho do autor por Aldemir Martins. São Paulo, SP: Clube de Poesia de São Paulo. Coleção Novísimos, vol. 2, 1949.

Antologia Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody. "A Disciplina da Loucura". Curitiba, PR: Secretaria da Cultura do Paraná. Pág. 12, 2001.

Birds Flower. Tradução de Leo L. Barrow. Tucson, Estados Unidos: Las Arenas Press, 1998.

Brésil 500 Ans. "D'un univers à l'autre" (De um universo ao outro). Christiane e Jean-Paul Mestas (org). Nantes, França: Jalons. Cahier Particulier, pag. 8, 2000.

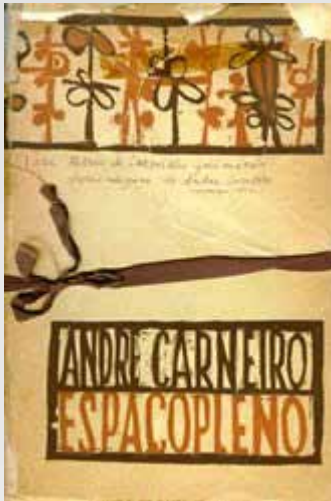
CACYF - Boletín Informativo "En la Punta de un Alfiler" (Na Ponta de um Alfinete). Tradução de Daniel M. A. Croci. Daniel M. A. Croci (ed.). Buenos Aires, Argentina: Círculo Argentino de Ciencia Ficción y Fantasia. Nº 52, pág.4, junho, 1994.

Cem Poemas Brasileiros. "Axilas" e "Casa Alheia".

Vencedores do Concurso Nacional de Poesia, da revista Escrita. Valdir Nader & Y. Fujyama (orgs.). São Paulo, SP: Editora Vertente. Págs. 59 e 60, 1980.

Em Revista. São Paulo, SP: Editora do Autor. Antologia vol.1, 1976.

Espaço pleno. Fólios soltos acondicionados em caixa de papelão. Contém 27 poemas ilustrados com xilogravuras de Luis Dias. Prefácio de Domingos Carvalho da Silva. São Paulo, SP: Clube de Poesia, 1963.



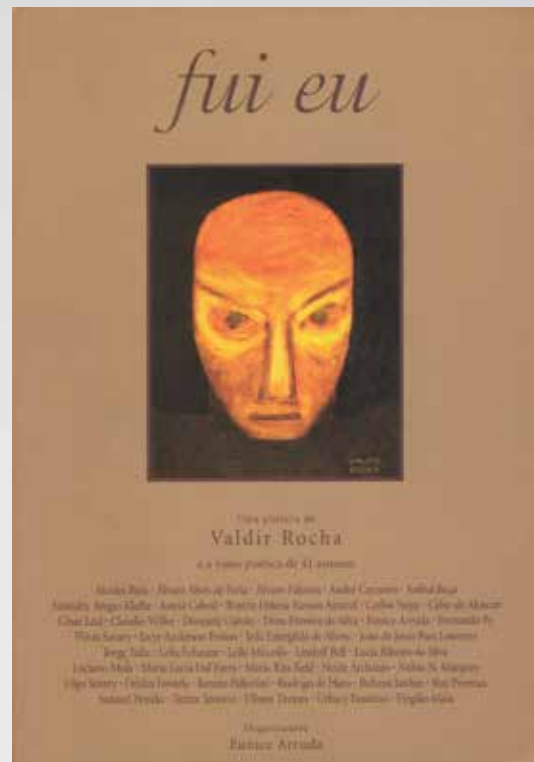
O Estado de S.Paulo. “O Dia Final”. São Paulo, SP, 29 de julho de 1961. Suplemento Literário, pág. 41.

O Estado de S.Paulo. “No Espaço”. São Paulo, SP, 25 de outubro de 1969. Suplemento Literário, pág. 51.

Flamingo - Boletim de Poesia. “Rato-Pássaro”. Carlos Alberto Braga & Álvaro de Sousa Holstein. Vila Nova de Gaia, Portugal: Flamingo. Nº 1, pág. 4, janeiro, 1987/8.

Flamingo - Boletim de Poesia. “Ser Louco”. Carlos Alberto Braga & Álvaro de Sousa Holstein. Vila Nova de Gaia, Portugal: Flamingo. Nº 6, pág. 1, outubro, 1988.

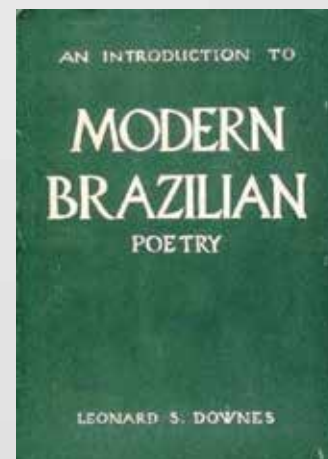
Fui Eu – Uma Pintura de Valdir Rocha e a Visão Poética de 41 autores. “Fui Eu”. Eunice Arruda (org.). São Paulo, SP: Escrituras, 1998.



A Geração de 45 através do jornal “Tentativa”. Edição Fac-símile de Tentativa 1949-1951. São Paulo, SP: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2006.

Hipertexto, nº 0. “Chave das Letras”, “O Planetário” e “Sobreviver”. Editor Carlos André Mores e Roger Trimer (eds.). São Carlos, SP: Clube Jeronimo Monteiro de Literatura, 1996.

An Introduction to Modern Brazilian Poetry - Verse Translations. “Water” (Água). Tradução de Leonard S. Downes. Leonard Stephen Downes (ed.). São Paulo: Clube de Poesia do Brasil (Poetry Club of Brazil), 1954.



Instrumento Crítico – Revista de Estudos da Linguagem. “Cabine Escura”. Vilhena, RO: Universidade Federal de Rondônia. Vol. 1, nº 1, agosto, 1998.

Jalons. “Loiseau Rat”. Tradução de Bernard Lorraine. Jean-Paul Mestas e Christiane Mestas (ed.), Vichy, França: Cahiers de Poesie. Nº 59, 1997.

Lateinamerikanisches Kulturmagazin Xicóatl (Ziehender Stern). Luis Alfredo Duarte Herrera (dir.). Salzburgo, Áustria: La Asociación Pro Arte, Ciencia y Cultura Latinoamericanos YAGE. Ano 5, nº 27, set./out., 1996.

La Revue Moderne. “Elegie Noturne” (Elegia Noturna). Paris, França: Éditions de la Revue Moderne, 1951.

Lo Spazio - International Art & Literature Editions. “Colpevole” (Culpado). Luigi Muccitelli (ed.). Fondi, Itália: Edizioni Lo Spazio, pág. 19, 2008.

Lo Spazio - International Art & Literature Editions. “I Dinosauri Morirono” (Os Dinossauros Morreram). Luigi Muccitelli (ed.). Fondi, Itália: Edizioni Lo Spazio, pág. 8, 2009.

Lo Spazio - International Art & Literature Editions. “Anima e Ali” (Alma e Asas). Luigi Muccitelli (ed.). Fondi, Itália: Edizioni Lo Spazio, pág. 32, 2009.

Lo Spazio - International Art & Literature Editions. “Anima e Ali” (Alma e Asas). Luigi Muccitelli (ed.). Fondi, Itália: Edizioni Lo Spazio, pág. 24, 2010.

Magazin Cultural Latinoamericano Xicóatl (Estrela Errante). Luis Alfredo Duarte Herrera (dir.). Salzburgo, Áustria: La Asociación Pro Arte, Ciencia y Cultura Latinoamericanos YAGE. Ano 5, nº 27, set./out., 1996.

Navegante do Infinito. “O Mundo de André Carneiro”, poema homenagem de Maria Lucia Pinheiro Sampaio. Roswitha Kemft. Página 12, 1986.

Pássaros Florescem. São Paulo, SP: Editora Scipione, 1988.

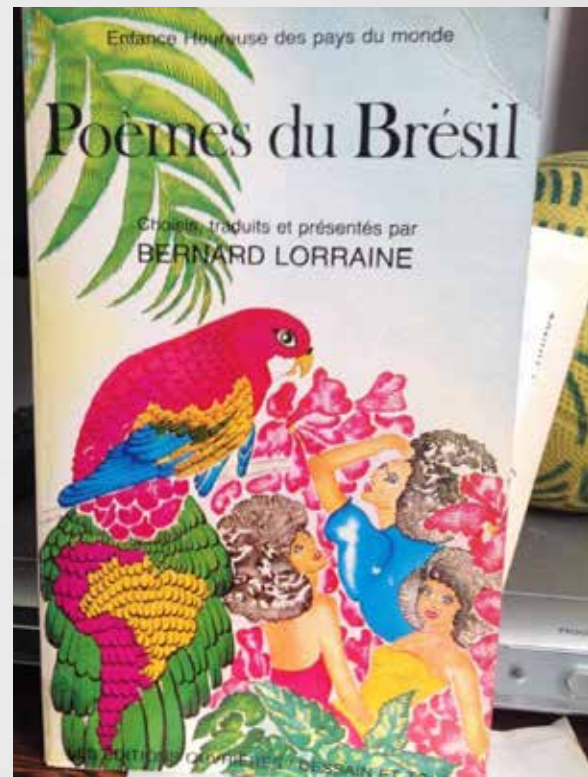
Pérolas do Brasil / Pearls of Brazil / Brazilian Gyöngyei - coletânea dos poetas brasileiros. Edição trilingue (português/inglês/húngaro). Lívia Paulini (org. e trad.). Belo Horizonte, MG: Academia Feminina Mineira de Letras, 1993.

Pérolas do Brasil / Pearls of Brazil / Brazilian Gyöngye. Lívia Paulini (org. e trad.). Edição trilingue (português/inglês/húngaro). Budapeste, Hungria: Ego, 1993.

Planetaria - Antologia di Letteratura Contemporanea Multilingue. “Linha Genética”. Coleção Nuovi Orizzonti. Renza Agneli (ed.). Trento, Itália: Edizioni Universum, 1997.

Poemas de André Carneiro (1958-1963). São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais, 1963.

Poèmes du Brésil. “Des enfants envahissent le monde” (As crianças invadem o mundo). Tradução e seleção de Bernard Lorraine. Paris, França: Editions Ouvrières - Dessain et Tolra. Coleção Enfance heureuse des pays du monde, pág. 8, 1985.



Poesia – Antologia do Clube de Poesia. “Mão Direita e Vinte e Cinco Letras”. São Paulo, SP: Revista do Clube de Poesia. Nº 11, pág. 29, 1999.

A Poesia pede Passagem: Antologia. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção do Poeta, vol. 3, 1972.

Quânticos da Incerteza. Osvaldo Duarte (org.). Atibaia, SP: Redijo, 2007.

Revista Brasileira de Poesia. “Livres Arbitrio”. Péricles Eugênio da Silva Ramos (dir.). São Paulo, SP: Clube de Poesia. Nº 19, pág. 29. 1995.

Revista Brasileira de Poesia. “Na Ponta do Alfinete”. Péricles Eugênio da Silva Ramos (dir.). São Paulo, SP: Revista Brasileira de Poesia nº 20, pag. 24, 1996.

Revista Ciência para Poetas – Nuclear. “Ondas Quânticas”. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Casa da Ciência da UFRJ, junho, 2010.

Revista Clube de Poesia – Homenagem a André Carneiro. “A Água”. São Paulo, SP: Revista do Clube de Poesia, 2001.

Revista Nova Consciência. “Poesia Quântica”. Paulo Urban (ed.). São Paulo, SP: Universo das Letras. Nº 2, outubro, 2007.

Revista de Poesia e Crítica. “Elegy for the Century” (Elegia para o Século). Tradução de Leonard S. Downes. Domingos Carvalho da Silva (dir.). Brasília/São Paulo/Rio de Janeiro: RPC. Ano XIV, nº 15, dezembro, 1990.

Revista de Poesia e Crítica. “Na Ponta do Alfinete”. Domingos Carvalho da Silva (dir.). Brasília/São Paulo/Recife: Gráfica Olímpica. Ano XX, nº 20, pág. 25, outubro, 1996.



Scarium Megazine. “Inocentes Calendários”. Marco Bourguignon (ed.). Rio de Janeiro. RJ: Ed. Scarium, Ano 1, nº 2, 2003.

Sílarvs - Rassegna Bimestrale di Cultura. “Fotografia”. Tradução Tolentino Miraglia. Italo Rocco (ed.). Salerno, Itália: Rocco Pietro & C. nº 189, pag. 17, jan./fev., 1997.

Só Dedos. Lúcia Pessoa Rosa (org.). São Paulo, SP: Dulcinéia Catadora, junho, 2009.



Somnium. “No Laboratório”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 29, pág. 46, jan./fev., 1990.

Somnium. “Feito de Carbono”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica, Ano 5, nº 34, pág. 46, mar./abr., 1990.

Somnium. “Cósmico Desencontro”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 46, pág. 50, jul./ago., 1990.

Somnium. “Nesta Placa”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 47, pág. 41, set./out., 1990.

Somnium. “Resposta”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 50, pág. 58, mar./abr., 1991.

Somnium. “Desaba o Mundo”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 52, pág. 63, jul./ago., 1991.

Somnium. “Único Sistema Cifrado”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 52, pág. 64, jul./ago., 1991.

Somnium. “Placebo Redondo”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 52, pág. 65, jul./ago., 1991.

Somnium. “Brilham Orgasmos”. Luis Marcos da Fonseca e Carlos André Mores (ed.). São Carlos, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica/Editora da Universidade Federal de São Carlos. Ano 9, nº 60, pág. 64, março, 1994.

Somnium. “Interações Eletromagnéticas”. Luis Marcos da Fonseca e Carlos André Mores (ed.). São Carlos, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica/Editora da Universidade Federal de São Carlos. Ano 9, nº 60, pág. 65, março, 1994.

Somnium. “Meu Micro”. Luis Marcos da Fonseca e Carlos André Mores (ed.). São Carlos, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica/Editora da Universidade Federal de São Carlos. Ano 9, nº 60, pág. 66, março, 1994.

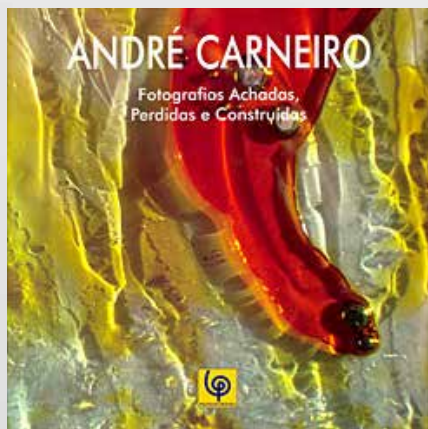
Somnium. “Minha Cabeça”. Ataíde Tartari (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 16, nº 75, pág. 32, março, 2000.

Sopoesia - Antologia. Coleção do Poeta - Volume 12. São Paulo, SP: Editora do Escritor, 1976.

Vozes da Poesia - Antologia. “Pedaço” e “Mancha Roxa na Coxa”. São Paulo, SP: Editora do Escritor, 1979.

ARTIGOS, ENSAIOS E ESTUDOS

André Carneiro: Fotografias Achadas, Perdidas e Construídas. São Paulo, SP: Pantemporâneo, 2009.



Axxón. “Ciencia ficción en América Latina”. Buenos Aires, Argentina: Axxón. Nº 26, pág. 150, novembro, 1991.

Em Revista - 10 anos da Editora do Escritor. “Zen Budismo, Lacan e o Cão Jerônimo”, sobre livro de Péricles Prade ‘O Cão Jerônimo’. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Pág. 13, 1980.

Em Revista. “Ficção Científica - Nome Impróprio”. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Nº 12, pág. 07, 1981.

Em Revista. “Invisível para Daltônicos” – Sobre o livro de poemas ‘Faróis Invisíveis’, de Péricles Prade. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Nº 11, pág. 07, 1981.

O Estado de S.Paulo. “Ficção Científica, Literatura ou Subliteratura?”. São Paulo, SP, 25 de setembro de 1965. Suplemento Literário, pag. 37.

O Estado de S.Paulo. “O Despertar dos Mágicos”. São Paulo, SP, 29 de janeiro de 1966. Suplemento Literário, pag. 39.

O Estado de S.Paulo. “Ficção Científica, essa Desconhecida”. São Paulo, SP, 25 de outubro de 1969. Suplemento Literário, pag. 48.

O Estado de S.Paulo. “Passagem para Júpiter”. São Paulo, SP, 12 de dezembro de 1971. Suplemento Literário, pag. 42.

Fragments - Modernismo na Fotografia Brasileira. “Trilhos – 1950”. Iatã Canabrava (cur.). São Paulo, SP: Galeria Bergamin. Catálogo da Exposição, 2007.



Hipertexto, nº 0. “Sejamos Hábeis como os Insetos”. Editor Carlos André Mores e Roger Trimer (eds.). São Carlos, SP: Clube Jeronymo Monteiro de Literatura, 1996.

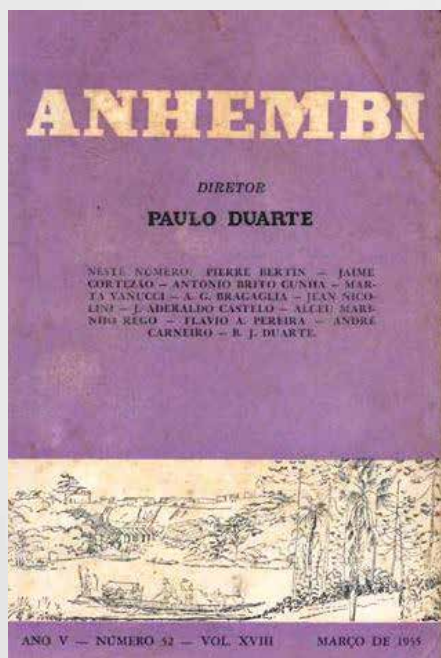
Introdução ao Estudo da ‘Science Fiction’. São Paulo, SP: Conselho Estadual de Cultura. Coleção Ensaio vol. 53, 1967.

Manual de Hipnose. São Paulo, SP: Editora Resenha Universitária, 1978.

Megalon. “Fausto, Cunha Afiada e Difícil [Fausto Cunha – 1923-2004]”. Marcello Simão Branco (ed.). São Paulo, SP: Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. Ano XVI, nº 71, maio, 2004.

O Mundo Misterioso do Hipnotismo. São Paulo, SP: Edart. Coleção Visão do Universo nº 4, 1963.

Revista Anhembi. “Cinema, Arte Superficial”. Conferência pronunciada em 10 de janeiro, na Filmoteca do Museu de Arte Moderna. Paulo Duarte (dir.). São Paulo, SP: Anhembi. Ano V, Vol. XVIII, nº 52, março, 1955.



Revista Anhembi. “Cinema, Assunto Profundo”. Paulo Duarte (dir.). São Paulo, SP: Anhembi. Ano V, Vol. XVIII, nº 57, agosto, 1955.

Revista Anhembi. “Cinema, Emoção e Hipnose”. Conferência em Fórum de Ciências Sociais, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Paulo

Duarte (dir.). São Paulo, SP: Anhembi. Ano XI, Vol. XLI, nº 123, fevereiro, 1961.

Revista da Biblioteca Mário de Andrade. “A Geração de 45”. São Paulo, SP: Biblioteca Mário de Andrade. Vol. 53, pág. 155, jan./dez., 1995.

Revista de Cultura Brasileira. “Introducción al Estudio de la Ficción Científica”. Angel Crespo (director). Madrid, Espanha: Embajada de Brasil en Madrid. Tomo IX, número 28, pág. 30, março, 1969.

Revista Mens Sana. “Ficção Científica, Gênero Importante”. São Paulo, SP: Associação Mens Sana. Nº 2, pag. 30, 1986.

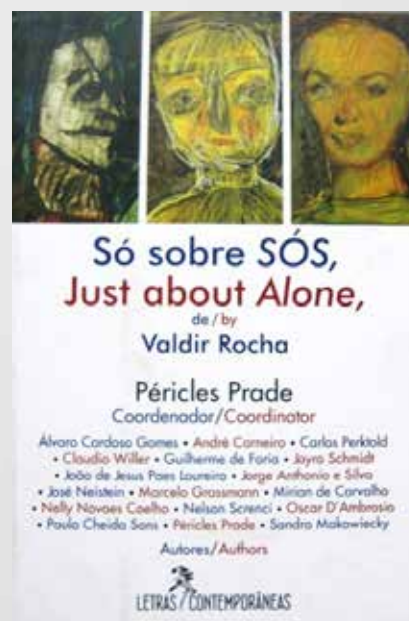
Revista Mens Sana. “Despertar dos Mágicos”. São Paulo, SP: Associação Mens Sana. Nº 4, pag. 28. 1986.

Revista Mens Sana. “A Linguagem da Literatura, Cinema e Artes Plásticas”. São Paulo, SP: Associação Mens Sana. Nº 5, pag. 28. 1986.

Scarium Magazine. “A Ficção Científica nas Universidades”. Marco Bourguignon (ed.). Rio de Janeiro, RJ: Ed. Scarium. Nº 11, pág. 4, dezembro, 2004.

S.F. - Fantastique et Ateliers Créatif. Coleção Cahiers JEB. Bernard Gooden (org.). Bruxelas, Bélgica: Ministère de l'Education nationale et de la Culture française, nº 3, 1978.

Só sobre SÓS, de Valdir Rocha. “Visão Curva do Artista”. Péricles Prade (org.). Florianópolis, Santa Catarina: Ed. Letras Contemporâneas, 2012.



Somnium. “FC e Jornalismo Cultural”. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 52, pág. 66, jul./ago., 1991.

The Sites of Latin American Abstraction - Los Sitios de la Abstracción Latinoamericana. Juan Ledezma (Ed.). Milão. Itália: Charta/CIFO, 2007.

Umbrales. “La Fuerza de la Ciencia Ficción Latinoamericana”. Novo Laredo, México: Federico Schaffler. Coleção Umbrales nº 1, pág. 22, 1992.

PREFÁCIOS E APRESENTAÇÕES

in *Antologia Poética da Geração de 45*. “Nota do Editor”. Milton de Godoy Campos (org.). São Paulo, SP: Clube da Poesia, 1966.

in *AR: Anônimos Revelados*, de Vitor Carvalho. “Apresentação”. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Nacional das Artes - FUNARTE, 2011.

in *D. Pedro I – Estranha Personalidade*, de Homero Pimentel & Paulo Urban. “Prefácio”. São Paulo, SP: Editora Edicon, 1996.

in *É Proibido Ler de Gravata*. “Apresentação”. André Carneiro (org.). Rio de Janeiro, RJ: Multifoco, Selo Anthology, pág. 3, 2010.

in *Um Corpo na Chuva*, de Benedicto Luz e Silva. “Nota Explicativa”. São Paulo, SP: Clube do Livro, 1972.

in *O Despertar das Bruxas*, de Miguel Carqueija & Melanie Evarino. “Prefácio”. São Paulo, SP: Flemer Serviços de Entretenimento - Recanto das Letras, 2014. 48p. Disponível em: <http://www.recanto-dasletras.com.br/e-livros/4939315>

in *Palavras de Ontem e de Hoje*, de Guilherme Pileggi Contesini. “Prefácio”. Atibaia, SP: Prefeitura da Estância de Atibaia, 2006.

in *Poemas ao Outro*, de Lupe Cotrim Garaude. “Prefácio”. São Paulo, SP: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura. Série Poesia vol. 8, 1970.

in *Time Out - Os Viajantes do Tempo*. “Apresen-

tação”. Ademir Pascale (org.). Belo Horizonte, MG: Estronho, 2011.

in *Vaca Profana - Encruzilhadas*, de Rogério Amaral de Vasconcellos. “Prefácio”. Rio de Janeiro, RJ: Edições SLEV. Coleção Slev, fase 1, nº zero, 2005.

“CRÔNICAS DO ANDRÉ”, NO SOMNIUM

“Augusto, o Grande Mágico”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 16, pág. 13, abril, 1987.

“Science Fiction Mundial em Copacabana”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 17, pág. 11, maio, 1987.

“Brasil, Suécia, Irlanda”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 18, pág. 12, junho, 1987.

“Quem Tem Medo da Pistola Laser?”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 19, pág. 13, julho, 1987.

“Falta de Memória e Televisão”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 20, pág. 13, agosto, 1987.

“Ficção Científica na Vida Real”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 21, pág. 11, setembro, 1987.

“GRD, HH, e o Futuro Sexual da ‘Família Mineira’”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 22, pág. 11, outubro, 1987.

“A Eficiente Linguagem dos Caramujos Terrenos”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 23, pág. 12, novembro, 1987.

“Velhos Tempos, do meu Avô Astronauta”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 2, nº 24, pág.

22, dezembro, 1987.

“Poesia na FC e Confidências das Coincidências”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). Ano 3, nº 25, pág. 19, janeiro, 1988.

“Cinema de Ficção Científica e uma Ideia”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 26, pág. 17, fevereiro, 1988.

“Edart, Disco Voador e o Futuro ‘Da Lata’”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 27, pág. 19, março, 1988.

“O Mistério da Lagarta Morta e a Mísera Soma de 75.000 Dólares”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 28, pág. 18, abril, 1988.

“A Ilusão do ‘Monstro’ na Ficção Científica”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 29, pág. 13, maio, 1988.

“Histórias, Duas Verdadeiras”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 30, pág. 15, junho, 1988.

“Eles Não Sabem Nada, ou Eu não Estou Sabendo?”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 31, pág. 20, julho, 1988.

“Droga, Essa Desconhecida e o ‘Cientista’ de Piracaiá”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 32, pág. 21, agosto, 1988.

“Como Destruí Três Aviões da Força Aérea”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 3, nº 36, pág. 1, dezembro, 1988.

“Meu Quarto Secreto”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 4, nº 37, pág. 28, jan./fev., 1989.

“No Fim do Corredor e o Esperto Hipnotizador”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 4, nº

38, pág. 27, mar./abr., 1989.

“Meu Filme de Ficção Científica”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 4, nº 39, pág. 13, mai./jun., 1989.

“Paranormais, Disco Voadores e Suas Privadas”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 4, nº 40, pág. 19, jul./ago., 1989.

“Ficção Científica e... Astrologia”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 4, nº 41, pág. 18, set./out. 1989.

“Disco na Janela e os Tzuni Astronautas”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 4, nº 42, pág. 18, nov./dez., 1989.

“A Realidade e o C.L.F.C”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 43, pág. 46, jan./fev., 1990.

“De Ficção em Ficção”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica, Ano 5, nº 44, pág. 46, mar./abr., 1990.

“Discos e Levitação”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 45 pág. 54, mai./jun., 1990.

“Necessidades... e Realismo”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 46, pág. 58, jul./ago., 1990.

“Cinema e a Prostituta”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 47, pág. 54, set./out., 1990.

“O Voo Supersônico do Besouro”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 5, nº 48, pág.117, nov./dez., 1990.

“Turismo, Mitos e Lugares-Comuns”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos

Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 49, pág. 62, jan./fev., 1991.

“Ficção Científica na Ditadura”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 50, pág. 58, mar./abr., 1991.

“A Magnífica Foto da Saudação Nazista”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 51, pág. 77, mai./jun., 1991.

“FC e Jornalismo Cultural”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 52, pág. 66, jul./ago., 1991.

“Feminismo?”. *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 53, pag. 71, set./out., 1991.

“Argentina, Tortura e o Cupido Esperto”. *Somnium*. Lucio Manfredi (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 54, pág. 66. nov./dez., 1991.

“Sincronicidades ou Coincidências?”. *Somnium*. Lucio Manfredi (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 7, nº 55, pág. 72, jan./fev., 1992.

“FC, Literatura de Entretenimento?”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 7, nº 56, pág. 68, mar./jun., 1992.

“Quem tem Medo da ‘Fórmula 1’?”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 7, nº 58, pág. 71, nov./dez., 1992.

“F.C.: Má Literatura”. *Somnium*. R. C. Nascimento (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 8, nº 59, pág. 56 jan./mar., 1993.

“Colecionador de Catástrofes”. *Somnium*. Luis Marcos da Fonseca e Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica/Editora da Universidade Federal de São Carlos. Ano 9, nº 60, março, 1994.

“Ray, Presidiários e Bombas”. *Somnium*. Luis Marcos da Fonseca e Carlos André Mores (ed.). São

Carlos, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica/Editora da Universidade Federal de São Carlos. Ano 9, nº 61, pág. 94, setembro, 1994.

“Meu Célebre Ato, no Paramount”. *Somnium*. São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica/Editora da Universidade Federal de São Carlos. Nº 62, pág. 68, janeiro, 1995.

CAPAS DE LIVROS POR

ANDRÉ CARNEIRO

in *O Alvo Humano*, de Henriqueta Lisboa. Coleção do Poeta. São Paulo, SP: Editora do Escritor, vol. 5, 1973.

in *Os Arcos da Memória*, de Renata Pallottini. São Paulo, SP: Editora do Escritor, 1971.

in *Desafio ao Imortal*, de Eico Suzuki. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção do Escritor vol. 1, [s.d.].

in *Deste Lado do Horizonte: Contos*, de José Couto Ponte. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção do Escritor, 1972.

in *O Deus de Duas Cabeças*, de Maria Lúcia Pinheiro Sampaio. São Paulo, SP: João Scortecci, 1993.

in *Diário da Nave Perdida*. Capa de André Carneiro e Nelson Coletti. São Paulo, SP: EDART. Coleção Cientificação vol. 3, 1963.

in *Dick: Aventuras de um Cão Dinamarquês*, de Eico Suzuki. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção Infanto-juvenil vol. 4, 1970.

in *Espreita no Olimpo*, de Péricles Prade. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção Ensaio vol. 2, 1973.

in *A Flor do Tempo*, de Barbara de Araújo. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção do Escritor vol. 3, 1972.

in *História da Poesia Modernista*. Maria Lúcia Pinheiro Sampaio, São Paulo, SP: João Scortecci, 1991.

in *O Infinito e o Nada*, de José A. Segura. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção Ensaio vol.1,

1973.

in *O Peão Negro*, de Enéas Athanazio. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção do Escritor, [s.d.].

in *Peixinho Quente*, de Francisco Brasileiro. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção do Escritor vol. 4, [s.d.].

in *Poemas ao Outro*, de Lupe Cotrim Garaude. São Paulo, SP: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura. Série Poesia vol. 8, 1970.

in *A Poesia pede Passagem: Antologia*. São Paulo, SP: Editora do Escritor. Coleção do Poeta . vol. 3, 1972.

in *A Profecia de Cassandra*, de Maria Lúcia Pinheiro Sampaio. São Paulo, SP: Pannartz, 1991.

in *Somnium*. Carlos André Mores (ed.). São Paulo, SP: Clube dos Leitores de Ficção Científica. Ano 6, nº 52, jul./ago., 1991.

in *Território Mágico*, de Maria Lúcia Pinheiro Sampaio. São Paulo, SP: João Scortecci, 1990.

in *Vida Prática: Poemas*, de Domingos Carvalho da Silva. São Paulo, SP: Edições GRD, 1978.



Esta lista das publicações de André Carneiro não pretende ser definitiva ou completa. Com certeza, estão faltando algumas publicações, além de outras que ainda serão publicadas. Qualquer erro, omissão ou falta solicitamos a gentileza de enviar essas informações para a devida correção ou acréscimo de modo a melhorar a veracidade dos dados para silvioalexandre@yahoo.com.br

Agradecimentos especiais ao Maurício Carneiro por seu apoio incondicional em todos os aspectos.



SOBRE O POEMA

“FICÇÃO CIENTÍFICA”

por *Silvio Alexandre*



O poema “Ficção Científica” (Espaço-pleno, P.24, 1966), segundo André Carneiro, pode ser interpretado como se “escrito supostamente no futuro, dentro de uma nave espacial que se afasta da Terra”.

Ficção Científica

*“A aeronave
entre espaço e tempo.
Na tela fosforescente
olho fagulhas
do universo.*

*Só voltarei
após centenas
de anos.*

*Asteroides
riscam a vigia
transparente.
Sou lúcido,
conformado.*

*Amor, sentimento
ultrapassado.
Robot põe
a mão fria
no meu braço.
“Pensas abstrato”,
define com
ironia.*

*Proibido brincar
de saudade,
arrependimento.*

*Prazeres sintéticos,
nítidos, perfeitos.*

*Ela, na terra,
envelhecendo
sem meu abraço...*

*O robot me submete,
esquecimento.
Música de planetas,
sonho sucesso,
seres estranhos,
amar estrelas.*

*Na tela avança
a galáxia.
Daqui mil anos
lego aos
trinetos,
este poema
arcaico.”*

Segundo Germano César da Silva, “as imagens e o caráter seminarrativo do poema *Ficção Científica* revelam que a imersão em um novo mundo exige do sujeito uma nova postura: abandonar os vestígios de uma vida pregressa como o amor, como medida para afastar suas condições terrenas e mundanas e assim se atirar em uma nova realidade de prazeres sintéticos ao amar os seres estranhos e estrelas. É a própria imagem da exploração, ir a um novo espaço é igualmente colocado como ir a uma nova condição na qual o estranhamento gerado durante o processo repercute e molda novas formas de compreensão em sua volta. O caráter deste afastamento e do estranhamento que se dá neste experimento será sentido em sua obra posterior, em imagens que o poeta e escritor André Carneiro apresentará dentro de seu trabalho voltado para a exploração do gênero de Ficção Científica”.

(FONTE: GERMANO César da Silva. “Piscina Livre, André Carneiro: entre ícones e metamorfoses”. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011).



André Carneiro e suas Oficinas de Literatura

por Mustafá Ali Kanso

A DINÂMICA E O DINÂMICO

A exemplo do que realizou em São Paulo, André Carneiro deu início a um movimento literário em Curitiba por meio de suas Oficinas de Literatura e Cinema.

Desde seu início, a dinâmica das oficinas é basicamente a mesma. Em reuniões mensais cada escritor apresenta seu trabalho, que é lido e comentado pelos demais — atuando assim como leitores beta —, com a vantagem adicional de que todos são escritores e bem sabedores dos calos ardentes dos espancadores de teclados.

Os principais objetivos da oficina são:

- A busca incessante pela qualidade e pelo aperfeiçoamento na arte da escrita;

- O incentivo à leitura, à escrita e ao livre pensar.

E a presença de André Carneiro representava, invariavelmente, um insight. Uma inspiração. Ele materializava a máxima de William Yeats, não tendo a mínima pretensão de encher cântaros. Apenas o singelo propósito de encadear uma chama. E que cada um levasse seu combustível.

E, assim, ele simplesmente encantava.

André premiava a todos com seu humor inteligente, com sua simpatia, com sua erudição — apresentando em cada oportunidade sua percepção do mundo da arte, discorrendo sobre gêneros e técnicas literárias — falas que foram documentadas em vídeo e que estão sendo compiladas juntamente com entrevistas, palestras e conferências proferidas por ele em todos esses anos que prodigalizou seu conhecimento e sua experiência em Curitiba.

UM BREVE HISTÓRICO DAS OFICINAS

Em 2001 se iniciaram as reuniões no campus de Curitiba da UTFPR — Universidade Tecnológica Federal do Paraná — pela iniciativa de quatro escritores que na ocasião fundaram a Confraria de Escritores de Ficção Científica, a saber: Bertoldo Schneider Jr, Clair Nery Cardoso, Silvio Xavier e Carlos Machado (que atuou como secretário até 2005).

Em 2004, por indicação do produtor Mario Mendonça, o escritor Mustafá Ali Kansa é convidado por Nery Cardoso e Carlos Machado a ingressar nas oficinas. Com a saída de Machado em 2005, para iniciar seu programa de mestrado, Mustafá Ali Kansa é convidado por André Carneiro para assumir a secretaria e, alguns anos depois, a coordenação.

Com o decorrer dos anos o grupo foi aumentando e conta hoje com a participação regular dos escritores Alba Regina Bonotto, Brahian dos Santos, Cláudia Cenzollo Peloi, Eduardo Brindizi, José Roberto de Assumpção, Liana Zilber, Luis Felipe Antunes, Luis Ronconi, Maria Inês Portugal, Mustafá Ali Kansa, Pio Stremel Neto, Silvia Cenzollo Peloi, Valério Vivekananda, Valter Cardoso e Yuri Stremel, e também dos escritores visitantes Alda Slonik, Paulo Alonso, André Sionek (editor da revista Polyteck), Marcos Migliorini, Nicole Sigaud e Wilma

Rocio da Costa.

A PRODUÇÃO NAS OFICINAS

Das oficinas realizadas em Curitiba saíram textos premiados em concursos nacionais e que têm sido publicados em diversas antologias ao lado de grandes nomes da FC nacional, como por exemplo “Futuro Presente” (Record, 2009) e “Todos os Portais” (Terracota, 2009) — ambas organizadas por Nelson Oliveira, “Contos Imediatos” (Terracota, 2009) — organizada por Roberto Causo, e “Sagas IV” — lançada em 2013 pela Editora Argonautas.





Foi publicada, também dessa primeira fase, a coletânea de contos “A Cor da Tempestade” de Mustafá Ali Kansa, “An-Pu – O Papiro de Wadjet” de Nicole Sigaud e “Crônicas do Viajante do Tempo” de Marcos Migliorini.

Os trabalhos escritos na primeira fase da Confraria foram compilados no livro “Proibido Ler de Gravata” com lançamento em 2010 em Curitiba e sessão de autógrafos na Bial do Livro em São Paulo.





Estão no prelo a segunda edição de “A Cor da Tempestade” (com prefácio de Ramiro Giroldo), a coletânea de contos “Um dia Sem Calendário” de Liana Zilber (com prefácio de André Carneiro — uma de suas últimas contribuições), também a antologia da segunda fase da Confraria batizada muito propriamente de “Estranhas Histórias de Seres Normais”, o romance “O Mesmo Sol que rompe os Céus” e a coletânea de contos “Farol de Maracaibo”, ambas de Mustafá Ali Kanso, e em destaque o romance fantástico de Eduardo Brindizi “A Queda dos Deuses”, com lançamento previsto em Curitiba para abril de 2015 pela editora CRV.

Além das produções literárias, nessa segunda fase das oficinas foram produzidos roteiros de cinema e teatro, destacando-se entre eles a produção em curta-metragem “Corpos Dóceis”, com roteiro de Ana Schuster e direção de Nelson Buckner, e a peça teatral “A Nave dos Insensatos”, de Mustafá Ali Kanso, com Jullymar Roesler e Danilo Correia e direção de Mauro Zanatta.

UM VISLUMBRE

André Carneiro possuía um carisma e energia únicos. Participou de eventos temáticos de ficção científica e de literatura fantástica e recebeu prêmios de diversas entidades do gênero, como por exemplo o entregue no MEGACON em 2014.

Por conta desses claros objetivos de fomento ao

pensamento e à arte, foi criada em Atibaia, município serrano de São Paulo [e também sua cidade natal], a “A semana André Carneiro” — evento oficial encampado pela prefeitura do município que reúne mostras literárias, de cinema, de fotografia e de outras produções artísticas realizadas nas diversas oficinas que disseminou com seu exemplo.

Mesmo limitado pela idade avançada e por um acidente vascular que lhe foi roubando paulatinamente a visão, ele participava e prestigiava, com sua presença e a de seu grupo literário, diversas atividades de fomento à literatura e à arte.

Por intermédio da professora e mestra em literatura Wilma Rocio da Costa, André Carneiro e membros de seu grupo literário foram convidados a proferir palestras para professores e alunos, desde o ensino fundamental até o ensino superior — principalmente para os cursos de Letras e Pedagogia —, incentivando a leitura e a escrita e promovendo a criação de oficinas literárias nas escolas públicas.

Mesmo agora, em sua ausência física, seu grupo literário prossegue com suas atividades de divulgação e incentivo à literatura e com suas reuniões mensais na mesma sala emprestada da UTFPR, entendendo que é por meio de uma produção literária diversificada e crescente e pela busca incessante pelo aperfeiçoamento que irão honrar a memória desse grande mestre, fazendo bom uso de seu inestimável legado e de sua prodigiosa generosidade.

www.mustafa.com.br



as **UTOPIAS** de
André Carneiro

Prazer, desprazer e subversão

por Ramiro Girolto

Ensaio publicado originalmente no Anuário Brasileiro de Ficção Científica 2008, de Cesar Silva e Marcello Simão Branco. A presente republicação deve ser compreendida como uma homenagem ao saudoso André Carneiro.

PRELIMINARES

O presente ensaio pretende discutir uma parte da obra em prosa de André Carneiro⁵, relacionando a tradição literária utópica aos conceitos de prazer e desprazer conforme propostos por Sigmund Freud. Os textos selecionados pelo recorte (Diário da nave perdida, Um casamento perfeito, Piscina livre e Amorquia) integram uma série de narrativas algo interligadas que lidam com um futuro hipertecnológico de traços hedonistas, no qual as personagens parecem viver apenas para a perpetuação do prazer sexual. A série já foi chamada de “Anarquia Sexual” por Roberto de Sousa Causo⁶.

Para que possamos abordar as particularidades dos textos em pauta, são pertinentes algumas observações preliminares a respeito da categoria em que os incluímos. Para Daniel Derrel Santee, na dissertação de mestrado *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*, a utopia, ao apresentar organizações sociais perfeitas, “além de criticar [a sociedade empírica], apresenta soluções para as questões percebidas”⁷, enquanto a chamada distopia, configurando mundos odiosos,

“critica e mostra os prováveis resultados que os aspectos negativos devem fazer surgir”⁸.

Chris Ferns, em *Narrating Utopia*, define a distopia como a “inversão paródica” da utopia. Esta faria um elogio da ordem, graças à configuração de lugares pretensamente desejáveis onde todos os conflitos sociais foram resolvidos por meio de uma completa normatização; aquela, um alerta aos perigos que o excesso de ordem pode trazer à liberdade e à própria individualidade humana.

Acerca da relação entre narrativa utópica e ficção científica, cabe uma remissão a proposições de Darko Suvin. Segundo o teórico,

*[e]stritamente falando, a utopia não é um gênero, mas o sub-gênero sócio-político da ficção científica. Paradoxalmente, isso é verificável devido ao desenvolvimento moderno da ficção científica, que redefiniu retrospectivamente a utopia e a englobou. Além disso, esse desenvolvimento é uma continuação por vezes indireta da literatura utópica clássica e daquela do século XIX.*⁹

Segundo Suvin, a utopia deve ser encarada como uma espécie de ficção científica, já que exprime o efeito “suficiente e necessário” para um texto ser assim categorizado, o distanciamento cognitivo. É necessário destacar, nesse ponto, que o teórico define a ficção científica como “um gênero no qual as condições necessárias e suficientes são a presença e a interação de distanciamento e conhecimento, e no qual a principal convenção formal é um quadro imaginário, diferente do mundo empírico do autor”¹⁰.

5 André Carneiro nasceu em 1922 em Atibaia. O jornal literário *Tentativa*, que editou juntamente com César Memolo Júnior e Dulce Carneiro entre os anos de 1949 e 1951, foi apresentado por Oswald de Andrade e ilustrado por Aldemir Martins. Nesse jornal foram publicados textos inéditos de, entre outros, Graciliano Ramos, Hilda Hilst, José Lins do Rego, Otto Maria Carpeaux e Sérgio Milliet, além dos primeiros contos do próprio André Carneiro. Subsequentemente, as edições em prosa que Carneiro publicou no Brasil foram: *Diário da nave perdida* (1963), *O homem que adivinhava* (1966), *Piscina livre* (1981), *Amorquia* (1991), *A máquina de Hyerónimus e outras histórias* (1997) e *Confissões do Inexplicável* (2007). *Introdução ao estudo da science fiction* (1967), de sua autoria, é o primeiro volume teórico-crítico sobre ficção científica no Brasil. Os volumes de poesia que publicou no País foram: *Ângulo e face* (1949), *Espaçoplano* (1963), *Pássaros florescem* (1988) e *Quânticos da Incerteza* (2007). Sua última publicação foi na antologia poética *Hiperconexões – Realidade Expandida* (2014), organizada por Luiz Bras. Além de escritor, Carneiro possuiu diversas outras facetas: pioneiro da arte fotográfica no Brasil, artista plástico, cineasta e publicitário. André Carneiro faleceu no dia 4 de novembro de 2014.

6 No ensaio *A Brazilian metafiction: Paulo de Sousa Ramos's dystopian novella, O outro lado do protocolo*.

7 Tradução de “besides criticizing, presents solutions to the issues perceived”. SANTEE, *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*, acessado em 14/12/2005.

8 Tradução de “criticizes and shows the probable results the negative aspects might arise” SANTEE, *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*, acessado em 14/12/2005.

9 Tradução de “Strictement parlant, l'utopie n'est pas un genre. Mais le sous-genre sócio-politique de la science-fiction. Paradoxalement, cela n'apparaît qu'à la faveur du développement moderne de la science-fiction, qui redéfinit rétrospectivement l'utopie en l'englobant dans ce genre. En outre, ce développement est une continuation parfois indirecte de la littérature utopique classique et de celle du 19^e siècle”. SUVIN, *Pour une poétique de la science-fiction*, p. 69.

10 Tradução de “un genre littéraire dont les conditions nécessaires et suffisantes sont la présence et la interaction de la distanciation et de la connaissance, et dont le principal procédé formel est un cadre imaginaire, différent du monde empirique de l'auteur”. SUVIN, *Pour une poétique de la science-fiction*, p. 15

AS UTOPIAS DE CARNEIRO

A sociedade distópica se situa de forma marcadamente ambígua entre o perfeito e o odioso, uma vez que, no quadro imaginário encontrado nesse tipo de texto, a ausência de conflitos sociais é alcançada pelo cerceamento da liberdade popular. Se a repressão dos instintos é, na utopia propriamente dita, a maneira encontrada para garantir que o cidadão se mantenha obediente e, por assim dizer, “satisfeito”, na distopia isso não passa de cerceamento da liberdade individual, camuflado por um discurso paternalista.

Conforme as considerações de Aldous Huxley em *Brave new world revisited*, o Estado distópico precisa se valer de mecanismos compensatórios, a fim de que a população não seja capaz de articular criticamente as privações que lhe são impostas. O que para Huxley são mecanismos compensatórios, para a utopia desejável são artifícios que deixam o cidadão “feliz” e, conseqüentemente, produtivo e manso.

Huxley, no prefácio do romance *Brave new world*, delimita um desses mecanismos compensatórios: “Com a restrição política e econômica tende a crescer, em compensação, a liberdade sexual”.¹¹ Para tanto, é crucial a abolição de convenções sociais passíveis de frear a satisfação sexual da população. Satisfação encarada com certo imediatismo, já que a promiscuidade é, em *Brave new world*, seu veículo.

Os textos de Carneiro aqui em discussão lidam intensamente com a instância. Como não há a intenção de efetuar, no presente ensaio, uma análise de cunho diacrônico, podemos tomar como primeiro exemplo *Amorquia*, publicado décadas após o primeiro texto da série. No quadro imaginário apresentado no romance, a promiscuidade é imposta pelas normas sociais, e a erotização, conseqüentemente, marca até mesmo as ações mais corriqueiras. Refrear o impulso sexual, assim, se apresenta como uma forma de subversão.

É o que faz Karlow, personagem de *Amorquia* que chega a ficar dias sem praticar sexo. O diálogo que segue é de seu primeiro encontro com Játera, membro da chamada Polícia de Costumes:

– Meu nome é Játera – disse a jovem, tirando o estilete. – Quando foi a última vez que fez amor com... uma mulher?

– Há dois dias... – falou Karlow.

– Ontem e hoje sem mulher?

– É. É isso mesmo...

(...)

Játera guardou o estilete.

– Professor, pode tirar a roupa.

Enquanto falava, Játera ficara de busto nu e estava se desembaraçando da roupa de baixo. Ela deu uma espiada em Karlow, que continuava imóvel.

– Eu me recuso a essa prova idiota – disse ele.

– O senhor pode recusar, é claro; mas sua posição e a minha ficariam difíceis – retrucou ela, quase nua, com delicadeza.¹²

Além da abstinência sexual, Karlow incomoda a Polícia de Costumes porque conta a passagem do tempo e estuda a morte. No futuro configurado em *Amorquia*, pois, não apenas o tempo foi socialmente abolido a fim de perpetuar o prazer, como a própria morte foi superada pela hiperciência. Refreando o impulso sexual e percebendo a relação entre o tempo e a deterioração do corpo que culmina com a morte, Karlow parece realizar uma busca pelo sofrimento, por um desprazer que o tire da letargia de seu mundo.

11 Tradução de “As political and economical freedom diminishes, sexual freedom tends compensatingly to increase”. HUXLEY, *Foreword to Brave new world*, p. xvi.

12 CARNEIRO, *Amorquia*, p. 29.

Essa espécie de procura por desprazer é verificável já no primeiro conto de André Carneiro da série. Em *Diário da Nave Perdida*, incluído no livro homônimo, apenas um casal sobrevive a um acidente no espaço sideral. A nave em que viajam passa a vagar sem destino definido, já que nenhuma das personagens possui os conhecimentos específicos necessários para sanar as avarias mecânicas.

Distante de seu planeta natal, o casal a princípio se entrega desmesuradamente a repetidas sessões no hipnocine¹³ e ao consumo exagerado de mep-14¹⁴, uma droga psicotrópica que aliena as personagens e extirpa as emoções. O estoque da droga, contudo, acaba antes do esperado, deixando o casal à mercê de sua própria humanidade. Ambos, então, se veem forçados a lidar pela primeira vez com sentimentos como medo, ciúme, desejo e amor. A narrativa, em forma de diário escrito pelo homem, acompanha o estado de espírito do casal e as consequências da volta das emoções: sucinta e distante a princípio, digressiva com o desenrolar.

Como é típico das narrativas utópicas e distópicas, o conto apresenta um contraponto entre sociedades radicalmente divergentes:

Entre os maniqueus, o uso do mep é banido, aqueles que o usam de contrabando e são apanhados, vão trabalhar presos, nas minas de ribsilitz. Sua civilização, tecnicamente primitiva, evoluiu de maneira diferente da Terra. Eles não se preocupam com facilidades mecânicas e as consideram inimigas do bem-estar. (...) As biblioimatec e os enredos de hipnocine tratam-nos de maneira desprezível, como se fossem pouco mais evoluídos do que os animais impregnados da colônia lunar. Revejo-os nas histórias idiotas e acho inteligentes seus olhos profundos, já não rio das orelhas caídas, que encerram a coragem de aceitar as próprias deficiências. Nós, terrenos, tivemos que nos casar com máquinas e drogas. Os robots são também nossos filhos mecânicos, nos suplantam, mas não somos capazes, como os maniqueus, de ficar toda

*uma noite a contemplar as estrelas, ou de viajar a pé para ver as paisagens. Escrevo inutilmente todas essas velhas e repetidas heresias, prescritas e condenadas. E o faço porque pressinto que voltaremos.*¹⁵

O que resulta do contraponto e da valorização do natural sobre o artificial não é meramente o temor do novo ou mesmo do tecnicismo. Em última instância, afinal, os maniqueus são superiores aos humanos não por terem uma civilização “tecnicamente primitiva”, mas pela “coragem de aceitar as próprias deficiências” e de resistir à tentação de esquecê-las por meio de métodos artificiais. Assim, o que é posto como diferente e superior à conformação distópica não são valores tradicionais socialmente construídos, mas uma procura por consciência e aceitação das limitações humanas – percepção inconcebível se as emoções jamais afloram.

A dificuldade que o protagonista e sua companheira sentem em lidar com as emoções, por exemplo, não seria combatida com mep-14 pelos maniqueus. Forçadas a enfrentá-la sem o auxílio artificial, longe dos confortos tecnológicos e químicos, as personagens se identificam cada vez mais com a civilização “primitiva”.

Quando a espaçonave onde o protagonista e sua amante¹⁶ vagam perdidos finalmente chega à Terra, depois de dezesseis anos no espaço, ele se recusa a voltar aos hábitos de sua sociedade. Secretamente, toma menos drogas do que lhe é recomendado pelas autoridades: “Parece que estou dizendo tolices outra vez. São as doses de midbenzila que tenho diminuído sem ordens. Liz não compreende, mas eu tenho um certo prazer em voltar ao antigo estado”¹⁷. Sua companheira da nave perdida volta sem sobresaltos ao artificialismo massificado de seu mundo distópico e acaba por denunciar o protagonista. Recusando um condicionamento mental que o poderia tornar novamente “adequado”, escolhe ir “para Marte, viver entre os maniqueus”¹⁸.

13 Hypnos, na mitologia grega, é o deus que personifica o sono. A associação do nome ao cinema, bem como a forma com que as personagens do conto usufruem do hipnocine, são sugestivas.

14 Tal droga imaginária é recorrente nas narrativas do ciclo, e é presente também em *Amorquia*. “Mep-14” vem de “meprobamina”, composto do *Valium*. Este medicamento seria um antepassado menos eficiente do mep-14.

15 CARNEIRO, *Diário da nave perdida*, p. 194-195.

16 Diz o protagonista, em seu diário: “Liz é minha amante. É arcaica a palavra, mas como não empregá-la se retornamos ao que foram os homens há séculos?”. CARNEIRO, *Diário da nave perdida*, p. 180.

17 CARNEIRO, *Diário da nave perdida*, p. 207.

18 CARNEIRO, *Diário da nave perdida*, p. 209.

Para Sigmund Freud, tanto o progresso técnico quanto a influência química sobre o organismo são métodos de evitar o desprazer. Na distopia de Diário da Nave Perdida, os dois métodos trabalham juntos nesse exato intuito, mostrando-se produtivo relacionar ao conto as proposições de Freud que seguem. Quanto ao progresso técnico, Freud propõe que seu avanço “não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que [os homens] poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes”¹⁹. O progresso técnico, assim, não traz senão um “prazer barato”:

*Gostaríamos de perguntar: não existe, então, nenhum ganho no prazer, nenhum aumento inequívoco no meu sentimento de felicidade, se posso, tantas vezes quantas me agrada, escutar a voz de um filho meu que está morando a milhares de quilômetros de distância, ou saber, no tempo mais breve possível depois de um amigo ter atingido seu destino, que ele concluiu incólume a longa e difícil viagem? Não significa nada que a medicina tenha conseguido não só reduzir enormemente a mortalidade infantil e o perigo de infecção para as mulheres no parto, como também, na verdade, prolongar consideravelmente a vida média do homem civilizado? Há uma longa lista que poderia ser acrescentada a esse tipo de benefícios, que devemos à tão desprezada era dos progressos científicos e técnicos. Aqui, porém, a voz da crítica pessimista se faz ouvir e nos adverte que a maioria dessas satisfações segue o modelo do “prazer barato” louvado pela anedota: o prazer obtido ao se colocar a perna nua para fora das roupas de cama numa noite fria de inverno e recolhê-la novamente. Se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado sua cidade natal e eu não precisaria de telefone para ouvir sua voz; se as viagens marítimas transoceânicas não tivessem sido introduzidas, meu amigo não teria partido em sua viagem por mar e eu não precisaria de um telegrama para aliviar minha ansiedade a seu respeito.*²⁰

Quanto à influência química sobre o organismo, Freud a considera o método mais grosseiro, e tam-

bém o mais eficiente, de combate ao sofrimento. Há uma contrapartida em sua perspectiva:

*Devemos a tais veículos [os intoxicantes] não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis, em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano.*²¹

Freud se refere ao indivíduo que encontra refúgio nos intoxicantes que o alienam do mundo ao redor, uma espécie de “felicidade da quietude” alcançada por meio da influência química do próprio organismo. Trata-se de uma satisfação análoga àquela reservada à população de governos distópicos, dado observável no uso encontrado para as drogas no futuro de Diário da Nave Perdida – drogas que suprimem as emoções e “aquietam” a todos.

O retorno ao primitivismo técnico dos maniqueus representa a fuga do prazer barato proporcionado pelos “robots” e pelas drogas, ou, em outras palavras, a procura por um desprazer²² que ponha em evidência as deficiências e as limitações humanas. Apenas quando estas são ressaltadas, o protagonista pode realmente se sentir vivo. Assim, fecha-se um ciclo: a fuga do prazer barato e a equivalente procura pelo desprazer se transformam em uma espécie superior de prazer – o prazer de se sentir humano, no caso.

O conto *Um casamento perfeito*, publicado em *O homem que adivinhava*, e o romance *Piscina livre* são outros textos de Carneiro que apresentam uma espécie de procura pelo natural, uma fuga do artificialismo que visa combater a letargia e despertar a individualidade.

19 FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 39.

20 FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 40.

21 FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 27.

22 A aplicação do termo “desprazer” não é excessiva, já que o próprio protagonista usa a palavra “masoquismo” para definir sua nova atitude.

O primeiro apresenta um futuro bastante similar ao de Diário da nave perdida e ao de *Amorquia*, no qual um computador (como em vários textos da série, trata-se do Computador Central) seleciona o homem e a mulher que, compatíveis de acordo com seus cálculos, devem se unir e constituir um casal perfeito. O protagonista Val-t pouco a pouco começa a desconfiar do julgamento do computador, já que ele e a parceira selecionada, chamada A-Rubi, não parecem propriamente compatíveis. O casal, ao contrário do que comumente acontecia entre os selecionados pelo computador, precisa lidar com a diferença, com a alteridade, o que força a um questionamento das normas de seu mundo. Assim, quando o protagonista descobre que o computador fora sabotado e de fato errara na seleção do casal, já não é mais de seu interesse se divorciar de A-Rubi. Notemos que é no enfrentamento da adversidade, analogamente ao que acontece em Diário da nave perdida e *Amorquia*, que as personagens adquirem um senso de humanidade.

Em *Piscina livre*, o comportamento sexual desviante se constitui como ato subversivo de ataque à configuração distópica. O desvio, no caso, é a preferência sexual que as mulheres passam a manifestar pelos andróides (os “Andrs”), em detrimento dos homens. Estes, temerosos, acabam por responder com violência, mas os Andrs conseguem inserir uma nova programação no Computador Central. Tanto a ação reacionária dos homens, que se revela enganosa, quanto o movimento revolucionário dos Andrs, forçam a sociedade narrada a abandonar suas normas e preconceitos e, por fim, se tornar uma desejável utopia.

Um dado importante é que os Andrs “defeituosos” se refugiam, antes de acontecer a revolução, em uma exuberante mata ao lado da cidade estéril e tecnológica onde se passa boa parte do enredo²³. Notemos que a oposição entre natural e artificial (e o elogio do que seria natural) se apresenta, em *Piscina livre*, de forma particularmente irônica. Afinal, os Andrs, construtos tecnológicos, ocupam o lugar que caberia à natureza humana, enquanto os homens, seres biológicos, encarnam o preconceito

e o artificialismo que impedem as personagens de encontrar essa mesma natureza. Na conclusão, as diferenças entre os andróides e os homens são socialmente eliminadas, equiparando-se uns aos outros – ou seja, indo além das aparências chega-se ao cerne.

Freud, em *Além do Princípio de Prazer*, toma como ponto de partida proposições de G. T. Fechner a respeito da relação entre prazer e estabilidade e entre desprazer e instabilidade. A hipótese de Freud, então, é

[...] que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Esta última hipótese constitui apenas outra maneira de enunciar o princípio de prazer, porque, se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja, desagradável. (...) [U]m exame mais pormenorizado mostrará que a tendência que assim atribuímos ao aparelho mental, subordina-se, como um caso especial, ao princípio de Fechner da “tendência no sentido da estabilidade”, com a qual ele colocou em relação os sentimentos de prazer e desprazer.²⁴

Tal tendência à estabilidade e sua relação com o prazer é aplicável à “quietude” da utopia e da distopia. A concepção de uma sociedade onde não existe nenhuma espécie de conflito, bem como a necessidade de manter a população “satisfeita”, representam uma garantia de estabilidade e, conseqüentemente, de prazer.

Para Freud, a procura humana por estabilidade “[p]or um lado visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer”²⁵. Tal procura pela felicidade, contudo, nunca se completa e inexiste a concretização do princípio de prazer – trata-se de uma busca sem fim:

23 Cenário, observemos, que remete à clássica distopia *A muralha verde*, de E. Zamiátin.

24 FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, p. 11.

25 FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 24

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. (...) O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica.²⁶

Na utopia, ficcionalmente somos apresentados a um lugar onde tal busca fantasticamente chegou a um fim. Lembremos que a palavra “utopia” traduz o conceito: o “lugar perfeito”, que é “lugar nenhum”, que não existe e, de acordo com a perspectiva freudiana, não pode existir. Já na distopia, a própria impossibilidade de um lugar perfeito, onde o homem tenha encontrado a felicidade plena, é posta em evidência²⁷. A inquietação do protagonista típico dessa espécie de texto é um exemplo de que as coisas não são perfeitas como o Estado distópico quer fazer crer.

Os textos discutidos neste ensaio ilustram significativamente a instância, além de proporem uma nova questão: se o indivíduo vive para a satisfação, é incondicionalmente suprido em todas as suas necessidades e habita um mundo onde não existe nenhuma espécie de conflito com o outro, de onde nasce a inquietação das personagens? Ou, uma vez forçadas a enfrentar o desprazer, porque conseguem enxergar seu valor? Em outras palavras, o que as leva à procura do desprazer e a questionar o prazer imediatista de seu mundo?

Segundo Freud,

Quando qualquer situação desejada pelo princípio de prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas.²⁸

A vida no futuro configurado nas narrativas aqui discutidas, estruturada em torno do prazer e livre da violência, da dor e da morte, não permite que as personagens tenham um parâmetro comparativo, não havendo possibilidade de contraste. Logo, a inquietação que os leva à procura por desprazer pode ser ilustrada pela célebre frase de Goethe, citada por Freud em *O Mal-estar na Civilização*: “Nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos”²⁹. Para Freud “isso pode ser um exagero”³⁰. As utopias de Carneiro, contudo, propõem uma circunstância ficcional onde tal exagero é possível.

Referências:

- CARNEIRO, André. Amorquia. São Paulo: Aleph, 1991. (Coleção Zenith: v. 4).
- _____. Um casamento perfeito. In: CARNEIRO. O homem que adivinhava. São Paulo: EdArt, 1966. p. 9-22.
- _____. Diário da Nave Perdida. In: CARNEIRO. Diário da nave perdida. São Paulo: EdArt, 1963. p. 161 – 209.
- _____. Piscina Livre. São Paulo: Moderna, 1980.
- CAUSO, Roberto de Sousa. A Brazilian metafiction: Paulo de Sousa Ramos's dystopian novella, O outro lado do protocolo. [s.d.] [Texto digitado].
- FERNS, Chris. Narrating Utopia. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. Tradução de Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- _____. O mal-estar na civilização. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HUXLEY, Aldous. Brave new world. New York: HarperCollins Publishers Inc., 1998.
- _____. Brave new world revisited. New York: HarperCollins Publishers Inc., 2000.
- SANTEE, Daniel Derrel. Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia. Florianópolis, 1988. Dissertação (Mestrado em Letras), UFSC. Disponível em: <<http://www.ead.ufms.br/letras/daniel/thesis/>> Acessado em 14/12/2005.
- SUVIN, Darko. Pour une poétique de la science-fiction. Québec: LesPresses de L'Université du Québec, 1977.
- ZAMIÁTIN, Evgeni Ivanovitch. A muralha verde. Tradução de José Sanz. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963.

26 FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 24.

27 Uma assertiva de Ferns parece implicar um sentido análogo ao de nossa proposição: “A distopia satiriza tanto a sociedade como ela é quanto a aspiração utópica de transformá-la”, tradução de “Dystopia satirizes both society as it exists, and the utopian aspiration to transform it” (FERNS, 1999, p. 109).

28 29 30 FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 24.

Duração,
estranhamento
e heterocronia em
A ESCURIDÃO

de ANDRÉ CARNEIRO

por Luana Barossi

A luz que permitia que se exer-
gasse o mundo, apagou. Não
de um átimo, mas como se um
dimmer fosse rodado, paulatinamente. O narrador
acompanha a incredulidade de Wladas, um homem
solteiro habituado à rotina firmada no tempo cro-
nológico e na crença de que vivia como um sujeito
livre. O protagonista morava sozinho em seu apar-
tamento, sem se relacionar com os vizinhos. Traba-
lhava em um escritório. Mantinha sua vida prática
cotidiana sem maiores problemas. Quando todos os
meios de combustão e todas as luzes (incluindo a do
sol) começaram a se “apagar”, *Wladas aceitou a rea-
lidade do fenômeno mais tarde do que os outros* (49).
Houve grande especulação, tanto entre os cientis-
tas, quanto no senso comum para tentar definir as
causas do fenômeno antes que ele se manifestasse
por completo. As tentativas de compreensão foram
em vão. O estranhamento que se processa no pla-
no narrativo neste momento, provavelmente atinge
também um leitor hipotético.

Grande parte das análises, leituras e críticas li-
terárias são feitas com base no princípio da veros-
similhança, a partir de comparações entre o plano
narrativo e o plano de imanência que constrói a
noção do que é real relativamente ao contexto de
produção ou de apreciação de determinada obra.
Para se estabelecer esse tipo de relação, é necessá-
rio ter especificado de forma clara o que constitui
um suposto “real”. Uma das noções constitutivas do
que chamamos de real é a determinação de tempo
cronológico e os consequentes conceitos de passa-
do, presente e futuro. Se partirmos dessa perspecti-
va para fazer uma análise da obra em questão, po-
deríamos dizer que o conto se dá numa gradação
que relaciona a intensidade da luz com o tempo
cronológico, sendo que, de acordo com a passagem
do tempo, a intensidade da luz diminui até chegar
ao zero, permanecendo aí por determinado tempo
(18 dias) e voltando à intensidade normal de forma
gradativa.

No entanto, da mesma forma que uma suposta
função que suportaria esse gráfico isolaria as coor-
denadas (luz x tempo) de outros elementos cons-
titutivos da narrativa, analisar o conto a partir das

noções preestabelecidas como verdades num suposto mundo real implicaria no assassinato da experiência narrativa e das nuances da percepção.

Se pensarmos nas noções de tempo do senso comum, percebemos que dificilmente se questiona a proposta de uma linha cronológica que define os acontecimentos relativamente a um espaço ou indivíduo. E essa noção, apesar de importante para a compreensão da forma como o mundo tem se organizado nos espaços hegemônicos, esmaga a possibilidade da percepção inerente às intensidades da experiência. As intensidades não seguem as convenções que criamos.

A criação artística, processo no qual se inclui a criação literária, tem por vezes a potência de partir de um plano de composição³¹ e criar outros perceptos, outras concepções de mundo que não podem ser explicadas por meio das noções sistemáticas que temos como verdades científicas. E isso não é o mesmo que criar narrativas a partir de um mundo imaginário, pura e simplesmente, mas de questionar determinados aspectos do mundo que temos estabelecidos diacronicamente como verdadeiros. Isso se dá a partir da produção de um estranhamento com relação ao próprio mundo (e não simplesmente por comparação entre um suposto mundo narrativo e um mundo tido como real), que nos parecia, em um primeiro momento, dado. A escuridão, de André Carneiro, é uma narrativa com potência capaz de produzir perceptos que abalam a perspectiva de certezas do leitor atento.

O escritor e crítico Viktor Chklovski, em seu texto *A arte como procedimento*, fez considerações bastante pertinentes com relação ao objetivo da arte (incluindo aí a literatura):

O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio

de experimentar o devir do objeto, o que já é "passado" não importa para a arte (Chklovski, 1917, 45).

A singularização da qual o autor fala, traduzida por vezes como “estranhamento”, não está relacionada somente à obra, mas à própria concepção das coisas. Chklovski, como formalista russo, propõe que esse estranhamento se dá no obscurecimento da forma. No entanto, essa forma não é despregada da narrativa e seu conteúdo, mesmo porque o aumento da percepção proposto pelo autor para sentir o devir do objeto transborda qualquer estrutura preestabelecida, pois entra no plano do percepto, que, por sua vez, de acordo com o filósofo Gilles Deleuze, corresponde a um conjunto de sensações e percepções. Esse conjunto é apreendido a partir da utilização da intuição como método. Ao falar que “o que já é passado não importa para a arte”, Chklovski não quer dizer que o que porventura tenha acontecido não deva ser considerado, mas questiona a própria noção que define o tempo e a forma como enxergamos o mundo. Ele atribui à arte esse papel de desnaturalização. O passado como algo desprezado do acontecimento presente não existe.

A narrativa de Carneiro traz concomitantemente ao plano da linguagem e ao conteúdo narrativo o próprio o procedimento da arte como concebido por Chklovski. O obscurecimento da forma é tomado na obra como uma literalização metafórica³²: o obscurecimento do mundo conhecido, a luz que se apaga. O obscurecer da forma e o aumento da dificuldade e da duração da percepção se dá a partir da escuridão que faz com que Wladas questione sua forma de conceber o próprio mundo e de perceber os acontecimentos. Somos convidados a vivenciar essa duração com o protagonista, não apenas num suposto plano narrativo, mas no plano da possibilidade de construção que a arte proporciona ao obscurecer as linhas que separam as concepções de mundo do apreciador e a própria narrativa.

Henri Bergson questionou o tempo proposto pelos filósofos que seguem a teoria tradicional e pelos cientistas, por se tratar de um tempo esquemático e

31 Gilles Deleuze e Felix Guattari, em *O que é a Filosofia?* discorrem sobre as concepções de Filosofia, Ciência e Arte. Para os autores, a primeira se dá com a criação de conceitos num plano de imanência; a segunda se dá na determinação de proposições e functivos num plano de referência; já a arte corresponde à criação de perceptos e afetos num plano de composição. As três estão em constante relação, mas têm uma atitude diferente com relação ao que os autores chamam de caos.

32 O conceito de metáfora literalizada é bastante discutido nos estudos literários. Alguns autores importantes que propuseram definições são Jean-Paul Durix, Kumkum Sangari e, no campo específico da ficção científica, Samuel R. Delany.

espacial a partir de uma figuração simbólica (linha cronológica disposta no espaço), que é o que definiu a noção de tempo do senso comum. De acordo com o filósofo, o tempo cronológico é despregado da realidade, pois é abstrato e *não adere aos objetos*: é uma temporalidade impregnada de espaço. O tempo cronológico pressupõe que quando o ponteiro dos segundos avança, o segundo anterior deixa de existir. Ou seja, o segundo presente anula o passado. Desta forma, ao pensarmos no tempo, imaginamos uma série de ocorrências que se justapõem, como se estivessem dispostas no espaço, uma depois da outra. Essa espacialização não dá conta da experiência, pois acabamos “enxergando” os estados de consciência que fazem parte da experiência como objetos que ocupam lugar em um espaço (a linha cronológica) e que quando uma experiência toma “forma”, a anterior deixa de existir.

Bergson cria então o conceito de duração (*durée*), que não diz respeito a esse tempo espacial (Kronos³³), mas ao tempo dos acontecimentos (mais próximo ao Kairós grego). Bergson diz que o tempo para a ciência empírica é abstrato: cada passo do ponteiro exclui o outro. O espaço, nesse tempo cronológico, não conserva nenhum traço, nenhuma marca do que já passou. Cada passo do ponteiro é um presente único e independente. Mas a duração considera momentos precedentes em cada instante. Em vez de cada momento, ocorre o ato em sua plenitude. A duração é então o tempo qualitativo que corresponde à condensação dos momentos num único instante: *A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança* (Bergson, 2006, 47).

O leitor deste artigo poderia estar se questionando sobre o motivo de tamanha digressão se, em princípio, o texto se trataria de uma “análise” da narrativa de Carneiro. No entanto, tais conceitos e desfamiliarizações são imprescindíveis para a leitura que se propõe aqui.

O processo se dá num duplo sentido: o estranha-

mento causado pelo próprio conto (perspectiva do protagonista) e sua dimensão de inserção na forma como enxergamos (ou deixamos de enxergar) o mundo. O tempo do conto, antes de ser um tempo cronológico relacionado à gradação da perda da luz, como descrito no segundo parágrafo, é um tempo de duração (nos termos de Bergson). E efetiva na narrativa, de forma literal, o obscurecimento da forma, proposto por Chklovski, para que a percepção da experiência seja aguçada. Ora, o aparente paradoxo que se forma – aguçar o percepto, que corresponde a um conjunto de percepções e sensações por meio do obscurecimento de um sentido (visão) – se desfaz quando mergulhamos na experiência narrativa.

Se o processo paulatino de escurecimento for entendido a partir da noção de duração como experiência (*durée*), considerando também que a noção inicial do protagonista era fixada na cronologia (da vida cotidiana), poderíamos dizer que o acontecimento narrativo se dá numa espécie de heterocronia. Utilizo esse verbete não de acordo com sua concepção biológica, mas como um conceito filosófico analógico à concepção de heterotopia proposta por Michel Foucault³⁴, com a diferença de que, enquanto as heterotopias têm como função a adaptação dos corpos aos objetivos dos dispositivos de poder a partir de construções espaciais de confinamento, a heterocronia não propõe uma barreira espacial, mas temporal (no sentido de quebrar o tempo cronológico como forma de regulação da vida), que promove, ao contrário da heterotopia, o estranhamento dos processos cotidianos e consequente questionamento da posição de conforto e acomodação com relação à própria forma de conceber e construir o mundo. É uma espécie de revolução, mas que não se dá no plano da alteração da forma de organizar um espaço, mas antes na própria maneira de entender e construir esse espaço.

No conto, tal qual uma revolução, uma alteração no estado de coisas se anuncia:

33 Para os gregos antigos havia pelo menos três aspectos diferentes que se completam formando a concepção de tempo, bem mais complexa do que a contemporânea. Essa concepção é explicada pela mitologia. Como não é o foco deste artigo, sugiro, para quem tiver interesse, pesquisar os conceitos de Kronos, Kairós e Aion na mitologia grega.

34 Heterotopias são como espaços reais formados na própria fundação da sociedade, nos quais representações de todos os outros espaços reais dessa dada cultura podem ser encontrados. Este tipo de lugar está fora de todos os lugares, e, paradoxalmente, opõem-se às utopias. Entre as utopias e heterotopias poderá existir uma experiência mista, que pode ser comparada ao espelho, que afinal é uma utopia, uma vez que é um lugar sem lugar. No espelho, nos vemos onde não estamos, num espaço irreal que se abre atrás da superfície, e cuja imagem se estende apenas no espaço temporal em que nos refletimos nele. Exemplos de heterotopias institucionalizadas são os hospícios, as escolas, as prisões e o exército.

Lembrou-se da revolução, na sua juventude. Algo que irrompe, à nossa revelia e nos carrega para um destino que não escolhemos. Mas, fora diferente a revolução. Tiros, bombardeios, mortes. Agora era um fenômeno estranho, é verdade, mas que não atingiria a altura de calamidade pública. Os que se preocupam com o tempo foram os primeiros a observar (49).

O tempo e o estranhamento são os conceitos recorrentes na obra, um interpenetrando o outro, um ressignificando o outro. Antes de a escuridão ser total, o apego à vida como ela era, fixa na cronologia, faz com que Wladas recorra às horas frequentemente, como forma de ter alguma segurança, alguma coisa que o una ao conhecido:

Sentou-se à beira da cama com uma penosa sensação de isolamento. Abriu a janela e o confortaram as milhares de bolas vermelhas, lâmpadas acesas nos grandes prédios, cujas silhuetas pouco se destacavam no céu sem estrelas. Às apalpadelas, Wladas achou uma vela em uma gaveta e a acendeu. A chama, sem calor, era curta e pálida, mal se vendo as horas do relógio de pulso a um palmo de distância (50).

Sempre olhando as horas – a marca de Kronos, que exclui o momento anterior –, Wladas tenta manter seu senso de praticidade numa vida alheia àquela que estava acostumado. Ele separa os alimentos sobre a mesa da cozinha e enche a banheira de água, prevenindo a catástrofe que se anunciava. Mas o medo de desconstruir o mundo automatizado em que vivia o fixava em suas certezas, aquelas que serviam como forma de explicar um estado de coisas dado. Ora, o dado raramente é questionado, apenas as formas criadas para explicá-lo é que partem de perspectivas diferentes. Mas se esse dado tiver sido também construído, pode ser igualmente desmantelado. O pavor da desconstrução fixava Wladas no hábito:

A força do hábito fê-lo pensar no emprego. Percebeu que não tinha nem sabia para onde ir. Lembrou-se do terror infantil quando o fecharam em um armário. Faltava ar e o escuro o oprimia. Respirou profundamente na janela. No fundo preto do céu, o disco verme-

lho do sol. Esforçou-se para raciocinar com calma, fazer deduções. No início os cientistas tinham feito hipóteses e análises (50-1).

Mas as próprias hipóteses e análises científicas eram fixadas no regime de verdade construído antes desse acontecimento inaudito. Para quem não consegue conceber a duração do acontecimento (*durée*), porque Kronos tem domínio total sobre a experiência, a sensação de entrar em uma heterocronia pode chegar a um limite próximo ao insuportável: *Wladas não conseguiu coordenar o pensamento, a escuridão insinuava-lhe a vontade de correr em busca de auxílio. Fechou os punhos, repetiu para si mesmo: “Preciso manter a calma, defender minha vida até que se normalize tudo” (51).*

Mas defender a própria vida, atitude à qual Wladas estava bem acostumado, era também uma forma de conceber o próprio mundo antes da heterocronia. Ou seja, a crença na liberdade individual da vida pré-escuridão já exigia uma cegueira completa com relação à servidão que mantinha aos processos naturalizados como hábito.

Wladas resolve sair para tentar entender o que acontecia. Neste momento encontra seu vizinho, pessoa até então existente para ele somente nos cumprimentos constrangedores nos corredores do prédio:

Abriu-se uma porta ao lado, uma voz ansiosa de homem perguntou: “Quem está aí?”. “Sou eu, Wladas, do apartamento 312”, respondeu. Sabia quem era, um senhor grisalho, com mulher e dois filhos. “Por favor”, pediu, “diga a minha mulher que a escuridão vai passar, ela está chorando desde ontem, as crianças com medo”. Wladas aproximou-se, devagar. A mulher parecia estar ao lado do marido, a soluçar baixinho. Procurou sorrir, embora não o vissem: “Fique tranquila, minha senhora, é só a escuridão mas ainda se vê o sol, lá fora. Não há perigo, vai passar logo” (51).

Mas não passou logo. Ao contrário: quando Wladas caminhava do lado de fora do prédio, olhou para cima e notou que o *disco vermelho pulsando [sol] desaparecera. O negro era absoluto (52)*. Ele se sentiu perdido. E a pergunta que se fez nesse mo-

mento foi: *Que horas seriam?* (52)

Pôs o relógio de pulso no ouvido. Não consegui abrir com a unha a tampa de vidro, para sentir o ponteiro pelo tato. A mão direita tocando a parede, a esquerda em arco na sua frente, começou a voltar, os pés arrastando-se na calçada. Conhecia aquele trecho, suas mãos identificavam algumas portas e vitrinas. Transpirava e tremia, os sentidos concentrados no caminho de retorno (52).

Embora ainda servil ao tempo (Kronos), pois pergunta pelas horas num momento de desespero, pela primeira vez deixa-se guiar pelos sentidos e pela intuição, ainda que de forma forçada. E a duração (*durée*) começa a tomar espaço em seu mundo, o tempo cronológico passa a ser apenas uma aproximação: *arrastou-se até a cozinha, com uma faca conseguiu abrir o relógio. Apalpou os ponteiros. Eram onze horas ou meio-dia, aproximados* (52).

Apesar da situação distópica (se pensarmos a distopia como experiência), esse acontecimento fez com que Wladas intuisse que seu individualismo era, na verdade, servil aos processos e instituições. Passou então a ajudar como podia a família de seu vizinho. Deu água e alimento, confortou as crianças e foi confortado por elas:

Foi confortador as crianças saudarem sua chegada: “Tio Wladas já está aqui, mamãe!” Sentiu-se comovido, não era preciso disfarçar, no escuro. É falta a memória visual. Wladas lembrava-se vagamente da fisionomia dos seus novos amigos que, antes, apenas vislumbrava em suas idas e vindas. Foi instalado em um grande sofá posto ao lado do quarto, na sala. Conversaram, deitados, as palavras como elos de presença e companhia (53-4).

Os afetos³⁵ começaram a surtir importância maior do que a passagem do tempo. Dormiam e sonhavam com o sol entrando na janela. Ajudavam-se mutuamente, como se fossem um conjunto indivisível de multiplicidades: *Ninguém poderia saber, mas levantavam as cabeças ao mesmo tempo, a escutar, respirando forte, aguardando um milagre que*

não surgia (55).

Quando pensavam na duração indefinida da situação, a possibilidade do “para sempre” assolou-os: *Wladas apalpava os ponteiros do tempo, sem plano para agir* (54). Ele tentou sair uma vez, mas quase se perdeu, pois não podia se afastar das paredes nem esquecer o trajeto de ida. A sensação do medo o afetou e a noção de dia foi também questionada: *Sentou-se e respirou, aliviado. Riu e confessou que tivera medo, subira correndo. Lá fora estava no mesmo. Ficaram encerrados o resto do dia, se se podia empregar a palavra* (55, grifo meu).

Até que a reserva de alimentos que tinham nos apartamentos se esgotou. Preocupado com seus amigos, em especial as crianças, Wladas resolveu pilhar a mercearia que ficava a aproximadamente cem metros do prédio. Foi quando o narrador nos contou que todas as instituições do mundo pré-catástrofe não tinham mais significado ou poder algum:

Saía do seu abrigo para furtar comida. Era para se temer o que encontrasse. A escuridão riscara as hierarquias. Nada mais valia o dinheiro, os documentos e carteiras de identidade. Não existiam polícia, governo e leis aplicáveis. Tinha-se que confiar em vozes, saídas das fisionomias ocultas, cujas mãos poderiam dar ou agredir (56).

Mas a mercearia já havia sido esvaziada, não havia comida. Desesperado, acabou se perdendo. Gritava por socorro, lembrando-se que ouvira inúmeros gritos e pedidos de ajuda e nada fizera para auxiliar os desesperados: *Quanto mais silêncio à sua volta, mais implorava, pedindo por piedade que o ajudassem. Por que o haveriam de fazer? Ele mesmo ouvira de sua janela gritos de socorro dos extraviados, cujas vozes desesperadas faziam temer a loucura de um assalto* (57).

E foi nessa hora de desespero absoluto que Wladas finalmente se liberta de Kronos. Afinal, de que adiantaria saber as horas? O acontecimento o atravessou de tal forma que seu próprio pensamento foi modificado pela experiência:

35 Afeto aqui tem mais relação com o conceito de Espinosa – muito utilizado por Gilles Deleuze – do que com o sentido dicionarizado como “carinho” ou “ternura”. Afeto como conceito filosófico diz respeito, resumidamente, a um acontecimento incorpóreo na medida em que é capaz de “atravessar os corpos” e, desta forma, afetá-los.

Havia ruídos na escuridão, impossível que não o ouvissem. Chorava e pedia sem a menor vergonha, o manto negro reduzindo-o a uma criança indefesa. Quanto tempo se passara? Não sabia mais, seu relógio trabalhava, mas não trouxera uma lâmina fina para abri-lo, nem se importava com as horas. A escuridão abafava, entrando pelos poros, modificando os pensamentos (57).

É comum escutarmos que os cegos, apesar de não terem o sentido da visão (ou terem uma visão parcial) têm os demais sentidos mais aguçados. Depois de muito tempo de desespero perdido na escuridão, quem acaba salvando Wladas é um cego de nascença. E apesar da *escuridão de ambos ser a mesma*, Vasco, o cego, *nela sempre vivera, era seu mundo, feito de ruídos, cheiros e o alisar dos dedos nas coisas sólidas* (58). Ele resgatou Wladas em troca de ajuda para levar os mantimentos que carregava para o Instituto dos cegos.

Wladas insistiu que buscassem seus amigos no apartamento, e com uma corda amarrada nas cinturas formaram uma corrente humana e os resgataram. Mudaram-se para uma chácara de propriedade do Instituto dos cegos. A ida foi penosa, a duração parecia eterna: *Passava o tempo, para Wladas eram muitas horas, embora sejam enganadoras essas impressões* (61). A duração do acontecimento como algo impossível de expressar na forma de minutos ou horas se manifesta e altera toda a compreensão que se tem do espaço. A experiência da percepção sem enxergar também se manifesta de maneira a desconstruir seu mundo “dado”.

Não sabe como, ele [Vasco] veio ensinar-lhe aquele mundo vazio, onde as coisas se materializavam debaixo dos pés ou coladas aos seus dedos. É verdade que esses contatos perduravam na memória, e se adivinhava o buraco da véspera, as mãos reconheciam a forma tocada antes. Mas, quando mãos e pés palmilhavam um novo caminho, só os barulhos orientavam, ou tinha-se que chamar pedindo auxílio, para a experiência dos que eram filhos definitivos da escuridão (63).

“Perdurar na memória” é o que constitui o instante da duração (*durée*). Wladas aprende com a escuridão o que é o tempo não-linear, aquele que con-

densa num único instante o acontecido e o agora.

No décimo-oitavo dia, a luz começou a reaparecer lentamente, da mesma forma como tinha desaparecido. *Fisionomias diferentes surgiram, com vozes conhecidas e riam e se abraçavam. Os invólucros humanos guardando solidariedade e amor fundiram-se naquela madrugada sem limitações, que a própria luz traria depois* (66). Essas experiências eram desconhecidas por Wladas antes da escuridão. Agora a luz retornava e ele não poderia voltar a viver sua vida de antes, apesar de ser a mesma, condensada neste instante:

O impacto de todos aqueles dias fazia agora seu efeito. As mãos tremiam, tinha medo, não sabia de quê. Voltar à cidade, recomeçar a vida... Ir à repartição, os amigos, mulheres... Os valores que prezava ficaram subvertidos e sepultados nas trevas. Era um homem diverso que se mexia no leito improvisado, sem poder dormir. Pela bandeira da porta dançava um quadrilátero de claridade, feito por uma lamparina acesa, aviso de que tudo estava bem. Ele tivera uma existência calma. Ter beirado o limiar da morte, sem visão, desgastara os limites da sua resistência. O que somos, o que valemos, para onde vamos? A memória trazia-lhe rápidos fragmentos, um latido de cão, o homem gemendo na calçada, sua mão brandindo a alavanca, Vasco conduzindo-o pelas ruas, o chefe conversando na janela... Trechos de sua infância se misturavam, o sono o tomou aos poucos, ele se agitava, a testa franzida em luta com os sonhos (66, grifos meus).

A experiência da heterocronia que instalou a percepção e a duração na vida de Wladas traz também questionamentos às certezas do leitor atento. O obscurecimento da forma, como proposto por Chklovski, que aumenta a duração da percepção e provoca estranhamento, aparece na narrativa de Carneiro como uma escuridão literal: a forma do mundo que desaparece para que se possa (re)construir suas linhas e, conseqüentemente, a maneira de entendê-lo. Essa mudança de percepção enreda-se numa espécie de epifania, que antes de ser transcendente, diz respeito aos acontecimentos copóreos e aos afetos: *Suas científicas certezas nada mais valiam [...] Acima das especulações racionais, vinha o mistério do sangue correndo, o prazer de amar,*

realizar coisas, agitar os músculos e sorrir. [...] Seus pensamentos pulavam as fronteiras e o tempo (67-8).



Referências:

Bergson, Henri. *Simultaneidade e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Carneiro, André. A escuridão (1963). In: Tavares, Braulio (org.). *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Chklovski, Viktor. A arte como procedimento (1917). In: *Teoria da Literatura: Formalistas Russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.

Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2001.

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres (conférence au Cercle d'études architecturales, 14 mars 1967), in: *Architecture, Mouvement, Continuité*, n°5, 1984, p. 46-49.



Piscina Livre

RESENHA

PISCINA LIVRE

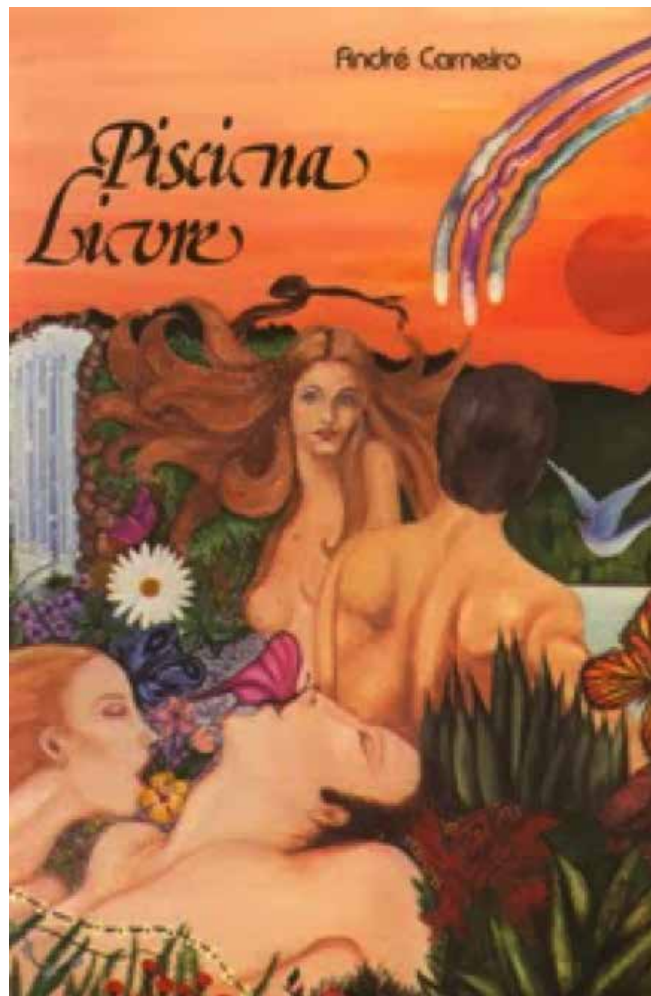
por Cesar Silva

André Carneiro, o mais importante autor da ficção científica brasileira, festejado por seus contos publicados em várias línguas e muitas vezes premiados, tem também neste romance utópico um ótimo momento.

Publicado em 1980, pouco antes da organização do movimento que ficou conhecido como Segunda Onda da ficção científica brasileira, *Piscina Livre* apresenta características marcantes da proposta literária da primeira onda, a geração GRD, na qual Carneiro se insere. A começar pela apresentação formal do texto que, numa ousadia modernista, não observa os convencionais recuos dos parágrafos. Não se trata de um erro editorial, uma vez que tanto o autor quanto a editora tinham muita experiência na publicação de livros. A apresentação é proposital, mas surpreende os leitores acostumados aos textos da Segunda Onda, que tiveram uma postura conservadora em relação à forma e ao estilo, com pouca ou nenhuma experimentação nesse aspecto.

Também na prosa, *Piscina Livre* tem um toque de elegância e ousadia técnica pouco comuns na ficção científica brasileira, características que fizeram valer os elogios que o autor recebeu e ainda recebe de editores, leitores e teóricos. E, como se não bastasse, ainda carrega um punhado de boas ideias.

O mundo de *Piscina Livre* é habitado por pessoas felizes e frívolas, que vivem em cidades confortáveis, ilhas de urbanidade cercadas por natureza selvagem. A *Piscina Livre* é uma casa de prostituição, onde as mulheres encontram exemplares masculinos geneticamente desenvolvidos para esse fim. São os andrs, homens artificiais que não têm direitos de



Ed. Moderna, São Paulo, 1980, 136 páginas

cidadão. O termo “piscina livre” advém do fato que sua vitrine é um enorme aquário no qual andrs nus exibem-se para a clientela num erótico balé subaquático. Em nenhum momento o romance sugere que existam andrs fêmeas e, com efeito, o discurso feminista de Carneiro, também visto em muitas outras de suas obras, aqui condena explicitamente a prostituição feminina.

A sociedade não vê a *Piscina Livre* como uma

atividade moralmente condenável, ao contrário. Trata-se de um lugar elegante e bem frequentado, no qual as mais destacadas mulheres da sociedade encontram complementos para sua completa satisfação sexual, inclusive um gorila muito requisitado. De fato, essa comunidade futura trocou as religiões pelo sexo, que é praticado livremente por homens e mulheres de todas as idades, até crianças. O prazer erótico é a linha guia da sociedade, ensinado nas escolas por especialistas, com uma infinidade de práticas variantes. Não há ciúme ou vergonha e todos desfrutam de liberdade sexual absoluta.

Os andrs, contudo, não são felizes. Anseiam pela liberdade e buscam por ela fugindo para a selva, principalmente quando, depois de algum acidente, apresentam “defeitos” ou aleijumes. Estes acabam servindo como caça desportiva para homens que se divertem matando-os com rifles elétricos.

Nesse cenário, encontramos um casal jovem que, no princípio da narrativa, chamam-se Blanche e Kratz. Esses nomes não duram muito além das páginas iniciais, pois os cidadãos usam braceletes identificadores que lhes mudam o nome todos os dias. O que poderia tornar-se uma confusão é tratado de forma segura pelo autor e, em nenhum momento, o leitor perde a identidade dos personagens.

Apesar de ter uma vida confortável, Blanche não está plenamente feliz, embora não saiba disso. Em uma visita à Piscina Livre, ela desfruta do andrs Several (ao contrário dos cidadãos livres, os andrs nunca mudam de nome). Na Piscina Livre, a seleção dos andrs é aleatória, mas Blanche – que a essa altura já não se chama mais assim – desenvolve uma fixação por ele. Kratz não se importa que Blanche tenha relações com outros homens, sejam eles andrs ou cidadãos, mas fica abalado quando desconfia que ela entabula diálogos lógicos com Several, uma vez que considera os andrs mentalmente inferiores.

Conforme Blanche estreita seu relacionamento com Several, Kratz fica cada vez mais abalado emocionalmente, e isso vai levá-lo a adotar medidas drásticas na tentativa de recuperar o seu amor. Sendo conselheiro da cidade, Kratz dispõe de algum poder, e o que se segue é nada menos que um holocausto.

Interessante notar o final anticlimático da trama,

depois do torvelinho de situações de crime e tragédia.

O moralismo que caracteriza o genoma da ficção científica internacional mais bem sucedida não encontra eco em *Piscina Livre* que, na mais pura tradição tupiniquim, termina literalmente em pizza, sem culpa ou punição. Desse modo, o autor deixa a conclusão aberta ao leitor: trata-se de uma alegoria à impunidade que assola o país; de uma parábola para o perdão cristão; de uma proposta para redenção espiritual através do sexo, ou outras infinitas abordagens que se possa perceber.

Nota-se uma forte influência do romance *Admirável mundo novo*, com o sexo livre tomando o lugar do soma – a droga de controle social do romance de Aldus Huxley. Em alguns momentos, a narrativa assume um tom escandalosamente erótico, que a diferencia absolutamente da corrente principal da ficção científica.

Também se pode observar a conjunção temática entre *Piscina Livre* e os contos “Diário da nave perdida” (*Diário da nave perdida*, Edart, 1963), “Um casamento perfeito” (*O homem que adivinhava*, Edart, 1966), “Nave circular” (*Isaac Asimov Magazine* nº 18, Record, 1991) e “Meu nome é Go” (*A máquina de Hyerônimus*, UFSCar, 1997), proximidade tão estreita que arrisco dizer fazerem parte de um mesmo universo ficcional, embora a sexualidade e o feminismo sejam assinaturas estilísticas da ficção de André Carneiro.

Piscina Livre define um modelo pouco explorado de ficção científica, que exige do autor uma ampla capacidade abstrativa e estilística, além de uma maturidade moral e filosófica capaz de lidar com o tema do sexo sem cair no escracho, no machismo ou na grosseria. Autores com essa capacidade geralmente preferem não escrever ficção científica, enquanto que os autores de ficção científica de alguma qualidade não ousam tocar nesses assuntos, por uma questão de protocolo do gênero. Ainda bem que tivemos a ventura de ter André Carneiro na ficção científica brasileira.

Resenha publicada originariamente no blog “Mensagens do Hiperespaço” em 06.03.2014: <http://mensagensdohiperespaco.blogspot.com.br/2014/03/piscina-livre.html>



Amorquia

RESENHA

AMORQUIA

por Teo Adorno

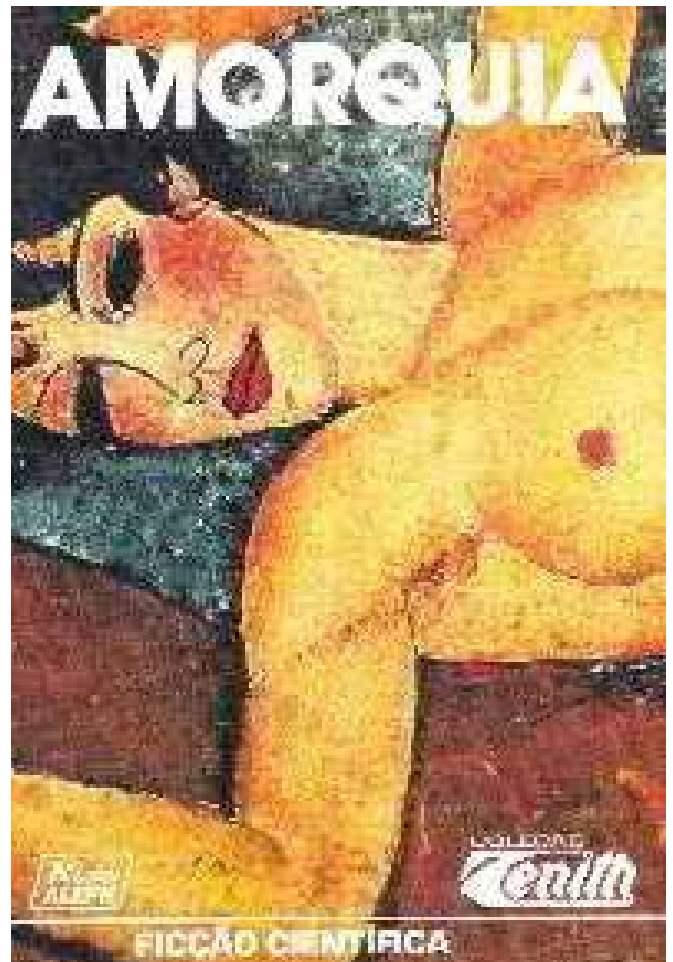
Terminei de reler o romance *Amorquia*, do mestre André Carneiro (alô, curitibanos: o mestre está vivendo entre vós), sobre uma sociedade futura em que o trabalho foi abolido e a dedicação total às sutilezas do sexo representa o grau máximo de civilidade e civilização.

A releitura foi melhor do que a primeira leitura, talvez por eu me sentir mais maduro, hoje, pra esse tipo de experiência literária, do que três anos atrás.

Publicado em 1991, pela Aleph, *Amorquia* é um dos melhores romances brasileiros dos anos 90. Tão importante quanto o cultuado *Não verás país nenhum*, da década anterior. Mas está fora de catálogo. Procurem na Estante Virtual, correndo.

Nesse romance André Carneiro oferece um narrador em terceira pessoa descomplicado, que simplesmente registra, de maneira transparente e objetiva, o que viu e ouviu dos personagens. Mas esse narrador impessoal habita um sistema complexo: o contraponto (polifonia). O romance é feito de dezenas de capítulos curtos e a maioria são quase minicontos autônomos. Esses capítulos reúnem-se em poucos núcleos de personagens (aparentemente) imortais. Por ordem de entrada: Túnia, Pércus, Karlow, Marta, Játera, Philte e Philomene.

Na sociedade hedonista de *Amorquia*, as crianças têm aulas de prática sexual desde pequenas e a religião reforça o tempo todo, de modo até agressivo, o sentido sagrado do prazer carnal. Além do trabalho, também foram abolidos o amor, o casamento e a fidelidade. Semelhante ao *Admirável mundo novo*, a promiscuidade (anarquia amorosa)



é a regra. O toque de humor fica por conta da inversão dos papéis: agora as mulheres são as caçadoras insaciáveis, enquanto os homens se queixam da cobrança absurda que a nova cultura impõe, de fazer amor várias vezes por dia.

Reforçando a polifonia, há certos capítulos aparentemente desconectados da trama principal, que abrem uma brecha nessa realidade futura, levando o leitor a outro tempo e espaço. São capítulos que citam livros bastante conhecidos (*O antigo testa-*



A Máquina de Hyerónimus

RESENHA

A MÁQUINA DE HYERÓNIMUS

por Dario Andrade

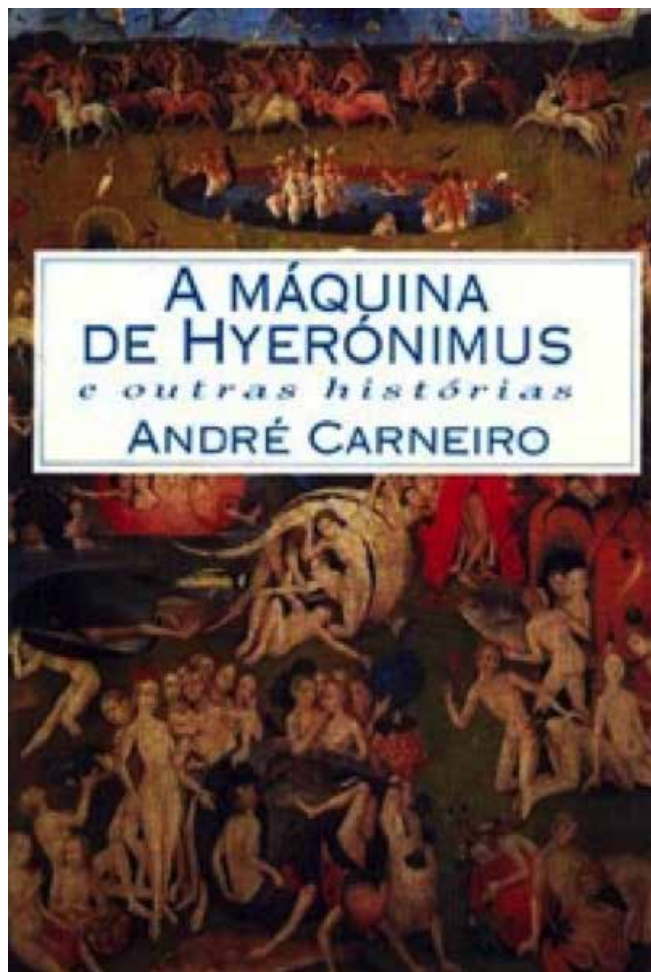
A Máquina de Hyerónimus e outras histórias é coletânea publicada em parceria pela EDUFSCar – Editora da Universidade Federal de São Carlos – e pelo Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, em 1997.

Quando da publicação de **A Máquina de Hyerónimus**, Carneiro já estava com 75 anos. Depois disso, publicou ainda **Sem memória**, de 2005; **Confissões do inexplicável**, de 2007; e **O teorema das letras**, de 2013. Enfim, autor com grande longevidade literária, que se manteve ativo durante várias décadas. Sem sombra de dúvida, um dos principais escritores da ficção científica brasileira, tradicionalmente está relacionado com a primeira geração brasileira que se dedicou ao gênero nos anos sessenta. Sua obra, porém, se estendeu por muito mais tempo, não ficando restrita àquela década, mas alcançando o século XXI.

Carneiro segue certa tradição que evita o exagero estilístico. Não existem excessos na forma como escreve. É uma prosa que evita o rebuscamento, o excesso. Ele busca o simples, que possa dar conta de narrar os elementos fundamentais.

A Máquina de Hyerónimus e outras histórias é coletânea que acaba por oferecer bom retrato da obra de Carneiro como ficcionista. São 17 contos além do que dá título ao livro. Alguns estão firmemente assentados na ficção científica, enquanto outros transitam pelo fantástico ou, ainda, tem os pés firmes na realidade. Mostram, assim, a versatilidade do autor, capaz de buscar elementos diversos na construção de suas histórias. De qualquer modo, seja qual for o gênero em que a história poderia ser classificada, todas têm vários pontos em comum.

Existem certos temas que permeiam claramente



a obra de André Carneiro, caso do sexo, do binômio loucura/normalidade, o isolamento social, a incompreensão ou a dificuldade de comunicação entre as pessoas.

Desses elementos, o sexo é, com certeza, o mais presente. Sexo na literatura, ou na ficção científica, não é coisa facilmente manejável. Há pouco tempo, o colunista de literatura do site da revista **Veja**, Sérgio Rodrigues, constatou isso quando comentou a respeito do **Bad Sex Award**, um prêmio literário às avessas, criado pela revista inglesa **Literary Review** para ele-

ger a pior cena de sexo literário a cada ano. Não raro, escritores de primeira linha são “agraciados” com a premiação. Além disso, no mesmo artigo, Sérgio Rodrigues ainda observa que um escritor do calibre de Martin Amis³⁶ havia declarado a impossibilidade de escrever boas cenas literárias de sexo.

Certamente, há fatos mais complexos que levaram os ingleses a criar uma premiação desse tipo. Em torno do sexo, com certeza, estão os grandes tabus da humanidade. Não há nada de extraordinário em afirmar isso. Talvez seja até um lugar-comum. No entanto, levantar os véus que recobrem esses tabus não é coisa das mais simples e o problema talvez seja esse.

Essa digressão nos faz pensar como o sexo é bem tratado nesse **A máquina de Hyerónimus**. Não é feio, bizarro, antinatural. Não, é algo próprio da essência humana. Da forma como Carneiro via as coisas, se são retiradas todas as camadas culturais e sociais que recobrem o homem, o que sobra são as pulsões sexuais. Isso é o que se vê em uma das histórias que mais gostei no livro – **Meu nome é Go** –, no qual um gorila em laboratório é cobaia de diversas experiências que lhe aumentam a inteligência e o põem a se comunicar com os humanos. Narrado pelo próprio animal, é *tour de force* porque, como o próprio narrador explicita, “Eu tenho monte de ideias sobre vida dos homens, mas não sei nada sobre minha raça”; ou seja, a história é contada por um macaco que, tal qual um antropólogo às avessas, está a examinar o outro, isto é, nós mesmos, humanos. O estranhamento é inevitável e, nesse não-humano humanizado, o sexo é a essência da existência, inclusive na maneira em como ele se relaciona sexualmente com uma das cientistas do projeto. Também é inegável o desafio que André Carneiro se propôs e conseguiu vencer nessa história. Ao fazer uso do gorila como seu narrador, ele se pôs diante da dificuldade de encontrar uma voz que não é humana, mas que ao mesmo tempo soasse verossímil. Enfim, um duplo desafio superado.

Essa essencialidade do sexo também se faz presente em outras histórias. O que sobraria às pessoas em uma sociedade que superasse todos os desafios da escassez e que vencesse para sempre os obstáculos que são colocados pelas dificuldades materiais? Carneiro responde a essa questão ao sugerir que sem os entraves que são postos pela vida cotidiana, aos homens e

mulheres sobraria voltar a olhar para si mesmo e lá encontrariam o que existe de mais essencial no ser humano: o sexo, em suas mais variadas formas. O vazio existencial, pois, seria substituído por utopias sexuais, em que o ser humano encontraria elementos que o preencheriam. É o caso, por exemplo, de **A nave circular**, em que nada mais existe, exceto a relação mais primitiva (no sentido de a mais essencial) entre homem e mulher.

Por sua vez, o conto que dá título ao livro – **A Máquina de Hyerónimus** – também gira em torno do sexo. Nessa estória, uma máquina é desenvolvida por Roberto, amigo do narrador. Roberto é casado com Marina e os dois acabam por formar um quarteto amoroso com o narrador e sua esposa Angélica. O conto, tal como outros do livro, ruma por um caminho de irrealidade, em que fica difícil saber até que ponto o narrador é confiável e são. Não é possível informar muito mais a respeito da estória sem estragar o prazer do leitor.

Mas o livro envolve também outros elementos da produção literária de André Carneiro, caso de **Sequestro**, que lida com elementos pouco tratados da própria história do Brasil. Nesse ano de 2014, em que completamos 50 anos do golpe militar de 1964, é interessante ler estória que envolva o período. Para quem leu **O que é isso companheiro?**, as memórias de Fernando Gabeira, é interessante encontrar estória que trate de algo bastante semelhante – o sequestro de embaixador estrangeiro por grupo de oposição ao regime e que, em troca da libertação do sequestrado, exige a libertação de alguns prisioneiros políticos. André Carneiro, até onde sei, fez oposição aos governos militares, mas se recusava a falar do que fizera no período. Uma estória importante que vale a pena ser lida.

A Máquina de Hyerónimus é, enfim, uma obra importante. Citei apenas alguns contos, mas todos são valiosos. André Carneiro foi escritor relevante dentro da ficção científica brasileira. Mais ainda, a sua leitura nos mostra que é possível escrever ficção científica à brasileira, com elementos que mostrem a nossa identidade, aquilo que nos define como brasileiros. Enfim, obra importante para todo aquele brasileiro que se interessa por ficção científica de qualidade. Altamente recomendável pela qualidade do material e como amostra do trabalho de André Carneiro.

36 RODRIGUES, Sérgio. **A piada do Bad Sex Award perdeu a graça**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/vida-literaria/a-piada-do-bad-sex-award-perdeu-a-graca/>. Acesso em: 28/11/2014.



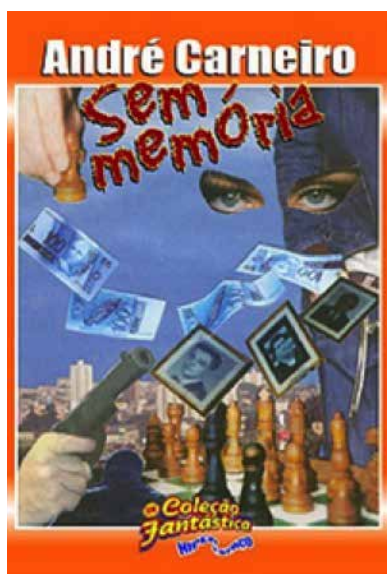
Sem Memória

REMEMORANDO ANDRÉ CARNEIRO

RESENHA

SEM MEMÓRIA

por Miguel Carqueija



André Carneiro (1922-2014) em sua longa vida tornou-se um importante nome das letras nacionais e, inclusive, um ícone da nossa ficção científica, talvez o mais respeitado de todos. Entre suas obras contam-se “Diário da nave perdida”, “O homem que adivinhava”, “Piscina livre” e “Amorquia”

entre outras, além de participação em diversas antologias.

Há, porém, uma obra menor de Carneiro (não em qualidade), que corre o risco de ficar esquecida — e seu título, aliás, ironias à parte, é “Sem memória” — por ter sido publicada em livro de bolso e edição amadora, com tiragem limitada. A noveleta em questão saiu em 2005 como o volume 5 da segunda série da Coleção Fantástica, que Cesar Silva editou durante alguns anos (ele também é o prefaçador do livro).

“Sem memória” é uma história insólita de mistério, girando em torno de certo Teodoro Silva — um homem que vive uma situação ambígua, pois não conhece o seu passado, de alguma forma ligado a coisas perigosas e cruéis. O clima transmitido pela prosa de André Carneiro é delicioso, já colocando

de saída o mistério e o suspense:

“Ele suspeitava que tivesse um irmão gêmeo. Agora estava só, há muito tempo. Desconhecia sua origem e sentia medo de investigá-la, embora tivesse tentado muitas vezes sem sucesso. Informação óbvia e clara para os outros, o passado, para ele, era desconhecido.”

Lá estão, na estranha vida de Teodoro, elementos perturbadores: a memória fugidia de coisas do passado; a ausência de família conhecida; a mulher misteriosa que o conhece, porém o chama de “Armando”; o emprego aparentemente comum, mas que lhe confia missões secretas e suspeitas.

O que esconde, afinal, a vida de Teodoro Silva?

Enviado para um “serviço externo” na Argentina, logo ele está, quase automaticamente, agindo como espião ou agente secreto, tomando precauções para não ser seguido, como se, numa outra vida esquecida em seu passado, ele estivesse acostumado com essas coisas. Outros elementos típicos do jogo de espionagem comparecem: dinheiro, fugas, armas pesadas.

Contudo, o que prevalece nesta novela instigante é a sensação de inutilidade dos esforços, da impossibilidade de abarcar o sistema ou conhecer uma verdade que é constantemente escamoteada, como se a amnésia do protagonista respondesse apenas por uma parte do mistério. O desfecho, de puro nihilismo, lembra-me a forma como o cineasta Roger Corman fechou a sua obra-prima “Prophect” (1998), quando o personagem principal faz a si mesmo esta patética pergunta:

“Quanto tempo falta para nós pirarmos?”

(Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 2014).



UM MUNDO MISTERIOSO:

FICÇÃO CIENTÍFICA E HIPNOSE NA OBRA DE ANDRÉ CARNEIRO

por Edgar Indalecio Smaniotto

André Granja Carneiro (1922-2014) foi um homem que se dedicou a várias áreas de expressão artística: ficção científica, poesia, fotografia, ensaio, pintura dinâmica, colagem; e também aos estudos da hipnose. Neste texto pretendemos discorrer sobre a relação entre os estudos de Carneiro no campo da hipnose e sua ficção científica. Para tanto, inicialmente apresentaremos alguns trechos de entrevistas dadas por André Carneiro em que ele relata a importância da hipnose como campo de estudo, para então apresentarmos um de seus ensaios sobre hipnose – *O Mundo Misterioso do Hipnotismo* (1963); e por fim uma análise crítica de dois de seus contos referentes ao tema: *O Homem que Hipnotizava* (1963) e *Porta Atrás da Testa* (2007).

Segundo José Feldman, “André sempre trabalhou com a hipnose, publicou livros a respeito do tema e participou dos primeiros Congressos Internacionais de Parapsicologia apresentando trabalhos nesta área, sendo considerado autoridade no assunto”³⁷. Feldman escreve sobre a relação de Carneiro com a hipnose por ocasião da diplomação de André Granja Carneiro pela Academia de Letras do Brasil em 30 de setembro de 2009, ocasião em que Carneiro também recebeu o título de Doutor Honoris Causa - Ph.I. Filósofo Imortal, pela mesma instituição.

De acordo com o obituário escrito por Sílvio Alexandre para a revista digital *Clichetes*, foi nos anos de 1960 que André Carneiro “ganhou destaque por seus estudos e pesquisas na parapsicologia e hipnose, realizando pesquisas no Instituto Quevedo”. Ainda de acordo com Sílvio Alexandre, Carneiro “tornou-se um dos pou-

cos membros brasileiros do Parapsychological Association, a mais respeitada instituição internacional de Parapsicologia, com sede nos Estados Unidos”.³⁸

Em entrevista dada ao jornalista Marcello Simão Branco e ao publicitário Cesar Silva no *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007* (Tarja Editorial, 2008), André Carneiro afirma que escreveu teses e fez pesquisas com o psiquiatra Dr. Paulo Urban, e que adquiriu “muita experiência clinicando em São Paulo e um pouco em Curitiba” (p. 122).

Já em outra entrevista, concedida ao também escritor de ficção científica Luiz Bras para *Cândido – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná*, André Carneiro comenta como se deu a aproximação com a hipnose:

O primeiro livro, O mundo misterioso do hipnotismo, foi publicado em 1963; o segundo, Manual de hipnose, em 1978. Descobertas e novidades científicas sempre me fascinaram. A hipnose era algo revolucionário, mas pouco estudado no mundo e muito menos no Brasil. Comprei livros estrangeiros e cuidadosamente tentei com amigos algumas experiências de indução hipnótica. O sucesso que consegui rapidamente me impressionou e me motivou a seguir mais adiante. Naquele tempo eu estava mergulhado no estudo da psicologia e da psicanálise, e foi inevitável que eu utilizasse técnicas hipnóticas em alguns pacientes. À medida que minhas experiências avançavam em profundidade, eu me espantava que o assunto fosse ainda ignorado pela medicina brasileira. Escrevi os dois livros e posso dizer, através de uma só citação, que foram um grande sucesso. Carol Sonenreich, o grande cientista radicado no Brasil, classificou meus livros como os melhores até então publicados sobre o assunto. Acredito que pelo fato de eu ser escritor, minhas explicações técnicas são melhor absorvidas pelos leitores em meus con-



Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007 –
Entrevista com André Carneiro, eleito Personalidade do Ano

37 Disponível em: <http://www.academialetrasbrasil.org.br/albpacarneiroextrato.htm>. Acesso em: 15/12/2014.

38 ANDRÉ CARNEIRO, O DECANO DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL. Disponível em: <http://clichetes.com.br/andre-carneiro-decano-ficcao-cientifica-brasil/>. Acesso em: 15/12/2014..

tos. Tenho em meus arquivos um caso de processo criminal em que um indivíduo casado foi indiciado por ter usado a hipnose numa divisão de herança. Observei que, na literatura universal, a hipnose era explorada de maneira amadora, sem conhecimento científico. Me inspirei o fato de que a hipnose já estava sendo usada criminalmente na realidade, e usei então essa sugestão em textos ficcionais³⁹.

Como observamos ao final da entrevista, André Carneiro comenta a relação entre seus estudos de hipnose e sua ficção. Voltaremos a este tópico no final deste texto. Agora, entretanto, faremos uma breve resenha do livro “O Mundo Misterioso do Hipnotismo”, publicado em 1963 pela EDART, em que Carneiro busca apresentar ao seu leitor a história e as práticas mais correntes acerca da hipnose.

É interessante notar que o livro foi publicado em uma coleção intitulada *Visão do Universo*, que tratava de questões científicas por reconhecidos autores brasileiros. O primeiro volume da coleção “Lua – Degrau para o infinito!” foi escrito por Rubens de Azevedo, criador da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia (SBAA) em 1947, além do Observatório Popular Flammarion e da Sociedade Brasileira de Selenografia, sendo um dos maiores selenógrafos do Brasil; já o segundo volume “A Terra antes do homem” é obra de Rafael Sanzio Azevedo (crítico e especialista em literatura cearense); enquanto o terceiro volume “Marte, o planeta do mistério” é escrito por Jean Nicolini, astrônomo reconhecido em todo o Brasil, que é inclusive autor de um manual para astrônomos amadores ainda em publicação recente pela Papyrus. Assim,

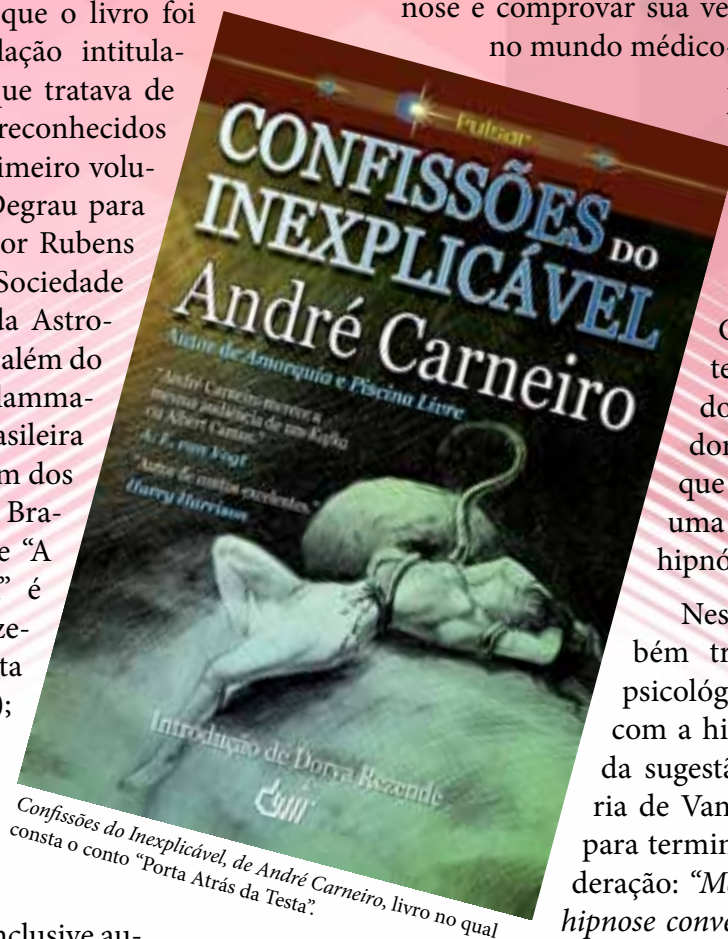
André Carneiro tem seu texto de hipnose, o quarto volume da coleção, publicado ao lado de nomes importantes da divulgação e pesquisa científica no Brasil.

“O Mundo Misterioso do Hipnotismo” é composto por sete capítulos e bibliografia. No índice existe referência a um prefácio que não consta na obra. O tema controverso se beneficia da escrita clara e objetiva de Carneiro, que consegue ser poética sem comprometer a qualidade da informação que é transmitida ao leitor.

No primeiro capítulo André Carneiro apresenta a história da hipnose, desde seu uso por “santos e faquires”, passando pelo polêmico Mesmer e o magnetismo animal, até os dias de hoje (no caso, 1963). Carneiro dá especial destaque às várias tentativas ao longo do século XIX e XIX de se estudar a hipnose e comprovar sua veracidade e aplicabilidade no mundo médico-acadêmico.

Já no segundo capítulo, “O que é hipnose”, Carneiro defende a tese de que “a hipnose é um estado normal” do corpo humano. Para Carneiro, “o hipnotizado tem perfeita consciência do que acontece ao seu redor”. Assim, afirma o autor que “não existe perigo de que uma pessoa não saia do sono hipnótico”.

Neste capítulo o autor também trata de algumas teorias psicológicas e suas interfaces com a hipnose: psicanálise, teoria da sugestão, teoria de Myers, teoria de Van Pelt e Escola de Pavlov, para terminar com a seguinte consideração: “Meu trabalho pessoal com a hipnose convenceu-me que o estado de transe não pode ser explicado quer em bases psicológicas quer em base fisioló-



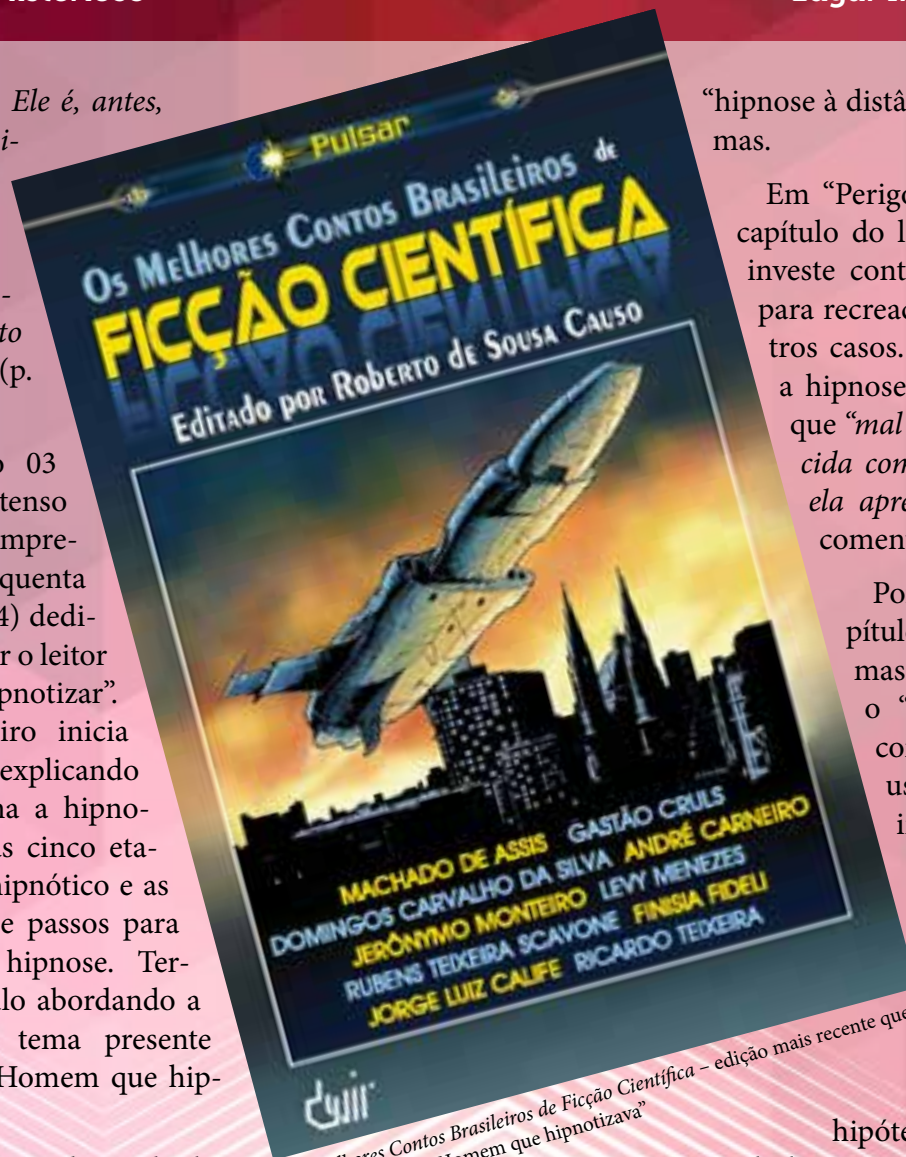
39 André Carneiro, o peregrino das dimensões simbólicas (entrevista). Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=171>. Acesso em: 15/12/2014.

gica exclusiva. Ele é, antes, uma reação psicossomática complexa que abrange os elementos psicológicos quanto fisiológicos” (p. 24).

O capítulo 03 é o mais extenso da obra, compreendendo cinquenta páginas (26-84) dedicadas a ensinar o leitor “Como Hipnotizar”. André Carneiro inicia o capítulo explicando como funciona a hipnose, descreve as cinco etapas do sono hipnótico e as várias etapas e passos para consumir a hipnose. Termina o capítulo abordando a auto-hipnose, tema presente no conto “O Homem que hipnotizava”.

“Aplicações médicas da hipnose” é o tema do quarto capítulo do livro, em que o autor descreve várias possibilidades de aplicação da hipnose no campo médico. Carneiro parte do pressuposto de que “a mente governa o corpo”, tratando sobretudo da utilização da hipnose no tratamento de doenças nervosas, sonoterapia e parto sem dor.

Já no capítulo cinco, André Carneiro dedica-se a explorar a “Hipnose Experimental” ou, como o autor descreve, os “aspectos da hipnose ainda não completamente estudados e delimitados”. Seguem algumas questões colocadas pelo autor: “Regressão de idade”; “Regressão antes do nascimento” (neste caso o autor trata este tipo de regressão como imaginação ou memória de livros, filmes e etc.: o autor desconsidera a hipótese da reencarnação como factível para explicar este tipo de memória); “hipnose coletiva”; “hipnose animal”; “escrita automática”;



Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica – edição mais recente que inclui o conto “O Homem que hipnotizava”

“hipnose à distância”; entre outros temas.

Em “Perigos da Hipnose”, sexto capítulo do livro, André Carneiro investe contra o uso da hipnose para recreação e teatro, entre outros casos. O autor ressalta que a hipnose não é perigosa, mas que “*mal administrada ou exercida com intenções desonestas ela apresenta perigos*”, todos comentados neste capítulo.

Por fim, no último capítulo, o autor faz algumas observações sobre o “Futuro da Hipnose”, considerando que seu uso poderá ter grande importância devido a que “50% das pessoas que procuram um médico, possuem doenças chamadas psicossomáticas” (p. 154). Carneiro propõe algumas

hipóteses para melhorar o uso da hipnose no futuro, como uma “droga hipnotizadora”, “máquinas condicionadoras de sugestões”, “hipnose durante o sono com fitas gravadas” (p. 165), etc.

De todos os livros e apostilas sobre o tema *hipnose* que já li, “O Mundo Misterioso do Hipnotismo” de André Carneiro é um dos mais abrangentes. É de fácil leitura para quem não entende nada de hipnose, bem como tem um vasto conteúdo e orientações práticas úteis para quem já tem maiores conhecimentos na área.

André Carneiro traz a hipnose como tema principal em dois de seus melhores contos: o clássico “O Homem que Hipnotizava” e o mais recente “Porta Atrás da Testa”. O primeiro conto publicado em 1963 e o segundo em 2007.

“O Homem que Hipnotizava” é o relato de um hipnotizador que busca fugir da realidade de sua

vida, criando através da auto-hipnose uma realidade própria. Por fim, o hipnotizador não mais consegue aceitar o mundo real, sendo que Carneiro explora com muita sensibilidade o desmoronamento psicológico de seu personagem a partir do momento em que este não mais consegue sustentar hipnoticamente a realidade por ele mesmo criada.

No decorrer do conto, André Carneiro faz diversas considerações à prática da hipnose. Inicialmente, a personagem justifica a prática por considerar que é “a palavra, que destrói e pode salvar. Saber construí-la em frases e introduzi-las em nós, fazer com que nossos ouvidos as filtrem e espalhem pelas cavernas e armadilhas interiores é difícil” (CARNEIRO, 2009, p. 58).

Alguns trechos parecem também se referir à prática do próprio autor: “com médicos e dentistas amigos fiz anestesia hipnótica, com os fascinantes resultados já conhecidos há mais de cem anos” (CARNEIRO, 2009, P. 59). Os tais resultados “conhecidos a mais de cem anos” foram divulgados pelo próprio autor no ensaio “O Mundo Misterioso do Hipnotismo”, publicado em 1963, mesmo ano de publicação do conto. Possivelmente, o autor escreveu o ensaio e o conto simultaneamente, sendo perceptíveis no conto as mesmas reflexões expostas no ensaio.

Para citar outro exemplo, se o tema central do conto “O Homem que hipnotizava” é a auto-hipnose, no ensaio “O Mundo Misterioso do Hipnotismo” a auto-hipnose é tratada nas páginas 82-84, nas quais Carneiro afirma que “pode-se provocar um estado hipnótico mais profundo em si mesmo”, e que “a auto repetição das mesmas ideias negativas, feitas nesse estágio hipnoidal, soldam-se ao cérebro, transformam-se em realidades perfeitas àqueles que as imaginaram” (p. 83), o que é justamente o que ocorre com a personagem de “O homem que hipnotizava”.

Já no conto “Porta Atrás da Testa”, o parapsicólogo Joachim Mouton Ferretti utiliza da hipnose,

entre outras coisas, para sugerir maravilhosos orgasmos para sua mulher Renata. Até que em certo momento, no decorrer de experiências de hipnose, Joachim descobre que Renata, sob sugestão hipnótica, pode ter “visão cognitiva”, ou ser capaz de ver coisas que não tinha como saber pelos canais normais da cognição humana.

Inicialmente, as experiências são realizadas com Renata vendo objetos que estão em outro cômodo da clínica, até que percebesse que Renata pode também ter visão temporal quando hipnotizada. O conto então se desenvolve a partir desta descoberta.

O interessante deste conto de André Carneiro é que ele de certa forma retoma uma característica pertinente a dois romances clássicos brasileiros que utilizam viagem no tempo: *O Presidente Negro* (1926) de Monteiro Lobato e *Viagem à Aurora do Mundo* (1939) de Érico Veríssimo, em que se observa o futuro ou o passado sem realmente viajar até o tempo determinado. Mas ao contrário de apenas observar, como nas obras citadas, as personagens de André Carneiro tentam utilizar os acontecimentos observados a seu favor.

Este conto certamente deriva seu argumento das especulações de Carneiro sobre hipnose, como podemos verificar comparando as duas citações abaixo. A primeira foi retirada do conto, e a segunda de um ensaio sobre hipnose do mesmo autor.

A ciência, após um século, não avançara na explicação do fenômeno. Ainda há controvérsia sobre quais sugestões são atendidas ou não, por um bom paciente. Ordens ilegais ou criminosas para conseguir vantagens, e seus resultados, não são divulgados em uma tese de doutorado, embora fossem de grande valia para a ciência. Criar uma neurose artificial intencionalmente é possível, embora nenhum caso se publique, por óbvias razões. Muitas afirmativas são meras deduções. Se uma jovem levada ao transe é solicitada a tirar a roupa, ela



O Mundo Misterioso do Hipnotismo, de André Carneiro

provavelmente reage, volta ao sono. Se for uma dançarina de strip, tiraria facilmente, porque está habituada a isso. Ele desejaria conferir estatisticamente o fato (CARNEIRO, 2007, p. 510).

Já no ensaio “O Mundo Misterioso do Hipnotismo” podemos ler:

O hipnotizado conserva durante o transe sua personalidade, conceitos e moral. Se lhe damos uma ordem a cumprir que seja contrária aos seus princípios, ele poderá acordar repentinamente, recusar-se a atender-nos ou fazer o inverso do que pedimos. Por exemplo, se mandarmos um católico improvisar um discurso contra Cristo ele não obedecerá, ou falará defendendo-o. Se sugerirmos a uma senhora honesta que se dispa, dará sinais de mal-estar, mas não atenderá. É claro que se pedimos o mesmo a uma bailarina de “streep-tease” não haverá para ela nenhum problema (Carneiro, 1963, p. 16).

Podemos apenas especular o quanto o parapsicólogo Joachim Mouton Ferretti, personagem do conto “Porta Atrás da Testa”, não expressa os desejos do próprio autor em desenvolver pesquisas de maior envergadura prática e conceitual no campo da hipnose.

Tanto em “O Homem que Hipnotizava”, quanto em “Porta Atrás da Testa”, Carneiro apresenta personagens que após realizarem diversas práticas comuns ao campo da hipnose, tais como “anestesia hipnótica”... “alucinação visual acordado, sugestões pós-hipnóticas a longo prazo, regressões de idade ... memória avivada” (CARNEIRO, 2009, p. 59), acabam por enveredar por novas práticas da hipnoterapia com o intuito de obter algum ganho pessoal.

Em “O Homem que Hipnotizava” o resultado é a dissociação do hipnólogo com a realidade, já em “Porta Atrás da Testa” o parapsicólogo e sua companheira obtêm aquilo que desejam, mas, ao perceberem os riscos do procedimento, decidem não retornar a realizar “visão cognitiva temporal”. Os contos de Carneiro sugerem que existem riscos no mal uso de hipnose, tanto que ambos os contos iniciam-se com reflexões sobre a ética na hipnose.

No conto “O Homem que Hipnotizava”, a perso-

nagem principal afirma: “nunca encarei como diversão e jamais fiz demonstrações como aquelas dos detestáveis profissionais do palco” (p. 58), e que sempre foi “fiel à ética científica e à técnica correta da cura, sempre atribuí aos próprios pacientes os seus progressos” (CARNEIRO, 2009, p. 58). Joachim Mouton Ferretti, o parapsicólogo de “Porta Atrás da Testa”, utiliza a hipnose para sugerir orgasmos em Renata, mas afirma que não é “nada contra a ética”, já que “sem hipnose ela ia para a cama também, porque se amavam – a hipnose era apenas um eficiente afrodisíaco” (CARNEIRO, 2007, p. 510).

Temos então uma intersecção entre a obra ficcional e a atividade profissional de André Carneiro, sendo que a segunda ofereceu uma rica temática para dois de seus melhores contos. A leitura comparada dos contos de Carneiro e de seu ensaio sobre hipnose oferecem uma ampla gama de reflexões sobre os limites éticos e epistemológicos da prática da hipnose.

Obras consultadas:

BRANCO, Marcello; SILVA, César. *Entrevista com André Carneiro*. In: Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007. São Paulo: Tarja Editorial, 2008. Pp. 108- 126.

CARNEIRO, André. *O Mundo Misterioso do Hipnotismo*. São Paulo: EDART, 1963.

CARNEIRO, André. *O Homem que Hipnotizava*. In: Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica: Fronteiras. Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2009. Pp. 57-65.

CARNEIRO, André. *Porta Atrás da Testa*. In: Confissões do Inexplicável. São Paulo: Devir, 2007. Pp. 509-523.

Edgar Indalecio Smaniotto é filósofo, mestre e doutor Ciências Sociais. Professor Universitário desenvolve pesquisas relacionadas a ficção científica, transhumanismo, ética e história social da ciência. Já escreveu para a revista Macrocosmo.com (revista de astronomia), e livros e capítulos de livros relacionados à ficção científica. Membro da Sociedade Planetária, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial ASPAS, e do Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC.

ANDRÉ CARNEIRO

artista plástico e multimídia:

fotografia, cinema, colagem e pintura

por Edgar Indalecio Smaniotto



No decorrer de sua longa e produtiva vida, André Carneiro, além de poeta e escritor de ficção científica, dedicou-se às artes. Neste pequeno texto buscaremos apresentar algumas de suas incursões em quatro distintas formas artísticas: fotografia, cinema, colagem e pintura. Entretanto, ressaltamos que de modo algum este texto pretende dar conta da análise da obra artística completa de André Carneiro, buscamos mais tecer algumas considerações panorâmicas sobre sua produção.

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

A fotografia artística de André Carneiro foi publicada em 2009 no livro “Fotografias Achadas, Perdidas e Construídas” pela editora Pantemporâneo. O livro reproduz as principais e mais icônicas fotografias de Carneiro, bem como alguns textos em que narra sua visão da arte fotográfica, através de casos e casos descritos.

Já no primeiro texto do livro, Carneiro busca delimitar as diferenças entre a fotografia documental e a fotografia artística: “apertar um botão e fixar um ser humano, uma flor ou um objeto, coloca a fotografia como arte secundária, fotografia jornalística” (p. 4); mas é lógico que se a fotografia é a tentativa de se apreender um instante no fluxo contínuo do tempo (foto como documento), não se resume a isto: existem possibilidades artísticas.

O advento das redes sociais na internet tem servido de veículo para proliferar uma quantidade de fotografias, antes restritas a documentar a vida particular de indivíduos e famílias, agora tornadas massivamente públicas. A foto como documentação do cotidiano torna-se meio de comunicação massiva em uma época em que a imagem de rápido consumo é mais valorizada que a escrita. Mas esta não é a única fotografia possível.

Para André Carneiro, “os fotógrafos começaram a criar um novo mundo fotográfico, desfocando quaisquer planos em busca de uma nova atmosfera. Modificavam a realidade paralisando uma gota tombando”... (p. 04). Esta é a fotografia artística, que



só é possível pela participação ativa do fotógrafo/artista. Para o fotógrafo francês Cartier-Bresson, “Fazemos uma pintura ao tirarmos uma foto” (apud ASSOULINE, 2012, p. 74).

Para o filósofo Vilém Flusser, o fotógrafo é aquele que se movimenta “na floresta densa da cultura” (2009, p. 38). Flusser pensa a fotografia como “superfícies simbólicas”, o aparelho fotográfico é a “caixa preta”, condição imprescindível para o desenrolar da arte fotográfica. A “caixa preta” é um sistema complexo nunca penetrado completamente, sendo que “na procura de potencialidades escondidas no programa do aparelho, o fotógrafo nele se perde” (FLUSSER, 2009, p. 24).

Para Flusser (2009), o fotógrafo é aquele que manipula o aparelho, a “caixa preta”, tendo por objetivo “descobrir novas potencialidades”, estando empenhado “em obrigar o aparelho a revelar suas potencialidades” (p. 23). A partir de Flusser podemos pensar a fotografia como o resultado da interação entre mundo/aparelho/fotógrafo.

André Carneiro é um destes fotógrafos capazes de revelar as potencialidades artísticas da fotografia, que não é a eternização do olhar, pois entre o fotógrafo e o objeto/ser fotografado existe o aparelho, caixa preta: três entes, criando uma imagem simbólica única. Fotografia não se resume na obra de André Carneiro em imagem técnica, é arte, tem caráter simbólico; é o que revela o próprio Carneiro ao comentar sua fotografia *Trilhos*: “fotografar uma praça de São Paulo com seis trilhos curvos de bondes, mas sem os bondes e sem pessoas, só o desenho dos trilhos brilhando” (2009, p. 04), é exercício de modificação da realidade.



Reprodução: Trilhos, São Paulo, 1951.





No livro “Fotografias Achadas, Perdidas e Construídas” temos a reprodução de dezenas de fotografias de André Carneiro, dos anos cinquenta do século XX até os anos dois mil. Nos textos que compõem a obra, Carneiro busca empreender uma interpretação de sua trajetória artística. Por exemplo, ao comentar suas fotografias de nu artístico, não deixa de estabelecer relações com seu romance de ficção científica *Amorquia*, em que o sexo está muito presente.

Neste livro André Carneiro comenta as fotos perdidas – não o papel com a imagem simbólica, mas o instante que poderia ser eternizado e nunca o foi, pois não houve meios de assim fazê-lo. Como o caso dos nazistas na Espanha ou de Carlos Prestes, entre outros comentados no livro.

André Carneiro termina o livro com uma reflexão sobre a fotografia em preto e branco. Para ele, é essencial que o fotógrafo aprenda a enxergar o mundo em preto e branco. Aqui Carneiro estabelece uma ponte com a filosofia da fotografia de Vilém

Flusser, para quem “o preto e o branco são situações ideais, situações-limite”... “são conceitos que fazem parte de uma determinada teoria ótica”... “cenários em preto-e-branco não existem”... “fotografias em preto-e-branco, estas sim, existem” (2009, p. 38). Fotografia não é a representação espelhada do mundo; é o mundo a partir da técnica e da teoria desenvolvida pelo homem.

OBRA CINEMATOGRAFICA

EXPERIMENTAL

André Carneiro foi câmera, roteirista e diretor de três filmes experimentais, no que ele mesmo denomina “exercício amador de arte cinematográfica amadora” (2009, p. 45). Comentaremos brevemente estas três obras.

“Estudo de continuidade e movimento” (Atibaia, dezembro 1950, 04 min), foi premiado no III Concurso Nacional de Cinema Amador, e está disponível no seguinte endereço do canal de vídeos

Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=Yxk_jTv8HDY, último acesso nosso em 22/12/2014. O filme mudo recorre a elementos de luz e sombra, presentes também em fotografias de Carneiro como *Corredor das Sombras* (1956) e *Igreja do Rosário* (1958), para narrar a trágica história de um amor. Como salienta, o título é o movimento de objetos, atores, fenômenos naturais, que dá continuidade entre as diversas cenas propostas no filme.

“Último Encontro” (Atibaia, janeiro de 1951, 07 min), também esta disponível no seguinte endereço do canal de vídeos Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=_zfRN4Rxofc, último acesso nosso em 22/12/2014. Carneiro focaliza neste filme o fim da relação entre um casal de enamorados. A câmera focaliza os movimentos corporais dos membros inferiores e superiores do corpo em um primeiro momento, sem nunca captar a face dos atores. Em seguida é revelada a face de cada ator/personagem e suas reações ao fim do relacionamento. Este filme dá maior enfoque ao fim do trágico relacionamento que ocorre em “Estudo de continuidade e movi-

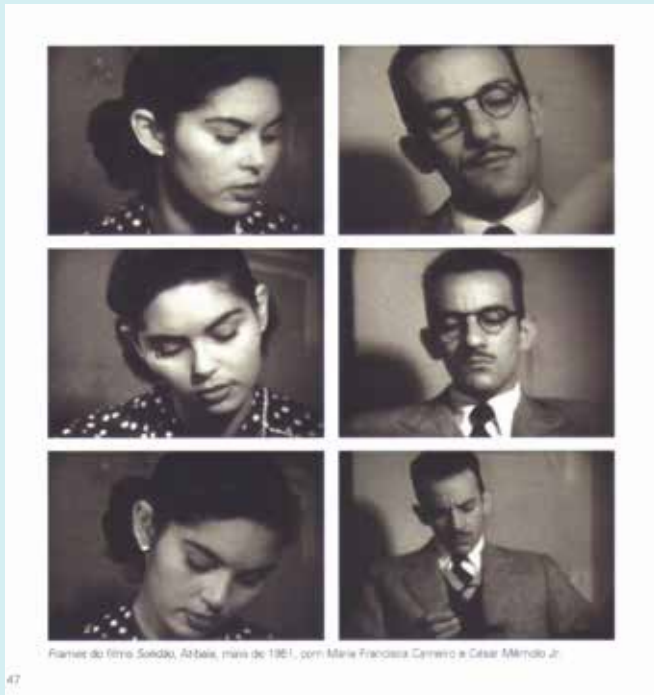
mento”.

“Solidão” (Atibaia, 1951, 10 min) pode ser assistido no seguinte endereço do canal de vídeos Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=czPh-5-pbDm8>, último acesso nosso em 22/12/2014. Este filme foi escolhido para representar o Brasil no XIII Concurso Internacional de Cinema amador em Glasgow, Escócia, em Agosto de 1951. No filme, Carneiro busca captar através de pequenos gestos e olhares a solidão existente em um casamento consumido pela cotidianidade (para usar um termo heideggeriano).

No livro “Fotografia Achadas, Perdidas e Construídas” (2009), André Carneiro narra no capítulo 10 um encontro fortuito com o crítico de cinema Paulo Emílio Salles que, em uma palestra, sem saber da presença de Carneiro, elogiava seu filme “Solidão”. Os três filmes de Carneiro aqui comentados são filmes artísticos amadores. Notam-se como grande preocupação do diretor os enquadramentos da câmera nos mínimos movimentos perpetrados pelos atores.



Em entrevista ao Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007, André Carneiro ressalta que “o filme artístico ‘particular’ é fascinante pela liberdade que permite” (p. 120). O cineasta, na mesma entrevista, lamenta ter perdido em um incêndio a cópia de um curta de ficção científica gravado no Radiotelescópio de Atibaia. Seria interessante ver este filme, que congrega duas paixões de André Carneiro: cinema e ficção científica.



Framas do filme *Solidão*, Atibaia, maio de 1961, com Maria Francisca Carneiro e César Mirrelo Jr.

Reprodução: Carneiro, André. *Fotografias Achadas, Perdidas e Construídas* (2009), p. 47.

COLAGEM

No livro de contos de ficção científica “Confissões do Inexplicável” (2007), além de sua vasta obra ficcional, André Carneiro também apresenta outro de seus empreendimentos artísticos: a colagem. Cada conto é precedido de uma colagem de André Carneiro, com apenas uma exceção. Cada colagem tenta captar o sentido de cada texto, mesmo sendo obras independentes.

O livro “Fotografia Achadas, Perdidas e Construídas” (2009) também traz nas páginas 64 e 65 a reprodução de duas obras de colagem de André Carneiro. Carneiro em entrevista no *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007* ressalta a im-

portância desta atividade artística, ao declarar que “o que nunca deixei de fazer, mesmo com a pouca visão foram minhas colagens” (p. 122).

Sendo a colagem uma composição artística feita a partir da junção de imagens prévias, coladas lado a lado ou por vezes superpostas, é, portanto um exercício de transformação de imagens, muitas vezes corriqueiras, em uma obra artística aberta a múltiplas interpretações. Não é por acaso que as colagens de André Carneiro publicadas em “Confissões do Inexplicável” (2007) se casam tão bem como o espírito dos contos ali publicados.



Reprodução: colagem que precede o conto de mesmo título em “Confissões do Inexplicável” (2007), p. 509.

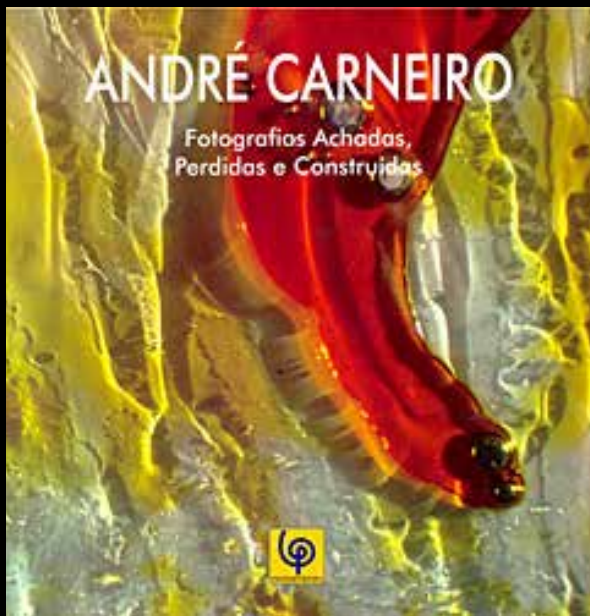
PINTURA DINÂMICA

Mais do que um simples pintor, André Carneiro inventou um novo tipo de pintura, por ele definida como pintura dinâmica, que consiste em “estreitas divisões de vidro cheias de material líquido químico e colorido. O espectador ‘manobra’ o quadro, obtendo milhares de efeitos. Recentemente fiz fotos abstratas desses efeitos, que uma editora aproveitou em capas” (*Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007*, p. 122).

Infelizmente este autor nunca teve a oportunidade de ter em mãos uma das pinturas dinâmicas

de Carneiro, mas, como professor do ensino fundamental e da disciplina de *Natureza e Sociedade na Educação Infantil* no ensino universitário (Curso de Pedagogia), trabalho muito com líquidos miscíveis e imiscíveis, e sei o quanto podem ser esteticamente bonitos e agradáveis experimentos deste tipo. Por ser uma forma de expressão artística mutável, a pintura dinâmica não se distancia da colagem, ao também apresentar múltiplas possibilidades interpretativas e esteticamente instigantes.

A capa do livro “Fotografia Achadas, Perdidas e Construídas” (2009) reproduz uma pequena parte da fotografia “Atrás do Aquário” (2007), tirada de uma das pinturas dinâmicas de Carneiro. Três fotografias de suas pinturas dinâmicas podem ser observadas nas páginas 56, 57 e 63 do mesmo livro.



Para finalizar este texto, salientamos que André Carneiro, ainda que muito mais reconhecido por sua obra poética, considera que todas estas investidas artísticas foram igualmente importantes e praticadas “com a mesma paixão, exigências e respeito que tenho com minha obra poética” (Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007, p. 122). A qualidade presente em cada uma delas não deixa de confirmar esta afirmação de André Carneiro.

Obras consultadas:

ASSOULINE, Pierre. *Henri Cartier-Bresson: o olhar do século*. Trad. Júlia de Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

BRANCO, Marcello; SILVA, César. *Entrevista com André Carneiro*. In: Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2007. São Paulo: Tarja Editorial, 2008. Pp. 108- 126.

CARNEIRO, André. *Confissões do Inexplicável*. São Paulo: Devir, 2007.

CARNEIRO, André. *Fotografias Achadas, Perdidas e Construídas*. São Paulo: Pantemporâneo, 2009.

FLUSSER, Vilém. *v: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Trad. do autor. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

Edgar Indalecio Smaniotto é filósofo, mestre e doutor Ciências Sociais. Professor Universitário desenvolve pesquisas relacionadas a ficção científica, transhumanismo, ética e história social da ciência. Já escreveu para a revista *Macrocosmo.com* (revista de astronomia), e livros e capítulos de livros relacionados à ficção científica. Membro da Sociedade Planetária, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial ASPAS, e do Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC.





Introdução ao estudo da “science-fiction” REVISITANDO UM CLÁSSICO

RESENHA

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA “SCIENCE-FICTION”

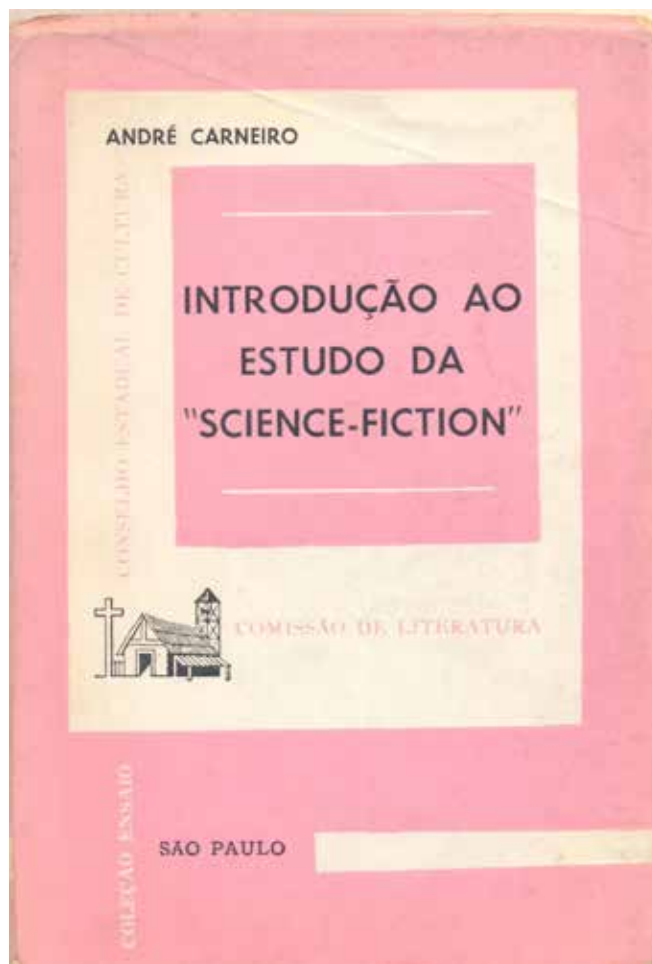
por Edgar Indalecio Smaniotto

Introdução ao estudo da “science-fiction” de André Carneiro foi o primeiro ensaio crítico publicado por um brasileiro sobre ficção científica, inaugurando assim um campo de conhecimento que sempre foi tão minguado no Brasil em número de publicações quanto o objeto de análise. Felizmente a partir do início do século XXI o aumento de publicações na área de literatura especulativa (ficção científica, terror e fantasia) foi acompanhado por um despertar do mundo acadêmico para com a literatura especulativa em geral, e da ficção científica em particular.

Diversas dissertações e teses de mestrado e doutorado vêm se somando nos últimos anos aos poucos livros de ensaios sobre ficção especulativa escritos no século XX no Brasil. Na maioria destas dissertações e teses, “Introdução ao estudo da “science-fiction”” é uma constante nas referências bibliográficas, inclusive na dissertação e na tese escritas por este autor, ambas sobre ficção científica.

Quando se fala em estudos de ficção científica no Brasil, André Carneiro é precursor e referência obrigatória para pesquisadores e críticos acadêmicos, fãs, ou jornalistas culturais. Nesta resenha apresentaremos algumas considerações sobre cada capítulo de “Introdução ao estudo da “science-fiction””.

No 1º Capítulo – “Introdução”, Carneiro discute a situação da crítica de ficção científica no *mainstream* literário, tentando definir o gênero. Carneiro tem por principal interlocutor o crítico literário



Otto Maria Carpeaux. Tendo em vista que na época da publicação do texto Carneiro era um jovem poeta, estreando na crítica literária, e ainda tratado pela primeira vez no Brasil de ficção científica em um ensaio de maior porte, enquanto Carpeaux já era um intelectual reconhecido e com posições consolidadas no *establishment* literário; foi uma ousadia do jovem autor estabelecer tal confronto intelectual.

As observações de Carneiro ainda procedem em larga escala. Muitos críticos ainda simplesmente

desconhecem a ficção científica como gênero ou a consideram como literatura para jovens ou crianças (e eu nunca entendi porque isso seria ruim, já li muito texto para este público que é muito superior a “livros para adultos”).

André Carneiro termina esta introdução enfocando o papel do escritor de ficção científica no mundo moderno, com um belo texto que reproduzimos a seguir:

Mas é certo que a evolução científica e tecnológica do mundo, nesta era de conquista do espaço, certamente influenciará ou mudará os caminhos da arte literária e da arte em geral. Parece evidente também que os autores de ficção científica, com todas as legítimas restrições que se lhes podem fazer, são os primeiros tentando interpretar o homem nesta nova vivência e nesta nova dimensão em que a ciência e o progresso o colocam inelutavelmente (p. 25).

O segundo capítulo do livro é dedicado a levantar a história da ficção científica: “Das Raízes à S. F. Atual”. Estão lá os “tataravôs”, “bisavôs” e “avôs” da ficção científica: Johannes Kepler e seu *Somnium*, Jonathan Swift e as *Viagens de Gulliver*, Voltaire e seu *Micrômegas*, os romances de utopia, os autores fantásticos (Edgar Allan Poe, Stevenson, Sheridan Le Fanu, entre outros); e por fim a “grande mãe” da FC – Mary Shelley, e os “pais” fundadores Júlio Verne e W. G. Wells.

Após tecer considerações sobre as principais obras de ficção científica até o século XIX; Carneiro faz uma breve análise das revistas de ficção científica modernas (presentes, sobretudo, no mercado americano). Por fim o autor revela que na época existia a prática de não classificar certas obras de ficção científica para evitar a animosidade prévia da crítica. Podemos nos perguntar se esta prática ainda não continua a existir.

O terceiro capítulo é dedicado a uma análise da “Ciência na vida contemporânea”, em que o autor tece algumas reflexões sobre a ciência nos séculos XIX e XX e os desafios que ela oferece para a humanidade. Estamos em um mundo em que a ciência se torna onipresente mesmo na vida cotidiana, sendo que a ficção científica “é uma literatura en-

gajada nesta realidade” (p. 55); portanto, podemos concluir, sua melhor intérprete.

“A moderna ficção científica” é tema do 4º capítulo de “Introdução ao estudo da “science-fiction””. Carneiro primeiramente comenta dados estatísticos referentes à quantidade de números vendidos pelas principais revistas de ficção científica dos Estados Unidos e França, e o fato de uma alta porcentagem destes leitores serem de uma “formação intelectual extraordinariamente desenvolvida” (p. 60).

André Carneiro divide a ficção científica moderna em diversos temas principais: temor à guerra nuclear; viagens espaciais; terra visitada ou invadida por seres espaciais; parapsicologia; mutantes, robôs ou andróides; viagem no tempo; temor de um mundo mecânico e coletivizado; e por fim “o homem, as religiões e as filosofias (Frente a seres de outros planetas ou no futuro). Pesquisas diversas”. Para cada um dos temas Carneiro comenta algumas obras relevantes, e procura também apresentar textos de brasileiros que trabalharam dentro da temática proposta.

O 5º capítulo do livro é dedicado a explorar o “Valor e expansão da ficção científica”, começando por descrever como a ficção científica está presente em diversas artes: teatro, artes plásticas, ópera, música, poesia e cinema. As adaptações cinematográficas são para Carneiro as de menor valor artístico, devido à grande pressão comercial. Faltou ao autor em minha opinião algumas considerações sobre as histórias em quadrinhos, gênero que sempre esteve muito associado à ficção científica, e que é ignorado por André Carneiro, provavelmente por falta de conhecimento deste a respeito desta arte.

Na segunda parte do texto, Carneiro faz alguns comentários críticos sobre “O Gênero Ficção Científica no Brasil”. Inicialmente, André Carneiro desvela o caráter racista e “literalmente fraco” de “O Presidente Negro ou O Choque das Raças” de Monteiro Lobato. Apresenta, então, sem se demorar, a obra de Jerônimo Monteiro, escritor que acredito André Carneiro deveria ter melhor explorado em seus comentários críticos, devido ao seu relevante papel como autor de ficção científica no Brasil. Por fim, Carneiro apresenta rapidamente algumas antologias da GRD e EDART que, na época, eram

recém-publicadas, reunindo a chamada Geração GRD de escritores brasileiros de ficção científica.

André Carneiro termina este capítulo e o livro com um ensaio sobre o “Valor da Ficção Científica”, em que defende a ficção científica como principal gênero literário em um mundo cada vez mais dominado pela técnica. Carneiro acredita que este valor da ficção científica não está em prever o futuro, mas analisar as consequências sociais que advirão a partir da técnica. Concordo com ele.

O texto de André Carneiro ainda pode ser lido com interesse, não apenas por acadêmicos, mas por todo leitor interessado em entender a ficção científica como elemento cultural importante do mundo contemporâneo. Nossa maior ressalva ao texto de Carneiro é sua crítica insistente à “space opera” para ele subgênero sem nenhum valor, e principal alvo de suas críticas. Pensamos, entretanto, que obras fundamentais da ficção científica são “space opera” e, mesmo hoje, muitos textos de “space opera” são interessantes e possibilitam maior reflexão sobre

as consequências sociais da técnica e da ciência no mundo contemporâneo que alguns subgêneros da ficção científica muito festejados hoje em dia. Mas isso é assunto para outro texto.



CARNEIRO, André. *Introdução ao estudo da “science-fiction”*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1967.

Edgar Indalecio Smaniotto é filósofo, mestre e doutor Ciências Sociais. Professor Universitário desenvolve pesquisas relacionadas a ficção científica, transhumanismo, ética e história social da ciência. Já escreveu para a revista *Macrocosmo.com* (revista de astronomia), e livros e capítulos de livros relacionados à ficção científica. Membro da Sociedade Planetária, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial ASPAS, e do Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC.





ANDRÉ CARNEIRO

Obituário

ANDRÉ CARNEIRO

OBITUÁRIO

por Roberto Causo

Nascido em 1922 na cidade paulista de Atibaia, o escritor **André Granja Carneiro** (filho de Recaredo Granja Carneiro e Engrácia de Almeida Carneiro) faleceu em quatro de novembro último, vítima de insuficiência respiratória aguda, aos 92 anos, em Curitiba, PR. Carneiro se firmou como um dos principais autores brasileiros de ficção científica logo a partir da publicação do seu conto “O Começo do Fim” (1960?) no “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*. O conto foi incluído na *Antologia Brasileira de Ficção Científica* (1961), editada por Gumercindo Rocha Dorea – a primeira antologia de autores brasileiros de FC. No mesmo ano, em outra antologia de Dorea, *Histórias do Acontecerá*, ele aparece com “A Organização do Dr. Labuzze”.

Antes, Carneiro havia sido Secretário da Casa de Cultura de Atibaia e fundador da primeira biblioteca pública da cidade. Em 1949 cria, com a irmã Dulce Carneiro e César Memôlo Jr., a revista mensal *Tentativa*, que duraria até 1952, contando entre os colaboradores com figuras de peso da cultura nacional. Suas muitas atividades artísticas desde cedo incluíram a pintura, a fotografia, a poesia e o cinema – seu filme *Solidão* foi escolhido por meio de um concurso nacional, para representar o Brasil no 10.º Congresso Internacional de Cinema Amador Artístico, em Glasgow, Escócia, em 1951.

Boa parte do melhor de Carneiro na ficção científica saiu pela editora paulistana EdArt, pela qual publicou dois dos melhores livros de contos da Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira (1957-1972): *Diário da Nave Perdida* (1963), que recebeu o prêmio de Melhor Livro do Ano do então Departamento Cultural da Prefeitura de São Paulo, e *O Homem que Adivinhava* (1966) – além de ter participado da antologia da EdArt, *Além do Tempo e do Espaço: 13 Contos de Ciencificção* (1965).

No primeiro livro está “A Escuridão”, tido como

um clássico da FC internacional, elogiado como obra imponente da literatura mundial por A. E. van Vogt, que o recomendou à mesma audiência de Franz Kafka e Albert Camus, e publicado, dez anos depois, no exterior e em duas antologias dos melhores do ano, uma americana (*The Best SF of the Year*) e outra inglesa (*The Year's Best Science Fiction*) – distinção ainda não repetida por outro autor brasileiro de FC. Essa e outras histórias lhe renderam comparação com o que se fazia na Inglaterra e nos Estados Unidos, dentro do movimento conhecido como New Wave.

Na década de 1960, Carneiro publicou o primeiro estudo em livro, brasileiro e da língua portuguesa, sobre o gênero: *Introdução ao Estudo da "Science Fiction"* (1967). Mais tarde, iria participar das duas primeiras antologias da organização SF World, *The Penguin World Omnibus of Science Fiction* (1986), editada por Brian Aldiss & Sam J Lundwall, e *Tales from the Planet Earth* (1986), editada por Frederik Pohl & Elizabeth Anne Hull. Seu primeiro romance, *Piscina Livre*, foi publicado no Brasil e na Suécia no mesmo ano, 1980, e certamente está entre os melhores trabalhos da Onda de Utopias e Distopias (1972-1982). Textos de sua autoria continuaram aparecendo no exterior até o século 21, como a histórica antologia *Cosmos Latinos: An Anthology of Science Fiction from Latin America and Spain* (2003), editado por Andrea L. Bell & Yolanda Molina-Gavilán. Antes, estivera na primeira antologia de autores luso-brasileiros, *O Atlântico Tem duas Margens: Antologia da Novíssima Ficção Científica Portuguesa e Brasileira* (1994), editada por João Manuel Morais e lançada em Portugal.

Recentemente, teve histórias nas três antologias dos melhores contos e novelas brasileiras de FC que editei para a Devir Brasil, e em *Futuro Presente: Dezoito Ficções sobre o Futuro* (2009), organizada por Nelson de Oliveira, aparecendo também em duas antologias editadas por Braulio Tavares, de textos brasileiros de FC e do fantástico: *Páginas de Sombra: Contos Fantásticos Brasileiros* (2003) e *Páginas do Futuro: Contos Brasileiros de Ficção Científica* (2011). Em 2010, organizou pela primeira vez uma antologia, *É*

Proibido Ler de Gravata, com os participantes da sua Confraria de Escritores, em Curitiba.

Seu segundo romance, *Amorquia*, parte do mesmo universo de *Piscina Livre* e de vários contos, foi publicado em 1991. Mas, certamente favorecendo o conto e a novela em sua carreira, Carneiro publicou em 1997 sua terceira coletânea, *A Máquina de Hyerónimus e Outras Histórias*, e tem na coletânea *Confissões do Inexplicável* (2007) o maior livro de contos de FC de um autor brasileiro, publicada quando ele já tinha mais de 80 anos e contando com uma maioria de histórias inéditas.

Carneiro representou o Brasil durante muitos anos na associação Science Fiction and Fantasy Writers of America, e ajudou a fazer a ponte – por sua participação nas reuniões e eventos do Clube de Leitores de Ficção Científica, e nas páginas do fanzine do CLFC, *Somnium*, com a coluna “Crônicas do André” – entre a Primeira Onda e a Segunda Onda da Ficção Científica Brasileira, colaborando também com outros fanzines e revistas semi-profissionais, como *Hipertexto*. Agora, durante a Terceira Onda, não apenas se manteve ativo como ficcionista, como foi mentor de novos escritores, escreveu introduções a antologias e recebeu atenção acadêmica sob a forma de dissertações, artigos e teses.

Fora do âmbito da FC, teve atuação relevante em outros campos, como a poesia (fez parte da Geração de 45) e a fotografia modernistas (segundo recente exposição em São Paulo, “Fragmentos: Modernismo na Fotografia Brasileira”, de 2007). Para a ficção científica brasileira, ele produziu não apenas textos de qualidade, mas trouxe questões importantes e de peso junto ao *mainstream* literário, como referências à cultura das drogas, a denúncia do conservadorismo social, e explorações da imponderabilidade do real e das dificuldades de comunicação na modernidade, que lhe renderam comparações com Kafka e os mágico-realistas latino-americanos.

Em anos recentes, Carneiro desenvolveu um grave caso de glaucoma, controlado com colírios mas que o deixou primeiro com 10% da visão nos dois olhos, e nos últimos anos, 5%. O problema

visual o obrigou a mudar-se de São Paulo para Curitiba, onde passou a viver com um dos filhos, o musicista Maurício Carneiro, da Orquestra Sinfônica do Paraná. Na capital paranaense, desenvolveu trabalho de oficina literária com Mustafá Ali Kanso, Alda Slonik, Bertoldo Schneider Jr., Carlos Alberto Machado, Clair Nery Cardoso e Silvio André Xavier, num grupo conhecido como Confraria de Escritores.

Apesar do problema visual, manteve-se escrevendo e lendo (com ajuda de dispositivos que ele mesmo montou). Participou da 1.^a Convenção Brasileira de Ficção Científica (1965), do Simpósio de FC (1969), e foi o Autor Convidado de Honra da 5.^a InteriorCon (1997), e o homenageado do primeiro Fantasticon: Simpósio de Literatura Fantástica (2007). Em 2008, o Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica o apontou *Personalidade do Ano*. Era o último autor da Geração GRD em atividade, e o decano dos escritores brasileiros de ficção científica. Deixa a irmã, a fotógrafa Dulce Carneiro, os filhos Maurício Soares Carneiro e Henrique Soares Carneiro, professor de História da USP, e o neto Michel, filho de Henrique.

APRECIÇÕES

Gumercindo Rocha Dorea – *Fundador das Edições GRD, publicou Carneiro em 1961, na Antologia Brasileira de Ficção Científica, a primeira antologia de autores brasileiros.*

Ambos tínhamos atingido a barreira dos 90 anos. Ele, um pouco mais do que eu...

E eis que, sem aviso prévio, André Carneiro é convidado a suspender a corrida: motivo superior, sem possibilidade de retorno.

Foi há meio século.

Tão grande poeta quanto ficcionista, e maior ainda ao qualificar os seus amigos, tive o prazer de publicá-lo em decorrência de um encontro com a página d'*O Estado de S. Paulo*, onde fui surpreendido com o seu belo e sofrido conto — “O Começo do Fim”.

Não tive, por incrível que pareça — nossos encontros às vezes demoravam anos para acontecer —, a oportunidade de ser editor de um de seus livros. Mas meu orgulho profissional estava satisfeito: “O Começo do Fim” correspondia plenamente à conclusão do prefácio da antologia onde ele estava inserido, nas palavras de um dos mais respeitados intelectuais brasileiros do século passado, João Camilo de Oliveira Torres: “Não será imprudente supor que a grande solução para a literatura na segunda metade do século 20 está na ficção científica tratada por escritores de talento superior e perfeito domínio das técnicas literárias.”

Mais tarde voltarei às páginas de “O Começo do Fim”. Quero estar, novamente, com André, e comentar com ele a atualidade das palavras do historiador mineiro — pois elas já avançaram sobre o século 21.

Jean-Pierre Moumon – *Autor e editor francês, publicou Carneiro várias vezes na sua revista Antarès–Science Fiction et Fantastique sans Frontières.*

A morte de André Carneiro é uma grande perda para mim e para a FC brasileira. No começo dos anos setenta eu troquei livros com ele. Ele primeiro me enviou seus próprios trabalhos, e me apresentou à FC brasileira e eu ainda lhe sou devedor por isso. Aprendi português com ele e minhas primeiras traduções foram histórias dele para minha revista *Antarès*: “A Prostituta”, “A Espingarda”, “A Pergunta”, “Meu Nome É Go”, “Diário da Nave Perdida”, “O Grande Mistério”.

Silvio Alexandre – *Editor, criador do Fantasticon, Simpósio de Literatura Fantástica, publicou livros Carneiro nas editoras Aleph e Devir.*

Meu relacionamento com André Carneiro foi longo e produtivo. Nos conhecemos em 1986 e nunca mais deixamos de nos falar. Frequentava muito o seu apartamento na Vila Leopoldina, em São Paulo, e depois que se mudou para Curitiba, sempre que ia para lá fazia questão de visitá-lo.

Como o André era um bom contador de histórias, vou contar algumas pessoais que passei com ele: lembro-me do evento “Mês da Ficção Científica Belas Artes”, em 1988, na lendária Livraria Belas Artes, em São Paulo, com o Clube de leitores de Ficção Científica participando das atividades. O evento, uma feira de livros e quadrinhos nacionais e importados, teve uma programação de vídeo e exposição, além de várias *performances* dos membros do CLFC. Caracterizado como alienígena, na verdade usando um daqueles protetores de orelha todo azul e um ridículo bigode, que eu usava na época, pintado de azul para combinar, declamei várias poesias de ficção científica do André. Foi constrangedor. Mas ele, ao mesmo tempo bravo e às gargalhadas, dizia que eu havia lido todos os poemas de forma errada e estranha, mas que tinha se divertido muito.

Graças ao André que, em 1989, fui convidado para integrar a equipe de organização e coordenação do projeto “Cosmos — Realidade e Ficção”, do SESC Carmo, em São Paulo, representando o CLFC. O enorme evento apresentou através de palestras, debates, seminários científicos, cursos, mostra de vídeos, passeios, excursões, visitadas ao Observatório de Capricórnio e apresentações artísticas, as diferentes visões que temos sobre o Universo: a realidade, a ficção, o mítico, o cotidiano e a ciência. O Projeto Cosmo aconteceu do dia 19 de setembro ao dia 10 de novembro de 1989. Foi com esse projeto que aprendi as bases de como organizar um evento, que carrego até hoje nos diversos que realizo.

Em 1991, eu era editor executivo da Editora Aleph e coordenava a Coleção Zenith. Depois de publicar *O Jogo do Exterminador* (1990) e *Orador dos Mortos* (1991), de Orson Scott Card, e *Piratas de Dados* (1990), de Bruce Sterling, queria publicar um autor brasileiro na coleção. Minha escolha foi André Carneiro, que havia me passado seu original para apreciação. E assim publicamos o romance *Amorquia* (1991).

Em 2005, eu era editor na Devir e conversando com o Douglas Quinta Reis, um dos sócios da empresa e fã de ficção científica, acertamos que iríamos publicar o André Carneiro. Em um dos

meus costumeiros encontros com ele, insisti que poderíamos transformar algum dos seus contos em romance, visto que ele não tinha, na época, nenhum romance pronto e eu estava querendo publicar um texto dele mais longo. Ele disse que era complicado, não tinha disposição para essa empreitada e pediu para que eu analisasse vários contos inéditos e ver o que poderíamos fazer. Depois de acertarmos o que seria publicado, levei o material para a Devir a fim de começarmos a produção. Acontece que acabei me desligando da empresa, mas o livro continuou sendo editado pelo Roberto Causo. Assim, *Confissões do Inexplicável* acabou sendo publicado em 2007, no primeiro Fantasticon que organizei, com a presença do André, que veio de Curitiba para o evento.

Mais tarde, me confessou que havia aprontado uma: como ele tinha um conto recém-terminado de que gostava muito, mandou para a Devir para que fosse incluído no *Confissões*, dizendo que eu havia aprovado esse conto e por isso ele devia entrar. O detalhe é que o “conto” “O Mapa da Estrada” tem 53 páginas! Felizmente, o texto entrou e acabou sendo escolhido para abrir o livro. Nos divertimos muito com o caso.

Numa dessas viagens a Curitiba, vi o André pela última vez. Fomos almoçar com o pessoal da Confraria de Escritores que ele coordenava, pois queria me apresentar seus “pupilos”. Depois, voltamos para o seu apartamento, onde me passou seus últimos contos para que eu desse uma avaliada (ainda guardo alguns deles comigo) e ficamos até tarde conversando. São momentos como esses que ficarão na minha lembrança: boas conversas, diversão e muita amizade.

Nelson de Oliveira – *Escritor premiado, editor e crítico, publicou Carneiro na antologia Futuro Presente: Dezoito Ficções Sobre o Futuro, em 2009.*

Por indicação de Roberto de Sousa Causo, foi durante a organização da coletânea de contos *Futuro Presente*, para a Editora Record, que entrei em contato pela primeira vez com André Carneiro. Conversamos por telefone e André enviou para o livro o conto “Paralisar Objetivos”, uma

narrativa intrigante sobre pessoas misteriosas em busca da onisciência.

Causo também presenteou-me com a coletânea *A Máquina de Hyerónimus*, excelente, lançada pela Editora da UFSCar. André Carneiro, que pouco tempo antes eu não conhecia, entrou imediatamente para a pequena lista de meus autores prediletos. Seus contos mais inquietantes costumam frequentar meus laboratórios de criação literária, entre eles o irreverente “Meu Nome É Go”.

Na pele do famigerado Luiz Bras, tive a preciosa oportunidade de entrevistar o autor para o jornal *Cândido*, de Curitiba. André também tocou participar de duas outras coletâneas organizadas pelo Luiz: *Hiperconexões: Realidade Expandida*, de poemas sobre o pós-humano (Editora Patuá), e *Futuro Infinito*, de contos de ficção científica, que sairá em 2015 pela Editora Positivo.

Entre meus romances prediletos da FC brasileira está *Amorquia*, que também cativou Teo Adorno, meu alter ego dublê de artista gráfico. Meses atrás, Teo publicou no Facebook uma breve resenha desse romance e um colorido retrato do autor.

É pena, mas nós três (Luiz, Teo e eu) nunca tivemos a oportunidade de conhecer André pessoalmente. Nosso breve contato foi por telefone e e-mail. Porém isso não diminuiu nem um pouco nossa admiração por sua obra. Também não diminui a certeza de que a nova geração de escritores e críticos precisa descobrir urgentemente esse escritor singular, desbravador de escuridões.

Marcello Simão Branco – *Coautor do Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica, publicou Carneiro na antologia Assembleia Estelar: Histórias de Ficção Científica Política, em 2010.*

André Carneiro foi um dos melhores escritores brasileiros de FC, e mesmo no plano internacional também se destacava. Sua ficção científica seguia a linha mais *soft*, muito intimista e preocupada com as contradições e limitações do ser humano. O sexo, tão enaltecido por alguns como

um de seus maiores diferenciais, não se destaca por si, mas dentro deste contexto de discutir, em amplas medidas, a condição humana, as lutas pelas emancipações de suas limitações e o enfrentamento despojado de seus preconceitos.

Dentro da prosa, ele foi melhor como contista do que romancista. Possivelmente porque era também um escritor muito centrado nos objetivos dos textos que criava, isto é, seus enredos são geralmente bem tramados e definidos. Suas histórias curtas são objetivas, no interior das quais pode desenvolver as densidades psicológicas e existenciais dos personagens. Claro que também ajuda muito a qualidade da sua prosa. André era um estilista talentoso, ainda que fosse, principalmente, um bom contador de histórias.

Talvez já esteja acontecendo uma revisão de sua obra, mas agora com sua morte talvez algumas das características de sua literatura fiquem mais valorizadas, e menos a sua personalidade marcante, mas até por isso mesmo, por vezes controversa, em especial no relacionamento com outros escritores e críticos no ambiente da FCB. Assim, suas histórias poderão caracterizá-lo como um escritor de FC de viés humanista, e nesse sentido a FC em suas histórias se insere no sentido das transformações que o desenvolvimento tecnológico impactam no indivíduo e na sociedade em geral. É uma das vertentes mais ricas de todo o gênero.

Já surgiram estudos interessantes sobre o ponto de vista das relações sociais e sexuais, e de sua ficção política, em especial suas lembranças do período do regime militar, bem como de suas construções utópicas/distópicas. Mas uma seara promissora a explorar mais seria a condição do indivíduo na sua FC. Veja os personagens de histórias clássicas como “A Espingarda”, “O Começo do Fim” e “A Escuridão”, e outras presentes na coletânea *Confissões do Inexplicável*. São todas conduzidas por indivíduos que procuram superar as dificuldades de uma realidade hostil e aparentemente incompreensível, e que revelam toda a solidão e fragilidade existencial do ser humano.

Ivan Carlos Regina – *Escritor de ficção científica e lançador do Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira, em 1988.*

Conheci o André Carneiro através do Clube de Leitores de Ficção Científica. Posso dizer que logo ficamos amigos, tendo compartilhado muitos momentos bons, ao lado dele e de sua mulher Ivani.

Numa primeira aproximação, ele não era de fácil convivência, pois, onde estivesse, queria ser o centro das atenções. Se você relevasse isto, e o tratasse normalmente, este verniz logo era rompido e ele mostrava sua polpa, tipo interessantíssimo que de fato era.

Inicialmente devo dizer que era um homem dotado de muitíssimas qualidades, entre as quais coloco no mesmo plano o dom da escrita e da fotografia.

Durante anos escreveu para o *Somnium*, então o fanzine oficial do CLFC, a “Coluna do André”, onde ele principalmente relatava suas peripécias às voltas com a ditadura reinante.

Embora eu não crese que tudo era verdade, a mistura da realidade dura em que vivíamos e as pitadas imaginativas de sua ficção tornavam essa coluna, para mim, a coisa mais agradável de ler naquele boletim. A explosão de um cofre surrupiado ao regime militar e como foi feita sua abertura é história que jamais esquecerei.

Não gostaria que ele fosse lembrado apenas como um escritor que trouxe temas tabus para a ficção científica, como sexo ou pornografia. Isto seria diminuí-lo demasiado.

André tinha um jeito escoceito de contar coisas numa abordagem realística que, quando menos se esperava, sofria a intrusão de um dado irreal que agigantava o enredo. Lembro particularmente do conto da alienígena que tinha escamas nos genitais e que, segundo André sempre contava, ele tinha se inspirado numa prostituta que havia sido queimada.

De certa forma André transfigurava a realidade, tornando-a melhor, pois eram tempos difíceis de serem vividos. Talvez isto explique seus outros

talentos, como o de parapsicólogo e hipnotizador.

Não posso dizer que ele foi um predecessor, pois não deixou herdeiros na forma ou conteúdo. Tenho que registrar, contudo, que ele influenciou toda uma geração, mostrando que o homem brasileiro poderia ir muito além de suas pequenas fronteiras de realidade.

A última vez que o vi, no lançamento de seu livro de fotografias [*Fotografias Achadas, Perdidas e Construídas*, de 2009], o reencontro foi terno e emocionante. Ele, quase cego, nos confessou sua paixão pela ficção científica e a relevância dela para sua vida.

E, o mais importante de tudo, eu gostava dele e de sua brilhante personalidade. Jamais o esquecerei.

Luiz Marcos da Fonseca – *Ex-Presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica, e Membro do Primeiro Fandom Brasileiro.*

É muito triste observar, impotente, a devassa pela qual passou este ano nossa literatura, com o adeus de grandes nomes, entre eles um amigo querido que foi o André Carneiro.

Me lembro perfeitamente o dia em que uma pessoa ainda altaneira, mas com as sobrancelhas já encanecidas, entrou no meio de uma de nossas reuniões do CLFC, na sua antiga sede, na Livraria Paisagem da Av. São Luiz, sentou-se no fundo e só terminada a pauta é que se apresentou para espanto geral como André Carneiro e que vinha solicitar sua inscrição no clube.

Desde o início me surpreendeu com sua vitalidade e amor incondicional à poesia e à FC, juntando muitas vezes essas duas, obtendo como resultado autênticas obras-primas. Tornou-se então colaborador permanente do *Somnium* físico na época, com suas crônicas, poesias e contos. Nunca senti nele alguma espécie de sentimento de superioridade em relação a nós, pobres mortais, ainda engatinhando nas funções editoriais e administrativas.

Colaborar era sua palavra de ordem.

De espírito positivista, também influenciou a minha forma de encarar a vida. O Carlos André Mores o visitou há já algum tempo e obteve uma longa entrevista com ele. Perdi o contato com o Carlos, mas seria interessante que alguém o procurasse para rever esse precioso material. Também seria de considerável interesse a publicação em forma de livro de suas crônicas publicadas no *Somnium* e nos cinco número do *Hipertexto*.

Mustafá Ali Kanso – *Escritor e membro da Confraria de Escritores que Carneiro coordenou em Curitiba.*

É extremamente difícil expressar em palavras a real dimensão dessa perda que representa o falecimento de André Carneiro. É o vazio de uma clareira quando tomba na floresta sua árvore maior. É o horizonte aviltado pelo espaço quando desapareceram os gigantes. Tanto quanto expressar qual é a sua maior grandeza: se o artista de múltiplas ferramentas que desafia e premia a nossa inteligência e nossa sensibilidade com criações de refinada estética e de profundo conteúdo — ou, se o ser humano cuja genialidade se irmana ao mais elevado senso de humanidade. Um otimismo, um humor, uma generosidade do tamanho do seu talento — a ponto de prodigalizar seu entendimento e semear por todos os seus caminhos no mundo o amor pela literatura e pela arte.

Uma elevação do nosso ponto de mirada. Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir conseguiu sentir e entender a que André Carneiro veio e sofre hoje a dor dessa perda. Mais que um gênio, o exemplo efetivo de que a maestria não precisa de holofotes para agir e revolucionar.

Dorva Rezende – *Jornalista e editor, escreveu a introdução de *Confissões do Inexplicável*, livro de histórias de Carneiro.*

As escolhas de um autor são determinantes na composição de sua obra. Não foi por acaso que André Carneiro elegeu o socialista utópico francês Charles Fourier e o seu falanstério como modelo de *Piscina Livre*. Assim como a maioria dos

intelectuais de sua geração, Carneiro foi formado na tradição literária francesa e, na década de 1950, ele manteve um estreito contato com críticos e autores franceses como Michel Butor, René Barjavel, Pierre Versins (pseudônimo de Jacques Chamson) e R. M. Albérès, quando foi a Paris ministrar palestras sobre arte, cinema e hipnose.

Embora a sua ficção científica guarde muitas semelhanças com a do grande estilista do gênero, o norte-americano Ray Bradbury, André Carneiro é um autor que sempre se preocupou, com sua obra, mais do que inventar prodígios tecnológicos ou imaginar conceitos científicos, em examinar a condição humana, e, por esse motivo, está muito mais próximo, conceitualmente, da tradição europeia da ficção científica.

Ramiro Giroldo – *Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, estudou a obra de Carneiro em seu mestrado e no livro *Ditadura do Prazer*, de 2013.*

Sobre o André Carneiro de papel e tinta já falei bastante e continuarei a falar. Estes parágrafos são sobre o André que conheci. Meu primeiro contato com ele foi por e-mail, em meados de 2006. Eu tinha acabado de elaborar um pré-projeto de mestrado sobre seu romance *Amorquia*, e queria conhecer a tão temida opinião do autor. A recepção foi muito calorosa e, principalmente, generosa. Serviu como um grande incentivo, especialmente para quem, como eu, sabia da sinceridade do André quanto a abordagens críticas ou teóricas com as quais ele não concordasse.

Tive o prazer, já em nossas primeiras mensagens trocadas, de poder chamá-lo de amigo. Percebi que era uma personalidade e tanto: engraçado, mordaz, crítico e observador. Quando pude conhecê-lo pessoalmente, em 2007, as impressões se confirmaram, somadas à percepção de que ele era bastante ciente da própria grandeza. Isso não “desce” bem em algumas pessoas, mas para mim não trouxe nenhum problema no relacionamento com ele: antes que o fizesse, eu já punha sua grandeza em pauta.

O final de semana em que o conheci pessoal-

mente foi bastante importante: tive o privilégio de ser hospedado pelo André (hospedado pelo próprio objeto de pesquisa!) em seu apartamento de São Paulo. Estava acontecendo o primeiro Fantasticon, organizado por Silvio Alexandre, e André era o homenageado. Fiquei bastante feliz em ver o respeito com que o Silvio e todos os que o conheciam o tratavam. Ver que aquele grupo também estava ciente da sua grandeza foi ótimo.

Depois de defendida minha dissertação sobre *Amorquia*, mantive contato com ele. Por e-mail e, em raras ocasiões, pessoalmente. Tenho o consolo de ter aproveitado todas as oportunidades de vê-lo.

Tanto o André Carneiro que eu conhecia dos livros quanto aquele que eu conheci pessoalmente foram essenciais na minha vida. Se hoje faço o que faço é em grande parte graças a eles.

Ademir Pascale – Autor e editor, publicou introdução de Carneiro na antologia *Time Out: Os Viajantes do Tempo*, em 2011.

Entrevistei o André em 2008 e desde então passei a trocar e-mails constantemente com ele. Ele participou de uma das edições do meu extinto fanzine *TerrorZine* e escreveu o prefácio do meu livro *Time Out: Os Viajantes do Tempo*. Cheguei a receber um original de livro dele (com alguns contos datilografados e outros digitados) e tentei ajudá-lo a publicar. Faltei ao trabalho para entregar pessoalmente ao editor de uma conhecida e também extinta editora do *fandom*, mas dois meses depois este mesmo editor, além de não ter aprovado o original, o perdeu. Sei que o André teve muita dificuldade para montar e juntar os contos, pois também tinha problema de visão, o que me deixou tremendamente chateado, pois fui o encarregado de ajudá-lo nessa empreitada. E o editor perdeu para todo o sempre o seu material. André Carneiro era o escritor de FC brasileiro mais antigo ainda vivo. Infelizmente ele poderia ter sido mais valorizado.

Cesar Silva – Coautor do *Anuário Brasileiro de*

Literatura Fantástica, que na edição de 2007 o declarou *Personalidade do Ano*.

Sempre fui admirador da obra literária de Carneiro e ele sempre foi muito atencioso e educado comigo, mesmo quando debatíamos assuntos espinhosos, tanto nas saudosas reuniões do CLFC na Rua José Paulino, quanto nas várias correspondências que trocamos, e na reveladora entrevista que eu e o Marcello Simão Branco fizemos com ele para o *Anuário 2007*. Sua ausência física já se faz sentir e fará falta também a sua verve intelectual e libertária nos debates do *fandom*. Ferrenho defensor do feminismo e do amor livre, Carneiro era definitivamente um homem com a mente no futuro, um futuro que, nesta triste sociedade neo-reacionária, nos parece cada vez mais distante.

Para nossa felicidade, contudo, Carneiro nos lega uma obra maiúscula, de grande relevância técnica e conceitual, foadada de trabalhos ousados que ainda causam impacto nos leitores mesmo tantas décadas após suas publicações originais. Sem falar nas demais obras que ele deixou no campo da poesia, das artes plásticas, da fotografia e do cinema, um conjunto que ainda não foi completamente estudado e deverá ser material para os pesquisadores por muito tempo.

Aos familiares, os meus pêsames, e a certeza de que o nome e a pessoa de André Carneiro jamais serão esquecidos.

Braulio Tavares – Escritor e editor, publicou Carneiro nas antologias *Páginas de Sombra: Contos Fantásticos Brasileiros* e *Páginas do Futuro: Contos Brasileiros de Ficção Científica*, pela Casa da Palavra.

Devo ter lido André Carneiro pela primeira vez por volta de 1965, ano de publicação da antologia *Além do Tempo e do Espaço* (Editora EdArt, SP), talvez a primeira antologia de FC brasileira que li. Incluía, curiosamente, um elenco de autores que ninguém identificaria com o gênero: Domingos Carvalho da Silva, Lygia Fagundes Telles, Álvaro Malheiros, Nelson Leirner e outros. Não lembro muito do conto dele; o conto marcante,

para mim, foi “Da Mayor Speriencia” de Nilson Martello. Depois ele foi reaparecendo em revistas e antologias, e assim formou-se na minha memória a trinca dos grandes autores da chamada Geração GRD: André Carneiro, Fausto Cunha e Rubens Teixeira Scavone.

André foi poeta da Geração de 45 antes de escrever FC. Foi editor de um importante jornal literário, *Tentativa*, sobre o qual já falei nesta coluna (aqui). Foi fotógrafo, cineasta, artista plástico. A FC era apenas uma de suas muitas atividades, um aspecto dele com que sempre me identifiquei, porque o escritor típico de FC não apenas não faz outra coisa, ele nem sequer escreve outra coisa.

Tinha um estilo fluente, fácil, e parecia produzir sem muito esforço. Aos 75 anos publicou um encorpado volume de contos, *A Máquina de Hyerónimus*, e aos 85 outra coletânea, *Confissões do Inexplicável*, com mais de 600 páginas (fez também as ilustrações, uma série de colagens). Nos anos mais recentes, encontramos algumas vezes no Fantasticon, o evento de literatura fantástica em São Paulo. E nos falamos por telefone quando incluí contos dele em duas antologias minhas: “A Escuridão”, talvez sua obra-prima, em *Páginas de Sombra*, e “Do Outro Lado da Janela”, em *Páginas do Futuro*.

Depois dos 80 anos a vista piorou; ele saiu de São Paulo e foi morar com o filho, em Curitiba. Ao telefone, comentava com entusiasmo este ou aquele livro que estava lendo. Eu perguntava: “Mas André, você não disse que a vista estava ruim?” “E está, mas eu pluguei uma câmera digital na TV grande da sala, fico filmando a página e vendo as letras bem grandes na TV, passo o dia lendo.”

André Carneiro faleceu esta semana, aos 92 anos. É o nosso escritor de FC mais publicado fora do Brasil: tenho textos dele numa revista uruguaia, numa antologia inglesa. Sua presença constante, publicando com regularidade ao longo da vida inteira, o aproximou das sucessivas gerações de escritores e críticos mais jovens. O fanzine *Somnium* publicou por anos as “Crônicas do André”, relatos memoriaísticos e de circunstância, que bem poderiam ser compilados e republicados num site. Um brinde para o grande André, que viveu o futuro sem fim.

[Este texto foi originalmente publicado no Jornal da Paraíba em 7 de novembro de 2014, e está disponível no blog Mundo

Antes do Deserto,

o bom e velho André

por Maurício Decker

Quando André Carneiro me pediu para fazer uma leitura crítica dos originais de seu último conto, *Antes de Bagdá, o Deserto*, pensei comigo: “É... o André deve estar ficando velho... Que irresponsabilidade! Que crítica vou escrever quando um Kafka me pede para ler seus originais?”

Bem, tentemos... Mas adentrar tal deserto é tarefa árdua.

Em um primeiro momento, o leitor não entende muito bem do que a história trata, e onde se propõe a chegar. Tudo o que sabe é que a história se passa em algum lugar nos arredores de Bagdá. Mas para que lado? Esses arredores podem estar perto, ou ter quantos quilômetros o leitor imaginar... O bom leitor não titubeia. Com humildade, poucas páginas depois de iniciada a leitura, volta ao início e recomeça a leitura, para ver se não lhe escapou algum detalhe, ou se leu alguma coisa equivocadamente.

Triste constatação, descobre que continua com as mesmas dúvidas... Mas segue em frente, para ver onde vai dar aquilo.

As figuras de Nahib e de Mansf têm muita personalidade, apesar de que o leitor nada sabe sobre eles, sequer suas características. Sabe-se que têm parentesco. Primos? Irmãos? Meio-irmãos? Ou talvez não tivessem parentesco? O palácio é suntuoso e guarda seus mistérios, apesar de que jamais foi descrito e somente o leitor pode conceber tal suntuosidade e criar esses mistérios. Há a moça, Maila. Pode ser que ela seja muito bela, ou não. Tem uma filha, Paula, que está em algum lugar, não se sabe

bem com que características ou que idade. Maila é amante de Mansf, de Nahib, do Senador, ou de outro? Por que estava lá? Por que era preciso dinheiro, e mais dinheiro? De quem é a filha? A figura do Senador remete a coisas escusas, e enche o leitor de asco, temor, porém sem saber bem a que sentimentos nos remete tal figura. Seria ele amante da mãe de Nahib, ou da mãe de Mansf? Pai de algum deles? Ou dos dois? Ou de nenhum? O que fazia o Senador? Qual era o combinado entre ele e Nahib? Mas Nahib não tinha outro combinado com Mansf? É preciso usar armas. O Beduíno tem uma. A mulher que o conduz pelo palácio tem uma arma. Mansf precisa se armar. Há um segredo que Mansf sabe sobre o Senador. Todos têm segredos que precisam ser muito bem guardados para que o Senador não desconfie. O Senador tem um segredo. E há um juramento secreto feito pela mãe de Nahib. O Senador tinha um recado da mãe de Mansf para ele. E havia ainda o testamento. Mas em húngaro. A atmosfera é sempre carregada, sinistra. O leitor vai compondo um complicado mosaico arabesco em sua mente, com sarandás e caftans.

Não é possível saber muito sobre Mansf, sobre Nahib, sobre Maila, sobre Paula, sobre o Senador, sobre a mãe dos rapazes, ou a mãe de cada um. Não é possível saber muito sobre o que está por trás de cada relacionamento, de cada ato, de cada segredo, ou de cada trama. Não é possível saber muito sobre o palácio, sobre os lugares, sobre o deserto.

O leitor fica cada vez mais afoito por descobrir as entrelinhas. Finalmente termina o conto e, com um quê de desespero, inevitavelmente, se vê compelido a reler tudo novamente. Lê agora com atenção triplicada, anotando cada detalhe, captando cada nuance, tentando encontrar pistas, ou até mesmo erros do autor. Envelhece seus neurônios. E pensa consigo mesmo. “É, acho que o André deve estar ficando velho... Já não escreve como antigamente...”

Quando, de repente, faz-se a luz. E o leitor descobre o que está por trás daquilo tudo. É tudo novidade, um amanhecer. Como o sol refletido em cada grão de areia do deserto.

Bem, André pode ter lá suas centenas de anos... Mas não está ficando velho, não.

Da escuridão de nossos raciocínios envelhecidos, surge por uma fresta aquele brilho fresco do sorriso de escárnio do velho André, rindo de nós, porque, em nossa cegueira, não compreendíamos que não estava lá a resposta, mas dentro de nós, iluminada o tempo inteiro por lampejos de visões que em nenhum momento foram criados por André, senão por nós mesmos...

Para adentrar um deserto como esse, esse vasto deserto iluminado que se esconde dentro de nós mesmos, somente mesmo sendo guiado pelo bruxo André, com suas centenas de anos...

São Paulo, janeiro de 2014





ANTES DE BAGDÁ, O DESERTO

POR ANDRÉ CARNEIRO

15 de junho de 2013

Ele tinha saído de Bagdad com falsos papéis e pusera o vidrinho bem fechado no boné. Qualquer lugar serviria. Acham sempre quando procuram; inútil descrever as confusões até o palácio de Nahib. Pensar que foi reconhecido é duvidoso, seu entusiasmo era legítimo: ele próprio acreditou no espelho. No quarto, vestiu o sarandá frouxo nas pernas e um colar frio batendo no peito. Nahib o chamou de Comandante e ele deu no narguilé cor de rosa vários estremecimentos no caldo grosso. Repetiu ‘comandante’ várias vezes, seguido de Clant, Mori e Mansf... Tinha de esperar qual nome Nahib tinha fixado.

Olhou no sarandá uma formiga oblonga subindo lentamente. Não tinha peso. Nahib, com ruga na testa, perguntou qual era a decisão na América. Ele falava vagamente, balançando a mão devagar. Estava ansioso, mas nenhuma resposta seria dada naquele local. Havia microfones atrás das pétalas, até nas coleiras de prata dos sagrados gatos da Birmânia, de olhares profundos. Os neurônios de Mansf já não corriam futilmente. Olhou as mulheres na sala dançando umas com outras. Sabia que ela não estaria ali. Era como um filme “B”. Mansf em silêncio treinava respostas.

Andaram por corredores curvos e a música se perdia. Entraram em uma grande caixa de ferro. Parecia um contêiner. Nahib acendeu luzes e os engolidores de ondas. As vozes vibravam um pouco nos dentes.

– Onde ela está?

Nahib afundou a ruga:

– E o dinheiro?

– Tenho um cheque do senador, banco Central. Mas preciso falar com ela um minuto...

– Um minuto? Falar o quê?

Mansf respirou, mexeu o ombro, displicente:

– Bobagem. Ele fala... pra mostrar que manda...

– Fale pouco, me conte tudo depois.

– Nahib, não gosto... Lembre-se, fui eu que arranjei tudo.

Nahib sacudiu a cabeça, rápido, mexeu o corpo como quem vai levantar-se. Ele nunca terminava um assunto. Sem palavras, ele saiu na direção contrária de onde vieram. Mansf voltou pelo mesmo caminho. Andava lentamente, olhando as colunas e os cantos. Vislumbrou o braço de um beduíno com um dedo nos lábios. Seguiu atrás dele, em silêncio. Entraram por um corredor estreito, parando nas curvas: o beduíno parecia com medo, olhava Mansf e pedia silêncio. Parou diante da parede onde havia um furo. Enfiou ali uma chave comprida e passaram por uma porta estreita. Mansf sentiu um perfume morno. Um homem careca com uma adaga no cinto aproximou-se. Falando baixo, Mansf fingiu estar distraído olhando um estranho ventilador de teto com enfeitados vidros coloridos. O beduíno, quase sem mover os braços, passava dinheiro ao guarda.

O beduíno virou-se para Mansf com gesto indicando uma direção. Ele tinha conseguido. Maila devia estar ali perto.

O careca tinha se afastado, parecia só aguardar a saída dos dois. Ouviam-se ruídos de tráfego à distância. Qualquer som mais alto sobressaltava o beduíno. Ele afastou-se, foi conversar com o guarda, corpo inclinado, os lábios sussurrando colados nos ouvidos do guarda. Fizeram um gesto, ambos se afastaram. Mansf encostou-se na parede fria. Não olhava o relógio. Ouviu leves passos arrastados. Uma senhora muito branca, de saia grossa, apareceu. Parou diante de Mansf como se o examinasse. Resmungou algo e fez um sinal com a mão para que a seguisse. Ela deu dois passos, parou, olhando uma janela distante de onde se via o sol se pondo atrás da montanha. A mulher olhou um instante para Mansf. Ele sabia interpretar aquele olhar, apontou a direção da janela e disse:

– Meca fica na direção da janela?

A velha riu com certo desprezo:

– Não, aqui não é Al Khalij como você está pensando, nem há tempo para oração. Fez um gesto e andou mais depressa. Mansf a seguiu de perto. Ela parou onde não havia sinal de porta, apenas um furo na juntura.

Fez sinal de silêncio e enfiou no estreito buraco uma longa chave. Empurrou a parede e apareceu

uma fenda estreita. Tinham de entrar de lado. Ela passou, olhando para Mansf, logo atrás. O beduíno acompanhava Mansf e dava as ordens. Mansf perguntou em árabe onde ela estava. A mulher respondeu com sotaque, devia ser turca. Ela fez ameaças e alertou para não tentar mais nada. Mansf balançou a cabeça em sinal de assentimento. Ele sabia que a combinação era completamente outra. O beduíno não iria mais aparecer. Havia um pagamento final. Mansf perguntou:

– Quando vejo a moça?

O mulher afastou-se, usou um celular algum tempo, voltou e ficou em silêncio.

– Quando?

– Hoje você não pode mais vê-la, é impossível.

– Está valendo o combinado para amanhã?

– Sim, não esqueça o dinheiro em notas.

– Qual a saída perto?

Mansf conhecia, mas queria testá-la. Ela olhou para ele e fez um gesto:

– Venha.

Mansf seguiu-a por um túnel até a rua. Via-se bem longe a torre em granito do castelo. Estava do lado pobre, junto ao labirinto de casas brancas onde nenhum turista ousava entrar. Um táxi velho parou. Mansf desconfiava; não era coincidência.

O hotel ficava no centro. O motorista entrou em um estacionamento e parou em um canto escuro. Saiu do carro e foi até a rua. Voltou estendendo um papel para Mansf, que leu e perguntou: Voltamos agora mesmo?

– Sim, ninguém nos seguiu.

Deu a partida no carro e saiu por outro portão, em velocidade, retornando para o castelo. Ofereceu um chapéu de abas largas para Mansf. O carro fez a viagem de volta bem mais rápido e entraram pelo lado da torre, dando um toque na buzina. Nahib estava esperando-os. Mansf seguiu atrás dele, o motorista partiu.

Entraram em uma sala com sofás de couro.

Nahib sentou-se perto e disse:

– Eu ainda estou com a menina.

– A filha dela, naturalmente?

– Mas o senador... ainda confia.

Nahib fez uma fisionomia de cansaço. Não lhe interessava tocar no assunto. Ainda afirmou com tom de quem finaliza, com sorriso irônico:

– Você sabe, família... Meu pai era turco.

Mansf mostrava impaciência. Falou baixo:

– Parece que você não confia...

Nahib cortou sua frase:

– Não confio mesmo. Eu vendi o castelo para o senador. Mas o importante é amanhã... Ela, eu e você.

Mansf levantou-se, andou até a janela, de onde nada se via. Parou diante de Nahib:

– Tenho de falar com ela agora. Ela é desconfiada.

– Sim, desconfiada; eu e você já explicamos que o senador vai esperar em Massad, no meio do deserto. Muito antes estarei longe com ela. Você não tem nada o que falar com ela agora.

– Tenho de confirmar isso sozinho. Ela espera que eu conte o que sei do senador.

Nahib levantou-se, nervoso, aproximando-se de Mansf.

– Você abusa de mim. Vou te concedendo tudo por causa do juramento da minha mãe. Fale dez minutos e, por Mohamed, não toque na venda do castelo.

Mansf virou para a porta:

– Me leve lá. E fique longe. Ela muda tudo perto de você.

Os dois andaram juntos por um corredor estreito. A ruga na testa de Nahib estava funda. Ele encostou a mão no peito de Mansf, que segurou sua mão, sabendo o que ia falar:

– Não precisa repetir. Mesmo sangue e a maldição do profeta... Nahib, você é o mais inteligente, mas às vezes perde a memória...

Nahib gritou:

– Não precisa lembrar o débil mental. Aquele que ficou com o karma da sua mãe...

Calou-se em seguida. Sua mão tremia ao enfiar a chave. Empurrou a porta, mas não entrou. Disse:

– Ela está no salão menor.

Mansf bateu fraternalmente no peito de Nahib.

– Fique calmo, Nahib. O senador nem sabe do nosso parentesco. Talvez pense que você me prendeu, ou matou...

Mansf riu e acrescentou:

– Você não tem medo dos tuaregs?

Nahib empurrou Mansf para o outro lado da parede:

– Só dê o recado – disse Nahib, fechando a porta e ficando do outro lado.

Mansf estava em uma passagem coberta e ouvia vozes à distância. Alguém vinha ao seu encontro em passos rápidos. Era o beduíno. Estava bem vestido e na cintura o volume do revólver debaixo da capa era visível. Cumprimentou Mansf com respeito e falou em sussurros, quase colado à orelha de Mansf, que respondia da mesma maneira. Mansf encostou-se atrás de uma coluna. Tirou de sua bolsa dois grossos maços de notas novas. O beduíno levou o maço perto da boca e assoprou, guardando-as imediatamente. Caminhou com Mansf pelo corredor, chegando a um salão com longas mesas e mulheres trabalhando.

Um salão menor era separado dos outros. O beduíno parou uns metros antes e disse:

– Cinco minutos, veja o que fala...

Mansf acenou com a cabeça e foi para frente. Afastou uma cortina e viu Maila meio deitada em um sofá, com leve e comprido vestido. Ela, com as duas mãos estendidas, a boca ansiosa já aberta em uma exclamação. Estava a alguns passos de distância. Mansf parou, sacudiu a mão direita rapidamente diante do rosto. Era um aviso de perigo. Ela devia estar tencionando todos os músculos do corpo. Estava já no meio de um salto na direção de Mansf, que a segurou.

A cortina escondeu o abraço. Mansf sussurrou no ouvido dela, em francês:

– Escute, é importante. O senador combinou esperar você em Massad. Ele confia em mim, por causa de minha mãe. Mas de Nahib precisou comprar o castelo.

Maila, em lágrimas, soluçou:

– Nahib?

– Depois eu explico...

– E o beduíno? – ela disse com medo.

Mansf separou-se dela e espiou fora da cortina:

– Maila, fique calma e controlada. O beduíno e mais alguns irão levar você amanhã às oito para Massad. Mesmo que não me veja, eu estarei junto.

A cortina foi puxada com violência pelo beduíno.

– Já passou do tempo.

Ele olhou lentamente para os lados:

– Eu sou vigiado.

Mansf apenas acenou ao beduíno, virou as costas e saiu em passos rápidos.



Já tinha preparado seu jipe alemão de seis rodas. Deitou-se cedo porque pusera o despertador para as três. Prudentemente, chegou ao castelo muito antes do horário previsto. A porta estava aberta. Era estranho. Deixou o carro na rua e entrou rápido. Não viu ninguém, foi batendo em cada porta fechada. Viu ao longe com um jeito assustado a mulher que o conduzira no dia anterior. Estava com um 38 na mão. Mansf aproximou-se devagar e perguntou onde estavam todos. Ela sacudiu a cabeça, disse que precisava mais dinheiro. Mansf estendeu uma nota e ela disse:

– Saíram todos à meia noite.

– Todos, de carro, a menina também?

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

Nervoso e contrariado, Mansf voltou em direção ao seu apartamento em Bagdá. Guardou o jipe e vestiu seu pior terno local. Parecia agora um mo-

rador de Arrah, a zona da cidade. Mansf conhecia aquelas ruas. Parou diante de um muro branco, que se erguia sem aberturas e continuava em um liso telhado redondo com uma porta do outro lado, na direção de Meca. Adiante havia uma passagem, cercada de mato. Entrou e seguiu uma trilha até a porta de entrada da casa, fechada. Bateu quatro vezes e entrou. Um velho amável o cumprimentou. Mansf pediu uma 22 Leve. O velho colocou duas armas no balcão, e mais uma Luger do tempo da guerra, 12 tiros. O velho apontou as leves:

– Isso é porcaria...

Rodou a pesada Luger no dedo.

A 22 leve era uma adaptação esperta de uma grande oficina clandestina. A arma tinha uma fina espessura, recarregava quatro tiros. Tem pouco alcance, mas as balas têm o chumbo serrado ao meio. Fazem um buraco, morte certa. Mansf sabia tudo isso. O velho admirava a precisão honesta da Luger. A Leve 22 era para ficar na manga do paletó. Poucos a conheciam. Quando se punha as mãos para cima, apalpavam debaixo dos braços, barriga, ancas, canelas. Esqueciam as mangas do braço.

O velho colocou em um saquinho as duas armas leves e dois panos já com curtos encaixes onde as armas se ajustavam na manga, gatilho e dedo próximos.

Armas eram um pedaço da alma de Mansf, como implantes ligados nos ossos, manobrando músculos e talvez pensamentos. Ele sabia muito do castelo desde que a mãe fizera o juramento, a vela negra acesa sobre o punhal com velho sangue seco já se despregando.



Recebera três telefonemas do guarda careca. Era certo que não falharia, não por causa do dinheiro. Sobre obediência Mansf sabia tudo, aprendera no campo alemão.

Encheu o tanque reserva de gasolina, temendo ser obrigado a enfrentar o deserto. Nahib tinha esconderijos. Naturalmente, ele estava levando a prisioneira para um destino desconhecido do senador.

A moça chorava. Nahib tinha dois guarda-costas no carro. Saíam da estrada muitas vezes. Iriam parar no Moulin Vert, informação dada pelo guarda careca. Era um grande cassino em decadência. Se ficassem lá toda a noite, daria para alcançá-los. Mesmo com os buracos, o carro chegava a 160 por hora.



Já dentro do quarto, Nahib cortejava-a em francês. Odiava choros. Olhos vermelhos, cremes derretidos na face, Maila o refutava soluçando em árabe. Ele tentava excitá-la. Ela, banhada em lágrimas salgadas, não conseguia responder as obscenas provocações. Nahib levantou-se. Ela elevou o rosto desfigurado e gaguejou:

– Nahib, meu amor, você jurou me libertar do senador...

Nahib pôs a mão na testa:

– Estou com dor de cabeça, *je revian*...

Limando rapidamente o rosto, Maila tentava ainda um sorriso meio salgado, mas ele saíra abruptamente. Daí a pouco fazia absoluto silêncio. O guarda careca tinha passos de fantasma. Abriu a porta do quarto sem bater. Maila sobressaltou-se. Ele aproximou a cara. Ela sussurrou:

– Mansf?

– Sim, Mansf, ele vem – apontou um corredor. – Será naquele banheiro, eu aviso...

Maila ainda queria falar, mas ele saiu como uma sombra.

Ela respirou fundo. Acariciou o braço esquerdo nu. Vagamente, sua memória enxergava desfocada um jovem todo enrolado como serpente, a língua vermelha partida no meio. Não, não podia ser. Ela abria a boca das serpentes sem veneno só para tocar a língua partida. Ela tinha muitos cremes. Eram chineses, os melhores, dissera Nahib. As orientações escritas em mandarim ou alemão. As funcionárias do cassino eram todas turcas, sabiam muitas línguas, mas não chinês e alemão.



Os braços de Mansf vibravam na direção. O carro tinha suspensão reforçada, mas, quando uma

roda da frente entrava em uma depressão, o carro voava. Para Mansf, o perigo maior eram as patrulhas com luzes vermelhas. Houvera atentados na semana, homem bomba, metralhadora na Praça... a estrada estava estranhamente vazia. Teve de parar o carro duas vezes. As tropas americanas já tinham saído do país, mas as patrulhas ainda continuavam.

Mansf era capitão da reserva. Passou, embora sua presença não oficial fosse sempre suspeita.

Chegou em tempo no cassino só meio iluminado. Contou trinta e duas janelas e na penúltima o pano branco. O guarda careca fumava perto da porta; jogou o cigarro, cumprimentou Mansf em árabe como dois turistas. Ele dissera que os seguranças dormiam quando o estacionamento se esvaziava. Mansf colocou o carro de frente para a estrada, meio escondido pelas árvores sem poda. Tinha posto seu paletó americano estampado, que nenhum oriental usaria, internamente uma placa de titânio trançado, vendido na Líbia, relativo consolo; sobravam espaços não protegidos. Ele era um bom ator. Subiram pelas escadas. Em um terraço com plantas, Mansf ouviu um longo relatório. O mais importante foram os dois maços de dólares que o guarda ocultou nos bolsos invisíveis do seu caftan.

O guarda pediu a Mansf que esperasse uma hora; achava mais seguro para encontrar Maila. Mansf fazia perguntas, queria vê-la imediatamente. O guarda se afastava, ia e voltava, também falou no celular duas vezes. Mansf achava imprudente haver mais alguém sabendo, já que as fidelidades tinham seu limite em dólares. Falou alto, protestando, quando soube que o encontro seria em um banheiro. O guarda explicou pacientemente o confuso esquema da vigilância.



Mansf estava em um pequeno terraço florido do quinto andar, esperando um aviso do guarda. Só tinha um espaço mínimo e seus dedos nervosos seguidamente destravavam a Luger no bolso da calça e ajeitavam a 22 das mangas. Tinha evitado olhar o relógio. Sabia que toda espera paralisava os ponteiros. Quando uma brisa fez o caftan do guarda tocar na escada, Mansf saiu do terraço, o guarda já com os dedos nos lábios sugerindo silêncio. Desce-

ram pelas escadas internas até onde estava Maila, esperando no banheiro. Mansf e o guarda andavam a certa distância um do outro, o dedo no gatilho. Mansf empurrou a porta só encostada. Maila estava ainda com os olhos vermelhos, mas linda assim mesmo, de pé encostada ao lado do box. Ele agarrou-a ansiosamente à procura dos lábios, mas ela encostou-se ao ouvido dele, falando alto demais:

– Você veio me livrar... me levar embora deste inferno?

As lágrimas saltaram de novo. Mansf abraçou-a com força. Sua cabeça estava afogada em frases e imagens. Sentia-se na beira de um abismo desconhecido, nada saía como planejaram.

Maila repetiu ansiosa:

– Minha filha? Vamos sair agora?

Com os dedos tensos, ela empurrava o peito de Mansf. Tinham aberto uma torneira para abafar a conversa.

Ouviam-se ruídos à distância. Maila interrompeu as lágrimas e o que estava dizendo.

Com violência, a porta do banheiro se abriu. O guarda careca, revólver na mão, nervoso, gritou:

– Nahib foi procurá-la no quarto, armado! – Ele apontou a janela.

Enquanto o guarda saía correndo pela porta, Mansf, já com as pernas fora da janela, na escada de incêndio, ajudou Maila. Quase despencaram os dois pela velha escada. Quando estavam quase no chão, ouviram o som violento da porta do banheiro arrombada.

Maila e Mansf correram pela beira do estacionamento externo. Ambos vestiam tênis e procuravam passar embaixo das árvores altas enquanto ouviam dois tiros. O carro não podia ser visto do alto. Nahib descia desabaladamente pelas escadas. Mansf entrou com a chave na mão, deu a partida antes de Maila fechar a porta. Ambos respiravam fortemente, Mansf com o pé no fundo do acelerador fugia pela estrada mal conservada. Mansf já passara por aquelas estradas muitas vezes.

Dava para correr bastante na estrada, havia muitas Ferraris e Porsches pelo país. Eles ultrapassavam

Mansf facilmente, o que o deixava nervoso.

– Maila, não pergunte nada, só olhe a estrada ao longe, ao lado direito, duas palmeiras altas, uma perto da outra.

Maila aproximou os olhos do vidro. Não havia nenhuma palmeira. Rezava pelas duas palmeiras e chegou a gritar duas vezes, mas eram muitas palmeiras.

No fim de uma planície, Mansf enrijeceu sua perna direita, mas o acelerador já estava colado no assoalho. Ao longe, duas palmeiras na beira da estrada se aproximavam na mesma velocidade. Mansf reduziu a velocidade para fazer a curva. Ele sabia o que fazer. Era uma estradinha para Kufa feita por velhos traficantes. Depois do morro ela se subdividia em três outras, uma delas era pedregulhada e ia diminuindo de largura, aumentando os buracos, e encaminhando-se para um terreno arenoso. Armadilha só para quem não sabia. Mansf foi pela pior estrada. Coincidência ou intencionalmente, a estrada parecia levar a lugar nenhum. Maila se controlava para não duvidar de Mansf, mas perguntou:

– Vamos... para Kufa?

Mansf não podia tirar os olhos da rota, acenou com a cabeça que sim, Kufa estava próxima. Viu à direita altos blocos de rochas redondas. Ele saiu da estrada e foi em direção a elas. Maila exclamou assustada, Mansf fez um gesto para acalmá-la e começou a rodear as altas pedras. Ele conhecia o local. Dois altos granitos encostados deixavam um espaço vazio embaixo, onde o carro penetrou lentamente, fugindo do sol e ficando invisível da estrada. Mansf pegou no braço de Maila e deu um sorriso para acalmá-la. Ele apontou a longa curva da estrada:

– Eles não enxergam nem as rochas lá de cima...

Mansf fora ver se os pneus tinham deixado marcas. Não havia nenhuma. O vento ondulava as imperfeições dia e noite. Um ruído distante de motor o fez voltar depressa ao abrigo. Maila ansiosa:

– São eles?

– Não. É um caminhão, mas precisamos prestar atenção.

Maila estava nervosa, ainda não houvera tempo

para as centenas de perguntas reprimidas. Estava quase chorando quando disse:

– Por que ficamos aqui?

– A cidade já está ali. E jamais vão imaginar que nos escondemos aqui tão perto...

Maila apertou o seu braço:

– E depois... minha filha?

Eles olhavam a estrada atentamente. Puseram um ramo de árvore na fresta das rochas. Alguns carros passaram ao longe, mas não era Nahib.

Mansf perguntou hesitante se Maila sabia atirar com revólver. Ela escondeu o rosto com os braços, os olhos vermelhos. Alah tinha sentenças definitivas. O dedo nas chamas eternas do gatilho.

Mansf fez uma exclamação. Dois carros desciam a montanha. Maila demorou para empunhar o calibre 38 que ele lhe estendia. Ficaram olhando os dois carros se aproximando devagar, o que estava na frente parou na curva. Mansf segurou seu braço que levantava o revólver:

– Calma, estão esperando o outro carro, que parou atrás.

Maila ficou tensa. Mansf disse baixo:

– Eles já vão embora.

Os dois carros já estavam dando a partida e subindo a íngreme entrada que levaria a Kufa.

Maila e Mansf, já no carro, recostaram-se numa difícil tentativa de relaxamento. Ela guardou o revólver em um compartimento da porta, ele no bolso do paletó. Ela olhava algo muito distante nas montanhas:

– Mansf, se Nahib saísse do carro e viesse em nossa direção, você atiraria?

Ele virou o rosto, olhando para fora. Ficou assim algum tempo. Ela insistiu:

– Você atiraria?

Mansf olhou para ela, ia falar... Maila cortou:

– Nahib é pai da minha filha.

Mansf teve um sobressalto. Com voz rouca, rosto enrugado, gritou:

– É filho do senador... Por isso...

Sua voz desapareceu no meio da respiração ofegante. Segurava um spray de lubrificação. Sua mão direita apertou tanto o tubo que ele amassou. Maila recuou assustada com as rugas profundas no rosto dele, jogou o braço para o lado, forçou de um golpe a maçaneta, abrindo a porta e saltando para fora. Mansf, corpo inclinado para frente, ainda com o spray amassado na mão, ficou imóvel, gotas de óleo fino escorrendo nos dedos. Maila corria além das rochas, subindo pela estrada. Quando ele jogou fora o tubo e olhou-a, correndo em direção à cidade, ela desapareceu. As gotas de óleo correndo em sua mão lembravam uma cena da trincheira, sua cabeça se confundia como um filme mal projetado. Durante a guerra, corpo inteiramente enlameado, cumpria as tarefas mais arriscadas. Os planos, absolutamente obedecidos e executados. Agora, oculto atrás dos rochedos, imaginava cenas sucessivas com uma cinco ponto cinquenta apontada para todos que supostamente o traíram. Mas, não tinha nenhum plano. Vindo com o vento, ouviu distante a oração de um muezim aos pedaços. Engrenou devagar a marcha ré como um principiante, mas seu pensamento era de um homem confuso na terra de ninguém.

Engrenou a primeira com um soco e disparou para a estrada.



O senador, de gravata, estava rodeado pelo guarda careca e mais atrás o beduíno com caftan ondulado pelo vento do deserto. Maila, despenteada, Nahib empertigado em sua frente. Tinha acabado de falar e respirava fundo. O senador esboçou um sorriso torto, pôs de leve a mão no ombro de Maila e disse, suave:

– Maila, vá descansar no seu quarto.

O senador voltou onde estava, em frente a Nahib:

– O que foi mesmo que você disse naquele momento?

Nahib mexeu os lábios, procurava uma palavra. Levantou os ombros, disse depressa:

– Não sei, eu menti. Ele tinha levantado o revólver...

O senador elevou a voz:

– E por que toda minha combinação não foi...

Nahib cortou, levantando os braços.

– Porque ele apareceu, bem antes da hora e disse que o senhor tinha mudado tudo.

– E por que não me telefonou?

Nahib respirava fundo, ansioso:

– Mansf disse que telefonou dez vezes, ninguém respondia. Me disse que devia estar bloqueado...



Mansf retornou a Bagdad. Deixara Maila correndo pelas ruas de Kufa. Para ele, o centro de tudo era Maila e Paula, que provavelmente procuraria o senador em Bagdad. Fez uma viagem lenta, de volta. As estradas que entravam no deserto tinham sido feitas para fugas. Entrou na cidade por trás, mas o carro era olhado com suspeição. Voltou para a velha casa vazia conservando para ele um velho cheiro de infância. Sua mãe ainda cuidava, com certeza.

De manhã vestiu um caftan. Na rua, olhou com surpresa seu vulto refletido em uma vitrine. Mansf não reconhecia aquele homem. Lembrou-se de Nova York, mas estava pensando em árabe. Americanos andam com um passo diferente de outros povos. Fora mais fácil falar inglês da Quinta Avenida do que andar no Harlem sem que os negros rissem. Maila bailava em sua cabeça e ele ajeitava nas mangas do caftan os canos finos da 22. Tinha de percorrer as instituições para encontrar Paula. Maila faria tudo para não _erde-la.

Durante duas guerras Mansf foi um profissional. Aprendera duramente agir, talvez até pensar como árabe. Ele tinha os endereços mais prováveis de Paula. Apresentava-se como secretário ou representante direto do senador. Estava tocando a campanha do colégio mais famoso, trazia um colar de prata com uma cruz de bordas douradas no pescoço. A freira que o atendeu teve um imperceptível sobresalto quando ele citou o senador. Pediu que aguardasse ali mesmo, o que era suspeito. Disse que ia perguntar pela Paula para a professora de sua classe. Ela ficou constrangida com a explicação e saiu depressa. Não sabia mentir, bastaria que afirmasse não

haver uma Paula no colégio. Voltou muito depressa dizendo que a Madre superiora informara que o senador havia retirado a menina uma semana antes para uma viagem. Mansf despediu-se: não adiantaria perguntar mais nada. Pelo menos, desconfiava onde Paula estava.



O senador voltara para Bagdad, seu maior redu-to de ação. Tinha pretensamente amigos em toda a parte, de acordo com seus golpes políticos, mas não cumpria muitas de suas promessas. Mansf sabia que não teria mais chance de enganá-lo. Ele estava mais ansioso do que no tempo da guerra. Pensava raptar Paula, mentalmente seus planos ficavam cada vez mais violentos. Ao abrir a porta de sua casa, ouviu o telefone chamando. Uma voz masculina falava em árabe e educadamente afirmou trabalhar para o senador. Mansf surpreendeu-se e, na primeira fração de segundo, pensou: *ele quer me matar*. Duramente, pediu para chamar o senador com urgência. Hesitante, o interlocutor foi chamá-lo.

O senador foi quase cordial. Disse que Nahib o tinha traído, raptara Maila, tendo também falsificado ordens retirando Paula do colégio. Mansf resolveu interrompê-lo, afirmando que Nahib certamente teria traído ele também, inventando mentiras terríveis. O senador citou Mohamed e lembrou o juramento da mãe, pedindo que Mansf viesse imediatamente, pois era ele quem mais sabia da vida de Nahib. Mansf desligou, estava transpirando. Ainda sentia os músculos tensos. Tinha de extrair de cada palavra as verdadeiras intenções. Era longa a experiência do senador em usar o mesmo tom macio. Ele não promovia crimes em sua casa.

Mansf foi recebido por dois serviçais, um deles com um aspirador na mão. Estavam consertando canos embutidos na parede quebrada. Mansf passou lentamente. Era uma velha precaução. Com um *dust-buster*, aspiraram o pó que talvez pudesse ter sujado a roupa do visitante. No aspirador, Mansf sabia que havia um detector de metais.

O senador, vestido de maneira ocidental, abraçou Mansf com tapinhas convencionais. Mansf disse todas as coisas habituais de um pretense seguidor, com a garantia do juramento da mãe. Entraram

na sala com exagerados salamaleques, o guarda careca e o beduíno com um novo caftan.

Apesar das velhas combinações, Mansf recebeu do senador um recado de sua mãe. Precisava encontrá-lo, ela dramatizava em longas frases do seu árabe manuscrito. Colocara uma só referência ao juramento e foi o que mais perturbou Mansf.

O guarda careca mostrara a Mansf alguns endereços onde Nahib poderia estar com Maila e Paula.

Mansf levou seu velho *Jeep* alemão. O guarda careca insistira em acompanhar Mansf, que só levava as duas 22 nas mangas e a Lughier. O guarda não tirava os olhos da janela, confirmando o trajeto, mas usava um tom submisso, que não enganava Mansf. Era um bairro pobre, muitas ruas sem calçamento. Era cheio de construções unidas umas nas outras, com vielas e corredores cruzando. Desceram e lentamente Mansf se colocou um pouco atrás do guarda, que segurava o revólver dentro do bolso. Eles entraram no meio das casas e depósitos, cruzando com apenas dois homens, sem acenos. Era estranho não encontrarem mais gente. Parecia evidente que os habitantes não queriam ser vistos. Mansf seguia ansioso para localizar Maila e Paula. O senador, com centenas de informantes interessados, devia saber. O guarda também, mas, mesmo com o mais alto pagamento, jamais diria a verdade. O guarda continuava seguindo, parando cauteloso nas esquinas. Mansf começava a sentir um inevitável desespero. Fora assim em suas batalhas... balas e bombas abriam a carne; queria salvar Paula e Maila... Nahib era duro, matava gatos e cães com um tiro. Cada passo que dava, via Nahib cambaleando, ou ele próprio, ou os dois e o sangue jorrando.

Mansf sobressaltou-se quando o guarda parou de frente para ele e disse:

– Vamos entrar por esse portão.

A voz soava diferente. O guarda estava bem próximo de Mansf, com a mão direita sem disfarce levantada dentro do bolso do caftan, sua arma apontada para ele, que esboçou um pequeno movimento com o braço.

O guarda falou mais alto:

– Se fizer mais um movimento, eu atiro.

Para ganhar tempo, Mansf respondeu devagar:

– Não vou fazer nenhum movimento.

Em um segundo, com a duração de uma vida, ele pensou: *Dou um salto de lado, o guarda tem de corrigir a pontaria, eu levanto meu braço direito...* Mansf abandonou o pensamento. Com o dedo no gatilho, o guarda daria dois ou três tiros seguidos, o cano girando dois centímetros... Ele ainda estava vivo porque, quando ouvia nas trincheiras as rajadas ponto 50 de 500 balas, abrigava-se nos holes.



O muro em frente era alto, a porta de metal embutida deslizou. O guarda fez um leve aceno, Mansf entrou devagar. Havia só uma porta central no prédio, bem alta, com duas escadas laterais. Mansf um pouco na frente do revólver empunhado pelo guarda.



Nahib surgiu lentamente. Estava vestido com um pesado caftan escuro, na mão direita uma pistola de 12 tiros com silenciador. Aproximou-se da mureta que unia as duas escadas. Sua mão com a pistola ficou oculta pela mureta. O guarda tinha abaixado o braço com o 38 e dado um passo à frente. Começou a levantar o braço ao mesmo tempo em que gritava:

– O sena... – sua voz foi interrompida por um abafado estampido.

Nahib, mais rápido, levantara o braço já apertando o gatilho. Os joelhos do guarda se dobravam, ele já estava tombando, Nahib ainda apontava a arma, agora com as duas mãos. O segundo estampido fez um furo vermelho no meio da testa.

Mansf afastara-se um pouco e, certo de que o guarda já estava morto, levantou a vista. Nahib continuava no mesmo lugar.

Mansf não segurava seu revólver, nem cogitava em um duelo com as duas 22 nas mangas. Não estava calmo, levantou as mãos e gritou para Nahib:

– Se vai dar mais tiros, seja rápido.

Nahib guardou a pistola; riu sarcástico:

– Dar tiros em quem? Sua mãe não lhe disse que temos o mesmo sangue?

Era uma piada de mau gosto, que Mansf já ouvira antes. Ambos escutaram o som distante de um helicóptero. Nahib desceu a escada e empurrou Mansf para a saída. Disse:

– Você não deve ser visto. Amanhã falaremos...

Mansf saiu rapidamente e conduziu o carro por outro trajeto. Conseguiu achar um lugar alto distante, parou e ainda viu o helicóptero, mas não seu número. O senador possuía dois. Tudo era possível com Nahib.

Mansf estava no ponto onde a prudência encolhe. Foi procurar o senador. Quem o atendeu levou-o pelo corredor com o detector escondido. O beduíno, bem vestido com casimira inglesa, o recebeu com longo cumprimento árabe e disse em tom de pergunta:

– Por que seu parente matou o guarda?

Pergunta crucial, talvez sugerida pelo senador.

Mansf respondeu no mesmo tom impassível:

– Jamais fomos parentes, pensei que você sabia.

O senador, que devia estar ouvindo, pois tinha receptores ocultos em toda a parte, estava entrando, sempre com a mesma gravata.

Mansf ficara de pé, não sabe quanto tempo ouvindo a voz baixa do senador. Não conseguia controlar-se nem entender o árabe do senador. Tentou várias vezes replicar o que parecia uma oração fúnebre com citações do Profeta, as palavras de ódio que sempre escutara daquele homem.

A conversa foi tornando-se tensa. Mansf gesticulava as mãos, repetindo a promessa de fidelidade, e que traria Maila de qualquer maneira, e mataria os que tentassem impedir. Nervoso, o senador falou em francês onde Maila se refugiava com Paula e Nahib. O senador foi repetindo “la mère, mère, mère...”, lembrando os juramentos.

Mansf saiu andando depressa e olhando para trás desconfiado, repetindo seguidamente em francês o lugar onde aquele maldito esquizofrênico devia estar. Chegou a seu velho apartamento com a estranha sensação de não reconhecê-lo inteiramente, não senti-lo ajustado em sua existência. Não tirou imediatamente a farda de capitão que vestia. Na

guerra, fardas eram um atestado de poder, um Deus fantasma, dono das vidas e dos direitos. Confrontos significavam traição e fuzilamento.

A família ficara para trás, desmembrada, desaparecida. Um dia, abraçara Paula e dissera, em tom afirmativo:

– Você é minha filha.

Paula sorria, Mansf tinha certeza. Ele evitava o pensamento fugaz de meninas de olhos azuis em um vagão, chuveiros e os gases mortais.

Com a farda empoeirada, pegou seu carro e, apesar da ansiedade no acelerador, nada podia esquecer. Teria de atravessar dois desertos onde, mesmo em curtas distâncias, a morte é muito rápida.



No Instituto Feminino Goretti, as meninas brincavam no recreio. Paula tinha na mão Alice, uma boneca de pano. Paula conversava com Bega que, entre perguntas, calava longos silêncios.

Bega falava muito dos pais:

– O meu tem navio que viaja...

– O meu voa...

Paula sorria e fazia com a mão um círculo em torno da terra. Às vezes uma professora vinha escutar. Já começara a menstruação de Paula. Professoras e a Madre contaram a sós estranhas histórias desse sangue sem nenhum ferimento. Paula, em um dos “seus dias”, foi chamada a atenção por uma professora por causa de uma insignificante mancha vermelha na saia. Chorando, disse aos gritos que ela tinha quatro pais. A Madre a recolheu em seu próprio quarto. Paula dormiu lá mesmo em um colchão, agarrada à sua boneca. Não tinha medo do bicho papão, mas sim do homem-bomba que deixava marcas vermelhas pelas ruas e nem as explicações de sua mãe ela entendia. Amassava com força Alice, a boneca feita de uma farda velha, acostuada com violência.

No dia seguinte, bem de manhã, freira Carolina, afobada, corria em direção ao quarto da Madre Superiora. Logo que entrou, Carolina deu uma espiada no canto onde os olhos assustados de Paula e Alice pareciam perguntar se era algo com elas.

A freira fizera um gesto mal disfarçado, saindo do quarto junto com a Madre. Alice, quase tombada da cama, continuava em sua constante vigília.

Lá fora, a Madre dizia:

– Achei ele doente... Telefonou outra vez...

– Ele citou a mãe?

– A Madre foi até a porta, abriu um pouquinho, deu uma espiada. Paula ouviu o ruído. Cabeça no travesseiro, fingiu dormir. A Madre voltou falando mais baixo:

– Está dormindo. Crianças só pensam em brinquedos e bonecas.

Paula tinha espasmos na perna. Quando a Madre no corredor falava com a freira, Paula já sabia que sua mãe estava diante do portão de entrada, disposta a levar a filha ilegalmente detida. As duas religiosas ouviram ruídos estridentes do portão, sacudido com as duas mãos por Maila.

A Madre Superiora não podia admitir nenhum escândalo. Deu uma ordem rápida à freira, que saiu correndo em direção a Maila. Abriu o portão e, delicada, disse à mãe que ia buscar a filha. Pediu que a esperasse ali mesmo. Paula tinha posto um casaco de lã com Alice agarrada no bolso. Espiava pela porta entreaberta, surpreendida da freira ter ultrapassado o quarto da Madre, deixando-a sozinha. Aproveitou-se da ocasião e correu na direção onde estava sua mãe. Ambas saíram abraçadas para fora, na calçada.

Ocultas no terraço, as duas freiras puderam observar Maila e Paula saindo apressadas e tomando um carro estacionado à espera.

A Madre suspirou aliviada. Explicaria que a mãe inventara uma falsa urgência médica para a filha.

Mansf conseguira escapar da rotina da guerra para aquele intervalo inexplicável, onde a morte também rondava com bombas inesperadas e balas e possíveis... Porém, Mansf já não pensava em lógicas possibilidades e nem tinha mais planos. Conseguira fantasiar para o senador uma cumplicidade, somente para arrancar Maila da escravidão em que estava metida. Mas confiava nela e no seu último

recado. Mansf caminhava da memória para futuras gratuitas cenas, como fizera encolhido nas trincheiras, o ruído das balas dos invisíveis inimigos que ele tinha de matar. Resolveu falar com o senador. Não mudou de roupa. Continuou vestindo a velha farda.

Era um gesto inconsciente.



A senhora turca, que parecia administrar alguma coisa, chamava o beduíno de Chang. O senador chamava Chang pelo nome de Alfred e o beduíno surgia imediatamente. Três médicos tinham vindo examinar o senador, que interrompia o diagnóstico e as recomendações.

Mansf caminhava em direção ao castelo, que fora de Nahib, e agora comprado pelo senador. Ele estava se esforçando para acreditar que os pensamentos mudam nuvens de lugar.

Chegou cansado e, com dificuldade, conseguiu falar com o beduíno. Ele sabia onde estava Nahib e disse que um tabelião viria no dia seguinte, talvez para os acréscimos ou retiradas de nomes jamais sabidos do testamento, a não ser nas enganadoras deduções de alguns interessados.

Alfred, o beduíno chinês, o levou ao senador. Ele evitava pijama, estava recostado em uma poltrona, calça esporte, camisa sem gravata. Sua voz tinha um tom cansado. Mansf sabia o quanto ele representava, talvez até sem perceber. Talvez ninguém conhecesse o senador mais que Mansf. Mansf, perito em leis, argumentava habilmente o assunto e absorvia decisões do senador pelas perguntas fingidamente ocasionais. Mansf usava hábeis recursos legais:

– Minha mãe mandou uma carta onde diz que você está se enrolando em duvidosas doações.

O senador sobressaltou-se:

– Que diabo! Quem a informou?

Ele olhava atento para Mansf, aparentemente calmo. Colocou mais uma ruga na testa e, de repente, riu:

– Ah, já sei, aquele húngaro desgraçado... Sua mãe sabe húngaro, não sabe?

– Claro. Não foi em húngaro que você a conqui-

tou?

O senador fingiu não ter escutado, comentou as recomendações dos médicos sem ironias, como era seu hábito. Falou abertamente do novo sobre o testamento, mas não citou nomes. Pegou uma pasta ao seu lado e disse:

– Quer dar uma lida?

Mansf sobressaltou-se, incrédulo, e abriu-a, ansioso para saber milionários segredos. Até pensou que o senador tinha perdido o bom senso. Mas não tinha: o texto estava escrito em húngaro. Mansf fechou a pasta, irritado.

O senador fez de conta que desconhecia o ódio de Mansf por essa língua. Este, na raiva de um impulso, soltou a pergunta abafada tantos anos:

– Mas vai me revelar agora aquele segredo?

O senador levantou-se com algum esforço e foi em direção à porta de aço do cofre eletrônico, guardando a pasta sem nada dizer.



Paula conversava com Alice em resmungos, mas a boneca amassada na bolsa entendia tudo. Ambas sempre viveram ou cercadas de freiras ou em carros correndo no deserto.

Entendendo a linguagem dos resmungos, Alice ficava com os olhos arregalados, mas feliz. Ela é filha de Paula, que é filha dos olhos vermelhos de Maila. Vermelhos de chorar, talvez já banhados de sangue sem rumo. Quando a mantinham longe de Paula, o objetivo de estarem juntas parecia o definitivo. Agora estavam, mas as janelas tinham grossas telas; as três portas, pesadas fechaduras. Maila ouvia sons distantes de música; às vezes, gritos. Em horas inesperadas, Nahib aparecia, agora bem mais magro.

Durante o dia, vinha acompanhado por um homem de meia idade com jeito de enfermeiro. Nahib o afastava quando ele tentava _juda-lo. O físico de Nahib, enfraquecido, impressionava menos quando ele falava. Quando sós, Maila implorava a Paula para que não fosse rude com ele. Mesmo quando o enfermeiro estava presente, o rosto de Nahib esboçava descontentamento com a situação e os próxi-

mos de Maila. Até a mãe de Mansf era atingida por acusações. Até mesmo Paula era capaz de identificar a sua ansiedade, e também a convicção de que Nahib poderia mesmo cumprir alguma ameaça.

Maila suportava as prisões anteriores porque Paula, distante, era o estímulo de sua existência. Agora, o sonho cada vez mais desesperado de partirem juntas tinha um ameaçador carcereiro. Sua fragilidade física aumentara muito.

As salas onde elas estavam confinadas eram antigas, de madeiras resistentes. Paula achou entre as frestas do assoalho duas cápsulas vazias de revólver. Junto ao quarto onde mãe e filha estavam havia uma cômoda cheia de coisas velhas. Maila, com a cápsula de revólver na mão, imaginou que talvez tivessem esquecido uma arma por ali.

Com cuidado, para que nada fosse notado, iniciou uma busca. Além de teias de aranhas e cupins, havia na primeira gaveta pregos e parafusos enferrujados, peças de metal e um cano de revólver. O avô de Maila consertava coisas. Ela o ajudava. Se havia um cano, talvez houvesse uma arma esquecida. Eram muitas gavetas. Abriu mais uma, remexendo em mais peças velhas de todos os tamanhos. Maila estava cansada e desanimada. No fim da gaveta, dentro da pequena caixa de papelão de fábrica, duas cápsulas de calibre 38, novas, com chumbo cerrado. Maila animou-se, mas não demonstrou para Paula. Não saberia justificar o uso de uma arma. Já era tarde, tinham de dormir. Paula mandou a boneca dormir também.

Maila mostrava todo o tipo de objeto que encontrava nas gavetas. Procurava sorrir por qualquer razão, afinal Paula estava ali. Só faltava a ambas o longínquo lar junto de suas irmãs.

Era fácil para Maila separar os pedaços do calibre 38. Já quase na última gaveta, ela tinha todas as peças, faltavam somente alicates, lixas e grosas finas e uma indispensável morsa. Tivessem um arco e uma flecha quebrados, ainda se poderia segurar e cravar a ponta aguçada no peito de alguém. Maila pensava na bala 38 pronta para explodir e a trocaria por uma flecha. Viviam as duas arquitetando uma vida maravilhosa no lar distante, quando pusessem fim à clausura desta casa.

A última gaveta era a maior e a mais alta. Paula olhava para a mãe. Imaginava o que ela estava pensando (algo capaz de livrá-las de algum modo). Paula não sabia se os achados da mãe, todos dessemelhantes, serviriam ou não. Maila tinha o rosto ansioso de expectativa. Não havia nenhuma morsa, mas ela segurava vários pedaços de ferro em forma de U, com furos rosqueados de três quartos de polegada em todas as faces.

Maila reabriu a segunda gaveta, cheia de parafusos que precisavam ser da mesma grossura, rosca fina. Paula pôs as duas mãos na cabeça, o olhar penetrando junto com os dedos de Maila no meio dos parafusos sujos. Paula não entendia por que sua mãe custava a achar os escolhidos – rosca fina, três quartos de polegada –, mas logo percebeu que eles se encaixavam girando nos furos de cada lado do U. Com três ou quatro parafusos rosqueados nas faces da peça, ela cumpriria a função de morsa, apesar de mais parecer um cacto.

Maila não podia fazer barulho depois do entardecer. Nahib aparecia mais de uma vez por dia. Às vezes ela ouvia sua voz, mas ele não entrava.

Ele vinha sempre disfarçadamente. Maila tremia de medo que ele entrasse sem ela perceber. Quando ouvia seus passos ou sua voz rouca, Maila se afastava da mesa e das gavetas. As imprecações de Nahib tinham uma sequência de possível vingança. As palavras ditas com ódio por ele exasperavam Maila cada vez mais.

Maila tinha achado para o revólver um cão cursor e o limara bem, deixando aparentemente pronto o aparato improvisado. O cão armado, disparado sobre uma cápsula vazia, às vezes funcionava, às vezes não: o tambor mortal lubrificado com óleo de cozinha e calçado com arruelas girava com dificuldade. Impossível experimentá-lo. Maila só tinha duas cápsulas carregadas e tentava manter uma calma também impossível. Paula, chocada pela realidade de participar do que somente conhecia nos filmes, estava com uma tosse nervosa. Nem falava com Alice.

Eram agora de uma dolorosa melancolia as entradas de Nahib. Paula, sem perceber, ficava cada vez mais distante. Um dia, ela disse baixinho à mãe:

– Parece que ele sabe...

Maila negou, quase chorando. Esse pensamento absurdo ela tivera, por uma frase de Nahib. Sim, talvez ele tivesse percebido.

Maila já não conseguia enganar Paula e as perguntas da menina eram terríveis. Ela ouvira na TV algo sobre datas, decisões. Maila guardou a arma na gaveta e, transtornada, repetiu duas vezes:

“Amanhã”.



Mansf andava rápido no seu apartamento, como se procurasse um pensamento perdido. Na verdade, perdera a capacidade de distingui-los.

O médico dissera: “Você conseguiu abdicar da guerra, mas não dos processos utilizados nas conquistas”. Mansf sonhava com disputas e acordava segurando armas que não conhecia. Ele guardava o último recado de Maila. Enfiara no bolso, como fazia com a chave e o revólver. Repetia gestos, vestia a farda, verificava as balas no tambor: ia libertar Maila. Saltar *fox holes* e tomar posições depois de aniquilar o inimigo. Na guerra, as balas não trazem nomes e os mortos não mais importam.

Mansf andava nos bairros pobres de Bagdad, passava nos endereços dos conhecidos de Nahib, inventava histórias e todos faziam muitas perguntas, desconfiados. Mesmo andando em lugares bem conhecidos, Mansf parava diante de algo sem importância, confundindo sua procura.



Paula abrira a gaveta mais alta e pegara o revólver remontado por sua mãe, com as peças velhas, restos de uma antiga oficina. Maila, percebendo, arrancou-lhe subitamente a arma, mas não gritou. Paula praguejou em árabe, língua da qual ela conhecia somente palavras inconvenientes.

Nahib entra de repente, sorri para Paula, escondida em um canto. Maila vem notando que Nahib emagreceu. Ela prendia a respiração quando ele levantava a voz e resolvera se arriscar, colocando seu revólver engatilhado na gaveta do meio. Pálida, sem respirar, entreabriu a gaveta e foi enfiando a mão direita, procurando a arma. Nahib gritou: “O que

você esta fazendo?”

Em quase um salto, alcançou seu braço, imobilizando-o.



Maila usou toda a força do desespero, mas Nahib já a tinha dominado. Paula saíra do seu canto, com Alice agarrada em sua mão. Batia forte nas costas de Nahib. Nahib empurrou o corpo leve de Paula para o meio da sala, deixou Maila encostada na gaveta e foi para a porta, ao encontro de uma velha assustada com o barulho. Nahib fez um gesto, gritando: “Daqui a pouco vamos embora”, e foi para dentro, empurrando a mulher e fechando a porta.

Maila, tremendo, ainda tinha a mão na gaveta, os olhos fixos em Paula agarrando Alice. Paula se levantou do chão, gritando, num ímpeto. Maila olhava a porta por onde Nahib saíra. O que ele dizia podia ser algo pior. Paula, sem largar Alice, rapidamente punha nos bolsos suas coisas espalhadas pelo quarto. Maila colocou seu revólver com duas balas no fundo da sua grande bolsa preta, rezando e prometendo jamais ser prisioneira de novo.

Elas nem se deram conta do tempo. Subitamente, a porta interna abriu-se e Nahib entrou apressadamente:

– Não peguem mais nada. Vamos embora.

Nahib abriu as duas fechaduras da porta de saída e saíram. Abriu a porta da frente do carro, empurrando Paula ao seu lado. Maila ficou atrás, sem protestar. Paula virava a cabeça para trás, amarfanhando Alice em seus dedos. Elas não sabiam para onde iam e havia ondas de poeira no horizonte, prenunciando uma tempestade de areia.

Nahib corria demais. Maila, tensa, mal encostava no assento. Seu braço tocava o ombro de Paula, na frente, resmungando coisas incompreensíveis no ouvido de Alice. Paula tinha a cumplicidade garantida de Alice. Sua lógica compreendia que o revólver teria duas únicas chances para atingir Nahib. Maila também não conseguia afastar mentalmente este dilema. Às vezes, Paula resmungava mais alto com Alice, tentando convencê-la de que tudo daria certo. Nahib buzina nervosamente, socando a direção. Maila desenrolava pensamentos, os dedos to-

cando o revólver na bolsa; as costas de Nahib, alvo imaginário.

Parecia – ou talvez fosse mesmo – uma viagem sem destino para os três. Maila não se iludira com a súbita mudança. Talvez, efeito colateral da medicação que Nahib tomava. Maila continuava confusa, uma espécie de sonho absurdo e a paradoxal esperança de uma bala libertadora.

Entre o chiar dos pneus e os socos na buzina, o carro corria desesperado. Paula virou a cabeça para trás e disse:

– Mãe, eu quero fazer xixi.

Nahib diminuiu a velocidade, estacionando no acostamento.

Maila enfiou o braço na bolsa, Nahib abriu a porta e saltou fora. Ela tirou a mão vazia da bolsa e saiu do carro, dizendo à Nahib:

– Volte para o carro, Paula tem vergonha...

Nahib atendeu, sem entrar no carro. Maila temia os planos de Nahib. Paula voltou:

– Mãe, por que ele saiu?

Maila não respondeu. Paula também presentia o pior. Ambas prestavam atenção a cada gesto de Nahib. Ambas com medo. Nahib, de costas, olhou a paisagem. Maila enfiou a mão, rápida, na bolsa, empunhou o revólver, o dedo no gatilho. Nahib virou-se repentinamente, corpo virado para dentro, olhos fixos em Maila. Ela permaneceu estática na mesma posição, os dedos tensos. Sem mover os olhos, Maila decidiu: *se ele mover as mãos para me segurar, eu atiro*. Ela levantou um pouco o cano da arma. Nahib agarrou a direção com as duas mãos, ajeitando-se em um salto no banco. Assustada, Maila estava com a arma levantada, mas Nahib deu a partida no carro e saiu em velocidade.

Maila guardou o revólver cuidadosamente. Agora a inundava a possível sensação de liberdade.

Eram estranhas as nuvens que rolavam no céu. Maila queria desfazer os presságios, mas havia algo estranho no ar, até mesmo um cheiro de cinzas. Agora, Maila reconhecia aquelas montanhas. Tinham ido até Kirkuk e voltado para Bagdad pelo sul, mais distante de Meca.



Rebeldes haviam lançado bombas na cidade recentemente. Nahib tinha de guiar lentamente no trânsito confuso. Maila conhecia o trajeto, eles iam para a casa principal do senador. Ao se aproximarem, perceberam que uma bomba atingira a casa. Metade permanecia intacta. Maila e Paula estavam com medo, sentiam algo estranho. Não havia ninguém no exterior da casa parcialmente destruída. Nahib aproximou o carro bem lentamente e parou. Disse, com o braço no ombro de Paula:

– Não desça, espere, tem alguém atrás daquela coluna.

Olhou para Maila:

– Acho melhor você segurar o revólver da bolsa. Maila estremeceu, os olhos espantados. Prendeu a respiração. Ele saber do revólver era uma coisa que desajustava seus pensamentos.

Clima estranho, ninguém rodeando a casa. Mansf estava atrás de uma coluna. Nahib abriu a porta do carro sem ruído, saiu lentamente com o revólver na mão. Maila também abriu a sua porta e saiu do carro. Nahib andou curvado alguns metros, entrando na casa. Paula, embora sua mãe gritasse, saiu correndo atrás de Nahib, dizendo:

– A casa está vazia.

Maila gritou mais uma vez, mas Paula ignorou. Maila, fora do carro, tremia sem saber o que fazer. Silenciosamente, por trás dela, um vulto se aproximou, tocando em suas costas com um revólver e dizendo “não grite”. Maila abafou seu grito, transformado em gemido.

Ele a empurrava com o cano para que entrasse no carro. Maila entrou na frente. O homem na direção deu a partida e saiu rapidamente. Maila sentiu-se novamente raptada. Seu braço se estendeu até a bolsa preta. Buzinadas violentas vieram do *jeep* de Mansf, que acelerava o carro em direção a eles. O motorista e Maila olharam para trás. O *jeep* ultrapassa-os, esterça para a esquerda na frente do carro, fechando-o numa freada súbita. O motorista freou violentamente e imediatamente saiu do carro, atirando contra Mansf, que também revidava fora do *jeep*, usando-o como proteção.

Maila num impulso correu para trás do *jeep*, ao lado de Mansf. Segurava seu revólver com as duas mãos, disparando os dois únicos tiros de sua arma na direção do bandido, que já corria, virando a esquina para fugir. Armas na mão, chegaram correndo Chang, o beduíno, e Nahib. Chang correu em direção a Mansf, que fora atingido, amparando-o e colocando-o no assento traseiro do *jeep*. Nahib, na direção, gritou:

– Vamos levá-lo ao hospital.

Maila agarrou o braço de Nahib, chorando:

– Minha filha, minha filha?

Já dando a partida, Nahib acalmou-a:

– Ela está bem. Segura, junto com o senador, lá dentro. Vá até lá. Voltaremos rápido, o hospital é perto.

O *jeep* já estava saindo, Chang amparando Mansf com o braço.

Maila deixou-os chorando e correu ao encontro de Paula na mansão do senador. Entrou por uma porta, chamando alto: *Paula, Paula!* Apareceu um segurança, que a acalmou e a conduziu para outra sala. Maila logo viu Paula ao lado do senador. Levantou-se de um salto e correu em direção a ela, abraçando-a e perguntando se estava tudo bem.

Quando emocionada, Paula falava depressa. Era difícil de entender. Maila falava ao mesmo tempo, enquanto o senador puxava seu vestido, falando com ela. Maila pediu a Paula para esperar. Tinha de ouvir o senador, recostado na cama, voz ansiosa e rouca. Ele estendeu o braço, mostrando a sala cheia de policiais... Ele repetia:

– Foi armadilha política... Entraram atirando.

Maila e Paula tentavam falar, mas o senador continuava segurando a saia de Maila nervosamente:

– Eles entraram atirando. Sabe quem, sabe quem me salvou? Foi Mansf, Mansf! Ele entrou atirando, logo depois Nahib e Alfred...

Paula começou a falar ao mesmo tempo, com o braço direito estendido, mostrando um furo na manga larga do tecido: uma bala quase a atingira. O senador olhou surpreso o braço ileso.



Pela porta guardada por dois policiais, entraram Nahib e Alfred, como o senador o chamava. Ambos estavam consternados com a morte de Mansf. O senador, debilitado, tentou se levantar sem êxito. Nahib contou que conseguira avisar a mãe. O senador já tinha pressentido o fato.

Paula gostava de Mansf. Chorou com Alice amassada nas duas mãos. Maila, com os olhos vermelhos, foi atender o médico que chegara com a ambulância e queria entrar com a maca. A dupla operação, que o senador sempre adiava, era agora inevitável.

Maila sentia na voz do senador a intenção de exprimir seus sentimentos guardados e um desespero, porque sua adiada remoção para o hospital talvez lhe parecesse uma despedida.

O médico e a equipe da ambulância aguardavam impacientes. Quando Alfred e Nahib se aproximaram, o senador ainda falava da morte de Mansf. O médico aproximou-se da cabeceira da cama. Com voz enfraquecida, o senador falou sobre a mãe de Mansf, sua promessa e seu juramento. Mas disse somente poucas palavras. Nahib abraçou o senador, beijou-o na face e disse algumas coisas com os lábios colados em seus ouvidos. O médico ajustou a maca na altura da cama, transferindo o senador para a ambulância. A sala estava cheia de policiais, parentes e jornalistas. O barulho era excessivo, os profissionais e Alfred cuidavam para que o senador não fosse incomodado no curto trajeto até a ambulância. Além da equipe, só havia espaço para um acompanhante, Alfred. Antes que a maca saísse pela porta, Maila foi até ele, seguida por Paula. O senador olhou-a com fisionomia de quem faz um apelo:

– A mãe de Mansf quer falar com você.

Nada acrescentou, acenando ao médico para partir. Maila e Paula continuaram paradas, até o som da ambulância desaparecer completamente.

A cabeça de Maila era um torvelinho de pensamentos. Paula falava com Alice. Maila prestou atenção; ela dizia:

– Acho que o senador vai morrer...

A casa do senador foi ficando quase vazia, ape-

nas permaneceram alguns parentes, dois ou três policiais e seguranças.

Alfred, pela dedicação e presença, conquistara uma posição de mordomo familiar. Além dele, Mansf era tratado por todos os agregados da casa com especiais atenções. Naturalmente, as razões deviam-se à figura da mãe de Mansf, que, de família inglesa tradicional, residia há muito tempo em Bagdah. Tinha prestígio de líder esotérica; era consultada por políticos, que se referiam a ela com o apelido de “aquela que sabe”.

Com a saída do senador e de Chang – que seu protetor afirmava ter o nome de Alfred e que não era um beduíno –, a mansão, meio destruída por uma inimiga facção política, era agora desoladora.

Maila iria procurar a mãe de Mansf e contar que assistira a morte dele, que estava ao seu lado, atirando contra o assassino com as duas únicas balas de sua vida.

Maila, Paula e Nahib não tinham boas lembranças da casa do senador. Maila queria sair de lá naquele mesmo dia. Foi juntando suas roupas e objetos pessoais para partir o quanto antes e realizar seu velho sonho de morar com as irmãs de Zabruk, que a tinham criado. Não as via há muito tempo.

Maila telefonara para agências. Só haveria ônibus para Zabruk no fim da semana. Ela não queria pedir dinheiro emprestado a Nahib. Caminhava devagar, repetindo mentalmente quais palavras ela usaria: irmãs, taxi, dinhei... Não, a palavra dinheiro ela não conseguiria pronunciar.

Indo até o carro, encontrou Nahib e Paula dormindo no banco traseiro. Ambos tinham de encolher um pouco as pernas. Paula se acomodara nas pernas de Nahib, o braço estendido com Alice na mão. Os dois pareciam dormir profundamente. Maila conhecia o truque de Paula, que sempre fingia dormir quando alguém aparecia. Maila inclinou-se e falou baixinho:

– Paula, nós vamos hoje mesmo para a casa de suas tias.

Paula abriu os olhos e sentou-se, entusiasmada:

– É claro que eu sabia. Alice e Nahib também.

– Nahib? – perguntou Maila.

Paula aprumou-se e começou a contar em voz alta, não se importando em acordar Nahib:

– Conversei com ele o dia inteiro – ela exagerou, fazendo uma pausa. – Disse que é meu pai.

Maila respirou fundo. Nahib esticou os braços; parecia estar acordando. Paula tocou nele delicadamente, segurando Alice e rindo.

– Ele falou que gosta dela e... Sabe, mãe, Nahib vai nos levar para a casa das tias hoje.

Surpresa, Maila perguntou:

– Você pediu?

Paula sacudiu a cabeça:

– Não, ele disse que gosta das suas irmãs.

Nahib sentou-se:

– Vamos partir agora. Vou buscar as malas.

Maila e Paula o acompanharam. Nahib tocou a mão de Maila, dizendo:

– Você acertou o bandido, ele tombou no fim da rua para sempre. A bala serrada no meio o atingiu fatalmente.

Paula começou a perguntar:

– A bala do revólver...

Maila interrompeu-a:

– Não vamos mais falar de coisas tristes. Minhas irmãs vão nos receber gritando de alegria, você vai ver.

Nahib pegou Alice do colo de Paula, encostando-a na face de Maila como se fosse um beijo. Arrancou ruidosamente o carro, enquanto ajeitava Alice no bolso de sua camisa, onde ela podia ver melhor.





EXCERTOS POÉTICOS



“*Para que a lembrança
da tua carne morna?
Jamais terei teu corpo
como o quero agora.*

*Jamais terei tua vida
como tive outrora.”*



(trecho de “Balada em agosto”, em “Ângulo e Face” – Cadernos do Clube de Poesia, 1949, página 09)

“Não acredito em fantasmas
embora estejam todos no quarto.

Nos livros fechados
personagens esperam olhos
para o parto das páginas.

Ninguém sabe o porquê de nada.”



(trecho de “A Dimensão dos fatos”, em “Quânticos da Incerteza” – Redijo, 2007, páginas 40-41)

“Na curva trajetória existo
porque um peixe siluriano
invadiu a terra firme
à espera de Darwin.”



(trecho de “Todas as respostas”, em “Quânticos da Incerteza” – Redijo, 2007, página 78)

“No abismo negro
do eu verdadeiro
tudo é permitido.
O arquivo do não sei
guarda crimes
e virtudes sem
nenhum preconceito.”



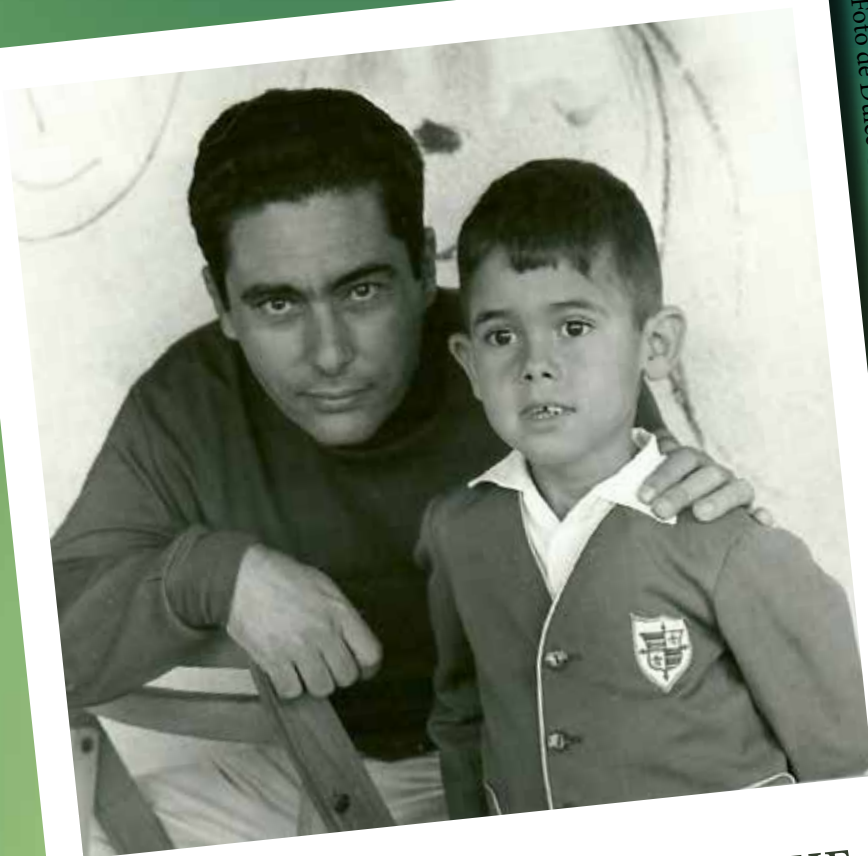


Foto de Dulce Carneiro, irmã do André

ANDRÉ E O FILHO HENRIQUE



Foto de Ana Cristina Miguez

ANDRÉ E O FILHO MAURÍCIO

“No fim da página sou eu o eco!”

Abdú Ganga de Almeida